

ALE SILVA



ERA
Para Ser



PERIGOSAS NACIONAIS

Era para ser

Ale Silva

1º Edição

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

2019

PERIGOSAS ACHERON

**REVISÃO: JULIANA POLICARPO /
ALE SILVA**

CAPA: ALE SILVA

DIAGRAMAÇÃO: ALE SILVA

**ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO.
QUALQUER SEMELHANÇA COM FATOS,
NOMES E ACONTECIMENTOS REAIS É
MERA COINCIDÊNCIA.**

**ERA PARA SER — 2019 —
ALEXANDRA SILVA**

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
SÃO PROÍBIDOS O
ARMAZENAMENTO E/OU A REPRODUÇÃO
DE QUALQUER PARTE DESTA OBRA SEM
O CONSENTIMENTO DA AUTORA.**

**A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS
AUTORAIS É CRIME ESTABELECIDO NA
LEI N°.9.610/98 E PUNIDO PELO ARTIGO
184 DO CÓDIGO PENAL.**

Agradecimentos

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por me dar inspiração para escrever mais esse livro. Aos meus filhos, por me apoiarem incondicionalmente e a minha família pelo apoio de sempre. As minhas Sem Filtro. Não conseguiria sem o apoio e ajuda de vocês. Nunca conseguirei agradecer o suficiente. Aos meus leitores por todo carinho que têm com os meus personagens. Os comentários de vocês me dão força para continuar. A todas as amizades que a escrita e leitura me trouxeram. Quero guardar vocês em um potinho para nunca mais perder.

Índice

[Nota da autora](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo quatorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

[Capítulo vinte e nove](#)

[Capítulo trinta](#)

[Capítulo trinta e um](#)

[Capítulo trinta e dois](#)

[Capítulo trinta e três](#)

[Capítulo trinta e quatro](#)

[Capítulo trinta e cinco](#)

[Capítulo trinta e seis](#)

[Capítulo trinta e sete](#)

[Capítulo trinta e oito](#)

[Capítulo trinta e nove](#)

[Capítulo quarenta](#)

[Capítulo quarenta e um](#)

[Capítulo quarenta e dois](#)

[Capítulo quarenta e três](#)

[Capítulo quarenta e quatro](#)

[Capítulo quarenta e cinco](#)

[Capítulo quarenta e seis](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[Playlist](#)

[Siga a autora nas redes sociais](#)

[Outras obras da autora](#)

Nota da autora

Sempre gosto de ligar os personagens a músicas e não seria diferente nesse livro. Quero pedir que escutem as músicas que cito aqui. As letras dizem muito sobre o momento e são de suma importância para entender os sentimentos que os personagens querem passar. Deixo a playlist no final do livro para quem quiser procurar.

Obrigada por embarcarem comigo em mais essa história. E para quem está me conhecendo agora e quiser conhecer as minhas outras obras, deixo a relação com os nomes e sinopses no final do livro.

Sinopse

A vida nem sempre é como esperamos. Às vezes os erros se repetem e você se vê em um beco sem saída. Valentina sabe bem o que isso significa. Filha de mãe solteira, acabou seguindo o mesmo caminho da mãe depois de se envolver com um turista em sua cidade natal.

Grávida e sem o apoio do pai da sua filha, resolve deixar a inocente Valentina para trás. Torna-se uma mulher forte, que não tem medo do trabalho e promete para si mesma que não irá procurá-lo, mesmo que para isso tenha que trabalhar noite e dia e deixar de lado o seu sonho de fazer faculdade.

Ela só não contava que sua filha lhe fizesse um pedido de aniversário. Como ir atrás da última pessoa que você quer encontrar?

Mas o destino pode te surpreender e te entregar de bandeja um homem que irá virar a sua cabeça e te fazer repensar a decisão de ficar sozinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Olho em direção a elas que caminham para mais perto do mar. Andam com os pés na beira da água brincando despreocupadas. Reparo que as duas estão com sorrisos nos rostos que irradiam de felicidade.

Começo a me aproximar, mas elas não me veem e, conforme me aproximo, vão se distanciando de mim. Apresso o passo, porém não as alcanço.

Tento reconhecê-las e não consigo. Sinto que são importantes para mim, entretanto não sei quem são. Quero perguntar, mas elas se afastam cada vez mais de mim.

Tento me aproximar mais uma vez. Parece que alguma coisa me segura e me impede de alcançá-las. Corro mais rápido e, quando pisco os olhos, elas desaparecem da minha frente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Acordo sobressaltado mais uma vez. Não consigo entender o que esse sonho quer dizer e quem são as duas que sempre aparecem. Só sei que elas mexem demais comigo, até mesmo dormindo.

Nunca fui de dar muita importância para essas coisas, mas tenho sempre o mesmo sonho e não aguento mais não saber o que significa. Sinto como se elas precisassem de mim e não sei como achá-las e nem por onde começar a procurar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo um

Valentina

— Não olha agora, mas aquele gatinho não tira o olho de você. — A Sofia fala sentada ao meu lado na praia e indica com um gesto de cabeça suave onde ele está. — Ele está lá na pensão da minha mãe. Chegou hoje cedo.

Disfarço, viro-me para ver de quem ela está falando e encontro um rapaz, que deve ter por volta de vinte anos, me encarando. Ele me pega olhando-o e pisca para mim. Sorrio em resposta e me viro para frente outra vez.

— Como eu ainda não o tinha visto? — Pergunto enquanto olho para as ondas quebrando na praia.

— Se você tivesse ido tomar café da manhã comigo, como combinamos, isso não teria acontecido. — Provoca.

— Eu já disse que perdi a hora. — Explico mais uma vez. — Tenho direito de dormir um pouco mais. Pelo menos no dia do meu aniversário. — Justifico. — Fora que fui dormir tarde ontem. Fiquei vendo um filme e nem vi a hora passar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei. Só não posso perder a oportunidade de te perturbar. — Bate com o ombro no meu de leve, me empurrando.

— Será que eu posso sentar com vocês? É que não conheço ninguém aqui ainda e não quero curtir a praia sozinho. — Escuto uma voz falando ao nosso lado e, quando viro para ver quem é, encontro o rapaz que a Sofia falou.

De perto, ele é ainda mais bonito. Não se parece em nada com os garotos daqui que vivem nos cercando. Além de ser mais velho, tem o corpo definido, cabelos loiros cortados curtos, olhos azuis e um sorriso tímido no rosto enquanto espera que a gente responda.

— Claro que pode. — A Sofia responde enquanto eu ainda estou parada olhando para ele que me encara de volta. — Estou de saída, mas a Valentina vai ficar aqui, não é? — Cutuca a minha cintura com o dedo me fazendo despertar. Aceno com a cabeça em acordo e ele senta-se perto de mim enquanto a Sofia se levanta e nos deixa sozinhos.

— Meu nome é Eduardo. O seu é Valentina, estou certo? — Questiona assim que ficamos a sós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Concordo com um aceno de cabeça. — Você é daqui?

— Nascida e criada. E você? — Cruzo as pernas e me viro para ele.

— Rio de Janeiro. Ainda não conhecia aqui, mas, se soubesse que a vista era tão linda assim, já teria vindo antes.

— Aqui é lindo mesmo. Tenho vontade de ir para o Rio fazer faculdade, mas não consigo me ver longe daqui por muito tempo. Teria que voltar sempre para recarregar as energias que esse lugar tem. — Respondo e ele não desvia o olhar em momento algum.

— A praia realmente é muito bonita, mas não era dela que eu estava falando. — Dá um sorriso de canto e pisca para mim. — Você falou em fazer faculdade, qual seria?

— Ainda não decidi. Estou em dúvida entre algumas, mas, como sei que não vou conseguir fazer agora, ainda tenho tempo para escolher.

— Entendi. Será que você não pode me fazer companhia durante essa semana? — Muda de assunto. — Meus amigos foram viajar para outra cidade e acabei vindo sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu costumo ajudar na pensão da mãe da Sofia durante as férias, mas essa semana está mais tranquila. Posso te mostrar a cidade aos poucos. Você vai ficar até quando?

— Até semana que vem. Por mim ficava mais tempo, porém meus pais voltam de viagem e me querem em casa para recebê-los. Já tem dois meses que não nos vemos.

— Nossa. Não consigo me imaginar tanto tempo assim longe da minha mãe.

— Eu também sinto saudades. Meu pai acabou de se aposentar e quer aproveitar para viajar com a minha mãe. Eles queriam que eu fosse junto, só que não dava. Quando foram, eu ainda estava em aula na faculdade e não pude ir.

— Você faz faculdade de quê? — Pergunto curiosa.

— Administração. Meu pai insistiu que eu fizesse para assumir a empresa da família.

Continuamos conversando durante mais de uma hora. Quando está começando a escurecer, eu resolvo que já está na hora de ir.

— Tenho que ir. Já está ficando tarde e combinei de me encontrar com a Sofia na pousada

para a gente sair para comer alguma coisa. Já me atrasei para o café da manhã, se me atrasar outra vez, ela me mata. — Brinco.

— Posso ir com vocês? — Questiona me olhando de um jeito que não consigo desviar. — Se não for atrapalhar os seus planos, é claro.

— Não atrapalha. Ela disse que você está na pousada da tia Giovana. A gente se encontra lá daqui à uma hora, tudo bem?

— Vou contar os minutos. — Diz com um sorriso enorme no rosto e me dá um beijo bem próximo a minha boca.

Fico olhando para ele enquanto se afasta feito uma boba. Sacudo a cabeça para os lados sorrindo e corro para casa. Preciso falar com a Sofia agora mesmo.

Aproveito que a minha mãe não está em casa e ligo para a Sofia assim que entro. Mal espero que ela atenda para começar a falar.

— Ele é lindo, Sofia. Ficamos conversando até agora na praia. — Solto um suspiro.

— Já está assim? Suspirando pelos cantos? — Debocha, mas não me importo.

— Ele vai encontrar com a gente para sair.

— Continuo falando. — Combinei com ele aí mesmo na pousada.

— Mas não éramos nós duas? — Pergunta e sinto que não gostou muito.

— Sim. É que o Eduardo me pediu para ficar com ele durante essa semana. Disse que não conhece ninguém aqui e, quando eu comentei que a gente vai sair, pediu para ir também. Não consegui dizer não.

— Prefere ir sozinha e comemorar com ele o seu aniversário? Eu não me importo. A gente sai outro dia. — Sinto como se fosse uma armadilha e, dependendo da minha resposta, a bomba irá explodir.

— Claro que não, Sofia. Eu combinei com você primeiro. Foi só uma mudança. Ele é bem legal. Você vai gostar dele.

Combinamos de nos encontrar e eu corro para tomar banho e me arrumar, seguindo para a pousada logo depois.

Entro na pousada e encontro a minha mãe na recepção com a tia Giovana que me puxa para um abraço.

— Parabéns, minha filha. Mais um ano, não

é? Daqui a pouco você não vai mais querer saber dessas duas velhas aqui.

— Nunca, tia. Vocês duas são minha vida.

— Sou sincera. — Não largo por nada.

Vejo o Eduardo saindo do corredor que ficam os quartos e a Sofia aparece vindo pela porta dos fundos onde fica a casa dela na mesma hora.

— Tenho que ir. — Digo e beijo o rosto das duas enquanto vejo o Eduardo e a Sofia conversando.

— Depois nós vamos comemorar juntas, filha. Vou preparar aquela lasanha que você tanto gosta. — Minha mãe fala e para quando me pega olhando para os dois. — Quem é aquele rapaz com a Sofia? — Muda de assunto na mesma hora e já sei o que vem a seguir.

— Um rapaz que está aqui na pousada. Chegou hoje cedo. — A tia Giovana responde completamente alheia ao que está acontecendo.

— Ele vai com vocês? — Pergunta quando o Eduardo me olha e pisca para mim com um sorriso no rosto. Concordo com um aceno de cabeça e ela volta a falar. — Filha, já conversamos sobre isso mais de uma vez. Eu não quero você se

envolvendo com os turistas. Já está cansada de saber como isso termina.

— Mãe, a senhora está exagerando. Não estou me envolvendo com ninguém. Ele só pediu para ficar com a gente, porque não conhece ninguém aqui. — Omito que ele não incluiu a Sofia nesse pedido ou o sermão será maior ainda e corro o risco de ela me proibir de sair.

— Mesmo assim. Toma cuidado, Valentina. Não estou muito feliz com isso. Você sempre saiu sozinha com a Sofia para comemorar e nunca aceitou ninguém. Por que justo ele?

— Deixa a menina, Aline. A Valentina não é mais criança. Está com dezoito anos e sabe muito bem o que faz. Você tem que confiar na educação que deu para a sua filha.

— Obrigada, tia. — Dou um beijo no rosto dela e viro-me para a minha mãe. — Pode ficar tranquila, mãe. Eu sei o que estou fazendo. — Dou um beijo nela também.

— Tudo bem. — Acaba cedendo. — Mas chega cedo. Não gosto de você na rua até muito tarde.

— Pode deixar. Eu te amo, mãe. — Dou um

abraço nela e me afasto.

Sei o motivo de ela ficar com tanto medo assim. Minha mãe engravidou de um turista quando tinha a minha idade. Ele foi embora prometendo que ia voltar e nunca mais apareceu. Um mês depois, ela se viu grávida e sozinha, já que meus avós a deixaram a própria sorte. Sorte essa que tem nome e sobrenome. Se não fosse a tia Giovana e o tio Vinícius, não sei o que ela teria feito.

Eles tinham acabado de ter a Sofia e doaram tudo para ela além de conseguir o que faltava. Arrumaram um quartinho nos fundos da pousada para ela morar e deram um trabalho enquanto ela conseguia fazê-lo. Conseguiram muitas doações e, o que ela não ganhou, eles deram um jeito de comprar.

Até hoje eles ainda nos ajudam. Minha mãe ainda trabalha para eles, só que agora temos a nossa casa. Como ela mesma diz, é simples, mas é nossa. Ainda temos alguns anos de prestação pela frente, porém, isso não importa. O importante é que temos uma a outra.

Sei que ela é capaz de tudo por mim e eu por ela. Minha mãe, a Sofia e os tios são tudo o que

tenho de mais importante.

— Por que você não me falou que é seu aniversário? — O Eduardo pergunta assim que me aproximo dos dois. Olho para a Sofia que levanta as mãos em sinal de rendição.

— Não me olha assim. Ele escutou a minha mãe e a sua falando com você. Eu não tenho culpa de nada. — Defende-se.

— Eu vou atrapalhar alguma comemoração de vocês duas? — Questiona. — Se for o caso, a gente sai amanhã.

— De jeito nenhum. Nós só vamos sair para comer. E você não me pediu para te apresentar a cidade? Esta é a oportunidade para conhecer a melhor lanchonete daqui.

— Tudo bem. Mas com uma condição. Eu pago. — Vou negar, mas ele não me deixa falar. — Não. Se não for assim, eu não aceito. Fica como presente de aniversário, já que você nem me deu a chance de comprar. Se tivesse me falado, teria dado um jeito.

— Não seja por isso. Conheço umas barraquinhas que ficam até tarde e vendem umas coisas lindas. A gente pode passar por lá agora. —

Arregalo os olhos. Não acredito que a Sofia fez isso.

— Sofia. — Repreendo-a.

— O que foi? Ele é quem disse que queria te dar um presente. Eu só estou ajudando. — Faz cara de inocente e sinto vontade de enforcá-la.

— Não briga com ela, Valentina. Eu agradeço a ideia. Vamos passar por lá e ver se achamos alguma coisa que se pareça com você. Apesar de achar difícil encontrar alguma coisa tão bonita assim. — Pisca para mim. Uma coisa que já percebi ser mania dele.

Capítulo dois

Valentina

Olho para o espelho mais uma vez. Já perdi as contas de quantas vezes fiz isso desde que me vesti para encontrar com o Eduardo.

Depois de sábado passado, quando nos conhecemos, não nos desgradamos mais. Hoje é o dia em que ele vai embora e eu já estou com saudade de todos os momentos que passamos juntos. Foram nove dias em que não nos desgradamos.

No dia do meu aniversário, acabamos nos beijando. A Sofia inventou uma desculpa para nos deixar sozinhos e ele me beijou. No começo, eu fiquei um pouco tímida, mas acabei retribuindo. Não adiantava negar para mim mesma que eu queria tanto quanto ele aquele beijo.

Minha mãe nem sonha com isso. Sei que ela anda desconfiada, porém não confirmo, pois sei o que vai falar e não quero receber sermão. Ela acha que só porque aconteceu com ela, será a mesma coisa comigo se eu me envolver com alguém de fora, mas eu acredito no Eduardo quando ele diz

que irá voltar todo final de semana para me ver.

Ele entendeu que minha mãe não gosta e disse que irá mostrar na prática para ela que é diferente.

— *Eu entendo a sua mãe. Ela só quer te proteger, Valentina, mas não precisa se preocupar. Todo final de semana ela irá me ver aqui. Um dia irá entender que não estou brincando e aceitará sobre nós. Você vai ver.*

Lembro-me dele dizendo isso e espero que esteja certo. Não quero brigar com a minha mãe, porém também não quero me afastar dele.

O Eduardo me trata tão bem. Faz com que eu me sinta especial. No dia em que saímos pela primeira vez, ele cumpriu o que falou e comprou uma pulseira nas barraquinhas de presente de aniversário para mim. Disse que não chegava aos pés do que eu merecia, mas, como não tinha outro lugar aberto para comprar, teria que servir e que me compensava, que, da próxima vez que vier, irá trazer um presente para mim do Rio.

Olho para a pulseira e sorrio feito boba. Ela é simples. Feita de couro trançado e com pingentes com a minha inicial, a dele e um coração no meio.

— *Sei que é simples demais. Você merece coisa muito melhor, mas isso é só o início. Quero que você se lembre deste dia para sempre.*

— *Não precisa de nada disso. Eu não vou esquecer. — Ele me cala colocando o dedo sobre os meus lábios.*

— *Aceita. É só o começo de uma coisa muito especial que sei que teremos. — Diz. Beija-me e não consigo negar o que me pede.*

Solto um suspiro e ajeito mais uma vez o cabelo. Estou ansiosa com a nossa despedida. Preparei uma surpresa para ele com a ajuda da Sofia. Ela tem me ajudado bastante esses dias. Tem me acobertado toda vez que saio para encontrá-lo como fez na quinta-feira.

Nós estávamos somente nos beijos desde o primeiro dia em que ficamos, mas eu sentia que ele queria algo a mais. Eu não era mais virgem. Já tinha transado com um namorado que tive quando tinha quinze anos e achei que seria bom para nós dois darmos esse passo.

Foi tudo perfeito. O Eduardo me tratou como uma princesa. Foi carinhoso e atencioso comigo o tempo todo. Eu me senti como nunca

tinha me sentido antes. Ele me deu o prazer que eu não tinha sentido ainda.

De lá para cá sempre damos um jeito de ficarmos sozinhos para podermos nos curtir mais um pouco e sempre é perfeito. Com a exceção de ontem. Nós acabamos nos desentendendo. Nós não. Na verdade, ele que brigou comigo.

A camisinha estourou e ele ficou muito nervoso. Acabou descontando em mim e me dizendo algumas coisas que me magoaram.

— *Você fez de propósito. Já deve ter ido procurar na internet quem eu sou e cresceu o olho no dinheiro dos meus pais, não é? Mas não vai conseguir nada. Eu não tenho idade para ser pai e não vou deixar isso acontecer para estragar a minha vida por sua culpa.*

— *Edu, você está sendo grosseiro comigo. Não estou te reconhecendo. Como eu poderia ter feito isso? Foi você quem trouxe a camisinha, esqueceu?*

— *Mas quem colocou foi você. Fez questão de colocar. Ficou me atijando até que eu cedesse. Só pode ter feito alguma coisa.*

— *Por que eu faria isso, Edu? Eu também*

não quero filho agora e a minha mãe não me perdoaria se isso acontecesse. Ela nem sabe da gente ainda.

— E nem vai saber. A gente vai resolver isso e acabou.

— Resolver? Acabou? Do que você está falando? Não estou te entendendo, Edu. — Solto um suspiro. — É melhor eu ir embora. Você está nervoso. Amanhã eu passo na praia cedo para a gente conversar com calma antes de você ir. — Caminho para perto dele para beijá-lo e ele se vira fazendo com que pegue no rosto.

Olho-me no espelho e volto ao presente. Tenho certeza que ele ficou nervoso. Foi muita coisa junto. Era nossa última noite, a camisinha estourou, não sabemos quando ele conseguirá voltar. Tudo isso deve ter feito com que ele ficasse preocupado e acabasse descontando em mim, porém sei que iremos conversar, ele me pedirá desculpa e nos entenderemos quando nos encontrarmos.

Retoco o batom, pego minhas chaves e saio de casa para encontrar com ele na pousada. Sei que combinamos de nos encontrar na praia, mas quero

surpreendê-lo.

Entro na pousada e encontro a Sofia na recepção. Caminho para perto dela que logo me vê e sorri para mim. Ela ainda não sabe o que aconteceu ontem e não sei se irei falar. Sei como a Sofia é e não duvido nada que vá falar com o Eduardo, coisa que eu não quero que aconteça.

— Você veio mais cedo. Eu já ia te ligar. — Fala assim que me aproximo.

— Aconteceu alguma coisa? — Questiono preocupada.

— O Eduardo deixou isso aqui para você. — Estende um envelope em minha direção.

— O que é isso? — Abro e encontro um cheque junto com um papel dobrado.

— Perguntei por que ele não te entregava pessoalmente, mas ele disse que precisava ir embora.

“Espero que você não consiga o que quer, mas, caso aconteça, pode tirar. O dinheiro dá para resolver esse problema. Compre duas pílulas do dia seguinte.”

Não acredito no que leio. Não pode ser. Ele não seria capaz de fazer uma coisa dessas comigo.

— Que horas ele saiu? Tem muito tempo? Eu preciso falar com ele. Isso só pode ser alguma brincadeira.

— O que está acontecendo, Valentina?

— Tenho que sair. — Falo e corro em direção a saída.

Sinto que ela está vindo atrás de mim, porém não paro. Sigo para a parte da praia onde o Eduardo tinha combinado de me encontrar na esperança que isso não passe de alguma brincadeira e ele esteja lá me esperando.

— Valentina! Valentina, espera! — Segura o meu braço e me faz virar para ela. — Fala comigo. O que aconteceu?

— Eu não sei, Sofia. A gente estava bem. — Sento-me em um banco no calçadão da praia e ela senta-se ao meu lado. — Ontem ele ficou estranho. Brigou comigo. Falou coisas que não esperava ouvir dele.

— Como assim, Valentina? Explica direito. Você não está fazendo muito sentido.

— A gente estava junto outra vez ontem a noite. Foi tudo normal, até ele perceber que a camisinha tinha furado. Aí começou a dizer que eu

tinha feito de propósito, que já devia ter pesquisado quem ele é e que queria o dinheiro dele, que não tem idade para ser pai e não vai estragar a vida dele por minha causa.

— A camisinha estourou? — Arregala os olhos para mim. — Meu Deus, Valentina! Como isso foi acontecer?

— Eu falo que ele me tratou mal e a única coisa que você escuta é sobre a camisinha? — Pergunto frustrada.

— O que tem dentro do envelope? — Entrego para ela que lê e volta a me olhar. — Isso é o que eu estou pensando? Ele está querendo que você faça um aborto se tiver engravidado?

— Eu não estou acreditando nisso, Sofia. Isso não se parece em nada com o Eduardo que conheci. Ele era sempre tão carinhoso. Vivia falando que ia voltar sempre para me ver, que ia conversar com a minha mãe sobre nós. Como pode ter mudado assim?

— Ele não mudou, Valentina. — Olha-me de um jeito que me deixa tensa. — Ele sempre foi assim. A gente é que não percebeu.

— Não, Sofia. Não pode ser. — Levanto-

me nervosa. — Eu teria percebido.

— O que aconteceu, então, Valentina? Não tenta inventar uma desculpa. Não vai adiantar nada. Aceita logo que ele te enganou. Você não foi a única. Eu também acreditei nele.

— Eu... Eu não sei o que pensar, Sofia. O que eu faço?

— O que você quer fazer? Você acha que pode ter engravidado? Corre esse risco?

— Acho que não. Meu ciclo não é muito certo. — Falo tentando assimilar tudo o que está acontecendo.

— Se tiver, você vai... — Deixa a pergunta no ar.

— Não! Claro que não! Eu nunca faria uma coisa dessas e você sabe disso. — Digo certa da minha decisão.

— Eu sei, Valentina. Só perguntei, porque você sabe que a tia Aline vai pirar. Ela sempre pediu para você tomar cuidado com isso. Sempre teve medo de que você se envolvesse com algum turista.

— Mas eu tomei cuidado, Sofia. Não tenho culpa se a camisinha furou. — Apoio os cotovelos

nos joelhos e seguro a minha cabeça com as mãos.

— Já falei várias vezes para você ir ao médico para tomar um remédio, só que você não me escuta. Isso poderia ser evitado.

— Vai começar você também a me dar sermão? — Questiono irritada.

— Não. Até porque não vai adiantar nada ficar falando sobre isso. Agora só resta esperar para saber. — Faz uma pausa e volta a falar. — Também tem a pílula do dia seguinte como ele falou. Não é difícil de conseguir.

— Nem pensar. Eu não concordo com essas coisas. Prefiro acreditar que não vai acontecer.

— Tudo bem. Quanto ao cheque, o que você quer fazer?

— Guardar. O dia em que ele aparecer aqui outra vez, eu devolvo. Não quero dinheiro nenhum dele. Se ele pensa que sou igual a essas meninas que ficam atrás dele, está muito enganado.

— Será que ele vai voltar mesmo? Estou achando que nunca mais iremos vê-lo. — Fecho os olhos e respiro fundo antes de responder.

— Não sei se quero que volte. Acho que prefiro não encontrá-lo mais. Tudo o que ele falou

PERIGOSAS NACIONAIS

e fez me deixou muito magoada. Só quero esquecê-lo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo três

Valentina

Essas últimas semanas passaram como um borrão. Eu agia no automático durante todo o tempo e não conseguia me interessar por nada. Ainda não superei o que aconteceu. Acordo durante a noite pensando que tudo não passou de um sonho ruim.

Minha mãe já percebeu que tem alguma coisa errada, mas eu estou fugindo do assunto sempre que ela tenta sondar alguma coisa. Não quero ter que escutar que ela me avisou e que estava certa. Fora que ainda espero que o Eduardo apareça e diga que se arrependeu de tudo o que falou.

Sei que cada dia que passa isso se torna mais difícil de acontecer, porém não consigo acreditar que ele quis mesmo falar tudo aquilo para mim. Não entra na minha cabeça que me enganei tanto assim.

Essas festas de fim de ano foram as piores para mim. Eu não tinha ânimo e nem vontade de comemorar nada. A Sofia bem que tentava me

animar, mas nada que ela fazia surtia efeito.

Hoje faz quatro semanas que o Eduardo foi embora e nada da minha menstruação vir. Sei que preciso fazer o teste de gravidez, mas me falta coragem, pois sei que, se der positivo, vou decepcionar minha mãe e isso é a última coisa que eu quero na vida.

Sei de todo o esforço que ela fez para me criar sozinha e de tudo o que abriu mão por minha causa. Jurei para mim mesma que nunca daria a ela desgosto nenhum, porém foi justamente o que fiz.

— Você ainda está deitada? Levanta já dessa cama, Valentina. Não aguento mais te ver assim. — A Sofia fala entrando no meu quarto e senta-se na beirada da minha cama. — Nada ainda?

Ela não precisa dizer do que está falando para que eu saiba. Conteí a ela que a minha menstruação estava atrasada e todo dia ela me faz a mesma pergunta. Isso quando não faz mais de uma vez ao dia.

— Não. Estou achando que não virá mesmo. Por mais que o meu ciclo não seja certo, também não é tão errado assim. — Solto um suspiro.

— Chega de esperar. Vamos descobrir isso agora mesmo. Levanta daí e vai beber água. Estou indo na farmácia comprar alguns testes para você fazer. Não adianta nada ficar adiando isso, Valentina. Uma hora você terá que saber. Quer que a tia descubra primeiro? Sabe como ela é. Não demora muito e ela percebe.

— Tudo bem. — Acabo cedendo.

— Eu não demoro. — Vira-se para sair, porém, quando chega à porta, volta para perto de mim. — Você não está sozinha, amiga. Fica calma, ok?! — Beija o meu rosto.

— Obrigada. — Agradeço com um fio de voz.

Levanto-me da cama e faço o que a Sofia falou. Sei que ela está certa e não adianta mais ficar adiando. O resultado não vai mudar se eu fizer isso.

Fico olhando pela janela da cozinha esperando que a Sofia volte. O que não demora a acontecer. Ela entra com uma sacola na mão e estende em minha direção.

— Toma. Comprei mais de um para não haver dúvidas quanto ao resultado. Quer que eu vá com você? — Pergunta tentando aliviar o clima,

pois sabe que não vou aceitar.

— Nada disso. Sabe o que eu penso sobre alguém me vendo enquanto faço minhas necessidades. — Entro no jogo dela. — Assim que estiver tudo pronto, abro a porta para você.

— Fresca. Eu tenho a mesma coisa que você entre as pernas, sabia? Fora que não me atrai em nada. Da fruta que você gosta, eu chupo até o caroço e com gosto.

Não consigo segurar e acabo gargalhando. Ela não tem jeito.

— Só você para me fazer rir, Sofia. — Falo caminhando para o banheiro com ela atrás de mim.

— Sou realista. Apenas isso.

— Alguém te viu comprando isso? — Questiono preocupada com o que o povo daqui vai falar.

— O que você acha? Cidade pequena, Valentina. Todo mundo vê tudo. Não dá para fazer nada escondido aqui.

— A essa hora já devem estar falando para a tia Giovana. — Digo desanimada.

— Ela sabe muito bem que não sou eu. Minha mãe sabe que eu tomo remédio e uso
PERIGOSAS ACHERON

camisinha. Não deixo brecha. Se um falhar, tenho o outro para me assegurar.

— Coisa que eu não fiz. Sei disso. Não precisa ficar repetindo. — Falo de dentro do banheiro para ela que está parada na porta me esperando.

— Eu não disse para te provocar, mas também não sou de ficar passando panos quentes e você sabe disso. Eu cansei de te avisar para fazer igual a mim. Não tenho culpa se não me escutou, mas não precisa ficar nervosinha que não vou ficar batendo nessa tecla. Agora não adianta nada.

— Pronto. Agora é esperar. — Falo saindo do banheiro com os palitinhos dos quatro testes que ela trouxe para mim. — Precisava de tantos? — Pergunto erguendo os mesmos para que ela veja.

— Achei melhor trazer mais de dois e não gosto de número ímpar. Tive que comprar quatro. — Faz pouco caso. — Vamos para o seu quarto ou vamos ficar aqui parada feito duas patetas no corredor?

Seguimos para o meu quarto sem falar mais nada. Ela já percebeu que, agora, nem mesmo as brincadeiras dela me farão relaxar. Ficamos em

silêncio o restante do tempo que falta para o resultado sair e, quando olho para o celular e vejo que já está na hora, acabo confessando.

— Estou com medo, Sofia. Não sei se tenho coragem de olhar os resultados.

— Seu medo não vai mudar nada, Valentina. Deixa que eu vejo. — Levanta e pega em cima da cômoda onde eu tinha colocado. — Todos deram a mesma coisa. — Fica me olhando e já sei o que deu.

— Não precisa falar. Foi positivo, não é?! — Acena com a cabeça em acordo. — O que faço agora, Sofia? Minha mãe vai me matar. O que eu fiz?

— Calma, Valentina. Você não está sozinha. Tem a mim. Meus pais também vão te apoiar, tenho certeza. Fora que a tia Aline pode até ficar brava no início, mas nunca vai te abandonar. Ela vai te apoiar, amiga.

— Eu prometi a mim mesma que nunca daria um desgosto para a minha mãe e olha o que eu fiz. Nunca vou me perdoar por isso, Sofia. Nunca. — Ela vai falar, mas, antes que comece, escuto uma voz que reconheço seja onde for

falando atrás de nós.

— O que está acontecendo aqui? O que você não vai se perdoar, Valentina?

— Mãe! O que você está fazendo aqui? Não era para estar na pousada?

— Eu vim ver como você estava. Não aguento mais te ver pelos cantos, mas não tenta me enrolar. O que aconteceu? Do que vocês estavam falando quando eu cheguei?

— Valentina, conta de uma vez, amiga. Não adianta nada ficar enrolando.

— O que você tem para me contar, Valentina? Espera. O que é isso na sua mão, Sofia? Não me diz que... Valentina, me diz que eu estou errada. Que não é o que estou pensando. — Não falo nada e as lágrimas começam a descer pelo meu rosto. — Valentina... — Fecha os olhos e solta um suspiro.

— Tia... — A Sofia começa a falar, porém minha mãe levanta a mão na direção dela e não deixa que termine.

— Nada de tia, Sofia. O assunto agora é com a Valentina e comigo. Vocês não vão conseguir me enrolar desta vez. Vai ajudar a sua

mãe na pousada e avisa a ela que vou demorar um pouco, por favor. — A Sofia se cala e caminha em minha direção antes de sair.

— Fica calma. — Beija o meu rosto e sai do quarto me deixando sozinha com a minha mãe.

— Mãe...

— Foi aquele Eduardo, não foi? Fala, Valentina. Eu já sei o que aconteceu, só quero ouvir da sua boca.

— Foi, mãe, mas eu usei camisinha. Eu não sei o que aconteceu.

— Ahh, não sabe? Pois eu vou te dizer o que aconteceu. Você não me escutou. Eu te avisei diversas vezes, Valentina. Não foi por falta de aviso. Mas você me escutou? Claro que não. Afinal de contas vocês sabem de tudo, não é mesmo? Não precisam da opinião e nem mesmo dos nossos conselhos.

Fala gesticulando e andando pelo quarto enquanto o tom de voz vai subindo. Não respondo. Sei que ela está certa e não tenho o direito de discutir.

— Desculpa. — É a única coisa que consigo dizer.

— Desculpa? Desculpa? Você não tem desculpa para isso, Valentina. Eu sempre conversei com você. Sempre te alertei sobre isso. Falei sobre o que acontece quando você se envolve com turistas. Eu te ensinei a se cuidar, pedi para ficar afastada deles, mas não adiantou nada. Eu não tinha metade do diálogo que nós temos com a minha mãe. Talvez se ela tivesse sido minha amiga como eu sou sua não tivesse acontecido, mas não me arrependo. Foi por isso que tenho você, o meu bem maior, a minha vida, só que ver você fazendo a mesma coisa, imaginar você abrindo mão do seu futuro por um descuido, acaba comigo. Eu sei muito bem o que acontece, Valentina. E não é nada fácil, pelo contrário, é muito difícil. Esse não era o futuro que sonhei para você. Está muito distante.

— Mãe, me escuta. Desculpa. Sei que isso não vai mudar nada, mas eu não queria te dar esse desgosto. Só diz que me perdoa. — As lágrimas descem livres pelos nossos rostos. — Eu usei camisinha, mãe. Eu juro. Mas ela furou. Ele queria que eu tomasse a pílula do dia seguinte, só que eu não tive coragem.

— Não me diga que isso passou pela sua cabeça? — Pergunta me encarando de um jeito que

PERIGOSAS ACHERON

nunca vi.

— Não, mãe. Claro que não. Eu... Eu só não sei o que fazer. — Admito. — Eu nunca quis te decepcionar, mãe. Nunca! Juro que achei que o Eduardo fosse diferente. Só que, mesmo assim, eu me cuidei. Mas não esperava que isso fosse acontecer.

Ela respira fundo e vira de costas para mim. Fica em silêncio durante dois minutos me deixando mais preocupada ainda, querendo saber o que está se passando na cabeça dela, vira-se para mim e começa a falar:

— Quando engravidei de você, meus pais me viraram as costas. No momento em que eu mais precisava do apoio deles, me deixaram sozinha. Eu lutei por você. Lutei por nós duas e não me arrependo em momento nenhum de tudo o que fiz. De todas as vezes que deixava de comprar alguma coisa para mim só para te dar algum brinquedinho e te agradar. Porque você é a minha vida, Valentina. — Faz uma pausa. — Eu não sou os meus pais. Sou muito diferente deles. Eu não conseguiria te virar as costas nesse momento e em nem um outro sequer. Como escutei a Sofia falar, você não está sozinha. Nós temos uma a outra. Não esquece disso nunca, PERIGOSAS ACHERON

filha. Nunca. Eu te amo. E essa criança será muito amada também. Nós vamos conseguir juntas. Você vai ver.

Corro para os braços dela e me entrego ao carinho que sempre me acalmou. Estando com ela ao meu lado, sei que posso suportar e passar por qualquer coisa.

Capítulo quatro

Valentina

Estou sentada na minha cama quando a Sofia entra no meu quarto perguntando:

— Você e a tia Aline se acertaram? —
Aceno com a cabeça em acordo. — Estava preocupada. Ela não disse nada. Só me pediu para vir aqui ficar com você, mas acho que no fundo estava querendo era ficar sozinha com a minha mãe para conversarem.

— Pode apostar que sim. Elas sempre foram muito amigas e não tem ninguém que a minha mãe confie mais do que a tia Giovana.

— O que você vai fazer agora, Valentina? Vai contar para ele?

— Não. Ele deixou bem claro que não queria esse filho e, mesmo que eu quisesse falar, não teria como. Não tenho o número dele e muito menos um endereço para procurá-lo. Só sei o sobrenome, porque está no cheque.

— Mas eu tenho. — Olho para ela sem acreditar.

— Como assim você tem? Ele te deu?

— Claro que não. Você esqueceu onde ele se hospedou?

— Não estou acreditando que você pegou os dados dele, Sofia. Se a tia Giovana sabe disso...

— Só peguei, porque vocês começaram a se envolver. Eu precisava saber quem era o carinha que a minha amiga estava saindo. E, depois do que aconteceu, peguei o número do celular também.

— Mesmo assim, Sofia. Vou ligar para quê? Para dizer: Olha, aqui é a Valentina. Aquela que você transou e foi embora sem nem se despedir deixando um cheque. Lembra da camisinha que estourou? Pois é. Estou esperando um filho seu.

— Você nunca quis saber quem é seu pai? Nunca pensou sobre isso? — Não respondo. Ela, melhor do que ninguém, sabe a resposta. — Vai querer que o seu filho passe pela mesma coisa por orgulho? Se ele não quiser saber, o problema é dele, mas acho que você tem que fazer a sua parte. Assim, se algum dia seu filho perguntar, você não vai precisar dizer que ele nem sabia da gravidez.

— Tenho praticamente certeza do que ele vai dizer, Sofia, e não estou com a mínima vontade

PERIGOSAS NACIONAIS

de escutar. — Solto um suspiro. — Já tive emoções demais hoje.

— Você é quem sabe. Eu, no seu lugar, ligaria logo. Assim coloca uma pedra nesse assunto e segue em frente. O número está aqui comigo. Prefere que eu ligue?

— Não. — Decido. — Eu mesma vou ligar. Você está certa. Preciso resolver logo isso.

— Assim é que se fala. — Estica um papel em minha direção e pega o telefone para me entregar. — Se ele falar alguma besteira, me passa o telefone que vou dizer umas verdades para esse moleque. — Pisca para mim com um sorriso no rosto me passando confiança.

Disco o número e espero atender. Quando escuto a voz dele, quase desisto e desligo sem falar nada.

— Alô. Alô. — Repete quando fico em silêncio.

— Eduardo? — Pergunto sem saber o motivo, já que tenho certeza que é, pois reconheci a voz dele.

— Sim. Quem está falando? — Questiona seco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Valentina. Você esteve por alguns dias na minha cidade.

— Como você conseguiu esse número? O que você quer? Será que não ficou claro que não quero nada com você?

— Também não quero nada contigo, mas precisava te contar uma coisa. Eu estou grávida. — Ele dá uma gargalhada antes de voltar a falar.

— E o que eu tenho a ver com isso? Esse filho não é meu.

— Bem que eu queria que isso fosse verdade, mas, infelizmente, não é. Esse filho é seu e você sabe disso. Aposto que não esqueceu o que aconteceu. — Falo com uma coragem que não sei de onde vem.

— A única coisa que me lembro é de ter deixado um cheque para resolver isso. Não tenta me enrolar que não sou esses bichos do mato que você está acostumada a encontrar nessa sua cidadezinha de merda.

— Acontece que eu não tomei a pílula do dia seguinte. Pensei que não precisava e não tive coragem. Nunca conseguiria fazer uma coisa dessas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fala a verdade, sua vagabunda. Você fez isso de caso pensado. Só que quebrou a cara. Não vai conseguir nada comigo. Não te dou um centavo do meu dinheiro. Não quis dar uma de esperta? Agora se vira sozinha para criar esse merdinha.

— Edu! Com quem você está falando? Quem está esperando um filho seu? — Escuto uma voz de mulher perguntando e percebo que está com voz de choro. — Estou esperando, Edu.

Ele desliga e não escuto mais nada. Fico olhando para o telefone sem acreditar. Ele tem namorada. Como se não bastasse todo o resto ainda tem isso. Ele traiu uma pessoa e me usou para isso. Como fui tola.

— Burra! Burra! Burra! Isso que eu sou. — Digo chorando.

— O que aconteceu, Valentina? O que ele te falou? Por que você está assim?

— Ele tem namorada, Sofia. Como eu não desconfiei? Toda aquela mania de não tirar fotos, ele dizendo que não tinha redes sociais, porque não gostava, nunca atendendo o celular perto de mim com a desculpa que não queria perder tempo com os outros, tudo indicava que ele estava escondendo

PERIGOSAS ACHERON

alguma coisa e eu não percebi nada. Absolutamente nada.

— Ei! Você não tem culpa de nada. Ele é quem tem. Foi ele quem traiu e não você, está me escutando? — Faz uma pausa. — Vem comigo. Agora nós vamos descobrir tudo sobre esse babaca. — Puxa o meu braço em direção à porta.

— Do que você está falando, Sofia? Eu não vou a lugar algum. Só quero ficar deitada e esquecer que um dia conheci aquele idiota.

— Depois. Agora estou em uma missão, você vai comigo e nem adianta negar.

Saímos de casa em direção a casa dela e vamos direto sem nem mesmo passar na pousada para falar com as nossas mães. Tenho até medo do que ela está pensando em fazer, mas sei que de nada adianta tentar impedir. A Sofia, quando coloca uma coisa na cabeça, ninguém tira.

Entramos e ela vai direto para o notebook para ligá-lo.

— O que você está fazendo, Sofia? O que você vai aprontar?

— Nada. Só vamos investigar a vida daquele babaca e descobrir tudo dele para poder

usar contra aquele filho da mãe. Quem ele pensa que é para deixar a minha amiga grávida e sem dar nem um apoio sequer? Isso não vai ficar assim.

— Eu não quero fazer nada disso, Sofia. Para com isso.

— Você pode até não querer agora, mas, um dia, isso será útil. Então, para de ser chata e senta essa bunda magra aqui do meu lado. Vamos começar pelas redes sociais. Aposto que era mentira esse papinho mole de que não tem.

Começa a abrir diversas abas e entra em todas as redes sociais para pesquisar. Não digo mais nada. Fico ao lado dela para ver o que vai descobrir.

Não demora e ela começa a encontrar. Aparecem diversas fotos dele com uma garota que deve ter por volta da minha idade. Em todas eles estão sorrindo e de mãos dadas, isso quando não estão se beijando ou deitados abraçados em um barco. Olho para mais uma publicação e não acredito no que leio. É pior do que eu pensei.

— Ele é noivo, Sofia. Noivo. Esse desgraçado era noivo quando veio para cá e ficou comigo. Como pode ser tão, tão... — Não consigo

completar a frase.

— Desculpa, Valentina. — Pede em um fio de voz. — Talvez, se eu não tivesse incentivado tanto, você não teria se envolvido com ele.

— Nem começa. Assim como você me disse, a culpa não é sua. Você não tinha como saber. — Faço uma pausa, penso em tudo o que está acontecendo e tomo uma decisão. — Vem. Agora quem está em uma missão sou eu. — Digo e a puxo sem dar tempo nem mesmo de desligar o notebook.

— Aonde você vai? O que você vai fazer, Valentina?

Não respondo. Caminho para a praia. Só diminuo o passo quando me aproximo da parte onde conheci o Eduardo.

— Quero que você seja minha testemunha. Aqui, onde tudo começou, também vai acabar.

Tiro a pulseira que ele me deu e eu ainda usava do pulso, me aproximo mais do mar e jogo com toda a força que possuo.

— O que você está fazendo? — Pergunta sem entender.

— Dando fim a essa época da minha vida.

A Valentina que ele conheceu, não existe mais. A partir de agora, sou outra pessoa. A menina bobinha que caia na conversa de idiotas como ele, não existe mais. Junto com essa pulseira vão todas as lembranças que tenho dele. A única coisa que me importa agora é o meu filho. Vou dar tudo de mim por essa criança, assim como minha mãe fez por mim e nunca irei procurar por ele. Acabou. Ele morreu para mim.

— É assim que se fala. Essa é a Valentina que eu conheço. Sabe que pode contar comigo, não sabe?

— Claro que sei. Meu filho terá a melhor madrinha que alguém pode imaginar.

— Não acredito. Você está falando sério?
— Concordo com um aceno de cabeça. Ela me abraça e começa a pular feito uma maluca. — Obrigada, amiga. Pode ter certeza que essa dinda aqui fará o impossível para ver seu filho feliz. Eu te amo e já amo esse serzinho que ainda nem sei se é menino ou menina. Já pensou, uma menina? Meu Deus! Vou poder comprar vários vestidinhos e lacinhos. E quando crescer? As maquiagens que vou dar para ela. Meu Deus! A primeira festinha que ela for sozinha eu posso ir escondida para

PERIGOSAS ACHERON

olhar?

Começa a tagarelar fazendo planos que nem sabe se conseguirá realizar.

— Você sabe que pode ser um menino e não terá nada disso, não sabe? — Ergo a sobrancelha para ela que sorri para mim.

— Claro que sei, mas terá tanta coisa pra eu ensinar. Como, por exemplo, ser um homem de verdade, que honra as calças que veste, honesto e leal. Assim como meu pai. Quer melhor exemplo de homem para esse menino?

Sorrio em resposta. Ela está certa. O tio Vinícius é o melhor exemplo que o meu filho pode ter.

Capítulo cinco

Valentina

Cinco anos e meio depois...

Vejo a Sofia dançando com a Rebeca e minha filha gargalha junto com a madrinha. É incrível como elas duas se dão bem. Olho para o lado e vejo minha mãe sorrindo enquanto olha para as duas. O tio Vinícius e a tia Giovana estão ao lado dela com sorrisos enormes no rosto também.

Hoje a Sofia completa vinte e cinco anos e eles resolveram fazer um almoço para comemorar. Estamos escutando música enquanto conversamos um pouco e a Rebeca pediu para a Sofia para dançar. Como a madrinha não consegue dizer não a ela, acabou concordando.

Fico pensando nesses últimos cinco anos. Tanta coisa mudou na minha vida desde o meu aniversário de dezoito anos, porém, uma que eu não trocaria por nada, é o nascimento da Rebeca. Sei que não foi planejada, que não era a hora e que tive toda aquela decepção com o progenitor dela, mas não abriria mão da minha filha por nada nesse mundo. Passaria por tudo outra vez para tê-la aqui

comigo.

Digo progenitor, pois é isso que o Eduardo é. Simplesmente o progenitor. Não tem como chamar de pai um homem que fez o que ele fez. Não tentei mais entrar em contato com ele e nem pretendo. Quero esquecer que ele existe, apesar de ser difícil, já que a Rebeca se parece muito com ele.

Passei por muitos momentos difíceis durante esse tempo. Sei que não foi nem metade do que minha mãe passou quando engravidou de mim e agradeço isso a ela. O apoio dela foi primordial para que eu chegasse no dia de hoje.

Hoje trabalho na recepção da pousada e faço alguns serviços extras de digitação de trabalhos para os alunos das escolas aqui da redondeza. Minha mãe assumiu a cozinha da pousada onde ela já ajudava depois que a cozinheira que estava com a tia Giovana desde o começo se aposentou.

Não posso dizer que temos fartura em casa, mas também não passamos necessidade. Tivemos alguns momentos mais apertados, porém, nunca passamos fome. O que ganhamos é suficiente para pagar as contas, colocar comida na mesa e ainda

fazer alguns agrados para a Rebeca.

Rebeca. Minha filha é uma criança muito tranquila e esperta. Ela não é de ficar pedindo as coisas e entende quando não podemos dar. Parece que sabe o quanto me mata não poder dar tudo o que ela quer.

Ela ainda não me perguntou nada sobre não ter pai. Espero que não o faça tão cedo, já que ainda não tem idade para que eu explique o que realmente aconteceu e não pretendo mentir para ela. Quero ser sincera, assim como a minha mãe foi comigo e não sei o que falaria para ela agora.

Nas festas da escola onde seria para o pai ir, o tio Vinícius faz esse papel. Ele é o padrinho dela e a única presença masculina que minha filha tem. Sei que não poderia escolher melhor pessoa para isso, já que ele ajudou muito na minha criação também.

— Pensando na vida, filha? — Minha mãe pergunta parada ao meu lado.

Estava tão distraída que nem a vi chegar. Viro-me para ela antes de responder.

— Sim. Lembrando-me de tudo o que aconteceu nesses últimos anos. — Confesso.

— Muita coisa mudou, não foi? E eu me orgulho muito da mulher que você se tornou. Muitas meninas da sua idade não teriam a força que você tem, filha. Já teriam desistido faz tempo.

— Eu tenho o melhor exemplo em casa, mãe. Não poderia ser diferente. Já me culpo o suficiente pelo o que aconteceu para te decepcionar outra vez.

— Você não me decepcionou, filha. Não vou mentir e dizer que gostei do que aconteceu, mas, a maneira com que você lidou, só me deu orgulho. Seria diferente se tivesse feito o que ele queria.

Ela não precisa dizer de quem está falando e nem sobre o quê.

— Isso nunca passou pela minha cabeça. A educação que você me deu não permitiria uma coisa assim e nem a minha consciência.

Começa a tocar *Dona de mim* da Isa e a Sofia logo me olha. Costumamos dizer que essa é a minha música.

— Vai lá dançar com elas. — Fala e pisca para mim. — Sei como gostam desta música.

— Já volto. — Concordo com ela, dou um

beijo em seu rosto e me levanto caminhando para perto da minha filha e da minha amiga.

“Me perdi pelo caminho; mas não paro, não; já chorei mares e rios; mas não afogo não. Sempre dou o meu jeitin; é bruto, mas é com carin; porque Deus me fez assim; dona de mim; deixo a minha fé guiar; sei que um dia chego lá; porque Deus me fez assim; dona de mim.”

Canto junto com a Sofia e a Rebeca corre para o colo do tio Vinícius que abre os braços para ela.

— Vamos sair depois que a Rebeca dormir. Temos que comemorar o meu aniversário como gente grande. — Brinca enquanto dançamos.

Nós duas continuamos tendo a nossa comemoração nos aniversários. Minha mãe não se importa de ficar com a neta para que eu possa sair um pouco, já que sabe que eu aprendi a lição e não vou mais me envolver com os turistas que aparecem por aqui. Três vezes na mesma família seria burrice demais.

Depois que tive a Rebeca, comecei a tomar anticoncepcional, porém não abandonei a camisinha. Não é porque não quero me envolver

PERIGOSAS NACIONAIS

com ninguém que não possa continuar curtindo a vida. Saio com alguns carinhas, mas, agora quem não quer nada sou eu. Quero distância de envolvimento. Aprendi com a Sofia que posso beijar na boca, transar e não me envolver emocionalmente.

Já tive alguns casos de uma noite, alguns até de mais tempo, mas não passam disso. Minha prioridade é a minha filha e nada fará com que isso mude. Sou capaz de tudo pela minha família que inclui minha mãe, a Sofia, a tia Giovana e o tio Vinícius.

— Já decidiu para onde vamos hoje? —
Questiono.

A Sofia sempre procura inventar alguma coisa diferente para a gente fazer. Ela diz que precisa aproveitar umas das poucas noites que eu aceito sair. Por mais que a minha mãe não reclame de ficar com a Rebeca para mim, não gosto de pedir. A mãe dela sou eu, eu que tenho obrigação de cuidar e faço isso com todo prazer.

Já perdi as contas de quantas noites virei acordada tendo que trabalhar no dia seguinte, porque a Rebeca estava doente. Minha mãe sempre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se oferece para revezar comigo, porém não aceito. Ela também precisa acordar cedo e a responsabilidade é minha.

— Pensei em ir naquele barzinho novo que abriu. Está ficando bem movimentado. Quem sabe a gente não conhece alguns carinhas interessantes para beijar na boca. Quero tirar a teia de aranha que estou.

— Quem escuta você falando pensa que tem muito tempo que não fica com ninguém. Você não saiu fim de semana passado?

— Sim, mas não tinha muita coisa que valesse a pena. Só os daqui mesmo e você sabe o que penso.

— Já disse que não é porque um ficou no seu pé que os outros vão fazer o mesmo. Todos já entenderam o recado. Sabem muito bem que você não quer nada com ninguém.

— Claro que não quero. Para que vou me prender a um só com tantos por aí? Isso é perda de tempo.

— Você cresceu tendo um casal perfeito como exemplo. Não consigo entender por que não quer sossegar, Sofia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Justamente por isso que não quero. Não vou me contentar com menos do que meus pais têm, Valentina. O dia que achar um cara igual ao meu pai, prometo para você que vou sossegar na mesma hora. Sem pensar duas vezes.

— Você espera demais dos homens. Não acha que está querendo muito? Igual ao tio? Isso está me cheirando a desculpa para não ficar sério com ninguém.

— Falou a pessoa que não quer mais se relacionar só porque encontrou um babaca na vida. — Olho séria para ela. — Vamos mudar de assunto. Não quero brigar com você. Muito menos hoje. Já resolveu o que vai fazer esse ano para a Rebeca?

— Ainda faltam dois meses, Sofia. Tenho muito tempo. — Respondo enquanto caminhamos para perto do sofá e nos sentamos.

— Passa rapidinho, Valentina. Fora que você sabe que não gosto de deixar para cima da hora. Não quero ter que correr com nada. Minha afilhada merece o melhor sempre.

— Você mima essa menina, isso sim. — Repreendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não mimo. Só gosto de vê-la feliz. E, por mais que você reclame de mim, pensa igual. Vai me dizer que não vai fazer nada para ela esse ano?

— Não. Claro que vou. Só não sei ainda o quê. Fora que realmente acho que está cedo.

— A gente pode perguntar o que ela quer.
— Semicerro os olhos para ela. Sinto que está aprontando alguma coisa.

— O que você está aprontando, Sofia?

— Nada. Juro que só quero preparar. Deixa por minha conta esse ano? Por favor. Sempre peço e você nunca deixa. — Vou negar, mas ela continua a falar. — Fica como presente. A gente pergunta o que ela quer e eu faço. Não dou mais nada. Palavra de escoteira.

— Você não é escoteira, Sofia. — Acabo sorrindo.

— Sei que não, mas cumpro minhas palavras.

— Tudo bem. — Acabo cedendo. — Mas só se ela quiser alguma coisa simples.

— Você sabe que ela nunca pede nada muito grande, Valentina.

PERIGOSAS ACHERON

— Sei sim. Só que também sei que vocês duas juntas são impossíveis. Você incentiva a Rebeca, Sofia. Eu te conheço. A menina vai dizer que quer só x e você vai tentar convencê-la a pedir o y e o z também.

— Calúnia. Difamação. — Faz drama. — Vamos perguntar para ela agora o que ela quer. Na frente de todo mundo para você não poder dizer que eu influenciei em nada.

— Tudo bem. — Concordo. — Rebeca, vem aqui na dindinha e na mamãe que a gente quer te perguntar uma coisa.

Ela sai de perto da minha mãe e dos tios e vem correndo para perto de nós.

— Oi, mamãe. — Senta no meu colo e os outros também se aproximam de nós.

— Rebeca, fala para a dindinha uma coisa. O que você quer no seu aniversário esse ano?

Ela fica em silêncio durante uns dois minutos antes de abaixar a cabeça com um olhar triste no rosto.

— O que foi, filha? Por que você ficou tristonha?

— Você sabe que pode falar tudo para a

PERIGOSAS ACHERON

dindinha, não sabe? — Acena com a cabeça em acordo. — Então conta para a gente o que você quer de presente.

— Um papai. Quero saber quem é o meu papai. Todos os meus amiguinhos têm papai, menos eu.

A sala fica completamente em silêncio. Perco completamente a capacidade de falar e só escuto as batidas do meu coração que parece que vai pular para fora do meu peito.

Capítulo seis

Valentina

— Já sabe o que vai fazer? — A Sofia pergunta enquanto estamos sentadas em um canto mais isolado do bar.

Depois do pedido da Rebeca, minha mãe e a tia Giovana conseguiram distraí-la para que eu não precisasse responder na hora, mas sei que não vou conseguir fugir para sempre. Minha filha não é boba e vai voltar nesse assunto.

O que eu mais temia aconteceu. A curiosidade dela falou mais alto e sei que está esperando por uma resposta. Só preciso de um tempo para pensar no que vou fazer. Pensar no que vou responder para ela.

Olho em volta no bar antes de responder como se pudesse encontrar as respostas para os meus problemas nos rostos das pessoas que estão aqui ou nas paredes.

Sabia que esse dia ia chegar, mas pensei que tivesse mais tempo para pensar no que fazer. Não imaginei que fosse tão cedo assim.

— Não faço ideia, Sofia. Se dependesse da
PERIGOSAS ACHERON

minha vontade, ela nunca saberia quem é o pai. A vontade de dizer que não sei quem é ou que ela é filha de um doador é grande demais nesse momento.

— Você gostaria que a tia Aline fizesse isso com você? Que ela mentisse sobre o seu pai? — Nego com um aceno de cabeça.

— Odeio quando você usa esse tipo de coisa contra mim. Tem horas que gostaria que você não soubesse tanto assim da minha vida. — Solto um suspiro e tomo mais um gole do copo de cerveja que está na minha frente.

— Não é porque sou sua amiga que tenho que dizer só o que você quer ouvir, Valentina. Além disso, estamos falando da minha afilhada e ela está acima de qualquer um. Até mesmo de você.

— Eu sei e te amo por isso, mas estou com medo, Sofia. — Admito.

— Medo? Você com medo? Não a Valentina de agora. Se você me dissesse isso há alguns anos eu até acreditaria, não agora.

— Eu não sou forte o tempo todo. Só eu sei quantas noites passei acordada chorando por não saber o que ia acontecer. Por medo de ele aparecer

aqui do nada e dizer que mudou de ideia e querendo levar a minha filha embora. Medo de não conseguir sustentar a Rebeca e dar tudo o que ela precisa. Medo de errar na criação dela. — As lágrimas descem pelo meu rosto, mas não me importo.

— Valentina, isso é normal. Toda mãe tem medo. A sua, a minha, qualquer uma. O que você tem que lembrar é que não está sozinha. Vocês duas têm a nós, amiga. Sempre. — Aperta a minha mão por cima da mesa tentando me passar segurança. — Eu sei que você não queria falar sobre isso tão cedo com a Rebeca, porém, agora, já é tarde demais. Não adianta ficar protelando. Ela não vai esquecer esse assunto.

— E se ele destratar a minha filha? Se ele fizer pouco caso dela? Esnobar? Sei lá, Sofia. Eu não tenho a mínima ideia de qual será a reação dele e isso está me matando. Não consigo pensar em mais nada desde que ela pediu para conhecê-lo.

— Liga para ele. Você não precisa chegar com a Rebeca. Marca para vocês conversarem primeiro, explica a ele que a filha quer saber quem é o pai e que você não vai esconder isso dela. — Não respondo. — Quer que eu ligue?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! — Digo firme. — Quem tem que resolver isso sou eu. Só não sei como. Nem o número dele eu tenho mais.

— Eu tenho. — Olho para ela sem acreditar. — Não apaguei depois do que aconteceu. Sabia que podia precisar um dia. Estava certa, não estava?! Tenho o celular, o nome completo e uma foto de vocês dois juntos.

— Você o quê? Que foto é essa que eu nem sabia da existência, Sofia? Quando você tirou?

— Em um dos dias que a gente saiu. Tirei para te dar de presente quando ele fosse embora, mas, depois de toda aquela confusão, acabei guardando. Quando você descobriu que estava grávida e a gente entrou nas redes sociais dele, fiz uma pasta no meu computador com todos os dados. Só não anotei nada da noiva. Achei que já era demais até mesmo para mim.

— Não sei por que ainda me surpreendo com o que vem de você. — Ela me olha como se tivesse feito a coisa mais normal do mundo.

— Estamos falando de você, Valentina. E ainda tem a Rebeca também. Sabe muito bem como penso. Eu cuido dos meus e não adianta reclamar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fora que eu estava certa, não estava?! Agora você vai precisar. Nem que seja só para mostrar a foto para ela e fugir do assunto por mais alguns anos. Mas que fique claro que não concordo com isso.

— Só preciso de um tempo para assimilar isso tudo. Pouco antes de ela me perguntar por ele estava pensando justamente de não ter tido essa curiosidade ainda. Paguei pela língua.

— Só não demora muito. Tenta resolver isso antes do aniversário dela.

— Pode deixar. Será que a gente pode mudar de assunto? Quero esquecer um pouco tudo isso e só curtir a nossa noite.

— Seu pedido é uma ordem. Hoje, nós podemos tudo. Vamos dançar. — Levanta-se e me puxa junto com ela para uma pista que tem no canto do bar.

Aproveitamos o resto da noite sem tocar mais nesse assunto. Dançamos, cantamos e bebemos como se não existissem os problemas que nos esperam em casa.

Chego em casa e já passa de meia noite. A única coisa que consigo fazer é tomar banho e me jogar na cama ainda enrolada na toalha.

PERIGOSAS ACHERON

Acordo no dia seguinte com a minha mãe me chamando.

— Filha, acorda. Quero aproveitar que a Rebeca está na casa da Giovana para conversarmos um pouco.

— Ela dormiu lá? — Pergunto ainda sonolenta.

— Não, filha. A Giovana veio buscá-la cedo, pois sabia que eu queria conversar com você.

— Acho que já sei o assunto. — Solto um suspiro. — Tem mesmo que ser agora? Ainda nem acordei direito. — Tento fugir.

— Prefere ter essa conversa na frente da Rebeca? — Ergue a sobrancelha para mim que nego com um aceno de cabeça. — Foi o que pensei. Levanta, lava o rosto e me encontra na sala. Seu café já está pronto. — Beija minha testa e sai do meu quarto.

Jogo-me no travesseiro outra vez. Só queria poder dormir mais um pouco e não precisar ter essa conversa nem agora e nem depois. É pedir muito?

Desisto de enrolar e vou fazer o que ela falou. Sei que não vai adiantar nada ficar aqui deitada enrolando. Conheço a minha mãe e sei que

ela não vai desistir.

— Posso tomar café primeiro? —
Questiono assim que entro na sala e encontro
minha mãe sentada me esperando. — Algo me diz
que preciso estar bem acordada para essa conversa.

— Claro que pode. Aproveita para me
contar como foi ontem a noite. Vocês se
divertiram?

— Não tanto quanto eu queria. Digamos
que, depois do que aconteceu, não consegui relaxar
completamente. A Sofia bem que tentou.

— Era aniversário dela, Valentina. Tinha
que ter aproveitado.

Conversamos mais um pouco sobre quem
estava lá, como o bar estava cheio, entre outras
coisas. O problema de cidade pequena é que todo
mundo se conhece e não tem por onde fugir.

— Vamos de uma vez com isso. Sei que a
tia Giovana me deu folga hoje de manhã, mas não
quero chegar tarde.

— Tudo bem. — Respira fundo antes de
começar a falar e eu repito o gesto mesmo sem
perceber. — Você tinha pouco mais idade do que a
Rebeca quando me perguntou pelo seu pai pela

PERIGOSAS NACIONAIS

primeira vez. A gente tinha vindo da festinha de uma amiguinha sua e o pai dela tinha se vestido de príncipe para dançar com ela. Quando chegamos em casa, você me perguntou onde estava o seu pai e por que ele não se vestia de príncipe também. Lembro que inventei uma desculpa, disse que estava na hora de você tomar banho e dormir e que no dia seguinte a gente conversava. Chorei a noite toda sem saber o que te dizer.

— Mãe... — Tento fazer com que pare de falar, mas ela continua.

— Não queria mentir para você, mas não sabia como te contar. Você era muito nova ainda para saber a verdade, só que eu não queria mentira entre a gente. Não queria que existisse mentiras na nossa relação. Então, contei o que podia. Que seu pai não sabia que tinha uma filha e que tinha certeza que se ele descobrisse te amaria assim como eu, mas que o tio Vinícius podia se vestir de príncipe se você quisesse.

— Ele sempre foi como um pai para mim.
— Digo com um sorriso no rosto e as lágrimas começando a escapar.

— Seu pai não fez igual ao Eduardo. Não

PERIGOSAS ACHERON

estou querendo defendê-lo. Só não consigo acreditar que eles fossem iguais. Ele saiu daqui dizendo que voltaria, mas nunca mais apareceu e eu prefiro acreditar que, se ele soubesse da gravidez, teria agido diferente. Naquela época, não tínhamos a facilidade de hoje para procurar um pelo outro e eu não tive como contar sobre você. Mas você tem, filha. Você tem a chance de fazer o que a sua filha está pedindo. Se ele não quiser, quem vai perder é ele que não vai conviver com uma criança tão especial como a Rebeca. Liga para ele e diz que a filha quer conhecê-lo. Se a resposta for negativa, a gente pensa no que vai fazer.

— A senhora nunca esqueceu, não é?! Por isso nunca mais se envolveu com ninguém. — Ela não discorda de mim. — O que a senhora acha, mãe, que aconteceu alguma coisa para ele não vir? E por que não apareceu nesses vinte e quatro anos? — Sacudo a cabeça para os lados como se para organizar os pensamentos. — Não consigo acreditar nisso, mãe. Se ele quisesse, tinha dado um jeito. Não foi por falta de tempo.

— Não sei, mas não consigo acreditar que ele simplesmente desistiu de voltar ou que mentiu para mim. Pode parecer estranho, nem eu mesma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

consigo explicar, mas é como se eu sentisse que aconteceu alguma coisa que impossibilitou que ele voltasse.

— O que está parecendo é que a senhora está inventando desculpas para perdoar o que ele fez. São vinte e quatro anos, mãe. Ele teve tempo o suficiente para resolver o que quer que fosse.

— Não é como se eu fosse pular nos braços dele e fingir que nada aconteceu, Valentina. Só acho que tem algum motivo forte para ele não ter voltado.

— O que, por exemplo? Uma outra mulher? Uma família? — Sei que estou sendo cruel, porém não consigo me controlar.

— Pode ser. — Sorri sem humor e me repreendo mentalmente por descontar nela a raiva que tenho dele. — Acredito que tenha sido alguma coisa com os pais dele. Ele era louco por eles e pelo irmão. Disse que, se não fosse eles, não seria ninguém. Que eles tinham salvado a vida dele.

— Como assim? — Pergunto sem entender.

Ela nunca falou tanto sobre ele e, por mais que eu tente não me importar, a curiosidade fala mais alto.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sei, filha. O Marco não entrou em detalhes. Nós passamos uma semana juntos e ele disse que não queria desperdiçar o tempo que nós tínhamos falando sobre o passado e que tínhamos muito tempo para isso quando ele voltasse.

— Vou trabalhar, mãe. — Fujo completamente do assunto. Não quero viver minha vida esperando uma pessoa que não vai aparecer.

— Tudo bem, Valentina. — Ela percebe o que estou fazendo, mas não fala nada. — Pensa no que te falei sobre a Rebeca. Daqui a pouco eu vou também. Só preciso terminar algumas coisas aqui em casa.

Despeço-me dela com um beijo, vou para o meu quarto me arrumar e sigo para a pousada onde encontro a Sofia me esperando.

— Vem comigo. — Chamo e sigo para a recepção. — Será que eu posso ligar daqui? — Não preciso dizer de que ligação estou falando. — Quero resolver logo isso.

— Eu ia te falar justamente isso. Da outra vez você ligou de casa. Vai que ele salvou o seu número e resolve não atender. — Concordo com um aceno de cabeça e ela me passa um papel com o

número de telefone.

Disco e chama até cair na caixa postal. Ela faz sinal para que eu tente outra vez e assim o faço. Quando estou quase desistindo, a ligação é atendida.

— Alô. — Sinto um arrepio na nuca. — Alô. — Repete quando não digo nada.

Capítulo sete

Bernardo

— O Daniel está aqui fora, Bernardo. Posso deixar entrar? — A Raquel pergunta assim que atendo a chamada do ramal da minha sala no escritório.

— Claro que pode, Raquel. A menos que eu esteja em uma reunião, o Daniel tem a entrada liberada, sempre.

A Raquel está aqui há três meses e ainda não se acostumou com tudo relacionado ao escritório. Como o Daniel não tem aparecido tanto assim, ela ainda insiste em anunciá-lo.

— Tudo bem. — Concorda e escuto uma batida na porta.

— Ainda não entendi por que você não fez nada a respeito disso. — Implico com ele assim que passa pela porta.

— Ela já fica nervosa o suficiente com todo esse movimento aqui. Não preciso piorar as coisas.

— Isso é porque você não tem vindo muito aqui. Queria ver se fosse uma daquelas secretárias

novinhas que vêm trabalhar com roupas justas e decotadas se você demoraria tanto assim para aparecer. Ela já teria acostumado contigo faz tempo. — Provoco.

— Mas não seria para te ver. Pode ter certeza. — Pisca para mim com um sorriso de canto no rosto.

Conheço o Daniel desde os meus cinco anos. Estudamos juntos até a faculdade e nossos pais acabaram se tornando amigos. Confio nele como só confio nos meus pais e no meu tio Antônio.

— O que te traz aqui tão cedo assim? Sei que não veio só para olhar esse meu rostinho lindo.

— Até porque ele de lindo não tem nada. — Provoca.

— Conheço muitas mulheres que discordam de você. Vai direto ao assunto, Daniel. Estou cheio de reuniões hoje. — Corto logo as brincadeiras, pois sei que, se deixar, vamos ficar aqui o dia inteiro nessa provocação.

— Vim te chamar para irmos ao bar do André mais tarde. A turma toda vai.

— Incluindo a Thaís? — Pergunto

desanimado.

— Ela não perde uma saída, você sabe disso.

— Deixa para a próxima. Não estou a fim de aturar ninguém no meu pé hoje.

— Você fala isso, mas sempre acabam na sua cama ou na dela. Já te disse que, enquanto você não der um basta de verdade, ela não vai desistir. A culpa é sua que sempre dá esperança para aquela cabeça de vento.

— Quando ela vai acordar para a vida? A mulher não faz nada de útil. Sei que ela não é a única do nosso grupo que não trabalha, mas as outras fazem alguma coisa. Estudam, se envolvem com instituições de caridade, sei lá. Ela só quer saber de farra.

— Você está enganado. Tem outra coisa que ela também tem interesse. Até mais do que as festas.

— Nem começa. — Tento interrompê-lo, mas não surte muito efeito.

— O sonho dela é casar com você, virar a senhora Bernardo e ser sustentada por um homem que não seja o pai dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está perdendo o tempo dela. Não quero nada com a Thaís. Já disse isso para ela diversas vezes. Não tenho culpa se não me escuta.

— Diz que não quer, mas, quando ela começa a investir, não resiste e acaba cedendo. Parece até que não tem outra mulher para ficar ou que não consegue controlar a porra de uma ereção.

— Olha quem fala. Você não pode ver um rabo de saia que já parte para cima. Vai querer falar de mim? Faria a mesma coisa no meu lugar.

Ele vai responder, mas o telefone toca.

— Pode falar, Raquel. — Respondo assim que atendo.

— Bernardo, já estão todos na sala de reunião. Só falta você.

A Raquel, quando veio trabalhar comigo, começou a me chamar de senhor, mas eu cortei. Ela tem idade para ser a minha mãe. Não conseguiria ser chamado com essa formalidade e nem vejo necessidade. Para mim, não é a maneira que ela me chama que importa e sim a maneira como me trata e como desempenha o trabalho dela. E, sobre isso, não tenho o que me queixar, apesar do pouco tempo aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Avisa que já estou indo. — Digo me levantando e pegando a pasta que tenho que levar. — Que horas vocês combinaram? — Questiono ao Daniel enquanto caminho para a porta da minha sala, seguido de perto por ele.

— Nove horas. Quer que eu te pegue? Não vou beber hoje. Essa é a minha vez de ser o motorista. Da outra foi você.

— Pode ser. Tenho compromissos o dia todo. Vou precisar relaxar um pouco e nada como algumas cervejas geladas e um corpo quente para conseguir isso.

— Assim é que se fala. — Diz caminhando para o elevador.

Sigo para a sala de reuniões com a Raquel atrás de mim. Quando vou abrir a porta para entrar, meu celular toca. Olho para o visor, mas não reconheço o número. Desligo e entro na sala.

— Bom dia a todos. — Vou me sentar e o celular volta a tocar. — Só um minuto, por favor. Preciso atender. — Saio da sala com o celular na mão e vejo que é o mesmo número que acabou de me ligar.

Não sei o que me leva a fazer isso, já que

PERIGOSAS ACHERON

não conheço o número. Pelo prefixo, é de fora da cidade. Deve ser algum desses telemarketings para me oferecer algum pacote de TV por assinatura, cartão de crédito ou coisa parecida.

Atendo e ninguém fala nada. Tento mais uma vez e finalmente a pessoa responde.

— Eduardo? — Sinto a dúvida na voz da mulher.

— Não. — Não acredito que saí da reunião para isso. — Qual número você discou? — Espero que ela responda e volto a falar. — É esse mesmo, mas não me chamo Eduardo. Ou ele te passou o meu número, ou você anotou errado.

Escuto enquanto fala com outra pessoa perguntando se está certo e volta a falar comigo.

— Tenho certeza que está certo. Eu já falei com ele por esse mesmo número.

— Olha, eu estava começando uma reunião. Você pode me ligar lá pelas vinte horas? Assim a gente vê se consegue descobrir o que está acontecendo. Você parece bem agitada. Deve estar mesmo querendo falar com esse Eduardo.

— Para falar a verdade, não. É justamente o contrário. — Sinto uma pontada de tristeza na voz

dela.

— E mesmo assim está ligando? Você não está fazendo muito sentido.

— A história é um pouco complicada. Talvez você não entenda mesmo.

— Até quero entender, mas, agora, realmente, não dá. Só estão me esperando para começar. Retorna a ligação mais tarde e a gente tenta achar uma solução. Pode ser?

— Tudo bem. Obrigada pela atenção e desculpa o incômodo. Até mais tarde. — Responde desanimada.

— Até mais tarde. — Desligo e fico olhando para o telefone.

O que foi isso? Por que eu não cortei logo de cara e ainda pedi para ela me ligar outra vez? O que está acontecendo comigo?

Se o Daniel estivesse aqui, tenho certeza que não ia perder a oportunidade para me zoar, dizer que estou com falta de sexo e que conhece alguns lugares onde posso resolver isso fácil.

Sacudo a cabeça para os lados como se para espantar esses pensamentos. Preciso me concentrar na reunião.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisa de alguma coisa, Bernardo? — A Raquel aparece na porta e questiona solícita.

— Não. Vamos voltar para a sala.

Entramos juntos e eu preciso me esforçar para prestar atenção no que estão dizendo. O tempo todo a voz daquela mulher volta a minha cabeça.

Pode parecer estranho, mas a voz dela mexeu comigo de alguma maneira. Fecho os olhos por alguns segundos e começo a imaginar aquela mesma voz chamando pelo meu nome.

Obrigo-me a prestar atenção na reunião e levo o restante do dia da mesma maneira. Chego a pensar em retornar a ligação antes do combinado, porém não o faço. O interesse é dela e o meu dia está cheio demais para perder tempo com esse tipo de coisas.

Acredito que seja algum cara que deu o número errado para tentar despistá-la e ela não aceitou muito bem. Só não entendo o que levaria o cara a fazer uma coisa dessas, já que se ela fizer jus a voz, deve ser linda.

Passo o resto do dia entre uma reunião e outra e, quando estou saindo do escritório recebo uma mensagem do Daniel combinando de passar no

PERIGOSAS ACHERON

meu apartamento às dezenove horas e trinta minutos.

Saio da minha sala, despeço-me da Raquel e sigo para o estacionamento. Não demora vinte minutos e estou entrando no meu apartamento.

Deixo a pasta com o notebook e os papéis que trouxe para casa em cima do aparador e sigo para o meu quarto. Preciso de um banho antes de sair.

Assim que saio do chuveiro, meu telefone toca outra vez. Penso que deve ser o Daniel dizendo que já chegou, mas é o mesmo número que me ligou mais cedo e eu salvei como mulher misteriosa. Acabo sorrindo com a minha idiotice para escolha do nome. Atendo no quarto toque.

— Alô. Desculpa, mas ainda não sei o seu nome.

— Bernardo. Também não sei o seu. — Preciso dar um nome para essa voz.

— Valentina. Olha, não querendo soar repetitiva, mas desculpa. Só retornei a ligação porque não sei mais como conseguiria falar com o Eduardo e queria saber se você o conhece.

— Não. Eu estou com esse telefone já tem

mais ou menos quatro anos, foram poucas as pessoas que ligaram perguntando por ele. Não faço a mínima ideia de quem seja. Sinto muito. Parece ser importante para você.

— Para mim não, mas para a minha filha.

— Volto a dizer que você não está fazendo muito sentido.

— Ele é o pai da minha filha. E, apesar de preferir que eles nunca se conhecessem, ela pediu e não tenho como negar. Preciso encontrá-lo para conversar com ele sobre isso.

— Nossa! Agora entendi o motivo do seu nervosismo.

— Está dando para perceber? Pensei que estivesse conseguindo controlar.

— Precisa trabalhar mais o seu lado atriz.
— Brinco para aliviar o clima.

— Nunca fui muito boa em fingir. —
Percebo que está sorrindo.

Vou responder, mas a campainha toca. Para subir direto assim, só pode ser o Daniel.

— Valentina, eu sei que pedi para você me ligar, porém não vou poder conversar muito agora. Acabaram de tocar a campainha aqui e acredito que
PERIGOSAS ACHERON

seja um amigo meu para sairmos.

— Tudo bem. Já vi que não vai adiantar muita coisa também. Mais uma vez, desculpa.

— Não. A gente volta a se falar amanhã. Vamos conversar mais e descobrir uma maneira de eu te ajudar. Posso ligar para esse mesmo número?

— Pode sim. Muito obrigada, Bernardo. Esse número era a única maneira de contato que eu tinha com ele.

— Nós vamos dar um jeito nisso. Até amanhã. — Despeço-me e desligo.

Capítulo oito

Valentina

Olho para o telefone frustrada. Como eu vou achar o Eduardo agora? A única maneira que eu tinha de encontrá-lo era esse número de telefone.

Quando liguei de manhã, não reconheci a voz, mas achei que tivesse mudado ou algum amigo tivesse atendido. Nunca poderia imaginar que o número fosse de outra pessoa agora. Cheguei até a pensar que era o Eduardo mentindo para mim, porém, não sei explicar o motivo, mas descartei essa hipótese.

Quase não fiz o que me pediu de ligar outra vez, mas a Sofia insistiu. Disse que era a minha chance de conseguir alguma coisa, que eles podiam se conhecer, não sei. A única coisa que sei é que a vontade de esquecer tudo isso e falar para a Rebeca que não achei o pai dela é grande demais.

O problema é que paro para pensar que, se minha mãe fizesse isso comigo, eu não gostaria e, com toda a certeza, ficaria muito chateada com ela. Não quero perder a confiança da minha filha por causa daquele idiota.

Lembro-me da reação da Sofia de manhã.

— *O que ele disse? Não era ele? Anda, Valentina. Pode me contar tudo.*

— *Não fiquei nem dois minutos no telefone, Sofia. O que você acha que ele pode ter me dito demais?*

— *Caramba! Olha só! — Dá um tapa na própria testa. — Esqueci a minha bola de cristal no meu quarto. — Semicerro os olhos para ela. — Como vou saber o que ele falou se você não me contar?*

— *Muito engraçada. — Afasto-me do balcão com ela atrás de mim. — Não era ele. O homem que atendeu disse que o número era esse mesmo. Por isso te perguntei se estava certo, mas acho que ele não conhece o Eduardo. Ele me pediu para ligar mais tarde, pois estava entrando em uma reunião, e disse que vamos tentar descobrir o que aconteceu.*

— *Você acha que pode ser o Eduardo se passando por outra pessoa? — Faz a mesma pergunta que eu me fiz assim que o homem disse não ser ele.*

— *Não acredito. Até passou pela minha*

cabeça, só que não acredito. A voz era bem diferente.

— Tem anos que você não escuta a voz do Eduardo, Valentina. Pode ter se confundido.

— Não sei explicar, Sofia, mas sinto que não é o Eduardo.

— Você vai ligar outra vez, não é?! — Nego com um aceno de cabeça. — Será que ele não pode te ajudar a achar o Eduardo?

— Será? Nem o conheço, Sofia. Como posso ter certeza? Sei que não era o Eduardo, mas se fosse um amigo dele?

— Pode ser que sim, só que essa era a melhor oportunidade que tínhamos de achá-lo. — Faz uma pausa. — Vem comigo que tive uma ideia. — Sai da pousada me puxando para a casa dela.

— O que você está pensando? — Pergunto apesar de saber que ela não vai me responder.

— Você já vai saber. — Entra em casa e segue direto para o quarto dela, ligando o notebook em seguida. — Vamos procurar as redes sociais dele. Pode ter alguma dica de onde encontrá-lo.

— Boa ideia. Onde estão as anotações que

você fez sobre ele? — Questiono me referindo ao que ela me contou que fez assim que descobri sobre a gravidez.

— Aqui mesmo no notebook. — Abre várias abas na internet e entra em um arquivo que nunca reparei. Pega os links e começa a procurar.

— Nada? — Pergunto depois de cinco minutos com ela digitando freneticamente.

— Nada. Sumiu tudo. Como pode? Será que ele fez novos e cancelou esses para você não conseguir mais achar?

— Bem capaz. — Tenho uma ideia. — Procura pelo nome ao invés dos antigos para ver o que aparece.

— Vou fazer isso. — Continua a digitar e procurar em todas as redes sociais possíveis. — Não é possível, Valentina. Nenhum Eduardo que apareceu é ele. O cara sumiu do mapa. Pelo jeito esse carinha é a sua única esperança. Qual o nome dele?

— Não sei. Ele não disse e eu também não perguntei. Fiquei tão perdida de não ser o Eduardo que nem consegui raciocinar direito.

— Quando ligar a noite, você pergunta logo

para não esquecer outra vez. Você vai ligar, não vai?! Antes tínhamos uma outra solução, agora, não. — Questiona olhando para mim de uma maneira que parece estar escutando os meus pensamentos.

— Não sei, Sofia. E se ele não conhecer o Eduardo? O que vai adiantar?

— Valentina, pensa comigo. O número é do Rio de Janeiro, ou você não conseguiria ligar com o prefixo que usou. Só isso já é uma ajuda e tanto. Ele está mais perto do que nós duas. Será bem mais fácil do que para a gente. Quem sabe um amigo de um amigo não conhece e ele te ajuda a conseguir o telefone novo? Liga para ele mais tarde com todos os dados que a gente tem anotados. Você passa tudo para ele e vemos no que vai dar. O máximo que vai acontecer é ele não achar. Só que, se não tentar, a gente nunca vai saber.

— Preferia deixar isso tudo lá no passado. Esquecer que um dia conheci aquele babaca.

— Ahhhh. Eu também queria que você não tivesse conhecido ele, mas lembra que aí a Rebeca não existiria. — Ergue uma sobrancelha para mim. — Nem pense em voltar atrás. Eu te conheço,

Valentina. A Rebeca te pediu e você sempre disse que não mentiria para ela.

— Não vou mentir. Só dizer que não consegui achar. O que é a mais pura verdade.

— Não. Se você não tentar ligar outra vez será mentira, sim.

— Tudo bem. — Acabo cedendo, já que sei que ela está certa.

Volto ao presente com a Sofia me cutucando.

— Você vai ficar aí pensando na morte da bezerra a noite toda ou vai me contar o que ele disse?

— Desculpa. Acabei me desligando. — Sacudo a cabeça para os lados como se para organizar os meus pensamentos e ela ergue a sobrancelha para mim como sempre faz quando vai falar uma das suas gracinhas.

— Quantas vezes você falou desculpa nesses últimos dez minutos?

— Não sei. Estou perdida, Sofia. Nem sei mais o que estou dizendo. Esta é a verdade.

— Ele não conhece mesmo aquele crápula?
— Nego com um aceno de cabeça.

— Não. — Faço um resumo do que ele me falou. — Não sei o que fazer, Sofia. Ele disse que vai me ligar e que vamos dar um jeito nisso, mas qual a garantia que tenho que vá fazer mesmo? Qual o interesse ele pode ter em me ajudar? Não acredito que faça mesmo isso. — Desabafo.

— Ele pode fazer pelo simples fato de te ajudar, Valentina. Nem todo homem é um babaca. Alguns fazem as coisas sem esperar nada em troca.

— E como você pode saber que ele é assim? Nem falar com ele você falou, Sofia. Para de tentar inventar desculpa para tudo. Não vou encontrar o Eduardo e não adianta nada ficar insistindo nisso. Eu vou contar para a Rebeca que não achei e pronto.

— Ahh, mas você não vai desistir mesmo. Essa não é a Valentina que eu conheço. É da nossa Rebeca que estamos falando. Que tal você se colocar no lugar da sua filha? — Fala exaltada.

— Como você acabou de dizer, ela é minha filha. Ninguém mais do que eu quero o bem dela, Sofia. Então, não venha me dizer o que fazer. — Exalto-me também. — Você acha que eu estou gostando disso tudo? Não, droga. O que eu mais

PERIGOSAS NACIONAIS

queria era resolver logo isso mesmo com o medo me corroendo por dentro. Só que eu não posso fazer nada. Eu não faço milagre.

— Meninas, o que está acontecendo aqui? Vão conversar lá em casa e não aqui na entrada da pousada. — A tia Giovana fala se aproximando de nós.

— Não está acontecendo nada, mãe. Só a Valentina que é muito teimosa. — Dou uma gargalhada.

— Eu sou teimosa? Eu? Quem está batendo sempre na mesma tecla aqui? — Vejo quando ela respira fundo antes de me responder.

— Tudo bem. Sei que não sou a pessoa mais delicada e paciente do mundo, mas eu amo vocês duas e me preocupo. Tenho medo que você desista e depois se arrependa. Eu te conheço desde criança, Valentina. Sei de todos os seus medos e traumas com esse assunto. Não quero ver a Rebeca passando pela mesma coisa e nem ver você pelos cantos se sentindo culpada. Não estou tentando passar por cima da sua vontade e muito menos da sua decisão como mãe. É preocupação, amiga. Só isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A Sofia está certa, Valentina. Tenho certeza que se a sua mãe pudesse fazer alguma coisa para te dar uma resposta diferente todas as vezes que você perguntava pelo seu pai, ela teria feito. Vão lá para casa terminar essa conversa em um lugar mais reservado. — Dá um beijo em cada uma de nós e se afasta.

— Vamos lá para casa. Os hóspedes já estão nos olhando. — Faz um sinal com a cabeça indicando um grupo de turista que estava se aproximando e parou para nos olhar.

— Deixa para lá, Sofia. Já tenho problemas demais na minha cabeça para ficar brigando com você. De qualquer maneira, o Bernardo disse que me ligaria. Vamos ver se vai ligar mesmo.

— Se ele não ligar, você liga de volta. — Antes mesmo que eu responda ela volta a falar. — Só mais uma vez. Depois eu paro de te perturbar com isso e a gente vê o que faz, ok?

— Ok! — Acabo cedendo. — Avisa a tia Giovana que eu já fui para casa, por favor. Estou com dor de cabeça e quero deitar para descansar um pouco. Você me cobre hoje? — Pergunto, pois ainda não está no meu horário de saída e não gosto

PERIGOSAS ACHERON

de abusar da nossa amizade envolvendo o meu trabalho.

— Claro que fico. Nem precisava pedir, Valentina. Vai descansar um pouco. Sei que este assunto mexe muito contigo.

— Obrigada. — Agradeço, dou um beijo nela e caminho para casa onde encontro minha mãe e a Rebeca no portão.

— Mamãe. — Corre em minha direção. — Mamãe, você veio mais cedo?

— A mamãe está com dor de cabeça, filha. Fica brincando mais um pouquinho com a vovó que eu vou deitar, tudo bem? — Beijo o rostinho dela que já está no meu colo e abaixo-me para colocá-la no chão.

— Não, mamãe. — Fala agarrada ao meu pescoço. — Eu vou cuidar de você.

Dou um sorriso fraco e não consigo negar. Minha mãe fica nos olhando sem falar nada. Parece que percebe que não quero conversar. Entro com ela no colo, pego um comprimido na cozinha para tomar e sigo para o meu quarto onde me deito com ela.

— A mamãe te ama muito, filha. — Beijo a

testa dela que deita ao meu lado e fica fazendo um carinho na minha cabeça.

— Eu também te amo, mamãe.

E nesse momento tenho certeza que tudo vale a pena. Tudo o que passei e tudo o que sei ainda irei passar vale se no final do dia eu escutar a minha filha me dizendo isso.

Capítulo nove

Bernardo

Desligo e vou abrir a porta. O Daniel entra e vai direto para o sofá.

— Estava fazendo o quê que demorou para atender?

— Estava ao telefone. E você chegou cedo. Cansou de chegar atrasado? — Implico com ele que levanta o dedo médio para mim.

— Não tinha mais nada para fazer em casa. Resolvi vir te perturbar um pouco. Consegui, pelo jeito. Estava marcando com alguma mulher? — Dá um sorriso de canto.

— Nada do que você está pensando.

— Era com a tia Mariana? Para você não estar marcando nada só podia ser a sua mãe ou trabalho, mas duvido que fosse a segunda opção a essa hora de uma sexta-feira. Você não costuma trazer trabalho para casa.

— Não era a minha mãe, muito menos trabalho. — Caminho para o bar que tem no canto da sala para pegar uma bebida para mim.

Não falo do que se trata. Ainda não entendi direito e prefiro guardar para mim, apesar de ter certeza que não vou conseguir por muito tempo. Nunca tivemos segredos um para o outro e o Daniel me conhece bem demais para deixar passar alguma coisa que está mexendo comigo desse jeito.

Não sei explicar o motivo, mas ela desperta alguma coisa em mim. Um instinto de proteção, não sei. Quero saber a história dela, o que tem por trás dessa ligação e quem é o cara que não assumiu a própria filha. Coisa que não consigo entender. Por mais que ele não quisesse ser pai, ela não fez sozinha. Ele tinha obrigação de assumir.

Lembro-me dela dizendo que a filha pediu para conhecer o pai e imagino o quão difícil deve ser para ela. Acabo sorrindo sem nem perceber. A voz dela parece tão doce, mas, ao mesmo tempo, tão forte, que não sei como descrevê-la. Olha o que estou falando. Ainda nem vi a mulher e já quero saber como ela é.

— Que sorriso foi esse? O que você está me escondendo, Bernardo?

— Não sei do que você está falando. — Tento disfarçar, mas sei que já era e que ele não vai

PERIGOSAS NACIONAIS

sossegar enquanto eu não disser o que é.

— Como é que é? Ainda tenta disfarçar? Agora mesmo é que eu sei que tem alguma coisa rolando. Pode falar, cara.

— Não enche, Daniel. Não tenho nada para te falar. — Viro o resto da dose de uísque de uma única vez.

— Desde quando a gente se conhece mesmo? Não tenta me enrolar, seu filho da mãe. Isso só me dá mais certeza que tem alguma coisa acontecendo. Espera! Eu não notei nada disso hoje de manhã. Você não disse que tinha o dia cheio de reuniões? Foi no trabalho? Logo o todo certinho que não gosta de misturar trabalho com prazer. Eu vivi para ver isso. — Fala sem parar e dá uma gargalhada no final.

— Não tem nada disso, Daniel. Não viaja, cara. Não conheci ninguém.

O que não deixa de ser verdade, já que só falei com ela pelo telefone e durante poucos minutos nas duas vezes.

— Sério, cara. Você está me escondendo alguma coisa. Nunca tivemos segredos entre a gente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma mulher me ligou logo depois que você saiu do escritório de manhã. — Acabo cedendo. Sei que não tem jeito e preciso falar alguma coisa ou ele não vai sossegar.

— Você não estava indo para uma reunião? — Questiona sem entender, pois sabe que não atendo nenhuma ligação durante as reuniões.

— Sim. O meu celular tocou na hora que eu ia entrar na sala. Não atendi, mas voltaram a ligar.

— E quem era ela? O que ela queria? Vocês se encontraram na hora do almoço? — Pergunta sem me dar tempo de responder.

— Ainda não sei direito quem é. — Percebo a escolha errada das palavras quando ele ergue a sobrancelha para mim. — E nem sei se vou, antes que você comece a criar várias cenas na sua cabeça.

— Eu finjo que acredito e você pode continuar contando.

— Você está parecendo aquelas fofoqueiras de bairro pequeno que não sossegam até saber de tudo da vida dos outros.

— Não tenta me enrolar que não caio nesse truque. — Solto um suspiro e volto a falar.

— Ela me ligou procurando por um tal de

PERIGOSAS ACHERON

Eduardo. Lembra quando peguei esse número que recebi algumas ligações procurando por um cara? Era esse mesmo nome.

— Aí vocês começaram a conversar e marcaram alguma coisa. — Abre um sorriso. — Esse é meu garoto. Não perde uma oportunidade.

— Não. Ela está procurando por ele, porque tiveram uma filha e a menina quer conhecer o pai. Parece que a única forma de contato dos dois era o número do celular.

— Mas isso já tem bastante tempo. Será que ele mudou de número por isso? Para fugir dela?

— Não sei, mas é uma opção. — Penso sobre isso.

— Pula fora, Bernardo. A mulher já tem uma filha de outro. Isso é furada. Vai que ela tentou dar o golpe da barriga e ele foi esperto e não caiu?

— Esperto? Você chama de esperto um cara que não assumiu a própria filha? Eu tenho outro nome para isso e não é nada parecido.

— Maneira de falar, cara. Só que essa é uma opção.

— Não me parece ser isso. Ela disse que não queria falar com ele, porém não tinha outro

jeito. A menina pediu para conhecer o pai, como já te falei.

— Sei lá. Só acho melhor você não se envolver nisso. Fica de fora que é melhor. E se ela vier atrás de você?

— Ela não é daqui do Rio. O prefixo era diferente. Não sei ao certo de onde. — Faço uma nota mental para ver isso depois.

— Melhor assim. — Não discordo. — Vamos para o bar que é o melhor que fazemos. Lá você encontra alguma mulher com menos complicação.

Talvez seja disso que eu precise. De uma noite de sexo para relaxar e esquecer essa voz que não sai da minha cabeça.

Pego as chaves do apartamento, os documentos e sigo para a porta com ele logo atrás de mim. Seguimos para o bar conversando durante o trajeto.

— Fala, caras. Reservei uma mesa para vocês. A melhor do bar. — O André fala assim que chegamos ao bar.

— Valeu, cara. Já chegou alguém? — O Daniel pergunta enquanto nos cumprimentamos

PERIGOSAS NACIONAIS

com apertos de mão.

— Só a Thaís. Ela já perguntou por você umas três vezes. — Diz olhando para mim.

— Estou correndo de problemas. Vou ficar no bar um pouco antes de ir para lá. Depois que chegar mais gente, eu vou.

— Vou com você. Ela não vai me deixar em paz se eu aparecer lá sozinho.

— Depois falo com vocês. Vou dar uma volta pelo bar para ver se está tudo certo. — O André fala e se afasta de nós.

— Eu te avisei que ela não vai desistir. — O Daniel diz se referindo a Thaís assim que ficamos sozinhos.

— Não posso fazer nada por ela. — Respondo e me aproximo do bar pedindo uma bebida para o barman em seguida.

— Quero ver se vai manter esse pensamento até o final da noite. Olha ela ali. Veio vestida para te impressionar. — Faz sinal com a cabeça na direção onde ela está.

— Estou mais interessado naquela ali. — Indico uma mulher parada no balcão do bar, perto de onde estamos e que não para de me olhar.

PERIGOSAS ACHERON

Levanto o copo que o garçom me entrega em cumprimento e ela devolve o gesto com um sorriso no rosto.

— Bela escolha. Vai investir? Não me parece que precisa de muito trabalho. Ela já está na sua.

— Ainda está cedo. Preciso ver as minhas opções primeiro. Não vou escolher logo de cara.

— Ahh, moleque. Assim é que se fala. Agora sim estou vendo o Bernardo que eu conheço.

Quando estou terminando a minha bebida, vejo a mulher se aproximar.

— Posso me sentar aqui com vocês? Passar a noite de sexta-feira sozinha é muito chato. — Dá um sorrisinho.

— Claro. Vou para a mesa, Bernardo. Depois a gente se fala. — O Daniel diz se levantando.

— Vamos com você. — Respondo. — Ainda está cedo para o que tenho em mente. Vamos conversar um pouco. — Pisco para ela que sorri mais uma vez.

Vejo que o Daniel quer falar alguma coisa, mas se controla por causa dela. Acredito que sei

sobre o que ele quer dizer. Provavelmente quer me falar alguma coisa sobre aparecer na mesa onde a Thaís está com outra mulher, mas não ligo. Ele mesmo vive me dizendo que preciso dar um basta nisso.

— Não perco essa cena por nada nesse mundo. — Diz quando estamos andando e a mulher está na nossa frente comigo a guiando com a mão na cintura dela.

— Que palhaçada é essa, Bernardo? — A Thaís pergunta assim que paramos próximo a mesa.

— Acho bom você nem começar. Não estou com paciência hoje. — Aviso.

— Não acredito que você veio aqui com outra mulher, Bernardo. Como você pode fazer uma coisa dessas comigo?

— Estou indo embora. Não quero problemas. Você não me disse que tinha namorada. — A mulher, que ainda nem sei o nome, me repreende.

— E não tenho. Ela é louca. É só ignorar que ela para. — Falo e me aproximo de uma cadeira para puxar para ela sentar. Vejo quando a Thaís se levanta e vem em nossa direção e resolvo

ir embora. — Vamos para outro lugar.

Dou a mão para a mulher e caminho para sairmos do bar, porém a Thaís se coloca na nossa frente.

— Você não vai a lugar algum com essa aí. Não ouse sair daqui com ela, Bernardo.

— Essa aí, não. Eu tenho nome e pode tirar a sua mão de mim. Se ele não quer nada com você e prefere uma mulher de verdade, não posso fazer nada.

— Thaís, chega. Eu odeio cenas e você sabe disso. Vai procurar outro para azucrinar e me esquece.

Vejo quando as amigas dela se levantam e tentam tirá-la da nossa frente e sigo para a saída do bar.

— Ex namorada ciumenta? — Pergunta quando saímos do bar.

— Não. Nem chegou a ser. Saímos algumas vezes e ela acha que tem direito sobre mim. Nada que deva se preocupar.

— Estou fugindo de problemas, gato.

— Não se preocupe. Cão que ladra, não morde. — Lembro-me que vim com o Daniel e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caminho para o ponto de táxi. — Vamos para o meu apartamento que vou fazer você esquecer toda essa confusão rapidinho. — Pisco para ela que sorri para mim em resposta.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo dez

Bernardo

Acordo com um barulho alto e alguém gritando, mas não consigo definir o que é. Olho para o lado e vejo uma mulher deitada na minha cama completamente nua e lembro-me da noite de ontem. Dou um sorriso. Não sei sequer o nome dela. Nossa noite foi bem movimentada e não tivemos tempo para esses detalhes.

Saímos do bar e viemos direto para o meu apartamento. Recordo-me dela dizendo que quase desistiu de sair comigo por causa da Thaís.

— *Se você não fosse tão gostoso eu desistia e ia procurar outra distração para a minha noite. Não quero problemas e aquela louca tem escrito em negrito justamente isso na testa.*

— *Não se preocupe. Vou te compensar por toda aquela cena. Ela quer um babaca para sustentá-la e acha que vou cair nessa, mas só quero distância. Vamos esquecer aquela maluca que tenho coisas muito mais interessantes para a gente fazer agora.* — *Puxo-a pela cintura e a beijo, encerrando o assunto.*

— Você vai deixar que ela continue gritando lá na porta e não vai fazer nada? Desse jeito ela vai quebrar a porta e seus vizinhos daqui a pouco começam a reclamar. Isso se já não estiverem ligando para o síndico.

Demoro mais alguns segundos para perceber do que ela está falando. O barulho que escutei é a Thaís batendo na porta e gritando. O que essa maluca pensa que está fazendo?

Solto um suspiro e levanto-me da cama. Procuro minhas roupas espalhadas pelo quarto e coloco a primeira bermuda que encontro. As que cheguei ontem, devem ter ficado pela sala, já que começamos por lá.

— Só um minuto que já volto para a gente continuar de onde paramos essa madrugada.

— Eu te avisei que não queria problemas, gato. — Levanta-se, pega o vestido que ficou do lado da cama e começa a se vestir. — Onde está a minha calcinha?

— Aquela que eu rasguei? — Pergunto com um sorriso de lado no rosto.

— Vai logo antes que ela quebre a porta. Só vou ao banheiro e deixo vocês dois sozinhos para

se entenderem.

— Isso é tudo o que não quero. — Respondo e saio do quarto.

Vou a passos lentos para a porta e, quando estou bem perto, escuto a Thaís me ameaçando.

— Se você não abrir esta porta agora mesmo vou fazer um escândalo, Bernardo. Está me ouvindo? Eu sei que você está aí com aquela... — Não a deixo terminar de falar e abro a porta.

— Mais do que você já fez, não é, Thaís?! Daqui a pouco o síndico aparece aqui para reclamar dessa palhaçada. O que você pensa que está fazendo?

— Eu? Eu? O que você pensa que está fazendo? — Grita de volta. — Como você pôde fazer isso comigo, Bernardo? Ficar com uma qualquer na minha frente. — Tenta me bater e eu seguro as mãos dela.

— Não ouse me bater. A minha paciência com você já acabou faz tempo. — Ela se afasta um pouco de mim e limpa o rosto que está cheio de lágrimas. — E não pense que essas lágrimas vão me comover. Onde você estava com a cabeça para vir a minha porta fazer essa bagunça? Desde

quando eu te dou o direito de se meter na minha vida dessa maneira? Com quem eu transo ou deixo de transar é problema meu. Você não tem nada a ver com isso. Entenda isso de uma vez por todas, porra. — Perco o controle e grito com ela.

— Estou indo, gato. — A mulher passa por a gente e fala. Só tenho tempo de segurar a Thaís pela cintura para que não avance nela. — Pode deixar. Solta ela. Essa garotinha mimada vai aprender a não mexer comigo.

— Sua vagabunda. — Grita tentando se soltar de mim.

— Como você acertou? Sou vagabunda mesmo, mas não pego homem de ninguém. Se ele me trouxe para casa dele, não tenho culpa. Você é que não sabe segurar homem. E, agindo dessa maneira, é que não vai mesmo. — Vira-se e sai do apartamento deixando a porta aberta.

Solto a Thaís e me afasto dela. Caminho pela sala passando as mãos pelos cabelos diversas vezes para tentar me acalmar. Já aturei coisas demais dela e não tenho mais paciência para isso. Minha vontade é de pegar o telefone e ligar para os pais dela virem buscá-la aqui e mandar interná-la,

pois não aguento mais. Ela passou de todos os limites dessa vez.

— Sai daqui agora mesmo. — Falo me virando para ela. — Não chega mais perto de mim ou falo para os seus pais tudo o que você já aprontou, incluindo isso que acabou de acontecer. Nós não somos nada um do outro. Eu não te devo porra nenhuma. Não quero te ver tão cedo na minha frente. Só me esquece, cacete.

— Desculpa, Bernardo. É que eu fiquei sem chão quando te vi saindo com ela.

— Desculpa, porra nenhuma. Você sabe que eu odeio escândalo. Que eu odeio chamar atenção e olha o que você fez, merda. Chega, Thaís. Eu tentei não ser grosso com você, mas não dá. Eu não quero nada com você nem hoje e nem nunca. Enfia isso na sua cabeça e sai do meu apartamento antes que eu chame a segurança.

— Você vai se arrepender e vai me procurar. Tenho certeza. — Diz com o rosto banhado de lágrimas.

— Eu já me arrependi, mas foi do dia em que transei com você, isso sim. — Respondo.

Ela vira-se, sai batendo pé e com o rosto

vermelho de raiva.

— Cachorro. Desgraçado. — Ainda a escuto me xingando antes de entrar no elevador.

Fecho a porta e me jogo no sofá. O que eu fiz para merecer essa louca no meu pé? Espero que, dessa vez, ela entenda e me deixe em paz. Não quero ter que falar com os pais dela sobre isso. Eles sempre foram amigos dos meus pais e não quero arrumar inimizade com eles. Coisa que tenho quase certeza que vai acontecer, pois eles são os mais culpados por ela ser assim. Se não mimassem tanto, se não fizessem todas as vontades, ela já teria entendido que não pode ter tudo o que quer.

Levanto-me e vou até a cozinha tomar um comprimido para dor de cabeça. A minha está parecendo que vai explodir depois de toda essa confusão. Volto para a sala e jogo-me outra vez no sofá. Só preciso descansar um pouco. Depois resolvo com o porteiro sobre ela ter entrado sem ser autorizada.

Olho em direção a elas que caminham para mais perto do mar. Andam com os pés na beira da água brincando despreocupadas. Reparo que as

PERIGOSAS NACIONAIS

duas estão com sorrisos nos rostos que irradiam de felicidade.

Começo a me aproximar, mas elas não me veem e, conforme me aproximo, vão se distanciando de mim. Apresso o passo, porém não as alcanço.

Tento reconhecê-las e não consigo. Sinto que são importantes para mim, entretanto não sei quem são. Quero perguntar, mas elas se afastam cada vez mais de mim.

Tento me aproximar mais uma vez. Parece que alguma coisa me segura e me impede de alcançá-las. Corro mais rápido e, quando pisco os olhos, elas desaparecem da minha frente.

Acordo sobressaltado mais uma vez. Não consigo entender o que esse sonho quer dizer e quem são as duas que sempre aparecem. Só sei que elas mexem demais comigo, até mesmo dormindo.

Nunca fui de dar muita importância para essas coisas, mas tenho sempre o mesmo sonho e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não aguento mais não saber o que significa. Sinto como se elas precisassem de mim e não sei como achá-las e nem por onde começar a procurar.

Escuto a campainha tocando. Espero que não seja aquela louca outra vez, ou não respondo por mim. Esfrego o rosto com ambas as mãos e levanto-me para atender. Quando olho, vejo que é o Daniel e abro a porta para que ele entre.

— Pensei que tivesse morrido. — Tenta soar engraçado.

— Bem que tem gente que queria me ver morto, mas não foi dessa vez.

— A Thaís veio aqui? — Olho para ele na mesma hora.

— Como você sabe disso? — Questiono tentando entender.

— Ela passou no meu apartamento antes. Quis descontar em mim. Disse que é minha culpa você ter saído com outra mulher, porque fico incentivando.

— Por que você não me avisou? Belo amigo que eu tenho. — Reclamo.

— Eu tentei te ligar, cara. Seu celular só dava desligado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desliguei ontem à noite. Não queria ser interrompido. — Dou um sorriso sem vergonha para ele que gargalha.

— O que a Thaís aprontou?

— Fez um barraco na minha porta. — Esfrego os olhos com as mãos. E faço um resumo do que ela fez. — Já avisei para ela se afastar de mim ou conto para os pais o que anda aprontando.

— E você acha mesmo que vai adiantar? Eles fazem tudo o que ela quer. Ainda vão colocar a culpa em você.

— Já pensei nisso, mas eles também não gostam de sujar o nome deles. Se eu contar o que ela aprontou aqui hoje, aposto que não vão gostar. Eu tinha que tentar alguma coisa, Daniel. Não aguento mais essa mulher atrás de mim.

— Eu te avisei várias vezes. Você me escutou? Porra nenhuma. Vivia alimentando a maluquice dela.

— Não pensei que fosse chegar a esse ponto de ela vir aqui fazer que o fez. — Sacudo a cabeça para os lados como se para organizar os meus pensamentos.

— É por isso que você está com essa cara

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de quem comeu e não gostou?

— Também. Tive aquele sonho outra vez.

— Conto.

— Ainda isso, Bernardo? Já te disse para não ligar para essa merda. Não acredito nessas coisas e você sabe disso.

— Sei sim, porém não consigo evitar. Esse sonho me persegue. Pelo menos uma vez por semana ele vem. Isso quando não tenho mais. Já tem seis meses que estou nessa. Só queria que parasse ou então que eu conseguisse ver o rosto delas. Saber quem são.

— Acho que você está querendo parar, sossegar com alguém e está projetando isso nos seus sonhos. Está querendo construir uma família e não me falou nada?

— Vai te catar, Daniel. Estou muito bem do jeito que estou. Sem amarras com ninguém. Quero continuar assim por muito tempo ainda.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo onze

Valentina

— Que olheiras são essas? Eu não falei para você descansar ontem quando saiu daqui? — A Sofia pergunta assim que me vê passar pela porta da pousada.

— Não dormi direito. Não consigo tirar aquele assunto da cabeça. — Não entro em detalhes, pois a pousada já está com movimento de hóspedes.

— Fica calma que vamos dar um jeito nisso. Vamos esperar até o final do dia para ver se ele te liga outra vez, caso contrário, você liga para ele. A gente vai conseguir alguma resposta. Nem que para isso eu contrate um detetive particular, mande carta para um programa de TV, não sei. Alguma coisa a gente tem que fazer.

— Tenho até medo quando você fala assim.
— Digo baixinho para que só ela me escute.

— Vamos trabalhar que isso aqui hoje está bem cheio. Ele tem até a noite para te ligar ou a gente vê o que faz, tudo bem?

Aceno com a cabeça em acordo e começo a
PERIGOSAS ACHERON

trabalhar. Não conto para ela o que ouvi a Rebeca falando de manhã ou ela é capaz de ligar agora mesmo para o Bernardo.

Lembro-me que acordei e ela já não estava comigo na cama. Desconfiei que a minha mãe a tivesse colocado para dormir na dela, mas escutei vozes na cozinha.

— *Vovó, a mamãe já achou o meu papai?*
— *Escuto quando a Rebeca pergunta a minha mãe e sinto um arrepio na nuca.*

No fundo, acho que ainda tinha esperança que ela esquecesse esse assunto e deixasse para lá, mas vejo que isso não vai acontecer.

— *Não, meu amor. Ela está procurando. Por que você perguntou por ele? Alguém falou alguma coisa para você?*

Quando escuto minha mãe fazendo essa pergunta, me xingo mentalmente. Fiquei tão concentrada em mim, em não querer falar com ele, que nem mesmo me toquei em perguntar o motivo de ela vir com isso agora.

— *Uma coleguinha da minha escola disse para todo mundo que eu não tenho papai. — Diz com uma voz triste que me corta o coração. —*

Todo mundo ficou rindo de mim.

Estou tão acostumada com a Rebeca, que é uma criança doce e carinhosa, que até esqueço o quanto essas pessoinhas podem ser cruéis dependendo da criação. Sinto vontade de entrar na cozinha e perguntar quem fez isso, mas não quero que ela me veja. Preciso que continue se abrindo para que eu possa entender o que aconteceu e tenho quase certeza que ela irá parar se me ver.

— E por que ela disse isso? — Minha mãe questiona tentando entender o que realmente aconteceu.

— Eu disse que sou uma princesa e ela falou que não posso, porque princesa tem papai e mamãe, mas eu tenho papai. Não tenho, vovó? — Pergunta com voz de choro.

— Claro que tem, meu amor. Todo mundo tem papai e mamãe. As vezes a gente não sabe onde eles estão, ou então estão com o Papai do Céu, mas isso não quer dizer que eles não existam. Se a sua coleguinha falar isso outra vez, você vai responder que, mesmo sem ele aqui perto, você é muito amada, tudo bem? A sua mamãe, a dindinha, o dindinho, a tia Giovana e a vovó, todo mundo te

ama muito.

— A mamãe vai procurar o meu papai?

Olho para ela e vejo que está com a cabeça abaixada e não me seguro mais. Entro na cozinha e caminho para perto dela, abaixando-me a sua frente.

— Eu vou procurar o seu papai, tudo bem? A mamãe promete. — Pego-a em meu colo e a abraço apertado.

Respiro fundo e tento me concentrar no trabalho mesmo com a cabeça completamente fora daqui. Prometi para a Rebeca que vou procurar aquele desgraçado e vou cumprir. Mesmo que para isso eu tenha que ir pessoalmente ao Rio de Janeiro atrás dele. Não me importa que não queria mais olhar para aquele infeliz, que prefiro esquecer que ele existe, o que importa agora é a minha filha e não vou deixá-la passar pelo que eu passei.

Tenho certeza que se a minha mãe pudesse teria feito o mesmo por mim. Se tenho a chance de realizar esse desejo da minha filha, é o que vou fazer. Mesmo com o medo da reação dele, com medo que a minha filha seja destrutada ou algo assim, eu vou procurá-lo. Ele não sabe com quem

está lidando. Se pensa que ainda sou aquela menina bobinha que caiu na conversa dele, está muito enganado.

Tento prestar atenção no que estou fazendo, mas a cabeça não para de bolar ideias de como fazer para achá-lo. Por mais que eu não vá dizer isso para ela, até mesmo a que a Sofia teve de contratar um detetive particular passa pela minha cabeça. O único problema é que sei que isso deve sair muito caro, coisa que eu não tenho como pagar.

Atendo mais um turista que chegou sem fazer reserva e ofereço o único quarto que ainda está vago. Sei que não costumamos usar por não ser tão bom quanto os outros, mas ele aceita, já que era a única opção que tínhamos.

O dia passa nessa agitação e só me dou conta que mal comi alguma coisa quando a Sofia se aproxima de mim com um sanduíche.

— Nossa! Parece que todo mundo resolveu vir para cá esse fim de semana. — Fala parando ao meu lado e me entregando o sanduíche.

— E sem reserva. Não esquece desse detalhe. — Completo. — Sorte que conseguimos acomodar todo mundo.

— Pois é. Até aquele quartinho foi alugado. Tem bastante tempo que não precisamos dele. — Faz uma pausa e volta a falar. — Come logo isso que temos que resolver aquele assunto. Vamos aproveitar enquanto está mais calmo e a Rebeca está com o meu pai.

— Como se eles se desgrudassem. — Digo forçando um sorriso.

Durante a semana, a Rebeca fica na creche e, quando encerra o horário dela, vem para a pousada e fica na casa dos tios, porém, aos sábados, como a creche não funciona e o tio não trabalha, ela fica direto com ele.

No começo eu não queria, mas ele insistiu e não aceitou quando eu cogitei contratar alguém para ficar com ela. Acabei cedendo, já que acabo ficando com ela nos momentos de menos movimento.

— Ele te ligou? — Vai direto ao assunto assim que dou a última mordida. Nego com um aceno de cabeça e ela volta a falar. — Liga para ele, então.

— Ele pode estar ocupado, Sofia. As duas vezes que eu liguei para ele acabei atrapalhando

alguma coisa. Vou esperar mais um pouco.

— Manda uma mensagem para ele. Vai que ele esqueceu. Assim ele te responde se estiver podendo falar.

— Vou fazer isso. — Concordo, pois sei que ela não vai me deixar em paz enquanto eu não fizer alguma coisa.

Pego o celular e mando uma mensagem para ele que nem visualiza.

Bernardo

O Daniel acaba ficando no meu apartamento e pedimos alguma coisa para comer por aqui mesmo. Ligo para um restaurante que fica na rua transversal e eles não demoram a entregar.

Ficamos conversando, um perturbando o outro enquanto comemos e depois ligamos a televisão para assistir ao jogo que está passando. Quando está começando o segundo tempo, a campainha toca.

Penso que pode ser a Thaís outra vez, mas, depois da conversa nada amistosa que tive com o porteiro, acredito que ele não fosse deixá-la subir sem autorização.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será que é a Thaís? O porteiro está querendo ser demitido. — Fala com um sorriso debochado no rosto.

— É meu pai. — Digo quando olho e abro a porta para que ele entre. — Oi, pai. Aconteceu alguma coisa? O senhor não é de vir aqui. Muito menos sem avisar. — Estranho.

— Eu é que pergunto. Sua mãe está tentando falar com você desde ontem e não consegue. O telefone só dá desligado. Para que você tem celular?

— Eu desliguei ontem a noite e esqueci de ligar outra vez. Pior que o Daniel falou disso também e eu nem lembrei.

— Ela já queria chamar os bombeiros, ligar para a polícia, essas coisas. — Brinca. — Eu que a convenci de vir aqui ver se você estava em casa. Liga para ela do meu celular mesmo antes que ela venha aqui e te dê a surra que você não tomou quando era criança.

Estica o telefone em minha direção e faço o que ele diz. Ela atende no primeiro toque. Conhecendo-a como conheço, sei que estava agarrada no celular esperando que eu ligasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpa. — Vou logo dizendo. — Esqueci o celular desligado, mas estou vivo e bem. — Tento amenizar o clima, pois sei que ela deve estar muito nervosa.

— Você não tem mãe, não? Claro que tem. Mas pensar nela que é bom... — Solta um suspiro. — Custava deixar essa porcaria ligada? Não consigo falar contigo desde ontem, Bernardo. Isso não se faz. Eu fico preocupada e você sabe disso.

— Eu sei, mãe. Isso não vai se repetir. Acordei com o Daniel aqui na porta e acabei esquecendo.

Omito que a Thaís veio aqui. Sei que ela vai começar com o sermão se souber o que aconteceu e não estou com cabeça para isso hoje. Conversamos mais um pouco e despeço-me dela prometendo aparecer amanhã para almoçarmos juntos.

— Ela não entrou pelo telefone para puxar a sua orelha? — Meu pai provoca.

— Fica para terminar de assistir o jogo com a gente. Vamos pedir pizza.

— Nada como uma tarde só de homens. Sua mãe que não me escute, filho, mas eu sinto falta disso.

PERIGOSAS ACHERON

— Porque quer, tio. É só aparecer. Seu filho está ficando velho. A gente quase não sai mais.

— E o que fizemos ontem, babaca? — Jogo um pacote de amendoim vazio na direção dele que desvia.

— Agora eu entendi o porquê de você ter desligado o celular. — Meu pai dá um sorriso de lado para mim e arqueia a sobrancelha. — Tem mulher na jogada, não é?

Não respondo. Aproveito que os dois estão conversando e vou para o meu quarto pegar o celular para ligar. Se a minha mãe tentar me ligar outra vez e ele der desligado, é capaz de ela cumprir o que meu pai falou quando chegou.

Quando ligo, vejo que tem uma mensagem de um número que não conheço. Entro para ver do que se trata.

“Boa noite. Sou a Valentina. Eu te liguei ontem e você ficou de me ajudar a achar o Eduardo. Gostaria de saber se vai poder mesmo. É que estou sem opções e não sei mais o que fazer para encontrá-lo.”

Sorrio para o celular e adiciono o número ao contato que salvei dela. Queria retornar a ligação

PERIGOSAS NACIONAIS

agora, mas, com o Daniel e o meu pai aqui, não tenho como. Os dois juntos não vão me deixar em paz se me escutarem falando com ela.

Resolvo mandar uma mensagem e torço para que os dois não fiquem até muito tarde. Não me levem a mal. Amo ficar com eles, mas quero conseguir conversar com ela sem interrupções e sem pressa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo doze

Bernardo

“Estou com visitas em casa. Posso te ligar mais tarde?”

Ela visualiza a mensagem, mas não responde. Espero que não ache que não quero falar com ela ou que estou enrolando, já que toda vez que me liga não posso falar.

Volto para a sala e tento me concentrar no jogo e nos dois homens que estão no meu sofá, porém não consigo. Fico o tempo todo imaginando como ela deve ser, já que não consegui ver a foto que usa de perfil. Acredito que tenha bloqueado para que só os contatos dela possam ver.

— Você está distraído, filho. Tem alguma coisa te preocupando?

— Ele deve estar pensando na mulher de ontem a noite, tio. Seu filho se deu bem. Ou então é na maluca que teve aqui mais cedo. — Dou um tapa na nuca do Daniel.

— Não consegue guardar a porra da língua dentro da boca?

— Do que ele está falando, Bernardo? —
Meu pai me olha sério enquanto pergunta.

— A Thaís esteve aqui. — Conto, pois não
vai adiantar tentar esconder agora. — Ela me viu
com outra mulher ontem e veio fazer um barraco na
minha porta de manhã.

— Sabe a opinião da sua mãe e a minha
sobre ela, não sabe?! Sei que ela é filha dos meus
amigos, mas não é mulher para você, filho. Aquela
garota nunca foi muito bem da cabeça. Sua mãe já
pediu para você se afastar dela mais de uma vez. E
olha que ela não é de se meter na sua vida.

— Eu sei, pai. Já falei diversas vezes para
ela que não quero nada, mas acredito que, agora,
tenha entendido. Cheguei a ameaçar contar para os
pais dela se voltasse a acontecer.

— Você conhece aqueles dois, Bernardo.
Acha mesmo que vai adiantar alguma coisa? Eles
sempre passam a mão na cabeça dela.

— Sim, só que dessa vez peguei no ponto
fraco deles. Eles não querem o nome da família
envolvido em escândalos. Essa é a minha
esperança. Que ela saiba disso e não chegue mais
perto de mim. Não gosto de ser grosso com ela,

porém não vejo outra solução. Vamos mudar de assunto. Não quero perder o meu tempo falando daquela louca.

— Vamos prestar atenção no jogo que a gente ganha mais. — O Daniel diz tentando se redimir depois da burrada que fez. — Cadê aquela pizza que você disse que ia pedir?

Pedimos a pizza e ficamos assistindo o resto do jogo. Quando termina, o meu pai se despede.

— Tenho que ir. Daqui a pouco sua mãe acha que sumi também e manda o BOPE atrás de mim. — Brinca. — A gente se vê amanhã?

— Sim. Prometi para a minha mãe de almoçar com vocês.

— Acho que eu também vou. — O Daniel fala, ainda sentado no sofá.

— Embora? — Implico com a esperança que ele realmente vá.

Preciso mandar uma mensagem para a Valentina e ver se ainda tenho como ligar hoje para ela. Isso se ela ainda quiser falar comigo, mas acredito que, se eu usar o fato de poder ajudá-la a achar o tal Eduardo, consiga convencê-la.

— Não. Almoçar na tia amanhã. A comida

dela é uma delícia. Não dá para perder essa oportunidade.

— Mas é muito folgado mesmo. Alguém te chamou? — Provoco.

— Será muito bem vindo, Daniel. Sabe que a Mariana adora receber os amigos do nosso filho.

O Daniel e eu sempre fomos assim. Um implicando com o outro o tempo inteiro. Quem não conhece a gente pode até pensar que não nos suportamos, mas é justamente o contrário. Daniel é meu melhor amigo desde criança. Daqueles que a gente sabe que pode confiar e contar para o que der e vier.

— Obrigado, tio. Pode deixar que vou aparecer. E não liga para o que o seu filho diz. Eu sei que ele me ama e não vive sem mim. — Pisca para mim e me dá um abraço de lado.

— Não sei o que fiz para merecer você na minha vida. Devo ter jogado pedra na cruz. Só pode.

— Vocês dois não têm jeito. — Sacode a cabeça para os lados, sorrindo. — Até amanhã. — Despede-se e sai.

— Vai fazer o que hoje? — Pergunta assim

que a porta se fecha.

— Dormir. — Respondo e me jogo no sofá.

— Fala sério, Bernardo. Ainda está cedo e hoje é sábado, cara. Vamos sair para pegar umas gatas.

— Quero descansar, já que sei que não vou conseguir amanhã. Sabe muito bem que a dona Mariana não aceita que eu saia de lá cedo quando vou almoçar. Se eu fosse você, aproveitava também. Ela vai fazer o mesmo contigo.

— O velho aqui é você. — Levanta-se e caminha para a porta. — Vou deixar você descansar, idoso. Amanhã a gente se vê.

Não respondo. Só aceno com a cabeça em acordo e ele sai, fechando a porta em seguida.

Pego o celular no quarto para enviar uma mensagem para a Valentina.

“Desculpa a demora. Eles não iam embora. Está podendo falar?”

Ela visualiza na mesma hora e vejo que está digitando.

“Estou sim, mas não quero te incomodar. Você deve estar cansado. Eu vou dar o meu jeito. Obrigada.”

Resolvo ligar ao invés de responder a mensagem. Além de querer escutar a voz dela, ainda preciso convencê-la de que não vai me atrapalhar. Ela atende no segundo toque.

— Você não incomoda. — Vou logo dizendo. — Eu disse que ia te ajudar e cumpro as minhas promessas.

— Detesto dar trabalho aos outros. — Fala e dá um suspiro. — Queria saber por onde começar sem precisar te perturbar, mas não faço ideia.

— Começa me contando essa história direito. Preciso entender o que está acontecendo.

Não digo o real motivo da minha curiosidade. Ela não precisa saber que quero conhecê-la melhor. O que é ridículo, já que nem sei quem ela é, muito menos onde mora.

— A história é longa e nada legal. Você não vai querer saber. — Fala desanimada.

— Você está enganada. Estou curioso desde que nos falamos pela primeira vez.

— Olha, se você for algum amigo do Eduardo ou até ele mesmo querendo me enrolar, saiba que...

— Não sou. Não tenho a menor ideia de

quem seja esse Eduardo. A única coisa que sei é que ele deve ser um tremendo babaca, já que não assumiu a própria filha.

Escuto quando ela respira fundo e espero que volte a falar. Não sei explicar o motivo, porém quero que ela se abra comigo. Não é uma simples curiosidade. Sei lá o que está acontecendo, mas a voz dela tem alguma coisa que me faz querer ajudá-la.

— Tudo bem. — Cede. — Conheci o Eduardo no meu aniversário de dezoito anos. Ele veio passar uns dias aqui na minha cidade e acabamos ficando durante esse tempo. Ele era aquele cara que toda menina quer. Bonito, educado, muito carinhoso, ótimo de papo.

— Algo me diz que a sua opinião sobre ele mudou. — Interrompo-a, pois, não me pergunte o porquê, mas estou incomodado com o jeito que ela fala dele.

— Você não poderia estar mais certo. — Fala com a voz cheia de ressentimento. — Mas a Valentina de alguns anos atrás foi atraída como uma mariposa pela luz.

— Você não tem culpa. — Digo tentando

fazer com que não se culpe. Coisa que já percebi que faz.

— Não foi por falta de aviso. Minha mãe também caiu nesse mesmo papinho com a mesma idade que eu. — Sinto o rancor na voz dela. — Voltando ao assunto. — Solta um suspiro e tenho certeza que falar sobre isso ainda mexe com ela. — Estava tudo perfeito até a camisinha estourar e ele me culpar. Disse que eu estava tentando dar um golpe nele, mas que não conseguiria nada. Foi embora no dia seguinte sem se despedir de mim e me deixando um cheque para poder resolver esse problema. — Raiva transborda da voz dela.

— Filho da puta. — Falo sem conseguir me controlar. — Ele queria que você abortasse?

— Que eu tomasse a pílula do dia seguinte, mas o dinheiro era bem mais do que o necessário para isso. Ele quis garantir que eu tivesse como abortar caso a pílula falhasse. Só que eu não fiz nenhuma das duas coisas. Quando descobri que estava grávida, liguei para ele para avisar. Além de ter me destratado mais uma vez e dizer que não queria saber do filho, eu escutei uma voz de mulher e depois descobri através das redes sociais dele que era noivo. Resumindo, o desgraçado não enganou

PERIGOSAS ACHERON

só a mim.

Fico em silêncio absorvendo tudo o que acabei de ouvir e tentando assimilar. Não consigo me imaginar oferecendo dinheiro para uma mulher abortar um filho meu. Nem mesmo se achasse que ela queria me dar um golpe. O máximo que eu faria era tentar tirar o meu filho dela para que não conseguisse nada de mim.

Não entra na minha cabeça um homem agir dessa maneira. Sei que acontece com bastante frequência, mas simplesmente não consigo aceitar. A criação que recebi nunca permitiria que uma coisa dessas sequer passasse pela minha cabeça.

Agora quem quer encontrar esse Eduardo sou eu. Ele precisa escutar umas verdades. Precisa de alguém que o ensine a ser homem de verdade e assumir os seus atos ao invés de jogar a responsabilidade toda nos costas dos outros.

Ela pode até ter errado também, mas não fez a filha sozinha. Imagino o que ela não passou durante esses anos, já que disse que aconteceu o mesmo com a mãe.

Não tenho ideia se ela tem boas condições para criar a filha, porém acredito que não seja tanto

assim para ele insinuar que ela queira dar um golpe.

Só de pensar em todo o sufoco que ela pode ter passado durante a gestação e todo o resto, já me dá uma vontade incontrollável de socar a cara dele.

— Olha, eu não... — Não deixa que eu complete e começa a falar.

— Se for para você me culpar e me julgar, pode guardar as palavras para si. Não vou escutar calada nem uma besteira sequer.

— Nunca. Só estou pensando em tudo o que vocês passaram. Não consigo entender e aceitar essa atitude dele. — Solto um suspiro. — Você tem certeza que quer um homem como ele perto da sua filha?

— Não sou eu que quero. Minha filha é que quer conhecer o pai. Eu não conheci o meu e sei o quanto isso mexe com uma criança. Não quero ser a culpada pela minha filha passar por isso. Sendo bem sincera, prefiro que ele continue com essa ideia de não querer saber dela, mas não posso negar o pedido que ela me fez. Se tiver como achá-lo, eu vou fazer.

Sinto a determinação na voz dela e acabo sorrindo. Doce, mas forte. É assim que a voz dela

soa para mim.

— Eu vou te ajudar. Nós vamos encontrá-lo.

Capítulo treze

Valentina

Olho para a mensagem e jogo o telefone longe. Chega. Não vou mais correr atrás dele. Sei que o interesse é meu, mas não aguento mais. Toda hora tem alguma coisa que impede.

Continuo mais um pouco na pousada. A Sofia percebe que não estou no meu melhor momento e nem questiona nada. O que agradeço mentalmente. Tudo o que não preciso agora é que ela venha me cobrar de ligar mais uma vez para ele.

Quando estou indo buscar a Rebeca para irmos para casa, o celular apita avisando que chegou outra mensagem. Olho sem vontade nenhuma e vejo que é dele perguntando se posso falar. Ainda tento cortar e digo que não quero incomodar, porém ele me liga mesmo assim.

Ele me pede que conte a minha história para entender direito o que está acontecendo e eu ainda penso que possa ser algum amigo do Eduardo se divertindo as minhas custas, mas ele nega e insiste.

Não sei o que me dá, mas acabo me abrindo com ele e resumindo o que aconteceu. Falo até

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo da minha mãe ter passado pelo mesmo que eu. Ele me escuta, fazendo comentários e perguntas de vez em quando. Chega até mesmo a xingar o Eduardo.

— Eu vou te ajudar. Nós vamos encontrá-lo.

Não acredito no que ouço. Respiro fundo diversas vezes tentando organizar os pensamentos e sentimentos que rodam na minha cabeça me deixando sem ar.

— Meu Deus! — É a única coisa que consigo dizer.

— O que foi? Você está sentindo alguma coisa? Tem alguém contigo? — Pergunta preocupado.

Tento me controlar para respondê-lo, porém ainda demoro mais alguns segundos controlando a minha respiração.

— Estou bem. É que foi um misto de sentimentos agora. A alegria porque vou conseguir realizar o pedido da minha filha, junto com o medo de tudo isso. Sempre tive medo de que ele mudasse de ideia e viesse me procurar para tirar a minha filha de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai conseguir. Juiz nenhum tira um filho de uma mãe assim. — Diz tentando me acalmar.

— No nosso país o que mais conta é quem paga melhor. E ele tem dinheiro. Pode pagar os melhores advogados. — Limpo uma lágrima que desce pelo meu rosto.

— Ei! Fica calma. Não é assim. Você criou sua filha sozinha até agora. Só isso já prova que ele nunca fez questão. Não será agora que mudará de ideia. Pensa positivo.

— É o que sempre tento me convencer a cada ano que passa, mas, as vezes, bate o medo. A Rebeca é minha vida. Não sei do que seria capaz se ele tentasse tirá-la de mim.

— Eu posso sondar primeiro. Ver o que ele pensa antes de você trazer a sua filha. Ele não precisa nem mesmo saber que sei sobre isso. Posso me aproximar e sondar o que ele pensa sobre ter filhos, por exemplo. — Oferece e faz uma pausa. — Posso te perguntar uma coisa?

— Acabou de perguntar. — Respiro fundo e volto a falar. — Desculpa. Eu não sou sempre assim. Estúpida. Pode perguntar.

PERIGOSAS ACHERON

— O que você sente por ele? — Sinto a curiosidade na voz dele.

— Só não te respondo ódio, porque, se não fosse ele, não teria a minha filha, mas está bem perto disso. — Respondo sem precisar pensar.

— Preciso que você me passe tudo o que tem sobre ele. Nome, as redes sociais, tudo. Vou começar uma busca aqui e assim que tiver alguma coisa te passo. Pode ser?

— Você é algum detetive particular ou coisa assim? A Sofia, uma amiga minha, chegou a pensar em contratar um.

— Sou um mero administrador. Serve? — Brinca.

— Pelo menos está mais perto do que eu. Fica mais fácil para você conhecer alguém que seja próximo a ele.

— Sim. Você tem alguma foto dele? Pode ser que eu conheça de vista e nem saiba.

— A Sofia tirou uma na época que ele veio aqui e guardou. Aquela louca tinha razão quando disse que poderia ser útil um dia.

— Esperta essa sua amiga. Vamos fazer assim. Você reúne tudo o que tem sobre ele e me

passa. A gente vai se falando. Qual o melhor número para falar com você? Esse ou o outro?

— Pode ser esse mesmo. O outro é da pousada onde trabalho.

— Pousada? Quem sabe eu não vá conhecer a sua cidade um dia?! Onde você mora? Pelo prefixo do telefone, eu só sei que não é muito distante do Rio. — Respondo e ele volta a falar. — Já ouvi falar. Dizem que é linda. Agora já sei onde ficar quando for conhecer. O telefone da pousada eu já tenho.

— Pode apostar que você vai adorar. Aqui é lindo demais. As praias mais bonitas da região ficam bem próximas a pousada. — Gabo-me.

— Mamãe. Mamãe. A gente já vai para casa? — A Rebeca corre em minha direção.

— A mamãe está no telefone, filha. Espera só um minutinho, ok?!

— Vai dar atenção a ela. Fico aguardando a sua mensagem. Fica calma, ok?! Vai dar tudo certo.

— Deus te ouça. Obrigada mais uma vez. Vou pegar tudo com a Sofia e te passo. Até mais. — Despeço-me e desligo. — Vamos falar com a dindinha? — Pergunto quando me abaixo em frente

a Rebeca.

— Sim! — Grita animada.

Quem escuta essa criança pensa que tem muito tempo que não vê a madrinha. Ela acabou de sair de lá e já está fazendo essa festa. Aquela maluca conquistou mesmo a minha filha. A Rebeca é doida nela.

Pego-a no colo sorrindo e entro na casa dos tios que estão na sala.

— Boa noite, tios. A Sofia está no quarto?
— Pergunto. Ela aparece na porta e faz sinal para com a mão para que eu entre. — Fica aqui que a mamãe tem que conversar com a dindinha e já te chama, tudo bem?

— Temos novidades, pelo jeito. Essa sua cara não me engana. — Diz assim que me sento na cama dela.

— O Bernardo me ligou agora. — A maluca começa a pular pelo quarto. — Para, sua louca.

— Pode começar a me contar tudo o que ele falou. Ele conhece o Eduardo? — Nego com um aceno de cabeça. — Vai te ajudar a procurar por aquele desgraçado?

— Ele me pediu para enviar tudo o que

PERIGOSAS NACIONAIS

tenho dele que vai me ajudar a encontrá-lo.

— O que ele disse? — Senta-se de frente para mim e cruza as pernas.

Faço um resumo de tudo o que conversei com o Bernardo.

— Estou com medo, Sofia. — Admito. — Não queria ter que olhar para a cara dele nunca mais.

— Medo de quê? De ele querer a Rebeca? — Concordo com um aceno de cabeça. — Não vai, Valentina. Fora que, mesmo que queira, não vai conseguir. Você guardou o cheque e o bilhete que ele te deu, não guardou? Ainda tem o fato de ele nunca ter te procurado. Você criou essa menina sozinha. Nenhum juiz te tira a guarda dela.

— O Bernardo disse a mesma coisa.

— Viu? Já gostei desse cara. Ele está certo, amiga. Fica calma que tudo vai ficar bem. Você vai ver.

— Eu até acredito nisso também, Sofia, mas ele tem como pagar os melhores advogados para entrar na justiça. E eu, o que eu faço? Não tenho como arcar com nada disso. Isso está me deixando doida.

PERIGOSAS ACHERON

— Doida você sempre foi, Valentina. Não tem mais jeito. — Implica. — Falando sério, agora. Se ele quisesse alguma coisa, já teria aparecido. Fora que você não está sozinha. Você acha mesmo que eu vou deixar aquele babaca levar a minha afilhada sem fazer nada para impedir? Nem morta. A gente contrata os melhores advogados também. Nem que para isso eu tenha que vender o meu corpinho. — Arregalo os olhos para ela que ri. A maluca ri.

— Deixa de ser maluca, Sofia. Não fala uma coisa dessas nem brincando. — Repreendo.

— Por quê? Acha que não tem quem queira? Está assim de homem querendo o meu corpinho. — Gaba-se e eu percebo o que ela está tentando fazer.

A danada está querendo me distrair. Está tentando me fazer relaxar um pouco e esquecer tudo isso.

— Você não tem jeito, Sofia. Não sei por que te levo a sério.

— Porque estou falando sério. — Ergo a sobrancelha para ela que volta a falar. — Tudo bem. Posso ter falado de brincadeira, mas saiba

que, se precisasse, eu faria sem pensar duas vezes. É da Rebeca que estamos falando. Não estou brincando quando digo que sou capaz de tudo por vocês duas.

— Eu sei, amiga. E agradeço muito por isso. Mas não vamos precisar. A gente dá outro jeito. Agora para com essas maluquices e me manda tudo o que você tem sobre aquele crápula para eu poder enviar para o Bernardo.

— Deixa só eu ligar o notebook aqui que já te mando e você repassa para ele. Ia te perguntar e esqueci. Você viu a foto de perfil dele quando mandou a mensagem?

— Não reparei. Por quê? — Pergunto sem entender onde ela quer chegar.

— Só para saber se ele é bonito. Já pensou? O cara já merece o meu respeito por estar te ajudando, se ainda for gato... — Começa a se abanar e eu começo a rir. — Pega o seu celular para a gente vê.

Faço o que ela diz e entro no aplicativo de mensagem, porém, a foto que tem, não dá para ver o rosto.

— Não dá para ver direito. É dele tocando

violão. — Falo para ela que pega o aparelho da minha mão para ver.

— Será que ele tem alguma banda? A coisa só melhora, Valentina. Olha essas mãos.

— Sofia! Faça o favor de focar no que interessa. — Pego o meu celular de volta. — A única coisa que quero saber dele é se vai realmente me ajudar a achar o Eduardo. Já tenho coisa de mais na minha cabeça para pensar em homem.

— Você está certa. Mas nada impede a gente de convidá-lo a conhecer a cidade e se hospedar aqui. — Pisca para mim. — Pronto. Estou te mandando o arquivo completo. É só você repassar para ele.

Vejo que a mensagem dela já chegou e entro no aplicativo para encaminhar para o Bernardo.

— Feito. Agora é esperar para ver se ele consegue alguma coisa.

Capítulo quatorze

Bernardo

Não consigo tirar aquela foto da cabeça desde ontem quando recebi. O jeito que ela olhava para ele me deixou com inveja daquele babaca. Como um homem tem uma mulher linda como ela nas mãos e faz o que ele fez?

Fiquei um bom tempo encarando a foto para só depois olhar o restante da mensagem. Fiz uma busca rápida e descobri que as redes sociais dele foram desativadas, coisa que ela me disse já saber quando falei com ela mais tarde.

Joguei o nome dele no site de busca, mas não tive muita sorte. Apareceu pouquíssima coisa. Quase nada além dos nomes dos pais, porém não pretendo usar, pelo menos, por enquanto. Não tenho certeza se eles sabem o que o filho fez e tenho medo que queiram fazer justamente o que a Valentina teme que é tentar tirar a filha dela.

Prefiro conversar com ele primeiro, até porque, se eu for direto aos pais, ele pode ficar com raiva e descontar nelas duas. Tudo o que eu não quero é que elas sofram mais do que já devem ter

sofrido.

Tentei fazer com que ela se abrisse um pouco mais, mas não consegui. Já percebi que ela se fechou depois do que aconteceu, porém não posso julgá-la. Não deve ser fácil ser mãe solteira aos dezoito anos.

Ontem acabei pegando no sono enquanto olhava para a foto. O que ela nem imagina é que fiz uma edição para mim onde o tal Eduardo não aparece. O problema é que agora toda a vez que fecho os olhos, a vejo com aquele mesmo olhar e sinto como se tivesse olhando para mim.

— Larga essa faca agora. Anda, Bernardo. Você vai se cortar.

Percebo que me distraí enquanto ajudava a minha mãe a preparar o almoço na cozinha da casa deles. Fiquei tão entretido com os meus pensamentos que quase cortei o dedo junto com os legumes.

— Não precisa, mãe. Já estou prestando atenção. — Digo quando ela tenta pegar a faca da minha mão.

— Deixa isso aí e me conta o que está te deixando assim, tão distraído. O que aconteceu?

PERIGOSAS NACIONAIS

Tem alguma coisa te incomodando que eu sei.

— Será que algum dia vou conseguir esconder alguma coisa da senhora?

Sempre tive uma relação muito boa com os meus pais. Eles sempre conversaram comigo sobre tudo e me ensinaram desde pequeno a procurá-los em qualquer situação. Cresci ouvindo que eles eram meus amigos e não só os meus pais. Tudo o que acontecia comigo eu corria para contar para eles. Até mesmo quando fazia alguma burrada.

Foi assim quando acabei não resistindo e me deixando levar pelas tentativas da Thaís de me levar para a cama. No dia seguinte estava na porta deles para conversar, mesmo sabendo que levaria em tremendo sermão.

Reclamei de o Daniel contar para o meu pai o que aconteceu, mas acabaria falando eu mesmo. Prefiro que eles fiquem sabendo das coisas por mim.

— Eu te conheço, meu filho. Sei quando tem alguma coisa te preocupando ou incomodando. Ainda é sobre a Thaís?

— Meu pai já foi te contar? Esse coroa não sabe guardar segredos? — Brinco.

PERIGOSAS ACHERON

— Quer que ele esconda as coisas de mim?
— Ergue a sobrancelha para mim. — Para de disfarçar e me fala logo o que aconteceu. Estou sentindo você pensativo desde que chegou aqui. É alguma coisa que eu possa te ajudar?

— Acho que não. Nem é comigo, para ser sincero.

— Filho, você não está fazendo muito sentido. Anda. Deixa isso aí e senta aqui comigo para a gente conversar. Depois terminamos o almoço. Seu pai e o Daniel estão tão distraídos que nem vão perceber se demorarmos um pouco mais.

Faço o que ela pede e sento-me ao seu lado a mesa da cozinha. Penso por onde devo começar a contar o que está acontecendo e começo a falar.

— Lembra que há quase cinco anos eu troquei o número do meu telefone por estar tendo problemas? — Ela acena com a cabeça em acordo e eu continuo. — Às vezes me ligavam procurando um homem. Na sexta-feira ligaram outra vez.

— E você está assim só por isso? — Olha-me de um jeito que deixa claro que não acredita que seja isso.

— Não. Eu percebi que a mulher estava

bem nervosa e acabei conversando com ela para tentar ajudá-la de alguma forma. Descobri que ela tem uma filha com o tal de Eduardo e a menina pediu para conhecer o pai.

— Você não pode se meter nisso, Bernardo. Deixa que os dois se entendam.

— Só que o número do meu telefone era a única forma de contato deles. Ele não quis assumir a filha quando ela engravidou e eles nunca mais se falaram. Só agora que a menina pediu que ela voltou a ligar.

— Você não sabe nem que é esse rapaz, como vai poder ajudar em alguma coisa?

— Eu sou a única esperança dela, mãe. Ela não mora aqui na cidade. Eles se conheceram quando ele foi passar alguns dias na cidade dela. Quando ela engravidou, tentou falar com ele, mas ele não quis saber de nada e ela ainda descobriu que ele era noivo.

— A história só piora, filho. Tem certeza que você quer se envolver nisso?

— Já estou envolvido. Ela não queria procurar por ele. Disse que preferia passar o resto da vida sem ter que olhar para a cara dele, mas que

não pode negar o pedido da filha.

— Eu entendo o lado dela, mas não vejo onde você se encaixa nisso tudo. Se você não conhece, como vai ajudar em alguma coisa?

— Ela me passou tudo o que tem dele, que não é muita coisa. Só o nome, redes sociais, que foram desativadas, e uma foto deles dois. Fiz uma busca rápida ontem a noite mesmo. Só consegui achar os nomes dos pais.

— Quem são? Quem sabe eu não conheço?
— Respondo os nomes e ela volta a falar. — Já escutei falar, mas acho que nunca vi. Só sei que andam um pouco sumidos nos últimos tempos. Parece que vivem viajando.

— Menos mal. — Olha-me sem entender.
— A Valentina tem medo que ele tente tirar a guarda dela. Até pensei em procurar os pais, mas mudei de ideia justamente por isso. Se eles não souberem de nada e resolverem entrar na justiça? Melhor não arriscar.

— Nome bonito. Valentina. É forte. — Fala e fica com ar pensativo. — Ela também é bonita igual o nome?

— Ela é linda, mãe. A foto que eu vi é

antiga. Da época em que eles se conheceram, mas, mesmo que tenha mudado, não tem como ter ficado feia. — Ergue a sobrancelha para mim e percebo o que ela fez.

Passo a mão pelos cabelos e olho para o outro lado tentando disfarçar, mas agora não dá mais. Dona Mariana não dá ponto sem nó e me pegou direitinho.

— Você não acha que essa história já está enrolada demais para você entrar no meio? Ela nem mora aqui, Bernardo.

— Mãe, não inventa. Nem sei se vou conhecê-la pessoalmente. Não tem nada disso que a senhora está pensando. Eu só quero ajudá-la por causa da menina.

— Claro. Não tem nada a ver com o fato de ela ser bonita, não é mesmo? E eu nasci ontem. Filho, já disse que te conheço. Eu vivo dizendo para você arrumar alguém, mas não para se machucar no processo.

— A senhora está imaginando coisas. Eu não vou me machucar.

— Não pense que homem não sai machucado de relacionamentos, filho. Isso acontece

com mais frequência do que você imagina. Além de todos os problemas que vem com ela, ainda tem o fato de morar longe. Você acha mesmo que isso daria certo?

— Eu acho a mulher bonita e a senhora já está fazendo planos para me casar. Não acelera as coisas, mãe. Quem quer me ver casado e a senhora e não eu. Ainda não quero me prender a ninguém.

— E vai começar a me dar netos quando? Quando eu não aguentar mais brincar com eles? Nada disso. Pode começando a pensar sobre esse assunto. Não quero ter que andar de andador junto com os meus netos.

— Vamos voltar a fazer o almoço que ganhamos mais.

— Tudo bem. Quer fugir do assunto? Ok. Mas antes me promete que vai tomar cuidado para não se machucar. Se você ver que está se envolvendo, contrata alguém para fazer isso por você e pronto. Sua consciência vai ficar tranquila e o seu coração seguro.

— A senhora vê romance em tudo, mãe. Começa a fazer essa comida que os dois não demoram muito para invadir a cozinha dizendo que

PERIGOSAS NACIONAIS

estão com fome.

Ela não me responde. Sorri para mim com ar de quem sabe tudo e volta a cozinhar. Fico pensando em tudo o que ela me falou. Não estou me envolvendo. Achar uma mulher bonita nunca foi sinônimo disso para mim. Fora que ainda nem conheço a Valentina. Como posso estar me apaixonando como a minha mãe está imaginando?

Tento me concentrar para continuar cortando os legumes sem cortar junto as cabeças dos meus dedos e ela volta a falar.

— Deixa isso aí que eu faço e vai lá ficar com eles. Você vai acabar se machucando. Vou fazer mais rápido se não precisar me preocupar com o meu filho perdendo os dedos. — Brinca e me empurra para fora da cozinha.

Fico na sala conversando com o meu pai e o Daniel até que ela avisa que o almoço está pronto e nos chama para almoçarmos. Comemos em um clima descontraído e ela não toca mais no assunto.

Depois que terminamos, ela traz pavê de paçoca que eu amo para a gente comer. Como sempre acontece, o Daniel e eu praticamente acabamos com o doce.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desde crianças que somos loucos por doces. Minha mãe costumava nos chamar de formiguinhas. Procuro fazer uma dieta balanceada, mas, aos finais de semana, não resisto e acabo fugindo um pouco desse controle.

Assim como todas as vezes que venho almoçar com eles, minha mãe não me deixa sair cedo. Acabo ficando até a noite e jantando com eles também.

Esse foi um dos tratos que fiz com eles quando saí de casa. Pelo menos uma vez por mês, passamos o domingo juntos. Ou no meu apartamento, ou no deles. Sendo que, quando é no meu, a minha mãe chega com todas as comidas prontas. Não adianta dizer para ela que tenho tudo em casa e que sei fazer. Ela sabe ser teimosa quando quer e diz que enquanto eu não arrumar uma mulher para roubar o lugar dela, vai cuidar de mim e me mimar.

Passo para deixar o Daniel em casa e sigo para o meu apartamento. Assim que entro, jogo-me no sofá e pego o celular para ver a hora. Queria ligar para a Valentina, mas já está tarde. Resolvo mandar uma mensagem para ela.

PERIGOSAS ACHERON

“Hoje não consegui muita coisa. Só uma informação sobre os pais dele. Prometo que amanhã vou pesquisar mais. Assim que souber de alguma coisa, te aviso. Boa noite.”

Ela visualiza na mesma hora e vejo que está digitando. Não demora e a resposta chega.

“Era para você aproveitar o dia com os seus pais. Já disse que não gosto de dar trabalho. Desse jeito vou ter que pedir para você parar. Obrigada por me ajudar mesmo sem me conhecer. Boa noite.”

Penso em responder que a gente pode resolver isso, mas sinto que se o fizer, ela vai fugir de mim e se afastar.

Afastar? Como se fossemos próximos para isso acontecer. Acho que a minha mãe tem um pouco de razão. Estou me envolvendo demais com isso tudo. Preciso ter os dois pés no chão a respeito dela. Além de morar longe, a Valentina não me parece estar procurando por um relacionamento. Muito pelo contrário. Acredito que tudo isso tenha deixado completamente fechada a essa opção.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo quinze

Bernardo

— Raquel, segura todas as ligações, por favor. Preciso resolver uma coisa agora de manhã.
— Falo assim que entro na minha sala na segunda de manhã.

— Precisa de alguma coisa? Um café, uma água? — Pergunta solícita.

— Traz uma xícara de café e um misto quente para mim, por favor. Saí de casa tão apressado que nem tomei café da manhã. Obrigado.

Vou direto para o meu computador e começo a pesquisar sobre o tal de Eduardo. Preciso descobrir mais alguma coisa. Tenho que achar uma maneira de chegar até ele sem que acabe prejudicando a Valentina.

Valentina. Só de me lembrar da foto dela já abro um sorriso involuntário. O que é ridículo. Tenho vinte e oito anos e não me lembro de já ter tido essa reação a uma mulher. Nem mesmo durante a minha adolescência. Minha sorte é que a minha mãe e o Daniel não estão aqui, ou não me deixariam em paz.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não faz sentido eu me sentir assim em relação a essa mulher. Falei pouquíssimas vezes com ela e nem mesmo a conheço pessoalmente. Meu tio Antônio diria que me apaixonei pela voz e que não adianta fugir, pois não tem mais jeito.

Discordo dele completamente. Ele tem o costume de ser muito romântico. Não sei como está sozinho até hoje e, sempre que o questiono sobre isso, diz que só se ama uma vez e que a chance dele passou.

Já tentei sondar mais de uma vez o que aconteceu, mas ele só responde que não gosta de falar do assunto e se esquivava de todas as perguntas. Meus pais dizem que não sabem do que se trata e que ele ficou assim depois do acidente que sofreu quando tinha vinte e um anos e que o deixou em uma cadeira de rodas.

Eu era pequeno, tinha apenas quatro anos, e não me lembro de quase nada. Somente do que eles me contam. Só sei que os meus avós, que adotaram ele quando bebê, já eram bem idosos e quem segurou a barra foi o meu pai e a minha mãe.

Volto ao presente com uma batida na porta e a Raquel aparece em seguida com uma bandeja

PERIGOSAS ACHERON

com o que pedi.

— Mais alguma coisa?

— Não. Só isso mesmo. obrigada, Raquel. Qualquer coisa eu te chamo.

Ela sai em seguida sem dizer mais nada e me deixa em paz para me concentrar na pesquisa que tenho que fazer. O que gosto dela é isso. A Raquel, além de ser muito eficiente no seu trabalho, tem o dom de entender quando não quero conversar e me deixa em paz para fazer o que for. Já tive algumas secretárias aqui que, por mais que eu pedisse para não ser interrompido, toda hora entravam ou ligavam para me incomodar com besteiras que elas mesmas poderiam resolver.

Concentro-me na tela do computador e jogo o nome do Eduardo mais uma vez no site de pesquisa, mas não tenho sucesso. Só aparecem coisas antigas. Nada que possa me ajudar a saber onde ele está agora.

Entro nas redes sociais para ver se acho alguma recente, porém não consigo nada também. Começo a me preocupar que não vá conseguir nada para que a Valentina consiga realizar o pedido da filha.

Resolvo pegar a foto que tenho dele e jogar na busca por imagem e tenho mais sorte. Aparece ele com outro homem, que deve ter a mesma idade dele na foto, e uma mulher mais nova. A foto parece antiga, mas o que me chama atenção é o homem do lado dele. Eu o conheço de algum lugar. Forço a memória e me lembro de onde. Ele trabalha aqui no prédio. Já pegamos o elevador diversas vezes juntos. Só preciso me lembrar qual é o andar que ele desce.

Mando imprimir uma foto e vou até a recepção. Tenho certeza que as recepcionistas do prédio ou até mesmo os seguranças poderão me ajudar a descobrir quem ele é.

— Você vai embora, Bernardo? — A Raquel questiona quando me vê caminhando para o elevador.

Não me dou ao trabalho de responder. Nego com um aceno de cabeça e sigo para a recepção. Assim que chego, me aproximo do balcão para perguntar se alguém o reconhece.

— Bom dia. Vocês podem me ajudar a tirar uma dúvida? — As duas sorriem para mim e chegam mais perto. — Eu conheço esse homem

aqui. Sei que ele trabalha aqui no prédio, mas não me lembro do nome e nem mesmo do andar onde posso encontrá-lo. Vocês saberiam me informar?

— Claro! Esse é o doutor Gustavo. Ele é sócio do escritório de advocacia do sétimo andar.

— Ok. Muito obrigado. — Sorrio para elas que retribuem e caminho de volta para o elevador, porém não vou para o meu andar. Sigo direto para o escritório dele para ver o que descubro.

— Bom dia. Em que posso ajudá-lo? — A recepcionista me cumprimenta assim que entro.

— Estou procurando pelo doutor Gustavo. Ele se encontra?

— Doutor Gustavo não vem hoje. Ele teve que fazer uma viagem e não tem dia para voltar. É só com ele? Não quer falar com outro advogado?

— Não. Seria só com ele mesmo. Você pode me fazer um favor? — Ela acena com a cabeça em acordo e eu volto a falar. — Fica com o meu nome e telefone e pede para ele entrar em contato comigo assim que chegar. Eu trabalho aqui no prédio mesmo, só que no oitavo andar. De qualquer forma, eu volto a procurá-lo. — Tiro um cartão do bolso e entrego para ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode deixar que dou o recado. Posso ajudar em mais alguma coisa?

— Só isso mesmo. Obrigado e tenha um bom dia.

Volto para o meu escritório e a Raquel tenta falar alguma coisa comigo, mas sigo direto para a minha sala e descubro antes mesmo que ela comece a falar o que tinha para me dizer.

Encontro o Daniel sentado em minha cadeira de frente para o meu computador olhando para a tela que deixei aberta com a pesquisa que estava fazendo sobre o Eduardo.

— Não sabia que você tinha virado detetive particular. — Fala com deboche.

— Você não tem mais o que fazer? Tem mesmo que ficar aqui tomando conta da minha vida? — Desconverso.

— Bernardo, ele... — A Raquel tenta fala, mas interrompo-a.

— Pode deixar, Raquel. Ele é abusado assim mesmo.

Ela sai a minha sala e eu fecho a porta. Caminho para a minha mesa e o Daniel se levanta para que eu me sente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É sério isso, Bernardo? Você vai mesmo se meter nesse assunto?

— Daniel, na boa, não estou com a mínima vontade de discutir com você. Eu vou ajudar a Valentina a encontrar esse cara e pronto. Nada do que você me falar vai fazer com que eu mude de opinião sobre isso. Se você veio aqui para isso, pode ir embora.

— Ei! Sou eu. O Daniel. Só falei, cara. Relaxa.

— Tudo bem. — Passo a mão pelos cabelos. — Ela não tem outro jeito de achar o cara e a filha quer conhecer o pai. Eu vou ajudar a achar e pronto. Nada demais. Não vejo o porquê de não ajudar.

— Só acho que você pode acabar se enrolando nessa história. Quem te garante que ela está falando a verdade? E se ela tiver tentado dar um golpe no cara e agora está vindo para cima de você?

— Não acredito nisso. Ela nem mora aqui, Daniel. Nem sabe quem eu sou. Como ia saber sobre o número do celular que peguei de outro cara? Não faz sentido você pensar assim. — Tento

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

convencê-lo de que não corro esse risco, pois sei que, no fundo, é só preocupação.

— Sei lá, Bernardo. Você tem dinheiro, cara. Vai que ela ligou para falar com ele, mas, já que não conseguiu, resolveu tentar com você.

— Ela nem sabe o meu sobrenome. — Arqueio a sobrancelha para ele que solta um suspiro.

— Já vi que nada do que eu falar vai adiantar. Só fica de olho aberto, ok? Bom, eu já vou indo. — Caminha em direção à porta.

— Espera. — Peço. — Não vai dizer o que veio fazer aqui?

— Estava passando aqui e, como estava cedo para a reunião que tenho, resolvi entrar para falar com você, mas já está na minha hora. Depois te ligo.

Aceno com a cabeça em acordo, despeço-me dele e ele sai.

Fecho as abas que deixei aberta no computador e resolvo me concentrar no meu trabalho, por enquanto. Já vi que não vou conseguir muita coisa. Prefiro esperar para falar com o amigo dele.

PERIGOSAS ACHERON

Mando uma mensagem para a Valentina avisando que ligo para ela mais tarde e que tenho novidades. Ela responde na mesma hora me agradecendo e dizendo que aguarda a minha ligação.

Forço-me a prestar atenção no trabalho o restante do dia e, assim que chego em casa, antes mesmo de tomar banho, mando uma mensagem para a Valentina perguntando se ela pode falar. Ela responde que sim e eu ligo para ela na mesma hora ansioso para contar para ela o que descobri.

A quem eu quero enganar? Esta é a desculpa que uso para poder escutar a voz dela mais uma vez.

Por mais que a minha mãe e o Daniel fiquem me alertando para não me envolver, não consigo tirá-la da cabeça. Passo o dia inteiro pensando nela e querendo ouvir a sua voz.

Ela atende a chamada no primeiro toque e escuto a voz da menina falando ao fundo.

— Quem é, mamãe?

— É um moço que está ajudando a mamãe em uma coisa, filha.

— A procurar o meu papai? — Sinto um

aperto no peito quando ela pergunta isso.

Tenho vontade de pedir para falar com ela e prometer que vou achá-lo, mas não acho que seja uma boa ideia. Ainda não tenho certeza que vou conseguir e tudo o que não quero é iludir essa criança com promessas que não sei se posso cumprir.

— Rebeca, vem com a dindinha, vem. Vamos deixar a mamãe conversar com o moço. — Ouço uma voz de mulher dizendo.

— Desculpa por isso. — Pede. — Ela está em uma fase que tudo quer saber.

— Não tem problema. Só não digo para você dizer que sim, pois ela pode criar expectativas. Melhor esperar um pouco.

— A Sofia vai distraí-la. — Sinto que está sorrindo quando fala. — Você disse que tinha novidades. Conseguiu encontrar aquele traste?

— Ainda não. — Tento disfarçar a alegria em minha voz por escutá-la falando assim dele. — Descobri que uma pessoa que conhece ele trabalha no mesmo prédio que eu. Fui procurá-lo, mas ele está viajando.

— Estava bom demais para ser verdade. —

Diz desanimada.

— Ei! Não desanima. Uma hora ele terá que voltar. Já deixei recado no escritório dele e vou pedir para me avisarem da recepção se virem ele por lá também. Fora que, sabendo onde ele trabalha, é muito mais fácil. Já é melhor do que nada. A gente não sabia nem por onde começar. — Tento animá-la.

— Você está certo. Obrigada pela ajuda. Não sei nem por onde começar a te agradecer.

— Não precisa se preocupar com isso. — Penso em alguma maneira de puxar assunto com ela, mas, antes que eu o faça, escuto um barulho e ela volta a falar.

— Tenho que desligar. Preciso ver o que aquelas duas estão aprontando. A Sofia quando se junta com a afilhada parece ter a mesma idade.

— Tudo bem. Só liguei para te contar mesmo. — Tento enganar a mim mesmo. — A gente vai se falando, ok? Se eu conseguir mais alguma coisa, mando mensagem para você.

— Obrigada, Bernardo. — Sinto um arrepio na nuca quando ela diz meu nome. — Boa noite. — Despeço-me. Desligo e passo o resto da noite

PERIGOSAS NACIONAIS

pensando nela me chamando.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo dezesseis

Valentina

A semana passou se arrastando e nada do homem que o Bernardo falou voltar de viagem. Hoje já é quinta-feira e a única coisa que falam para ele no escritório é que ainda não sabem quando o Gustavo chega.

Tenho falado todos os dias com o Bernardo. Ele sempre me liga quando chega do trabalho e tenta me distrair falando de coisas aleatórias. Se não fosse ele e a Sofia, eu já teria pirado com essa falta de notícias.

Outra coisa que aconteceu essa semana foi a Rebeca começar a conversar com ele. Ela atendeu o meu celular um dia enquanto eu estava no banho e, agora, eles se falam todos os dias. Sempre que ele me liga pede para falar com ela ou a própria Rebeca corre para perto de mim e falta pouco tirar

o telefone da minha mão para falar com o tio Bê, como ela chama.

Sorrio sem conseguir controlar. Ele tem uma paciência e carinho com ela que parece que se conhecem há muito tempo. Ela não consegue falar o nome dele direito e ele insistiu que ela o chamasse de tio Bê, mesmo eu dizendo que não precisava.

Fico com um pouco de medo dessa proximidade deles, mas não consigo evitar. A Rebeca se apaixonou pelo Bernardo desde o primeiro dia em que se falaram e não tem nada que eu faça que mude isso. Ela passa o dia inteiro falando dele para quem quer que seja. É tio Bê é legal para cá, tio Bê conversa comigo para lá. Parece que não tem outro assunto. Nem tem mais me perguntado sobre o pai. O que me deixa com medo também. Fico preocupada que ela projete no Bernardo essa figura e se machuque quando ele se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

afastar. O que vai acontecer qualquer dia desses. Ele já está fazendo muito por nós e não tem obrigação nenhuma com a gente.

Confesso que vou sentir falta das nossas conversas. Eu me divirto com ele contando sobre o seu dia. Às vezes acho que ele inventa ou aumenta um pouco só para me fazer rir, mas não ligo. Fora a Sofia, não tenho muitos amigos, e, ele, apesar da distância que existe entre nós, bem que poderia ser um.

Depois do que aconteceu acabei me fechando para os outros homens. A Sofia sempre reclama comigo por isso, porém não consigo evitar. Eu até saio, fico com um ou outro, mas não fiz mais amizades com homem nenhum. Sempre acho que não posso confiar neles. O engraçado é que, apesar de não o conhecer direito, não penso isso do Bernardo. Eu confio nele. Consigo até mesmo me abrir durante as nossas conversas. Ele sabe mais do

PERIGOSAS ACHERON

que eu passei nesses anos do que todos os homens daqui juntos. Sem contar com o tio Vinícius. Esse estava do meu lado em cada momento e eu confio de olhos fechados. Ele é o pai que eu não tive.

— Nada ainda? — A Sofia pergunta se aproximando de mim.

Ela não precisa explicar do que está falando. Estou esperando o Bernardo me ligar para dizer se descobriu alguma coisa. Ele me mandou uma mensagem mais cedo dizendo que tinha uma coisa para me falar e que me ligava a noite. Não sei se ele conseguiu falar com o Gustavo ou se arrumou outra maneira de achar o Eduardo.

— Nada. Mas ainda está cedo. Ele costuma ligar mais tarde. — Olha para mim e sorri. — Nem começa que eu já sei que você vai falar.

— Mas eu nem falei nada. — Finge inocência.

— Foi você mesma quem reclamou que eu

PERIGOSAS ACHERON

não tenho amigos, Sofia. É só isso.

— Claro. Quem não quer um amigo gato?

— E você já viu alguma foto dele, por acaso? — Ergo a sobrancelha para ela que sacode os ombros como se não tivesse importância o que acabei de falar.

— Não preciso. A que você me mostrou dele tocando violão já foi o suficiente.

Vou responder, mas meu telefone toca. Pego para ver quem é e vejo o nome do Bernardo no visor. Atendo no segundo toque e a Rebeca entra correndo no meu quarto.

— É o tio Bê? — Pergunta animada.

— É sim, mas a mamãe tem que falar com ele primeiro. Depois eu deixo vocês conversarem, tudo bem? — Ela concorda com um aceno de cabeça contrariada e senta na minha cama para esperar.

— Eu posso falar com ela antes, Valentina.

Não me importo. — Diz assim que digo alô.

— Não. Ela espera. Quero saber o que você tem para me falar.

— Não sabia que você era curiosa. — Brinca.

— Não sou. Só não aguento mais não saber de nada. Estou me sentindo presa, como se não pudesse sair do lugar e não aguento mais.

— Fui procurar pelo Gustavo outra vez. — Vai direto ao assunto. — Disseram que ele voltava hoje a noite de viagem e que amanhã vai ao escritório de manhã. Vou tentar falar com ele antes mesmo disso. Já me disseram a hora que ele costuma chegar e vou esperar na recepção do prédio para não correr o risco de não encontrar com ele.

— Obrigada, Bernardo. Não sei o que faria se tivesse sido outra pessoa a atender a minha ligação. Duvido que tivesse a sua boa vontade em

PERIGOSAS ACHERON

me ajudar desse jeito.

— Não precisa agradecer. Não me custa nada te ajudar.

— Custa o seu tempo. E ainda me liga todo dia para dar satisfação, tem que aturar a minha malinha sem alça. — Ela olha para mim e sorri.

— Eu adoro conversar com vocês, Valentina. Não é esforço nenhum. Vocês ajudam a melhorar o meu dia. Chego em casa de cabeça quente por conta do trabalho, escutar a voz da Rebeca me anima. Fora que me distraio com as nossas conversas também.

— Mamãe, eu posso falar com o tio Bê agora? — Olha-me de um jeito que não consigo dizer não.

— Só um pouquinho, filha. O tio Bê está cansado. Ele acabou de chegar do trabalho. — Digo, ou ela não o deixa em paz tão cedo.

— Posso ver o tio Bê? — Pergunta quando

entrego o telefone para ela.

— Rebeca, você sabe que não dá, filha. —
Tento convencê-la, apesar de saber que não vai
surtir muito efeito.

— Dá sim, mamãe. Igual você faz quando
fala com a dindinha.

Vejo que a ligação caiu e penso que ele
desligou por não querer que a Rebeca o visse. A
Sofia me olha desconfiada. Acredito que esteja
passando a mesma coisa na cabeça dela. Por que
ele não quer que a gente o veja? Ele já viu uma foto
minha, mas eu ainda não sei como ele é. Chego a
pensar que é o Eduardo se fazendo passar por outra
pessoa o tempo todo e agora ficou com medo que
descobríssemos tudo.

Quando estou quase pegando o telefone
dela outra vez para ligar para ele, vejo uma
chamada de vídeo. Ela atende antes mesmo que eu
fale alguma coisa.

Arregalo os olhos e olho para a Sofia que sorri para mim contente por conseguir, finalmente, saber como ele é já que está com a afilhada no colo.

— Oi, tio Bê.

— Oi, coisa linda. Como foi o seu dia? —
Questiona carinhoso e a Sofia falta pouco babar atrás da Rebeca.

Ela olha para mim e me puxa, fazendo com que eu caia sentada do lado delas e entre no campo de visão dele também. Percebo que ele me olha e abre mais o sorriso, mas não consigo retribuir. Agora eu entendo a reação da Sofia. Ele é ainda mais bonito do que eu imaginei.

— Finalmente eu conheço o famoso Bernardo. — A Sofia brinca e ele sorri ainda mais.

— Você deve ser a Sofia. — Fala.

— Ela é minha dindinha, tio Bê. — Enche a boca para falar.

E eu? Eu fico feito uma palhaça, calada,
PERIGOSAS ACHERON

olhando para ele que pisca para mim enquanto questiona a Rebeca.

— Essa moça bonita ao seu lado é a sua mamãe?

Volto a mim com um beliscão da Sofia.

Bernardo

“Estou entrando em uma reunião. Depois te ligo.”

Mando a mensagem para a Valentina e percebo que o Daniel leu o que escrevi.

— Já cansou de falar com ela ou percebeu que está se metendo em uma enrascada?

— Juro que eu queria entender o porquê de você implicar tanto com ela sem nem mesmo a conhecer.

— Só não consigo acreditar nessa história como você fez. Não muda de assunto. Por que você

mentiu para ela? Sei muito bem que não tem reunião nenhuma hoje, muito menos agora.

Respiro fundo para me controlar. O Daniel já me irritou com essa desconfiança. Para piorar, ainda tem o fato de eu não ter dormido nada depois de falar com a Valentina por chamada de vídeo. A Rebeca merece ganhar um presente por ter tido essa ideia, mas, vê-la, acabou com a minha sanidade.

Percebi que ela ficou sem graça quando a amiga puxou-a para perto e fez com que aparecesse na chamada, mas não pude controlar o sorriso que abriu mais ainda quando a vi. Ela é ainda mais linda do que na foto que eu tenho.

— Preciso falar com ela com calma para contar o que descobri e não acho que agora seja o melhor momento, pois sei que está no trabalho.

— Descobriu alguma coisa?

O telefone da minha sala toca antes que eu responda e ele levanta-se para sair, dizendo sem

PERIGOSAS ACHERON

som que me liga depois. Agradeço mentalmente a interrupção e, logo assim que encerro a ligação, tomo uma decisão.

Chamo a Raquel na minha sala e, assim que ela entra, começo a falar.

— Raquel, preciso que você me faça um favor. Liga para esse número e faz uma reserva nessa pousada para o final de semana, a partir de hoje a noite. Quero que você desmarque tudo o que tiver para a parte da tarde também.

— Tudo bem. — Pega o papel na minha mão. — Mais alguma coisa? — Pergunta solícita.

— Não. Só isso mesmo. Obrigado. — Quando ela vai sair da sala, eu a chamo outra vez. — Raquel. — Ela se vira para mim e continuo a falar. — Faz a reserva no nome do Daniel, por favor. — Peço em um impulso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo dezessete

Valentina

— Pode confessar. — Escuto a Sofia falando ao meu lado.

— Confessar o que, sua louca? — Pergunto sem entender.

— Que você não dormiu direito pensando naquele gato do Bernardo.

— Não sei de onde você tirou isso. Ele é bonito sim, e daí? Já vi outros homens bonitos e nem por isso perdi o sono. — Faço pouco caso.

— Ei! Bonito não. O cara é um gato com g maiúsculo. Ele é lindo, Valentina. E o que é ele com aquele terno? Aposto que fez de propósito para te deixar de quatro. — Provoca.

— Ele tinha acabado de chegar do trabalho. Queria que estivesse como? Pelado? — Brinco.

— Não seria uma má ideia. — Diz se

abanando.

Ela não tem jeito. Desde ontem, depois que falamos com o Bernardo por chamada de vídeo, que ela não me deixa em paz.

— Toma jeito, Sofia. — Repreendo-a.

— Vai me dizer que não ficou nem um pouco mexida com ele? Que o sorriso que ele abriu quando você apareceu não quis dizer nada? Está querendo me enganar, Valentina?

— Sofia, você está imaginando coisas. O Bernardo é bonito. Ponto. Só isso. Não tem mais nada. Ele está me ajudando e tudo o que eu não preciso, ainda mais nesse momento que já está bem bagunçado, é me envolver com alguém. Você está cansada de saber que não quero mais saber de relacionamentos. Muito menos com outro turista. Duas vezes na família já está ótimo. Estou muito bem sozinha com a minha filha para colocar um homem na equação.

— O problema é que você vê todo homem como o Eduardo, só que nem todos são iguais. O Bernardo não me parece ser assim. Só de ele estar te ajudando já demonstra isso. Fora que não estou falando para você se casar, Valentina. Mas aproveita, amiga. Para de ficar presa ao que aconteceu e se joga. Curte a sua vida.

— Mesmo que eu quisesse, você só está se esquecendo de um detalhe. Ainda não inventaram o beijo por telefone.

— Inventaram coisa melhor. — Arqueia a sobancelha para mim com um sorriso sem vergonha no rosto e eu jogo um pedaço de papel nela.

— Será que você só pensa nisso? — Sacudo a cabeça para os lados sorrindo.

— Não, mas consegui o que queria. — Beija o meu rosto e se afasta.

Fico olhando para ela e, quando ela está

PERIGOSAS ACHERON

quase saindo da recepção, chamo-a.

— Sofia. — Ela se vira para mim e espera que eu fale. — Obrigada. Por ser minha amiga, por existir na minha vida. Eu te amo.

— Eu também te amo. — Pisca para mim e sai.

Tem horas que acho que ela me conhece melhor do que eu mesma. Só de chegar perto de mim, ela já sabe que estou preocupada e faz de tudo para que eu me distraia.

Desde ontem, quando o Bernardo me contou que ia esperar o Gustavo hoje para conversar sobre o Eduardo, que eu não consigo me acalmar. Estou com uma sensação estranha. Um aperto no peito que não sei o que é.

Tentei falar com o Bernardo, mas só piorou. Ele sempre me responde na hora as mensagens. Hoje, além de demorar, quando respondeu foi para dizer que estava entrando em uma reunião e que

falava comigo depois, mas até agora nada.

Durante a semana, ele me mandou mensagem algumas vezes ao dia e, justo hoje que teria alguma coisa para me falar, não tenho notícias dele o dia inteiro. Começo a achar que ele conseguiu falar direto com o Eduardo e ele disse alguma coisa que fez com que o Bernardo mudasse de opinião sobre me ajudar. Aquele desgraçado sabe ser convincente e eu sei bem disso.

Fico com medo que esteja me precipitando, imaginando coisas e criando problemas que não existem. Ele pode realmente estar ocupado. Ou será que aconteceu alguma coisa e estou aqui o julgando? Não sei mais o que pensar. Penso em ligar ou mandar mais uma mensagem, mas não quero ser chata. Ele está me ajudando e eu ainda fico perturbando e querendo tudo na mesma hora.

Resolvo organizar os papéis que ficam nas gavetas debaixo do balcão da pousada. Fico sempre

PERIGOSAS ACHERON

protelando para fazer isso, mas, como já chegaram quase todos os hóspedes, acredito que dê tempo.

Abaixo-me atrás do balcão e começo a retirar os papéis e, quando vou retirar a segunda gaveta, sinto alguém parando perto de mim.

Bernardo

Acabo me enrolando, resolvendo algumas coisas no escritório e saio mais tarde do que pretendia. Vou para casa arrumar uma mochila de roupa, coloco o endereço da pousada no aplicativo e pego a estrada. Não queria chegar lá muito tarde, mas não sei se vou conseguir, pois o trânsito está intenso.

Sigo o caminho pensando em como vou contar para a Valentina o que descobri. A única coisa que tenho certeza é que não posso contar todos os detalhes que o Gustavo me falou.

Não conheço a Valentina há muito tempo e só nos falamos por mensagens ou ligações, mas sinto que ela vai se sentir culpada se souber de tudo.

Não posso esconder dela que o Eduardo morreu, porém, ao mesmo tempo, ela não precisa saber que foi logo depois da ligação dela.

Ele sofreu um acidente de trânsito enquanto dirigia bêbado depois de discutir com a noiva. O Gustavo, que é irmão dela, contou que, depois de pegar o Eduardo ao telefone com a Valentina, ela discutiu com ele e terminou o relacionamento. Ele, que já estava bebendo, acabou com uma garrafa de uísque, saiu para ir atrás dela e acabou capotando com o carro, não resistiu aos ferimentos e morreu.

Na minha cabeça, ele é o único culpado. Nem a noiva, que entrou em depressão e precisou fazer acompanhamento por dois anos, e muito menos a Valentina, que não sabia de nada quando

PERIGOSAS ACHERON

ligou para ele, são culpadas, mas tenho minhas dúvidas se ela pensará assim.

Além disso, ainda tem o fato de não saber o que ela vai fazer com o pedido que a Rebeca fez. Como falar para uma menina doce como ela que não tem como ela conhecer o pai, porque ele faleceu?

Não queria ser o portador dessa notícia, mas alguma coisa me diz que é melhor estar perto delas quando ficarem sabendo.

Penso em qual será a reação dela quando me ver chegando a pousada. Não sei o que me deu para fazer a reserva no nome do Daniel, só sei que quis fazer uma surpresa para ela. Preferia que fosse em outro dia, um que eu não precisasse tratar desse assunto, mas também quero conhecê-la pessoalmente e essa foi a desculpa que arrumei para fazer isso.

Minha mãe sempre diz que tudo tem seu

lado positivo. Acredito que o dessa história toda seja conhecer a Valentina e a Rebeca. Aquela criança é um doce e me conquistou logo de cara. Sinto vontade de ligar para falar com ela durante o dia enquanto estou no trabalho. Se alguma coisa me estressa, penso nas nossas conversas e meu humor logo melhora. Essa criança tem o dom de me acalmar e não faz ideia.

Ao contrário da mãe que está tirando toda a minha sanidade. Um dos motivos de ter me atrasado no escritório foi não conseguir me concentrar no trabalho. Toda vez que fecho os olhos vejo o rosto dela rubro de vergonha na minha frente e imagino se ela ficaria assim em um momento bem específico.

Aperto o volante com mais força. Tudo o que não preciso agora é passar o resto do trajeto com uma maldita ereção que não tenho a mínima noção de quando vou poder resolver.

Penso na minha professora do primário, uma senhora que ia com uma camada tão grossa de maquiagem no rosto que a gente costumava brincar que era uma máscara, mas nem isso consegue me fazer esquecer o rosto da Valentina.

Levo um susto com um carro me cortando pelo acostamento e me concentro na estrada. Depois de mais duas horas estou parando o carro em frente à pousada.

Respiro fundo e olho para fora do carro. A rua está bem movimentada, tem bastante turistas andando e agradeço o fato de ter conseguido uma vaga na pousada tão em cima da hora.

Viro-me para trás do banco, pego a minha mochila e saio do carro. Quando entro na pousada, vejo uma cabeça atrás do balcão da recepção e reconheço o cabelo.

Abro um sorriso. Se o Daniel estivesse aqui, com certeza, estaria me zoando por reconhecer o
PERIGOSAS ACHERON

cabelo da Valentina só de ver uma vez por chamada de vídeo ainda.

Caminho para perto dela que só me nota quando paro bem próximo ao balcão. Antes que ela levante a cabeça, eu digo:

— Boa noite. Tenho uma reserva no nome de Daniel.

Ela levanta a cabeça na mesma hora. Acredito que tenha reconhecido a minha voz e olha-me espantada, mas se recupera logo.

— Acredito que tenha algum engano aqui. A reserva não deveria ser no nome de Bernardo? — Pergunta com um sorriso de canto que faz o meu abrir mais ainda.

Capítulo dezoito

Bernardo

Estico a mão por cima do balcão e ela segura. Faço com que venha na minha direção e a abraço. Sinto que está tensa, mas, aos poucos, vai relaxando.

Aspiro o perfume dela e me pergunto como pude achar que ela mexia comigo só de escutar a voz, vê-la em uma foto ou por chamada de vídeo. Nada disso chega perto de tê-la em meus braços e sentir o seu cheiro.

— Opa! O que estou vendo aqui? — Escuto uma voz falando perto de nós e logo reconheço como sendo a da Sofia.

A Valentina encerra o nosso abraço e se afasta de mim, caminhando para perto dela e eu também me afasto do balcão.

— Você acredita que ele fez uma reserva no

nome de Daniel para me enganar? Passei o dia todo preocupada por nada. — Olho para ela na mesma hora.

— Preocupada com o quê? — Questiono tentando entender.

— Ela achou que você tinha conversado com alguém e tivesse mudado de ideia sobre nos ajudar a achar o Eduardo. — A Sofia responde e leva uma cutucada da amiga. — Não adianta me cutucar, não. Estou falando a verdade.

— Você precisa acreditar mais em mim. Já disse que cumprio as minhas palavras.

Na hora em que ela vai me responder, entra um hóspede na pousada.

— Vai atender. — A Sofia diz para ela. — Pode deixar que eu faço sala para o Bernardo para você. Depois vocês conversam com calma. — Ela acena com a cabeça em acordo e se afasta. — Se você for com tanta sede ao pote, vai derramar. —

Fala quando a Valentina não pode mais nos ouvir.

— Do que você está falando?

— Tenta disfarçar mais um pouco. A Valentina é completamente fechada quando se trata de homem. Ela já deixou você entrar muito mais do que qualquer outro nesses últimos anos. Não joga tudo para o alto. Se ela perceber o seu interesse, vai se afastar na mesma hora. Sem pensar duas vezes.

— Está tão na cara assim? — Questiono olhando para a Valentina.

— Mais claro do que água. — Dá um sorriso e continua a falar. — Você precisa ganhar a confiança dela primeiro. Coisa que não será fácil. Ela não confia mais em nenhum homem. Muito menos nos turistas.

— O que entendo perfeitamente. — Sorrio sem humor me lembrando do que ela passou.

— Tenha em mente que se você machucar a Valentina eu vou atrás de você até o inferno se for
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

preciso e acabo com a sua raça.

— Como você fez com o Eduardo? —
Pergunto com sarcasmo.

Sei que ela quer proteger a amiga, mas, por que não fez isso no passado quando ela precisou?

— Eu só não fui atrás dele porque ela não deixou. Fora que ela precisava de mim aqui e não presa por matar alguém. Agora é diferente. Ela já se recuperou e consegue ficar sozinha alguns anos enquanto pago a minha pena por assassinato. —
Olha séria para mim quando diz e eu abro um sorriso. — Está rindo do quê?

— Gosto de saber que a Valentina tem quem a defenda. Mesmo que essa pessoa esteja me ameaçando. — Pisco para ela. — Não adianta fingir para você que não tenho interesse nela, pois já percebeu. Queria poder tomar conta dela e não deixar que mais ninguém a machuque, mas estou longe de mais para conseguir isso no dia a dia.

PERIGOSAS ACHERON

— Vocês mal se conhecem. Como quer que eu acredite no que está me dizendo?

— Não sei. — Sou sincero. — Nem eu mesmo entendo. Só sei que senti que alguma coisa me puxava para ela desde o primeiro dia em que nos falamos. Não sei explicar o que sinto por ela, só sei que não estou fingindo e que me preocupo com as duas. — Incluo a Rebeca sem precisar me explicar. — Posso te garantir que não tenho a mínima intenção de magoá-la.

— Gostei disso. — Fala sorrindo. — Tenha em mente o que te avisei. Devagar e sem pisar na bola. — Diz enquanto a Valentina caminha para perto de nós.

— O que vocês estão falando? Posso saber?

— Nada demais. Estava falando para o Bernardo guardar as coisas dele para vocês poderem dar uma volta e conversar sobre o que quer que seja que ele tenha vindo te contar. Se

PERIGOSAS NACIONAIS

vocês ficarem aqui, não vai dar certo. Daqui a pouco a Rebeca aparece e já era conversa.

— Ela está certa. Se a Rebeca te ver, não vai te deixar em paz. Fora que você deve estar cansado da viagem. Se eu não estivesse tão curiosa para saber o que você descobriu, diria para descansar primeiro que depois conversávamos.

— Não precisa. Vou só deixar as coisas no quarto e já volto. Não vou demorar.

— Aqui está a sua chave. Vou te mostrar onde é o quarto. — Sigo-a pelo corredor. — Vou ficar na recepção. Se precisar de alguma coisa, é só chamar.

Dá um sorriso que retribuo e se afasta de mim. Entro e sento-me em uma cadeira que tem no canto do quarto. Só preciso respirar um pouco para me controlar e ficar mais um tempo perto dela sem fazer nenhuma besteira. Preciso ter em mente o que a Sofia me falou.

PERIGOSAS ACHERON

Não que eu tenha ligado para a ameaça dela, mas sim sobre ir aos poucos. Já desconfiava que ela tinha se fechado e não estava errado. Não sei no que isso vai dar, nem mesmo se iremos nos envolver. Sei que o fato de morar longe piora tudo, mas não consigo tirá-la da cabeça. E não pense que não tentei. É o que mais tenho feito desde que comecei a falar com ela, só que não está surtindo muito efeito.

Vou ao banheiro, jogo uma água no rosto e volto para a recepção. Não adianta ficar fugindo. Preciso contar para ela sobre o Eduardo e ver o que ela quer fazer a partir de agora.

Chego à recepção e encontro as duas conversando.

— Vamos? — A Valentina me chama e se vira para a Sofia. — Daqui a pouco a gente volta. Fica de olho na Rebeca para mim, por favor.

— Pode deixar. Daqui a pouco eu vou até a

PERIGOSAS ACHERON

praça com ela um pouco, ok? — Ela concorda com um aceno de cabeça e seguimos para a saída.

Caminhamos lado a lado em direção à praia sem falar nada. Passamos por algumas barraquinhas de lembranças e a sinto tensa.

— O que foi? Você ficou tensa de repente.

— Eu sempre digo que quero esquecer que conheci o Eduardo. A única coisa boa que ele me trouxe foi a minha filha. Só que nem sempre consigo. No primeiro dia dele aqui, nós passamos por essas mesmas barracas e ele comprou uma pulseira de presente de aniversário para mim. Mesmo depois do jeito que ele me tratou antes de ir embora, eu ainda tinha esperança que voltasse e me dissesse que se arrependeu.

Fala sem parar de andar. Deixo que se abra por mais que o assunto me incomode, pois sinto que está fazendo por confiar mais em mim.

— Você prefere ir para outro lugar? —

Pergunto.

— Não precisa. Já passei muito por aqui, já que não tenho como fugir. Não é sempre que me lembro desses detalhes. Desculpa te perturbar com esse assunto.

— Não precisa se desculpar. Você deve estar querendo colocar para fora e eu não me importo de escutar. Gosto de ouvir você falar mesmo que o assunto seja esse. Isso faz com que eu acredite que você está confiando um pouco mais em mim. — Sorrio para ela que retribui com outro bem mais contido que o meu. — Continua. Quero saber a sua história. — Peço.

Caminhamos para perto de um banco do calçadão e nos sentamos.

— Quando liguei para o Eduardo para avisar que estava grávida, eu ainda usava a pulseira. Depois do que ele me falou, parece que acordei de um sonho e caí em mim. Percebi quem

PERIGOSAS NACIONAIS

ele era de verdade. Vim correndo para a praia e joguei a pulseira no mar. Lembro-me de dizer para a Sofia que estava jogando junto o que tinha vivido com ele e que, a partir daquele dia, deixaria tudo para trás. Era, realmente, o que eu queria. Deixar tudo isso no passado e seguir a minha vida com a minha filha sem precisar olhar mais para a cara dele. E eu consegui. Até bem pouco tempo atrás, eu consegui.

— Até a Rebeca perguntar por ele e te pedir para procurá-lo. — Afirmo, pois já entendi aonde ela quer chegar.

— Confesso que a vontade de mentir para ela e dizer que não sei quem ele é, ou que ela não tinha pai foi forte demais. Difícil de controlar. Só que eu não quero mentira na minha relação com a minha filha e estou sendo obrigada a enfrentar todos os meus medos de ele aparecer e tentar tirá-la de mim ou que a trate mal.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso não vai acontecer. — Afirmo.

— Você não tem como me garantir. — Diz sem acreditar em mim. — Chega de falar do passado. Vamos falar sobre o que você descobriu. Conseguiu falar com o tal de Gustavo? — Questiona.

— Consegui. — Olho para o mar quando respondo. — Conversei com ele hoje de manhã. Ele é irmão da mulher que você viu nas fotos com o Eduardo. Era ela que estava com ele quando você ligou.

— A noiva dele. — Fala e sinto o quanto isso ainda a incomoda.

— Ex noiva. Eles terminaram. — Solto um suspiro. — Valentina, eu vim aqui porque a ideia de te contar pelo telefone o que descobri não me agradou nem um pouco.

— Você está me assustando, Bernardo. O que você descobriu? — Viro-me para ela para

PERIGOSAS ACHERON

responder.

— O Eduardo sofreu um acidente de carro pouco tempo depois de você descobrir que estava grávida e não resistiu aos ferimentos. Ele não vai mais vir atrás de você, Valentina. O Eduardo está morto.

— Meu Deus! — Diz e se levanta como se não suportasse ficar parada. — Ele estava sozinho? — Vira-se para mim outra vez.

— Sim. Ele estava bêbado. Pegou o carro e bateu de frente em um poste.

— Como eu vou falar para a minha filha que o pai dela morreu? — Pergunta de costas para mim e, na hora em que eu vou me levantar para respondê-la, escuto a voz da Rebeca perto de nós.

— O meu papai morreu? — Pergunta com voz de choro.

Olho na direção em que ela está e a vejo correndo para o meio da rua. Ainda tento segurá-la,
PERIGOSAS ACHERON

mas não consigo. Parece que todo mundo resolve passar na minha frente para me atrapalhar.

— Rebeca. — Escuto a Valentina e a Sofia gritando ao mesmo tempo.

Tento alcançá-la, mas não consigo. Desespero-me quando vejo um carro se aproximando. Não tenho tempo de evitar. Só vejo quando ele a atinge e é a minha vez de gritar por ela.

Capítulo dezenove

Valentina

Sei que estou cercada por pessoas, mas não consigo escutar uma palavra do que me falam. As últimas frases que escutei ficam se repetindo na minha mente. Ela não reage. Sua filha está em coma. O tomógrafo está quebrado. Não temos como atendê-la.

Passa um filme pela minha cabeça. Parece que volto no tempo para o dia em que descobri que estava grávida e aqueles quatro palitinhos com resultado positivo dançam a minha frente. Vem a primeira vez que ela mexeu, o dia do parto, o primeiro sorriso mesmo que involuntário, o primeiro dentinho, o primeiro dia de aula, tantas lembranças e me seguro a elas para não voltar ao presente e ter que enfrentar a realidade. Minha filha foi atropelada e não está acordando.

As lágrimas descem pelo meu rosto sem esforço algum. Vejo minha mãe e a Sofia paradas a minha frente tentando falar comigo, mas não consigo escutá-las. Parece que meu corpo se fechou para não ouvir o que eu tanto temo neste momento.

— Valentina, me escuta. — O Bernardo fala segurando o meu rosto e me obrigando a prestar atenção. — Eu preciso que você me deixe te ajudar. Que você me deixe cuidar de vocês. É só você dizer que sim que consigo a transferência dela para um hospital no Rio onde ela irá receber o melhor tratamento possível. Só diz que sim. — Pede.

— Filha. — Minha mãe me chama, mas não deixo que fale nada. Tenho quase certeza do que seja e não estou a fim de escutar nada agora.

— Sim. — Digo em um fio de voz. — Por favor, ajuda a minha filha. — É a minha vez de pedir. — Eu faço o que você... — Coloca o dedo em meus lábios e não me deixa terminar de falar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não fala mais nada. Eu vou resolver isso. — Beija a minha testa e se afasta puxando o celular do bolso em seguida. — Mãe, preciso da sua ajuda urgente. — Ainda escuto quando ele fala.

— Valentina, você tem certeza disso, filha?

— Tenho, mãe. É da saúde da minha filha que estamos falando. Não me importa o que eu tenha que fazer para que ela tenha um atendimento decente. Sou capaz de tudo para garantir que isso aconteça. — Não dou espaço para que me julgue ou discorde da minha decisão.

— Você está certa, filha. É que estou tão preocupada. — Respira fundo tentando se controlar, com os olhos cheios de lágrimas não derramadas.

Sei o que ela está fazendo. Está tentando ser forte para mim como sempre foi. Minha mãe sempre foi a minha base, o meu alicerce e sabe que eu preciso dela agora mais do que nunca.

PERIGOSAS ACHERON

— Vai dar tudo certo. — A tia Giovana fala sentada ao meu lado segurando as minhas mãos. — Confia em Deus, minha filha.

— Não sei o que será de mim se acontecer alguma coisa com a minha filha, tia. A Rebeca é a minha vida. — Levanto em um impulso e sigo para a entrada da emergência. — Eu preciso ver a minha filha. Quando escutar a minha voz ela vai acordar. Eu sei que vai.

— Amiga, você não pode entrar agora. A nossa menina ainda está sendo atendida.

— Eu preciso dela, Sofia. Preciso do meu bebê. Ela não pode ficar lá sozinha. Vai ficar assustada. Eu quero a minha filha. — Ajoelho-me no chão.

Não consigo mais me manter de pé. Não tenho forças para suportar o peso do meu corpo, não tenho forças para nada. Desespero-me a cada minuto que passa e o médico não aparece para dizer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ela acordou. O meu mundo está naquele quarto e eles não podem fazer nada por ela. Estou de mãos atadas e o sentimento de impotência que me atinge me derruba contra a parede do corredor.

Sinto quando me envolvem em um abraço e me levantam do chão. Logo depois estou sentada outra vez em uma cadeira, com o Bernardo abaixado a minha frente limpando as lágrimas que não param de descer pelo meu rosto.

— Minha mãe está resolvendo tudo. Os médicos já estão cientes da transferência. O hospital do Rio vai mandar um helicóptero para buscá-la. A viagem de ambulância seria muito longa e, cada minuto que passa é de suma importância para o atendimento que ela precisa.

— Não tenho palavras para te agradecer. — Digo tentando me acalmar. — Eu não sei como serei capaz de te pagar tudo o que está fazendo por nós.

PERIGOSAS ACHERON

— Não fala mais isso. A única coisa que você precisa fazer é tentar se acalmar. A Rebeca vai precisar de você. Não se entrega assim. Tudo vai ficar bem. Você vai ver.

— Eu quero a minha filha, Bernardo. Só quero poder abraçar a minha filha outra vez.

— E você vai. Eu vou fazer o impossível para isso acontecer. Acredita em mim. — Fala e me puxa para um abraço, que eu aceito sem pensar duas vezes.

Bernardo

Resolvo tudo no automático. Nem sei como estou conseguindo decidir o que preciso. Minha cabeça parece que vai explodir a qualquer momento. Só consigo pensar na Rebeca e no que a Valentina deve estar passando.

Sinto-me culpado pelo que aconteceu. Se a

PERIGOSAS NACIONAIS

Rebeca não escutasse sobre o pai, se eu tivesse conseguido alcançá-la... São tantos questionamentos que ficam rodando a minha cabeça. A única certeza que tenho é que vou fazer de tudo para que ela fique bem o mais rápido possível. Não vou suportar ver a Valentina no estado que está e ficar de braços cruzados sem fazer nada.

— Toma, Valentina. — A Giovana estica um copo com um chá na direção dela.

Assim que aconteceu, a Sofia ligou para eles avisando e eles vieram para o hospital. Eles deixaram um casal de amigos cuidando da pousada e chegaram aqui logo depois da ambulância e não saíram mais de perto da Valentina.

— Não quero nada, tia. — Nega sem nem mesmo ver o que é.

— Toma, minha filha. Isso vai te acalmar.
— Insiste.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A única coisa que eu quero é a minha filha, tia. Mais nada.

Estou sentado ao lado dela com o braço por cima do seu ombro que dou um aperto suave para chamar a sua atenção para mim.

— Você precisa se acalmar. Daqui a pouco a Rebeca acorda e vai precisar de você bem. Não faz isso. Olha a sua mãe. — Indico a direção que ela está sentada, um pouco mais afastada de nós, com um terço na mão, rezando. — Ela já está preocupada o suficiente com a Rebeca. Não vai ajudar em nada se você cair aqui também.

— Eu não consigo engolir nada. — Fala em um fio de voz.

— Tenta. — Peço. — Pela sua mãe.

Ela aceita e pega o copo para beber. Vejo quando a Giovana me agradece sem emitir som algum para que ela não perceba e forço um sorriso que mais parece uma careta.

PERIGOSAS ACHERON

Sinto o meu celular vibrando no bolso e pego para ver quem é. Vejo o nome da minha mãe e atendo no segundo toque. Ela nem me espera dizer alô para começar a falar.

— Preciso saber de um lugar para o helicóptero pousar o mais perto possível do hospital. Assim que você tiver a resposta, eles saem daqui. O hospital aqui já está com tudo pronto para atendê-la assim que chegar. Alguma mudança no quadro?

— Nada. Ela continua desacordada. — Digo caminhando para perto do balcão para me informar.

— Deixa, filho. — Fala antes que eu pergunte alguma coisa. — O piloto entrou em contato e já sabe o que fazer. Eles estão saindo. Os médicos já estão em contato um com o outro.

— Mãe, preciso de outro helicóptero para levar a família dela até o Rio. Se eles precisarem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pegar a estrada, vão demorar a chegar.

— Tudo bem. Você vem com ela?

— Sim. Não saio de perto delas enquanto não tiver uma boa notícia.

— Vai dar tudo certo, meu filho. Seu pai e eu estamos esperando por vocês aqui. Vou organizar os quartos de hóspedes para eles ficarem. Aqui será melhor do que no seu apartamento.

— Obrigado, mãe. Vou desligar para avisar a eles.

Caminho para perto deles que, logo que me veem chegando, se levantam para saber se já tenho alguma resposta. Apesar de terem se passado somente alguns minutos, entendo a preocupação deles. Cada minuto agora é muito importante.

— Conseguiu? — Aceno com a cabeça em acordo.

— Já estão vindo buscá-la e os médicos estão conversando sobre o caso dela.

PERIGOSAS ACHERON

A Valentina caminha para perto de mim e me abraça, chorando no meu ombro. Envolvero-a em meus braços e a aperto contra o meu corpo.

— Obrigada. Obrigada. — Fica repetindo baixinho.

Afasto-a de mim e faço com que me olhe para falar.

— Não quero mais ouvir você me agradecendo. — Seguro em seu rosto com ambas as mãos. — O que importa agora é a saúde da Rebeca. O resto a gente vê depois, ok? — Puxo-a para os meus braços outra vez. — Minha mãe está mandando outro helicóptero para levar vocês também, já que não tem como irem junto e providenciando os quartos de hóspedes para ficarem. Talvez seja melhor aproveitarem para pegar algumas mudas de roupas para vocês e para elas também.

— Suas coisas e seu carro ficaram na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pousada. — A Sofia me lembra.

— Tinha até esquecido disso. Junta para mim, por favor. Vou deixar a chave e o documento do carro. Você pode deixar na pousada? Eu vou pedir para alguém vir buscar.

— Pode deixar. — Força um sorriso.

— Você vai comigo? — A Valentina pergunta e todos me olham esperando que eu responda.

— Não saio de perto de vocês nem que me obriguem. — Sou sincero sem me importar com o que vão pensar sobre isso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo vinte

Valentina

Três dias. Três dias que a minha filha está em coma e não acorda. Três dias que eu não saio deste hospital. Três dias que eu escuto a mesma coisa dos médicos. Ninguém entende o motivo de ela não acordar. Pelo que todos os médicos falam, o traumatismo craniano que ela sofreu foi bem leve e não justifica o que está acontecendo.

Já fizemos todos os exames possíveis. Ela já passou por diversos médicos, incluindo os melhores neurocirurgiões e nem um deles sequer tem uma visão diferente do que está acontecendo. Ninguém consegue me explicar o porquê de ela não acorda.

Minha mãe, os tios e a Sofia foram embora hoje de manhã. Eles queriam ficar mais tempo, mas sei que precisavam ir por causa da pousada e do trabalho do tio Vinícius. Não tem nada que eles

possam fazer ficando aqui. Tudo o que poderia ser feito, já foi feito. Agora é esperar que ela acorde.

Conheci a Mariana, mãe do Bernardo. Quando chegamos ao hospital, ela estava nos esperando. Não tenho como expressar o quanto o apoio que ela me dá está me ajudando a suportar esse momento. Ela tem sempre uma palavra de carinho e me traz um sopro de esperança cada vez que entra no quarto onde a Rebeca está internada. Agora eu sei de onde o Bernardo herdou esse dom de ajudar aos outros sem esperar nada em troca.

Ele é outro que não sai daqui. O máximo que fez foi ir em casa tomar banho e, mesmo assim, só o fez, porque a Mariana ameaçou conversar com os médicos para proibir a entrada dele no quarto da Rebeca. Não demorou uma hora e ele já estava de volta.

Eles tentaram me convencer a fazer o mesmo, mas não saio deste hospital enquanto a

PERIGOSAS ACHERON

minha filha não acordar. Minha mãe trouxe uma mochila com roupas para mim e eu estou tomando banho aqui no banheiro do quarto da Rebeca mesmo.

— Trouxe para você. — A Mariana entra com um sanduíche e um suco para mim.

— Obrigada, mas não estou com fome.

— Mas vai comer. Eu prometi a sua mãe que ia cuidar de vocês duas e vou cumprir. Nem que para isso tenha que fazer igual fiz com o Bernardo. Quer que eu conte para os médicos que você não está se alimentando? Aposto que eles vão te proibir de ficar aqui direto.

— Não consigo engolir nada, Mariana. Já tentei, mas não consigo. Parece que estou com um bolo preso na garganta.

— Olha para mim. — O Bernardo segura as minhas mãos e se abaixa a minha frente. Coisa que ele vem fazendo toda vez que precisa falar comigo.

— Come metade, pelo menos. Você precisa se alimentar, Valentina, ou quando a Rebeca acordar quem vai cair de cama é você. Já pensou se ela acorda e te vê assim, abatida desse jeito? Faz uma forcinha.

— Tudo bem. — Acabo cedendo e fazendo o que eles me pedem, porém não consigo comer tudo.

— Está melhor assim. Fico preocupada com você. Fica presa dentro deste quarto direto e não se alimenta direito. Vai acabar ficando doente. Não quer dar uma volta no corredor? Eu fico aqui com a Rebeca. Qualquer movimento que ela fizer, eu te chamo. — Nego com um aceno de cabeça.

— Meu pai veio com a senhora? — O Bernardo muda de assunto.

— Veio sim. Está lá fora me esperando. Por que você não vai lá conversar com ele um pouco?

Sinto que ele vai negar, mas a mãe olha

PERIGOSAS ACHERON

para ele que solta um suspiro e concorda com um aceno de cabeça sem discutir.

— Quando o Antônio sofreu um acidente, o Bernardo ainda era bem pequeno. Eu queria ficar no hospital direto com ele. Queria estar perto quando acordasse, mas não podia. Em uma das minhas visitas, eu conversei com ele e pedi para que me esperasse. Algumas pessoas acreditam que quem está em coma consegue escutar o que se passa a sua volta.

— Quem é Antônio?

— Meu cunhado. Ele está viajando ou estaria aqui junto com a gente. Ele e o Bernardo se dão muito bem.

— O que aconteceu com ele?

— Sofreu um acidente de carro quando o Bernardo tinha quatro anos. No dia em que ele acordou, o Bernardo tinha ido visitá-lo comigo. Estava insistindo que queria ver o tio e eu acabei

levando. Como os médicos eram conhecidos, deixaram que eu entrasse com ele. — Dá um sorriso fraco. — Parece que ele sentiu a presença do sobrinho e acordou.

— Ele ficou muito tempo desacordado?

— Eu sei o que você está fazendo, Valentina. Não faça comparações. O caso dele foi diferente do da Rebeca. Ele sofreu lesões que o prejudicaram, ficou um mês em coma e, quando acordou, ainda precisou de tratamento durante muito tempo. Hoje em dia ele está bem. A cadeira de rodas não o atrapalha em nada. Está na Itália visitando um amigo. O que eu quero te dizer com isso é que cada caso é um caso. Algumas pessoas com o caso parecido com o dele não resistiram, outros não tiveram uma recuperação tão boa quanto a dele e há quem teve melhor ainda. Não pense e nem pesquise sobre isso. Só acredite que ela vai sair dessa e ainda mais sapeca do que antes. Tenha

fé, minha filha.

— Eu estou tentando, Mariana. Mas as vezes me pergunto que Deus é esse que deixa uma coisa dessas acontecer com uma criança. Por que não comigo?

— Porque ela não ia aguentar te ver assim.
— Aperta a minha mão. — Você já imaginou o que seria para a cabecinha dela se te visse em uma cama de hospital sem acordar?

— Eu sei que a senhora está certa, mas é tão difícil de aceitar. Queria poder trocar de lugar com ela, sabe?

— Sei bem o que é isso. Toda mãe tem o mesmo pensamento. E não pense que muda quando vocês crescem. Fica a mesma coisa.

— Obrigada. Acho que nunca serei capaz de agradecer tudo o que vocês estão fazendo pela minha filha. Eu não sei como, mas vou dar um jeito de pagar o que vocês estão gastando com a gente.

— Não repete mais isso, Valentina. — Diz séria me repreendendo. — Tudo o que fizemos foi de coração. A amizade de vocês já é mais do que suficiente como agradecimento. Vem aqui. — Fala e me puxa para um abraço. — Vou ficar lá fora com o Bernardo um pouco para o Rodrigo poder entrar ou o quarto vai ficar muito cheio. Depois eu volto, ok? Pensamento positivo. — Forço um sorriso como resposta.

Bernardo

— Vai ficar com a Valentina um pouco que eu fico aqui conversando com o nosso filho, meu bem. — Minha mãe diz quando se aproxima da gente.

Meu pai dá um beijo na minha testa, outro nela e vai sem falar nada. Até ele já deve ter percebido que a minha mãe quer falar alguma coisa

comigo.

— Pode falar, dona Mariana. Eu te conheço.

— O que você sente por ela, Bernardo? E não me venha com esse papo de amizade que não nasci ontem. — Solto um suspiro.

— Não sei, mãe. A Valentina mexe comigo desde o primeiro dia que eu escutei a voz dela. Parece brincadeira, mas é essa a verdade. E a coisa só piorou quando eu a vi pela primeira vez. Ainda tem a Rebeca para fechar com chave de ouro. Eu adoro aquela menina, mãe.

— Adora a menina e está apaixonado pela mãe dela. — Não nego, pois não adiantaria. — Mas toma cuidado, filho. A Valentina já passou por coisa de mais. Ela se fechou e eu não consigo julgá-la. Vai com calma. Deixa a garota respirar. Esse não é o melhor momento para isso.

— O que a senhora quer que eu faça? Eu não consigo ficar longe dela sabendo que pode

PERIGOSAS ACHERON

estar precisando de mim.

— O que ela precisa agora é de um amigo, Bernardo. Não de um homem marcando em cima. Que não a deixe respirar. Claro que é bom ela perceber que pode contar contigo, mas não exagera. Você não a deixa sozinha um minuto sequer. Vai aos poucos, filho.

— Não consigo e não acho que seja essa a solução. Eu quero que ela saiba que pode contar comigo. Quero que perceba o quanto a Rebeca já é importante para mim. Que perceba que não sou homem de curtição. — Arqueia a sobrancelha para mim. — Não com ela, tudo bem? Com a Valentina eu quero ser diferente, mãe. E isso é novo para mim também. Eu não sei como agir.

Acabo desabafando. É tanta coisa junto que não estou conseguindo nem pensar direito. Não sei o que fazer. Tenho medo da opinião da minha mãe não ser a melhor opção. A Valentina já passou

PERIGOSAS ACHERON

poucas e boas por ter sido deixada quando mais precisava por um cara. Eu quero ser o oposto dele. Quero que ela possa confiar em mim e que tenha absoluta certeza disso.

— Só tenta disfarçar mais um pouco, filho. Volto a dizer que esse não é o momento. Ela não queria relacionamento antes. Não vai ser agora, com a filha internada, sem saber o que ela tem, que ela vai querer. Seja só o amigo agora. Depois que isso tudo passar, vocês veem no que vai dar. Não precisa se afastar. Já vi que isso você não vai conseguir. Só relaxa um pouco mais, ok?

— Eu vou tentar, mãe. — Digo sem convicção. Não consigo disfarçar o que sinto perto da Valentina.

— Vem. Vou chamar o seu pai para podermos ir embora. Pensa no que falei.

Concordo com um aceno de cabeça, levantamos e caminhamos para o quarto,

PERIGOSAS ACHERON

abraçados. Quando chegamos, entro com ela para se despedir da Valentina. Na hora em que meu pai abre a porta para sair, dou de cara com a Thaís parada me olhando.

— Então é aqui que você vive enfiado agora?

— O que você está fazendo aqui? Vai embora, Thaís. — Peço, me controlando para não gritar.

— Pode deixar, Bernardo. Ela vai comigo. — Minha mãe diz firme. — Agora. — Segura no braço dela e praticamente a arrasta para a saída.

— Quem é essa vagabunda, Bernardo? — Ela ainda pergunta antes de sumir das nossas vistas.

— Acho melhor você ir conversar com ela. Não estou com cabeça e muito menos paciência para ficar aturando essas coisas. Você não precisa ficar aqui direto. Já está fazendo demais pela gente me ajudando a pagar isso tudo. Vai se entender

PERIGOSAS NACIONAIS

com a sua namorada, ou seja lá o que ela é. Quero distância de problemas.

— Ela não é nada minha. É uma maluca que acha que tem algum direito sobre mim, mas já passou dos limites.

— Você não precisa ficar aqui, Bernardo. Pode ir.

— Não preciso, mas vou. Eu quero ficar aqui. A menos que você não me queira. — Falo com duplo sentido de propósito. — É isso, Valentina? Você quer que eu vá?

— Não. — Responde e eu solto o ar que nem percebi que estava prendendo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo vinte e um

Valentina

— A Thaís não é nada minha. Ela é filha de uns amigos dos meus pais e a gente se conhece há muitos anos. — Começa a se explicar quando estamos sentados lado a lado no sofá que tem no quarto onde a Rebeca está internada.

— Não precisa se explicar. Você não me deve satisfação da sua vida. — Digo sem encará-lo.

— Não preciso, mas quero. — Fala sem dar brecha para que eu negue outra vez. — Conheci a Thaís ainda criança. Nunca tivemos nada sério, mas ela sempre fez questão que eu percebesse o interesse dela por mim. Há uns dois anos a gente acabou transando. Estávamos em uma festa de amigos em comum, eu bebi mais do que devia e acabei indo para a cama com ela. Depois disso, transamos mais algumas vezes, mas sempre deixei claro que não queria nada sério.

— Sério, Bernardo. Eu não quero saber. Isso é assunto seu e dela. — Tento me levantar, porém ele me segura para que continue do seu lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei como ela descobriu que eu estava aqui e nem o que veio fazer. Ela é louca e vive atrás de mim agora. Já ameacei contar para os pais dela, mas parece que não adiantou muita coisa. Talvez seja melhor eu começar a agir ao invés de só ameaçar.

— Você é quem sabe. Não entendo o motivo de estar me falando essas coisas. — Olho para ele pela primeira vez desde que começou a falar.

— Porque eu quero que você saiba que não tenho nada com ela. Vou avisar na recepção para não deixar mais ninguém entrar aqui fora os meus pais. A sua família não virá sem te avisar. Você pode ficar tranquila que ela não vai mais vir aqui te atormentar.

— Não estou preocupada com isso. Só não vou aguentar calada ninguém falando comigo daquele jeito. Ela deu sorte que a sua mãe já estava tirando-a daqui, ou eu mesma faria o serviço. — Ele olha para mim e sorri. — Está rindo do quê?

— Não sabia que você era brava. — Diz ainda sorrindo.

— Você não sabe muita coisa de mim. —

PERIGOSAS ACHERON

Respondo séria.

— Podemos resolver isso. Estamos aqui sem fazer nada mesmo. Que tal conversarmos um pouco?

— Não estou com cabeça para conversar.
— Falo de má vontade.

Por mais que eu diga para ele que não me importo com aquela mulher, a presença dela aqui me irritou. Quem ela pensa que é para falar de mim daquele jeito?

Era só o que me faltava. Ficar me estressando com mulher por causa do Bernardo se nós nem temos nada. Já estou com bastante coisa na cabeça com isso tudo o que está acontecendo para ter que me preocupar com isso.

Espero mesmo que ela não volte aqui, ou não respondo por mim. Não tenho paciência para ficar aturando ninguém me destratar sem motivo algum e ficar calada.

Levanto-me do sofá e começo a andar pelo quarto. Minha cabeça parece que vai explodir. Estou cansada, preocupada, exausta e não tenho noção de quando isso irá se resolver. Ficar aqui sem poder fazer nada para que a minha filha

melhore está acabando comigo. Nunca me senti tão impotente na vida.

As lágrimas voltam a descer livres pelo meu rosto. Não queria mais chorar, só que não consigo controlar.

— Ei! Não fica assim, Valentina. Ela vai acordar e vai ficar tudo bem. Você vai ver. — Tenta me animar e me puxa para um abraço.

Entrego-me sem lutar. Não aguento mais ser forte o tempo todo.

— Estou me sentindo tão fraca. Um nada. Eu não fui capaz de proteger a pessoa mais importante na minha vida e olha o que aconteceu.

— Não fala mais isso. — Olha sério para mim. — Já disse que você não teve culpa. Se for assim, eu também tenho por não ter conseguido segurá-la.

— Você não tem culpa, Bernardo. Pelo contrário. Graças a você que ela está sendo tão bem atendida.

— Ninguém tem culpa, Valentina. Nem mesmo o motorista teve culpa. Não tinha como ele saber que ela ia correr para a rua bem na frente dele. Assim como não tinha como você saber que

ela estava ali escutando o que você falava. Para de se culpar. Vem aqui. — Puxa-me para o sofá e me faz sentar de frente para ele. — Quer rir um pouco? Vou te contar algumas coisas que eu aprontei junto com o Daniel quando ainda éramos pequenos.

— Já fiquei com pena da sua mãe só pela cara que você está fazendo. — Ele abre um sorriso sem vergonha e eu dou o meu primeiro sorriso sem ser forçado desde que tudo isso aconteceu. Fraco, mas sincero.

— Até que eu não era tão levado assim. O Daniel é que sempre me incentivava a fazer besteiras e é assim até hoje.

— Já ouvi você falar dele, mas ainda não sei quem é.

— Daniel é meu amigo de infância. Nós estudamos juntos desde os cinco anos e não nos separamos mais. Aquele filho da mãe é meu melhor amigo. Daqueles que você sabe que pode contar para o que for.

— Assim como a Sofia para mim. Ela pode ser maluquinha, mas eu amo aquela louca. Não sei o que seria de mim sem o apoio dela.

Ficamos conversando e nem vejo a hora

passar. Ele estava certo. Conversar conseguiu me relaxar um pouco e o sono está começando a chegar. Ainda não consegui dormir direito desde o acidente. O máximo que consigo é tirar pequenos cochilos que sempre desperto assustada. Fico com medo de dormir e acontecer alguma coisa com a Rebeca. Vou me encostando ao sofá e acabo pegando no sono.

Acordo e percebo que consegui dormir praticamente a noite inteira. Quando vou me levantar percebo que estou deitada praticamente no colo do Bernardo. Tento me levantar sem acordá-lo, mas, na hora em que tiro uma das suas mãos do meu braço, ele desperta.

— Acabei pegando no sono. — Fala se espreguiçando. — Conseguiu dormir?

— Sim. Obrigada. — Levanto-me e caminho para o banheiro.

— Obrigada? Meu papo te dá sono e você agradece? Está ferindo meu ego deste jeito. — Brinca.

Sorrio para ele e, antes que eu entre no banheiro, vejo um movimento leve na cama da Rebeca. Corro para o lado dela e o Bernardo

também percebe.

— Ma... Ma... — Tenta falar, mas não consegue. A voz sai arrastada e fraca.

— Fica quietinha, filha. A mamãe vai chamar o médico, ok?

— Deixa que eu chamo. — Diz e sai em disparada pela porta.

— Mamãe está muito feliz que você acordou, filha. Você deu um susto e tanto na gente. — Digo chorando outra vez.

Não demora e o quarto está repleto de médicos. Minha alegria é tanta que mal escuto o que eles dizem. A única coisa que entendo é que vão levá-la para fazer alguns exames.

Eles saem com ela do quarto e eu desabo no sofá sem conseguir mais me segurar de pé.

— Ei! Fica calma. Eu não disse que ela ia acordar? Vai estar tudo bem com ela. Você vai ver. — Puxa-me para uma abraço que eu retribuo.

— Preciso falar com a minha mãe e com a Sofia. — Afasto-me dele para pegar o celular.

— Faz isso. Vou ligar para a minha mãe também.

Tento ligar para a minha mãe, mas ela não
PERIGOSAS ACHERON

atende em casa. Acredito que já tenha saído para a pousada. Resolvo ligar direto para a Sofia, pois sei que ela vai avisar a minha mãe.

— Sofia. Ela acordou. A nossa menina acordou. — A alegria dela fica bem visível pelo grito que ela dá. Escuto as vozes da minha mãe e da tia Giovana perguntando o que foi e ela dizendo que a Rebeca acordou.

— Como ela está, Valentina? Ela está bem? O que os médicos falaram?

— Acabaram de levá-la para fazer alguns exames. Temos que esperar. Aí, amiga, estou tão feliz. Tão aliviada. Parece um sonho que a minha filha está aqui comigo outra vez. Eu estava com tanto medo. — Desabafo.

— Eu também, amiga. Nunca senti tanto medo na minha vida. Mas fica calma. O pior já passou. Vai estar tudo bem nos exames. Você vai ver.

Conversamos mais um pouco e desligo a ligação. Vejo que o Bernardo também desliga e vem para perto de mim. Ele me abraça sem dizer uma palavra. Aperto-me a ele e respiro fundo. Vai dar tudo certo. Fico repetindo essa frase na minha

cabeça o tempo todo.

Ando de um lado para o outro dentro do quarto, ansiosa, esperando que algum médico venha falar alguma coisa. Percebo que ele não está muito diferente de mim.

Cerca de duas horas depois entra um médico no quarto. Corro para perto dele com o Bernardo ao meu lado.

— Cadê ela? Como ela está, doutor? — Pergunto nervosa.

— Ela está bem. Acabamos de fazer os exames e não deram nada. Aparentemente está sem sequelas. Precisamos que ela fique internada mais alguns dias em observação e vamos repetir alguns exames para ter certeza. Já vamos trazê-la para o quarto.

Ele termina de falar e sai do quarto. Eu fico parada no mesmo lugar agradecendo mentalmente pela vida da minha filha.

— Está tudo bem, Valentina. A nossa menina está bem.

O Bernardo fala segurando o meu rosto e cola a testa dele com a minha. Não sei quem se mexe primeiro, mas, logo depois, sinto os nossos

PERIGOSAS NACIONAIS

lábios se encostando de leve.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo vinte e dois

Bernardo

Sinto quando ela me empurra de leve e se afasta de mim em seguida.

— Bernardo, eu agradeço muito por tudo o que você tem feito pela gente, mas...

Diz de costas para mim. Não deixo que termine.

— Olha, Valentina, me desculpe. Eu não sei o que deu em mim. — Minto. Sei muito bem o motivo de ter feito isso. Não suporto mais ficar perto dela e não a tocar como quero.

— Não precisa pedir desculpas. Só não repete, por favor.

— Preciso sim. Eu me precipitei, agi por impulso, não sei. Acho que foi a felicidade da notícia junto com a nossa proximidade esses dias.

— Eu gosto de você, não me leve a mal, mas como amigo. Não estou procurando envolvimento com ninguém e sei que isso estragaria a nossa amizade. Você sabe que isso não daria certo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fico calado olhando para ela e tenho que me controlar para não dizer que está errada; que pode dar certo sim; é só a gente tentar; basta que ela se abra e pare de agir como se todo homem fosse o Eduardo, mas não falo nada. Minha mãe e a Sofia me avisaram, falaram para eu ir devagar, com calma. Eu me precipitei e estraguei tudo.

— Claro. Você está certa. — Concorde, mesmo querendo dizer justamente o contrário. — Não vai se repetir. Eu prometo. — Solto um suspiro. — Desculpa mais uma vez, Valentina.

Tento me aproximar, porém ela se afasta de mim. Passo a mão pelos cabelos frustrado comigo mesmo.

— Está tudo bem, Bernardo. Não precisa ficar pedindo desculpas. Vamos esquecer isso. — Pede.

— Só não se afasta de mim por conta de um erro. Eu também gosto de você. — Falo uma meia verdade.

Ela acena com a cabeça em acordo e, antes que eu possa falar mais alguma coisa, a porta se abre e minha mãe entra com um sorriso enorme que some logo que olha para nós dois.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Onde ela está? — Pergunta fingindo que não percebeu o clima que está entre nós. — Acabei demorando mais do que gostaria. Pensei que fosse encontrá-la no quarto.

— O médico saiu daqui agora dizendo que já vão trazê-la. — Respondo. — Vou tomar um café. Alguém quer alguma coisa?

Preciso sair desse quarto agora. Não suporto mais a maneira que a Valentina evita o meu olhar. Ela nega com um aceno de cabeça.

— Eu vou com você. Tem certeza que não quer nada, Valentina? — Não espero que ela responda a minha mãe e saio do quarto.

Não demora muito e sinto minha mãe andando ao meu lado. Ela não fala nada. Só caminha comigo até a cantina onde eu peço um café e procuro uma mesa para nós. Depois de mais de cinco minutos em silêncio, não suporto mais e acabo falando.

— Eu sou um idiota. Estraguei tudo. — Admito. — Não vou ficar surpreso se a Valentina não me quiser mais perto dela.

— O que aconteceu? — Olha-me com carinho esperando que eu responda.

PERIGOSAS ACHERON

— Nós nos beijamos. — Ela arregala os olhos para mim, mas não diz nada. — O médico foi avisar que estava tudo bem e que já iam trazer a Rebeca. A gente acabou se abraçando e, quando dei por mim, estava beijando a Valentina. — Abaixo a cabeça e seguro com ambas as mãos.

— O que ela disse?

— Que isso era errado e que não podia mais acontecer. Que gosta de mim, mas como amigo. Que não quer se envolver e que isso estragaria a nossa amizade.

— Você pediu por isso. Eu te falei para dar um tempo a ela, Bernardo.

— Eu sei. Droga! Como fui tão burro? Ela parecia estar se abrindo para mim. Agora está se afastando. Não me deixa chegar perto dela.

— O que você queria que ela fizesse? Você assustou a garota, filho. — Faz uma pausa e volta a falar. — Você precisa dar um tempo a ela. Precisa se afastar um pouco. Deixá-la respirar, sentir a sua falta. Por mais que negue, ela também está mexida com você. — Olho para ela na mesma hora. — Só não está pronta para enfrentar isso e assumir, mas, se você não deixar que ela perceba, se você não sai

de perto, não tem como ela descobrir o que sente por você.

— A senhora acha mesmo que ela gosta de mim? — Pergunto com um fio de esperança. — Acha que ainda tem jeito depois da burrada que fiz?

— Você tem quantos anos, Bernardo? Dezesseis? — Sacode a cabeça para os lados prendendo o sorriso. — Basta você mostrar para ela que se arrependeu. Não de tê-la beijado, e sim do jeito que o fez. Mostra para ela que sabe esperar, mas que está ali se ela quiser e precisar. Vamos voltar para o quarto. A Rebeca já deve ter voltado e eu quero conhecê-la acordada.

Valentina

— Por que vocês não ficam lá em casa alguns dias? — A Mariana pergunta quando estamos paradas na porta do quarto onde a Rebeca está.

A Rebeca acabou de receber alta, mas ainda precisa voltar em alguns dias para refazer os exames. Os médicos ainda estão preocupados por não entenderem o que aconteceu com ela e preferem continuar com o acompanhamento por

PERIGOSAS ACHERON

mais um tempo.

— Não quero dar mais trabalho do que já dei a vocês, Mariana. Nós vamos para casa e voltamos no dia da consulta.

— Valentina, me escuta. A viagem é cansativa para ela. Você não acha melhor ficar por aqui? Veja bem, não estou querendo decidir por você e nem me meter na sua vida. Só quero o que é melhor para a Rebeca.

— Eu preciso voltar. Tenho a minha casa, o meu trabalho. Abandonei tudo. Nem sei como a Sofia está se virando fazendo o serviço dela e o meu nesses dias que passei aqui.

— Hoje é quarta-feira. Acredito que o movimento na pousada esteja mais tranquilo. Por que você não liga para eles e conversa? Explica o que os médicos disseram. Aposto que eles vão entender e concordar comigo.

— Não posso dar mais despesas do que já dei para vocês, Mariana. Já abusei demais da sua hospitalidade. Não tenho ideia como irei pagar tudo o que fizeram pela gente.

— Não fale mais nesse assunto. Já conversamos e deixei claro que não quero um

centavo de vocês. E se for para você se sentir melhor, eu preciso organizar uma festa e não tenho ninguém para me ajudar. Pensei em contratar alguém e você podia fazer isso comigo nos dias em que ficar aqui. Vai ser um alívio contar com alguém mais jovem para me dar dicas do que fazer. Não quero uma festa onde só pessoas da minha idade se divirtam. Quero que seja boa para todos.

— Eu nunca trabalhei com isso. As únicas festas que organizei foram os aniversários da Rebeca e eram só para a gente. Não tenho como te ajudar.

— Claro que tem. Eu confio em você. Basta você confiar também. A menos que você não queira ficar por outro motivo. — Segura as minhas mãos quando fala e fica me encarando. Desvio o olhar e ela volta a falar. — Meu filho tem culpa dessa sua decisão? Percebi que vocês se afastaram um pouco nesses últimos dias.

— Não. O Bernardo não fez nada. — Omito que eu é que preciso dessa distância.

Aquele beijo mexeu comigo. Ainda não consegui definir o que senti, só sei que não posso me envolver. Sei que não daria certo e não quero

me machucar mais uma vez.

— Eu conheço o meu filho, Valentina. Ele sabe ser impulsivo. — Arqueia a sobrancelha para mim e tenho a certeza que ela sabe sobre o beijo. — Só que ele também sabe quando retirar o time de campo. Fora que o Bernardo não mora mais comigo. Vocês não vão ficar se encontrando a cada cinco minutos. Faz o seguinte. Liga para a sua mãe e para a Sofia. Vê o que elas acham e decida o que achar melhor para vocês.

— Vou fazer isso. Tenho que ligar para elas para falar sobre a alta e aproveitar para conversar. — Acabo cedendo.

Preferia ir direto para casa e ficar longe do Bernardo, mas sei que ela está certa quando diz que será melhor ficar aqui.

O Bernardo e eu acabamos nos afastando depois do beijo. Eu não conseguia mais agir normalmente quando estávamos juntos e nem ele. Ficávamos tensos e muitas vezes nem sabíamos como tratar um ao outro.

Sinto falta das nossas conversas e da companhia dele, já que quase não tem ficado aqui no hospital. Ele vem visitar a Rebeca e sempre

PERIGOSAS NACIONAIS

manda mensagens para saber como ela está, mas não passou mais o dia e muito menos a noite conosco.

Sei que no final de semana era mais fácil, porém tenho certeza que o trabalho não foi o único motivo. Falei com ele que isso poderia estragar a nossa amizade e foi justamente o que aconteceu.

— Vou te deixar sozinha para fazer isso. Espero por você no quarto. — Diz, beija o meu rosto e entra.

Afasto-me do quarto para ligar para a Sofia. Preciso saber primeiro se tem como ela ficar mais um tempo no meu lugar na pousada. Ela me atende no primeiro toque, como se já estivesse me esperando ligar.

— Valentina, como está a Rebeca? Ela teve alta? Vocês vão voltar hoje para casa? — Pergunta sem me dar tempo de responder.

— Ela está bem e já teve alta, mas os médicos querem que ela volte daqui a dois dias para reavaliarem. Eles ainda estão cismados com o fato de ela ter ficado em coma sem motivo aparente e preferem ficar de olho.

— Como você vai fazer? Tem que ser aí?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seria o ideal, já que não vou conseguir fazer os exames se for para casa. A Mariana me ofereceu para ficar um tempo na casa dela, pois seria melhor para evitar viajar de um lado para o outro, mas não sei o que fazer. Preciso voltar para a pousada. Você não pode fazer os dois serviços. É o meu trabalho.

— Vou fingir que não escutei o que você falou, Valentina. Agora, seja sincera comigo e me diz se é só isso mesmo. Não tem mais nada acontecendo?

— Já conversamos sobre isso, Sofia. — Digo séria. — Não tenho nada com o Bernardo e nem quero.

Não contei para ela sobre o beijo, ou tenho certeza que não me deixaria em paz.

— Tudo bem. Não vou discutir sobre isso com você, mas não ouse voltar para casa por conta do trabalho. É da saúde da Rebeca que estamos falando. Faça o favor de ficar aí o tempo que for necessário. Está me escutando?

— Tudo bem. Você conta para a minha mãe? Ela não vai atender o celular agora. Explica para ela e para a tia Giovana, por favor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode deixar. Cuida da nossa menina e deixa que eu cuido do resto. Qualquer coisa me liga.

Despeço-me dela e desligo. Sigo para o quarto e, assim que entro, a Mariana me questiona.

— E aí? O que você decidiu?

— Eu vou ficar. — Falo e sinto alguém entrar no quarto. Quando me viro para trás, encontro o Bernardo.

— Vim buscar vocês. — Diz e fica me olhando, como se esperasse que eu dissesse alguma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo vinte e três

Valentina

Acabamos de chegar do hospital onde a Rebeca refez todos os exames. Graças a Deus ela não tem nada. Os médicos continuam surpresos com o que a levou a entrar em coma e como ela se recuperou. Pediram para voltar daqui a uma semana outra vez, mas a minha vontade é de ir para casa.

O clima entre o Bernardo e eu continua o mesmo e não aguento mais. Queria voltar no tempo e ter impedido aquele beijo antes de acontecer para que conseguíssemos continuar como estávamos. A única coisa que não mudou foi o tratamento dele com a Rebeca. Ele aparece sempre e liga para falar com ela o dia inteiro.

Por mais que a Mariana tente me fazer sentir em casa, sinto falta do meu cantinho e esse afastamento dele só está piorando as coisas. Cheguei a pensar em pegar as minhas economias e ir para uma pousada ou algo assim, porém, quando a Mariana me escutou perguntando a uma das funcionárias se ela sabia onde tinha, logo me cortou e disse que não aceitaria uma coisa dessas. Ela me

trata sempre tão bem que acabei me sentindo culpada.

A Rebeca não perguntou mais pelo pai e não tenho certeza se ela se lembra do que escutou, mas resolvi que vou conversar com ela hoje sobre isso.

Entro no quarto em que estamos ficando e sento-me na cama com ela.

— Filha, a mamãe quer falar uma coisa contigo. Você lembra o que escutou a mamãe falando antes de correr para rua e se machucar? — Ela fica cabisbaixa e nega com um aceno de cabeça. — Olha para mim. Tem certeza?

— Era do meu papai? Você não achou?

Fico em silêncio durante um minuto pensando se devo contar mesmo a o que aconteceu, já que da primeira vez ela não teve uma boa reação, mas lembro do que sempre penso sobre mentir para ela e decido falar a verdade.

— Seu papai não está mais aqui, filha. Ele virou uma estrelinha.

— Ele foi para o céu? — Pergunta com voz de choro.

Respiro fundo antes de responder ou sou

capaz de falar que não merecia depois de tudo o que fez com a gente.

— Foi. A mamãe não achou mais ele por isso.

— Eu não tenho mais papai? Não posso mais ser princesa? — Pergunta chorando.

— Calma, Rebeca. Claro que você pode ser princesa. Você é a minha princesinha, filha. Não fica assim.

Por mais que eu tente, não consigo acalmá-la. Começo a pensar que não foi uma boa ideia contar sobre isso para ela, mas não tinha outro jeito. Não podia mentir e dizer que não tinha achado e tenho certeza que ela voltaria a perguntar.

O choro dela começa a ficar mais alto e escuto alguém bater na porta. Peço que entre e, quando ela se abre, vejo o Bernardo e a Mariana.

— O que aconteceu? Por que ela está chorando assim? — Ele questiona preocupado e a pega no colo.

— Eu contei para ela sobre o pai.

— Ei, linda. Conta para o tio Bê o que você tem. Por que está chorando assim?

— Uma amiguinha falou que só pode ser
PERIGOSAS ACHERON

princesa quem tem papai e mamãe. Eu não tenho mais papai. Não posso mais ser princesa. — Diz chorando muito.

— Sua amiguinha estava errada. Você pode sim. — Responde para ela.

— Posso? — Pergunta parando de chorar.

— A partir de agora o tio vai a todas as suas festas na escola. E, quando isso acontece, você pode ser princesa também. Sempre que você quiser, é só chamar que o tio Bê vai. Tudo bem?

— Bernardo! — Chamo por ele me controlando para não me alterar. — Será que a gente pode conversar rapidinho?

— Deixa que eu fico com ela para vocês conversarem. — A Mariana olha para o filho, repreendendo-o com o olhar e volta a falar. — Vão lá para a sala.

Saímos do quarto sem dar uma palavra sequer. Assim que chegamos à sala, vou logo dizendo:

— Você não pode falar isso para ela, Bernardo. Eu não quero me livrar de um problema arrumando outro. Daqui a uma semana nós vamos para casa, você vai voltar a sua vida, esquecer que a

gente existe e quem vai precisar reparar o dano sou eu. Não iluda a minha filha. Isso eu não vou aceitar.

— Eu vou esquecer vocês? Como você pode ter tanta certeza? Eu não vou te esquecer. Não vou esquecer a Rebeca, mas se você faz tanta questão assim de se afastar de mim, não jogue a culpa no meu colo. Se depender de mim, vou cumprir o que falei com ela. Já te disse mais de uma vez que cumpro as minhas palavras. Não sou o Eduardo. Não me compare com ele, Valentina. Agora, se você não me quer perto dela, já é outra coisa. Só seja sincera. Diga que não me quer por perto. É mais fácil.

— Sou muito grata por tudo o que você fez pela gente, mas... — Ele não me deixa terminar de falar.

— Não quero a sua gratidão. Fiz, porque quis fazer, porque achei que era o certo. Não foi com segundas intenções. Mas você não é obrigada a conviver comigo só por conta disso. Pode deixar que vou fazer o que você quer. Vou me afastar de você. Se precisar de alguma coisa para a Rebeca, não hesite em me ligar. Você sabe o meu número.

Não tenho tempo de responder. Ele se vira e

sai sem esperar que eu diga nada. Respiro fundo e entro no banheiro do corredor. Jogo uma água no rosto e me controlo para não chorar. Eu pedi por isso. Por mais de uma vez falei sobre manter distância. Então, por que será que estou com esse aperto no peito?

Foi melhor assim. Tento convencer a mim mesma. Um relacionamento entre a gente nunca daria certo. Fora que não estou procurando por isso. Quero seguir a minha vida do jeito que estava antes de eu conhecê-lo. Tento me recompor para voltar para o quarto.

Bernardo

Acabei de sair da casa da minha mãe e vim para o bar beber um pouco. Não era para estar aqui. Tenho que acordar cedo amanhã para trabalhar e sei que não vou parar de beber tão cedo.

Fiz questão de que a Valentina me escutasse falando que ia sair. Não sei o que acontece quando estou perto dela que ajo como se fosse um adolescente. Troco os pés pelas mãos e só faço besteira.

Depois da nossa discussão, não tinha mais

PERIGOSAS ACHERON

voltado na casa dos meus pais. Sabia que não conseguiria ficar perto dela e não falar nada. Hoje resolvi passar por lá e, assim que entrei, vi que não era uma boa ideia. Ela estava na sala, conversando com a minha mãe e estava ainda mais linda do que eu me lembrava.

Fui com a desculpa de ver a Rebeca, mas não cheguei a vê-la. Ela estava dormindo e achei melhor não esperar para ver se acordava, pois não podia garantir que iria me controlar e não fazer mais nem uma merda.

— Você por aqui? — Escuto uma voz ao meu lado e, quando me viro, dou de cara com a Thaís.

— Não estou com paciência para as suas gracinhas hoje. Acho melhor você ir embora e me deixar em paz. — Sou grosso com ela de propósito.

— Não vou fazer nada. Só vim aqui te pedir desculpas. Sei que andei aprontando com você, mas me arrependi. — Diz sem graça.

— Está desculpada. Agora pode ir que quero ficar sozinho.

— Você está bebendo desde que horas, Bernardo? Já está bêbado. Não acha melhor ir para

casa?

— Não. Quero ficar aqui. Vai você para a sua. Já falei que quero ficar sozinho.

— Olha, eu sei que fiz por onde você me tratar assim, mas eu me arrependi de verdade. Quer que eu ligue para o Daniel vir te buscar? — Ela acaba de falar e escuto um barulho ao longe. — Seu celular está tocando. Não vai atender? — Nego com um aceno de cabeça e a vejo pegar o aparelho em cima do balcão do bar.

— Ei! Isso é meu. — Ainda digo, mas já é tarde. Ela atende a ligação de quem quer que seja que está me ligando.

— É a sua mãe, Bernardo. Ela quer falar com você. Disse que é urgente.

Pego o telefone da mão dela na mesma hora e atendo.

— Bernardo o que você está fazendo com a Thaís? Deixa para lá. Não tenho tempo para isso agora. Estou ligando para te dizer que trouxemos a Rebeca para o hospital. Pensei que você gostaria de saber, mas agora já nem sei mais se fiz a coisa certa.

— O que aconteceu? Como ela está? Estou

indo para o hospital. É o mesmo onde ela ficou internada?

— Sim. Mas toma cuidado. Já vi que estava bebendo. Vê se não faz mais besteira do que anda fazendo.

Não respondo. Despeço-me e desligo. Saio do bar com a Thaís atrás de mim, mas nem me dou ao trabalho de impedir.

— Bernardo, aonde você vai? Vai dirigir depois de beber? Ficou louco. Deixa que eu levo você.

— Thaís, já pedi para você me deixar sozinho.

— Olha. Eu sei que fiz muita besteira de um tempo para cá, mas já te pedi desculpas e não vou deixar você dirigir assim. É só me dizer aonde você vai que eu te levo e vou para a minha casa.

Solto um suspiro frustrado comigo mesmo. Por que eu tinha que beber tanto? Pior é que ela está certa. Não posso dirigir assim.

— Estou indo para o hospital. O mesmo onde você me viu aquele dia. É só você me deixar lá que depois me viro.

— Aconteceu alguma coisa com os seus

pais? — Parece realmente preocupada quando pergunta.

— Não. Olha só, Thaís, estou com pressa. Deixa para lá. Eu pego um táxi.

— E deixar o seu carro aqui para ser roubado? Nada disso. Eu te levo. Vamos.

Não falo mais nada. Entro no carro, ela faz o mesmo e segue para o hospital sem dar mais uma palavra. Assim que chegamos, agradeço e ela insiste que vai entrar comigo para te certeza que está tudo bem.

Vejo minha mãe parada em um canto e me aproximo. A Thaís fica mais afastada e, assim que chego perto da minha mãe, ela diz:

— Eu não acredito nisso, Bernardo. O que a Thaís está fazendo aqui?

— Ela veio me trazer. Eu estava bebendo e não podia dirigir. — Justifico, mas sinto que não adiantou muita coisa.

— Você tem dois minutos para se livrar dela e voltar aqui. Está me ouvindo? Trate de mandar essa garota embora e vir para tomar um café.

Não respondo. Viro e vou fazer o que ela

falou sem discutir. Já vi que, mais uma vez, fiz besteira.

Capítulo vinte e quatro

Bernardo

— Obrigado por me trazer, Thaís. Vou levar você até o ponto de táxi.

— Não quer que eu fique? Vocês podem precisar de alguma coisa. — Nego com um aceno de cabeça. — Tem certeza? Eu posso ficar. Não me incomodo.

— Não precisa. Qualquer coisa minha mãe leva o meu carro.

— É ela que está aqui, não é? — Muda completamente o tom de voz. — De onde essa mulher saiu, Bernardo? O que você viu nela?

— Olha, Thaís, é melhor você ir embora. Não estou com cabeça hoje.

Caminho para perto de um táxi que está parado e abro a porta para que ela entre. Assim que ela está sentada, coloca a cabeça para fora do carro e diz:

— O que será que ela vai pensar se souber que você estava no bar comigo? Será que ela vai

PERIGOSAS ACHERON

gostar disso, Bernardo?

— Leve-a para onde ela quiser. — Digo ao motorista e entrego duas notas na mão dele.

Viro-me e caminho para o hospital outra vez. Ainda escuto a voz da Thaís, mas não dou atenção ao que aquela louca fala.

— Agora você pode me explicar o que a Thaís veio fazer aqui.

— Eu já disse, mãe. Estava bebendo e ela veio me trazer. Cadê a Rebeca? O que aconteceu com ela?

— Está lá dentro com a Valentina sendo examinada. Ela estava com febre e não baixava. Nós achamos melhor trazê-la para o hospital. Estão no mesmo quarto onde ela ficou da outra vez.

— E por que ela não me ligou?

— Você tem certeza que eu preciso responder esta pergunta? Você saiu lá de casa fazendo questão que ela escutasse que ia sair para se distrair e acha que ela ia te ligar? Olha só, Bernardo, quando eu pedi para a Valentina ficar, era para você ter mais tempo de conquistá-la e não de afastar a garota como está fazendo cada vez mais.

— Foi a senhora mesma que me pediu para dar um tempo para ela, mãe. Para deixá-la respirar.

— Sim. Deixando claro que estaria ali se ela precisasse. E o que você fez? Meteu os pés pelas mãos diversas vezes. Parece até que voltou a ser adolescente e que não pensa antes de agir. Hoje é um belo exemplo disso. Depois de sair lá de casa como saiu ainda me aparece aqui com a Thaís. O que você tem na cabeça?

— Eu estava no bar e a Thaís chegou dizendo que tinha se arrependido das cenas que anda fazendo e me pedindo desculpas. A senhora me ligou logo depois e ela se ofereceu para me trazer. Como eu já tinha bebido, acabei aceitando. Só isso mãe. Não fiz de caso pensado para provocar a Valentina.

— Pelo menos isso. Mas será que você não pensou no que ela pensaria se te visse com a Thaís? Você mesmo disse para ela que não queria nada com essa garota e agora aparece aqui vindo de um bar com ela a tiracolo? Bernardo, você é meu filho, mas tem horas que me decepçiona. E não vai me dizer que acreditou nesse papinho de desculpa.

— Até cheguei a pensar que tivesse se

PERIGOSAS NACIONAIS

arrependido, mas já vi que me enganei. Antes de ir embora ela falou uma coisa que me soou como ameaça. — Olha para mim me incentivando a continuar. — Perguntou se a Valentina iria gostar de saber que eu estava no bar com ela.

— E você ainda tem dúvidas? Meu filho, você tem que contar para a Valentina que encontrou com ela. Não deixe que ela descubra por outra pessoa.

— Do que vai adiantar, mãe? A Valentina mal olha para mim.

— Comece a agir como o homem que você é. Eu não te criei para ser um moleque. Já que não gosta de ser comparado com o pai da Rebeca, prove que é diferente. Anda. Toma um café para se livrar desse cheiro de álcool e vai ver como elas estão. Só lembra de tudo o que te falei. Pensa antes de fazer as coisas. Essa menina vale ouro, Bernardo. Não jogue essa chance no ralo.

Beija minha testa e se levanta. Antes que se afaste, chamo por ela.

— Mãe, aonde a senhora vai?

— Para casa. As duas estão em boas mãos.

— Pisca para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não vou dirigir. — Afirmo.

— Pegue um táxi. Depois a gente pega o seu carro aqui. Vou esperar vocês em casa.

Caminha para a saída e eu fico pensando em tudo o que ela falou. Em uma coisa minha mãe está certa. Eu tenho agido igual um moleque. Parece que eu me perco perto da Valentina e acabo fazendo besteira atrás de besteira. Quero que ela confie em mim e só faço merda. Preciso recuperar a nossa amizade antes de qualquer coisa e é isso o que farei agora.

Levanto-me, peço um café e, assim que acabo, sigo para o quarto onde elas estão.

Bato na porta e escuto a voz da Valentina pedindo para que eu entre.

— Como ela está? — Pergunto assim que entro e ela me olha espantada.

— Os médicos conseguiram fazer a febre diminuir um pouco, mas ainda não passou. Estou achando que é emocional.

— Por você ter contado do pai?

— Não. Ela não falou mais dele. Só pergunta por você. — Responde e sinto o quão magoada está comigo. — Era por isso que eu não

queria que você promettesse nada, Bernardo. A Rebeca é muito nova. Ela não entende as coisas direito.

— Eu não falei da boca para fora, Valentina. Falei por querer estar presente. Foi você quem pediu para me afastar. — Tento manter o tom de voz tranquilo e não perder o meu controle.

— O que você queria que eu fizesse? Você não pode prometer aquilo para ela. Mesmo que você consiga cumprir agora, não vai durar para sempre. Daqui a pouco você encontra alguém e esquece de tudo.

— Você está enganada. Eu não vou esquecer a Rebeca. Eu não vou esquecer você, Valentina. Não sei o dia de amanhã, mas posso te garantir que não vou deixar a Rebeca de lado. Ela sempre será muito especial para mim. Sempre. Eu não falei aquilo só para acalmá-la. Falei, porque quero cumprir.

— E olha no que deu. Minha filha acabou de passar por um momento complicado e já está de volta no hospital. Eu não quero isso, Bernardo. Não quero.

— Eu também não. Vim para cá assim que

PERIGOSAS NACIONAIS

a minha mãe me ligou e disse que vocês estavam aqui. Eu sinto a sua falta, Valentina. Sinto falta da nossa amizade. Das nossas conversas. — Ela desvia o olhar. — Sei que ando fazendo besteira, mas não me afasta de vocês, por favor.

— Também senti a sua falta. — Olha para mim quando fala. — Tem tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo e eu aqui sozinha. Longe da Sofia, longe da minha mãe. — Solta um suspiro.

— Vem aqui. — Estico os braços e ela caminha para perto de mim. Puxo-a para um abraço. — Desculpa. Você no meio dessa confusão toda e eu ainda pioro tudo. Não sei o que aconteceu comigo. Prometo que vou pensar mais antes de fazer as coisas, ok?

— Acho bom ou serei obrigada a te bater. — Fala brincando.

— Ah, pode ter certeza que não vai precisar. Minha mãe já está com vontade de fazer isso e não vai te dar tempo. — Pisco para ela que dá um sorriso fraco. — Senta aqui comigo. Vamos conversar enquanto ela descansa um pouco.

— Onde está a sua mãe? — Caminhamos para o sofá que fica em um canto do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela foi para casa e me pediu para ficar com vocês. Por que você não me ligou? Eu te pedi para me avisar se a Rebeca precisasse de alguma coisa.

— Não quis te incomodar. Você saiu da sua mãe dizendo que ia se divertir. Pensei que fosse te atrapalhar.

— Vocês não me atrapalham, Valentina. Entenda isso. E eu não estava fazendo nada demais. Estava bebendo em um bar.

— Não sabia que você bebia assim.

— E não bebo. Mas saí da minha mãe chateado pela nossa situação e acabei enchendo a cara.

— Você não está tão bêbado assim. — Olha para mim quando diz.

— Não, porque a minha mãe me ligou.

— Você veio dirigindo? — Resolvo contar a ela sobre a Thaís.

— Não. A Thaís apareceu lá no bar pouco antes da minha mãe ligar e me trouxe aqui. Ela veio com um papo de estar arrependida e me pediu desculpas pelo que andou aprontando.

— Você não está com cara de quem
PERIGOSAS ACHERON

acreditou. — Olha-me séria.

— Ela não consegue manter o papel de boa moça por muito tempo. — Não conto o que aconteceu. Ela saber que me encontrei com a Thaís já é o suficiente.

— Ela deve gostar mesmo de você. — Encosta-se ao sofá.

— Mas eu não gosto dela. — Fico a encarando sem falar nada. — Vamos mudar de assunto. Não quero perder o nosso tempo falando sobre ela. Agora que a Rebeca está melhor, me fala como você está. Não conversamos sobre a morte do Eduardo ainda.

— Não sei, Bernardo. Não desejava a morte dele, mas sinto um certo alívio de saber que ele não vai aparecer do nada para tentar tirar a minha filha de mim. Só tenho medo que ele tenha falado para os pais. O Gustavo não falou nada?

— Não. — Omito o fato de que ele não teve tempo de falar para os pais. — Acredito que ele não saiba de nada também. Vai ver a irmã não falou nada para ninguém. Se ele tivesse falado com os pais, eles já teriam ido atrás de você, Valentina. Não precisa ficar preocupada com isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está certo. Já se passaram mais de cinco anos desde que eu liguei para ele para contar que estava grávida. Já tiveram bastante tempo para isso. Preciso parar de pensar nisso.

— Assim é que se fala. Daqui para frente, só bons pensamentos, ok? O que você quer fazer amanhã?

— Descansar. Essa história de hospital acaba comigo.

— Nada feito. Está parecendo uma velha falando. Vamos fazer alguma coisa com a Rebeca. Talvez um cinema para ela não se cansar muito.

— Não sei, Bernardo. Será que é uma boa ideia?

— Você não disse que a febre pode ser emocional? Então. Vamos passear com ela um pouco. Quero que ela perceba que eu não estava brincando. Não vou mais prometer nada, mas não quero me afastar. Quero estar presente na vida dela. Na vida de vocês. Você deixa? — Espero ansioso pela resposta.

— Com uma condição. — Aceno com a cabeça para que continue a falar. — Não promete mais nada para ela sem falar comigo primeiro, ok?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não falo nada. Concordo com um aceno de cabeça e sorrio para ela. Sinto um alívio de termos nos entendido. Não aguentava mais ficar afastado dela mesmo estando tão perto.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo vinte e cinco

Valentina

— Tem certeza que vocês precisam ir embora? — A Mariana me pergunta quando estamos sentadas na sala dela conversando, no sábado à noite. — Eu sei que você tem as suas coisas, que deve estar com saudades da sua mãe, dos seus amigos, até mesmo do seu cantinho, mas, nessas duas semanas, eu me acostumei com vocês aqui.

— Minha vida está lá, Mariana. Minha família, meu trabalho, tudo. Mesmo que eu quisesse ficar, não tenho como.

— Claro que tem. Você está me ajudando muito com os preparativos da festa. Nem sei como vou fazer sem você aqui, agora. Que tal virar minha assistente pessoal? Assim me ajudaria em outras coisas também. Pode colocar a Rebeca em uma escola e fazer faculdade. — Usa o que conversamos uma vez para tentar me convencer.

— Posso conseguir alguma coisa no

escritório, se você preferir. — O Bernardo oferece.

— Eu preciso voltar. Não posso abandonar a tia Giovana assim. Ela me apoiou quando mais precisei. Fora que não é assim tão fácil.

— Fácil não é, mas, você nunca escutou falarem que o que vem fácil demais a gente não dá valor? Pensa com carinho.

— Não é como se eu também não tivesse pensado no assunto, porém, tem muita coisa em jogo. Onde eu iria morar com a Rebeca? Como faria com ela enquanto trabalhasse? Não posso decidir isso assim, de uma hora para a outra. Ainda tem a minha mãe. Vou deixá-la sozinha? Sempre fomos nós duas para tudo e tenho certeza que ela não sairia de lá.

— Posso apostar que ela te apoiaria se você decidisse vir. Sua mãe só quer o seu bem, Valentina. O que for melhor para você. Mesmo que para isso precise se afastar um pouco. E nem é tão longe assim. Nada que você não possa ir aos finais de semana para visitá-la. Fora que lugar para ficar não é um problema. Podem ficar aqui o tempo que quiser. E eu vou adorar ficar com a minha netinha.

Sorrio em resposta. A Rebeca cismou de

chamá-la de avó. Eu até pensei em não deixar, mas, quando vi o sorriso que a Mariana abriu para a minha filha e o olhar de uma para outra, não tive coragem.

— Mãe. Deixa a Valentina em paz. Aposto que a senhora já deu muita coisa para ela pensar. — O Bernardo tenta fazer com que ela pare de insistir.

— Desculpa, Valentina. É que eu, realmente, acho que seria bom para vocês. Mas a escolha é sua. Saiba que terá o meu apoio. Não quero me afastar de vocês.

— Prometo pensar, mas, mesmo que decidisse ficar, tenho muita coisa para resolver antes. Preciso ir embora de qualquer jeito.

— Tudo bem. Só tem uma condição. Volta na segunda-feira de manhã. Assim tenho tempo de fazer um jantar de despedida para vocês. Não vão embora sem uma comemoração pela vida da nossa menina. É só o que te peço.

— Tudo bem. Um dia a mais não vai fazer diferença. Mas vou bem cedo e nada de inventar de nos levar. Nós vamos de ônibus. — Digo olhando para o Bernardo que me olha contrariado.

— A viagem é cansativa, Valentina. Não

me custa nada levar.

— Justamente por ser cansativa. Você tem que trabalhar. Não vai fazer a viagem de ida e de volta no mesmo dia. Nem pensar, Bernardo. Não se fala mais nisso.

— Ele não, mas um motorista sim. A viagem de ônibus seria muito pior. Vocês vão de carro. Eu não tenho nada para fazer na segunda-feira. O motorista pode muito bem levar vocês.

— Tudo bem. — Acabo cedendo, pois já vi que não vai adiantar negar.

Nessa última semana, o Bernardo e eu nos reaproximamos. Ele tem passado bastante tempo aqui. Aparece todos os dias a noite para ver como estamos, isso quando não dorme. A Rebeca está toda feliz com isso. No começo, fiquei com medo dessa proximidade, mas acabei relaxando. Preciso parar de me preocupar tanto e viver um dia de cada vez. Nesse momento, ele está cumprindo o que prometeu. Se mais para frente voltar atrás, eu vejo o que faço.

Sei que eles não são os únicos que sentirão falta desse tempo que passamos juntos. A Rebeca também se acostumou com eles. A quem eu quero

enganar? Eu também sentirei. Por mais que continue conversando por ligações e mensagens, não será a mesma coisa.

Não menti quando disse para a Mariana que já tinha pensando sobre ficar aqui, mas preciso pensar muito bem sobre isso. Não posso simplesmente largar tudo e vir para cá. Tem muita coisa em jogo e não posso decidir sem conversar com a minha mãe. Ainda tem a Sofia e os tios. Minha cabeça dá voltas e não consigo descobrir qual a melhor escolha. Preciso voltar para casa e colocar meus pensamentos em ordem. Não quero tomar uma decisão precipitada e me arrepender depois.

— Vou deitar. Estamos combinados, então. Amanhã faremos o jantar de despedida e, na segunda-feira, o motorista leva vocês. Boa noite, meus amores. — A Mariana se despede de nós e segue para o quarto.

— Também vou antes que a Rebeca acorde e não me veja no quarto. Será um sacrifício para conseguir colocá-la para dormir outra vez se isso acontecer. Até amanhã. — Despeço-me e, quando vou entrar no quarto, escuto o Rodrigo dizendo para o Bernardo ficar e dormir no quarto dele.

Deito-me junto com a Rebeca, mas não consigo dormir. Minha cabeça não para de pensar em tudo o que conversamos na sala. Será que daria certo vir morar no Rio? Será que a minha mãe viria comigo? Eu conseguiria ficar longe da minha cidade, da Sofia e dos tios? Fico pensando em todas as vantagens e desvantagens até que pego no sono.

Quando acordo no dia seguinte a Rebeca já levantou. Vou ao banheiro, faço minhas necessidades e sigo para a cozinha onde tenho quase certeza que vou encontrar aquela fujona.

— Mamãe. — Corre para o meu colo. — Você acordou.

— Por que você não me chamou? Já falei para não vir para cá sozinha.

Sempre reclamo com ela sobre isso, pois não quero que venha e dê trabalho para os outros, mas não adianta. Ela acorda e vem correndo para cá. Pior que vem sem fazer nem um barulho sequer. Como se não quisesse que eu acordasse.

— Ela não dá trabalho, Valentina. — A Mariana responde sorrindo. — Vem comer o seu bolo, Rebeca. Vem, minha filha. Toma café com a gente.

— Mamãe. O tio Bê disse que vamos a praia depois do almoço. — Fala animada.

— Ei, mocinha. O que o tio falou? — Ele olha sério para ela que sorri e se vira para mim outra vez.

— A gente pode, mamãe? Diz que sim. — Faz cara de inocente e eu me derreto. — O tio disse que a praia dele também é muito bonita. — Fala empolgada.

Ela sempre se refere a praia de perto da nossa casa como sendo nossa. Não me surpreendo que faça o mesmo com a daqui e o Bernardo.

— Eu pedi para ele inventar alguma coisa para sair. Só para eu poder arrumar aqui sem ela ver.

A Mariana se explica depois que eu coloco a Rebeca no chão que corre para perto do Bernardo outra vez.

— Mariana, não era um jantar? O que vocês estão aprontando?

— Eu ainda não tenho netos, Valentina. Só quero agradar a Rebeca. Mais nada.

— Ela não liga para luxo. Tenho certeza que ela ficará feliz só de ficar com vocês. Não era

para dar trabalho. — Repreendo.

— Não é trabalho nenhum, menina. Pode ficar tranquila que não vai ser nada demais. Só um bolinho para a gente. — Pisca para mim e eu fico com mais medo ainda.

— Não adianta discutir, Valentina. Quando a minha mãe coloca uma coisa na cabeça, não há quem tire.

Dou-me por vencida e me junto a eles para tomar o meu café.

Bernardo

Pego o violão e começo a tocar músicas aleatórias. Tem tanto tempo que não toco que não sei como ainda me lembro como é.

Sei que já está tarde, mas não consigo dormir. O sono me abandonou e tenho dúvidas se conseguirei dormir essa noite. Como se não bastasse a ida para casa da Valentina e da Rebeca ainda tem o fato de ficar me lembrando delas duas andando na beira da praia.

Fecho os olhos e a cena volta a minha cabeça. Como não percebi antes? São as duas nos meus sonhos. Aquele sonho que não me deixa e

PERIGOSAS ACHERON

que não tive mais depois de conhecê-las pessoalmente. Somente quando as vi na praia do mesmo jeito do sonho é que me dei conta. Andei tão preocupado esses dias que tinha até me esquecido dele.

Percebo a presença dela sem precisar vê-la para isso. Finjo que não notei e continuo a tocar. Quando acabo a música que estou tocando, escolho outra pensando nela.

Começo a tocar *In Case You Didn't Know* na versão do Boyce Avenue e canto a tradução. O tempo todo eu só penso que queria que ela entendesse o meu recado.

“Caso você não saiba; baby, eu sou louco por você. E eu estaria mentindo se dissesse; que eu poderia viver essa vida sem você.”

Olho para ela que sorri e pede:

— Continua. — Senta-se perto de mim e tenho que me controlar para não largar o violão e agarrá-la.

“Caso você não saiba; você tem tudo de mim. Eu pertenço a você. Sim, você é o meu tudo.”

Termino de cantar olhando para ela que me encara de volta. Quando termino a música, coloco o

PERIGOSAS NACIONAIS

violão de lado e fico de frente para ela.

— Acordei você? — Pergunto sem saber o que dizer.

Não consigo entender o que acontece comigo quando estou com ela, mas parece que as palavras somem da minha mente.

— Não. Estava acordada. Não consigo dormir.

— Ansiosa para voltar para casa?

Controlo-me para que ela não perceba o quanto me afeta ficando assim tão perto, pois tenho medo que fuja e se afaste outra vez. Ela nega com um aceno de cabeça e se aproxima mais de mim. Respiro fundo e prendo a respiração quando levanta a mão e passa os dedos pelos contornos do meu rosto.

— Bernardo. — Sussurra o meu nome de uma maneira que me deixa doido.

— Valentina, acho melhor você parar. — Peço. — Eu não sou de ferro.

— Não quero que seja. — Traça os meus lábios com o dedo indicador e eu perco o restinho de controle que tinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo vinte e seis

Valentina

Estava indo a cozinha beber um copo de água quando escutei o violão. Não consegui me controlar e acabei me aproximando. Percebi quando ele me viu e fingiu que não o tinha feito, mas não me importei. Queria continuar olhando para ele e não ligava de ter sido pega.

Adoro a música que ele estava tocando e gosto de pensar que foi de propósito por saber que eu estava ali. Quando pedi para que continuasse, estava me controlando para não beijá-lo na mesma hora.

Posso negar para quem quer que seja, mas não para mim mesma. Aquele beijo que ele me deu mexeu comigo.

Não estava conseguindo dormir e sabia muito bem o motivo. Precisava estar com o Bernardo nem que fosse para um beijo. Mas não um como o que ele me deu no hospital. Um como o que ele me dá agora. Um que me tira o ar e me deixa com a sensação de estar flutuando.

Por mais que eu diga que não quero me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

envolver com ninguém e saiba que um relacionamento com o Bernardo não daria certo, sendo bem sincera comigo mesma, eu queria que fosse possível. Talvez por isso esteja aqui. Talvez seja esse o motivo que me faz querer ficar e agir como estou agindo.

— Você tem certeza? Não sou forte o bastante para parar se você continuar aqui, Valentina.

— Não quero que você pare. — Digo em um sussurro. — Por favor.

Ele se afasta de mim e, quando penso em falar para voltar, vejo que fecha a porta do quarto que eu nem lembrei que estava aberta.

— Diz que eu não estou sonhando. — Pede colado a minha boca quando volta para perto de mim.

Não respondo. Ele vai fazendo com que eu me deite para trás e fica por cima de mim. Começa a beijar o meu pescoço e eu perco o pouco ar que me restava.

— Bernardo, por favor.

— Por favor, o que, Valentina? Diz. — Fala no meu ouvido me provocando arrepios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu preciso de você. — Admito em um fio de voz.

— Calma. Sonhei com isso tempo demais para correr agora. Quero que dure, Valentina. Quero que dure a noite inteira.

— Não faz planos, por favor. Vamos viver o agora. — Sinto que ele quer discordar, mas não o faz.

— Como você quiser. — Responde simplesmente e recomeça de onde parou.

Reveza os beijos entre o meu pescoço e os meus lábios me deixando doida. Puxo os cabelos da nuca dele que não para de subir e descer as mãos pelas minhas pernas.

Para do nada e se levanta me levando junto com ele. Ficamos em pé de frente um para o outro nos encarando.

— O que você está fazendo? — Pergunto sem entender.

— Quero você sem essa roupa. — Morde o lábio inferior enquanto me olha de cima a baixo. — Quero te despir aos poucos. Com calma.

Desce uma alça da minha camisola e dá um beijo no meu ombro. Depois, faz o mesmo do outro

PERIGOSAS ACHERON

lado. Beija o meu colo, um seio, depois o outro. Desce junto com a camisola e vai beijando por onde passa. Tira a minha calcinha, deixa um beijo no meu centro e sobe espalhando mais beijos pelo meu corpo, fazendo com que eu me arrepie no processo.

Volta a me beijar e me empurra para que eu deite outra vez, deitando-se por cima de mim. Distribui beijos pelo meu corpo e eu não aguento mais de expectativa.

— Bernardo. — Chamo por ele sem saber ao certo o motivo.

— Shii. Quero te provar. Quero sentir cada pedacinho desse seu corpo que me deixa doido.

— Depois. Agora eu quero você. — Empurro o corpo dele pegando-o de surpresa e faço com que se vire na cama, deixando-me por cima. — Você tem camisinha? — Nem sei como me lembro de perguntar.

— Na minha carteira. — Aponta para a cadeira que tem em um canto do quarto onde estão as roupas dele.

Levanto-me para pegar e volto para cama. Entrego o pacote para ele que abre e coloca o

PERIGOSAS NACIONAIS

preservativo. Assim que ele termina, me posiciono e vou encaixando o membro dele na minha entrada. Preciso me concentrar para não gritar de prazer e acordar todo mundo.

Ele segura em minha cintura e se movimenta junto comigo. Levanta o tronco e beija, morde e suga os bicos dos meus seios sem parar de se movimentar. Quando estou quase gozando, ele me vira na cama e volta a ficar por cima.

— Não para. — Peço sem ar.

— Quero olhar nos seus olhos quando você gozar.

Volta a me penetrar e recomeça os movimentos que me levam a loucura. Apalpa um seio enquanto suga o bico do outro sem parar de me olhar nos olhos em momento algum. Quando penso que não vou mais suportar, ele me beija abafando o nosso gemido e gozamos juntos.

Ficamos deitados em silencio por cinco minutos nos recuperando. Penso no que acabou de acontecer. Não me arrependo. Eu queria isso e não adianta negar. Amanhã volto para casa e sigo a minha vida. Não sou mais aquela menina que acha que sexo está ligado a um relacionamento. Consigo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

separar as coisas. Eu preciso separar. Um relacionamento entre o Bernardo e eu não tem como dar certo. É nisso que preciso pensar e não ficar criando expectativas. Isso foi como uma despedida. Tento convencer a mim mesma.

— Preciso de um banho. — Digo em um fio de voz.

— Daqui a pouco. — Fala me puxando para ele e colando as minhas costas ao peito dele. — Fica assim comigo um pouco. — Sussurra no meu ouvido e eu não consigo negar. — Fica comigo, Valentina. — Escuto ele dizer ao longe depois de mais alguns minutos antes de pegar no sono.

Acordo no dia seguinte e levanto-me com cuidado para não acordá-lo. Ainda bem que deixei tudo pronto para ir para casa, ou não daria tempo de sair antes que ele acorde. Não quero despedidas. Prefiro sair sem que ele me veja. Covarde? Talvez, mas prefiro assim. Não teria coragem de dizer adeus depois do que tivemos ontem a noite.

Vou para o quarto onde a Rebeca está e levo as bolsas para a sala. Encontro a Mariana na cozinha preparando o café.

— Já está de pé? — Pergunta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Se ela percebeu alguma coisa, finge que não.

— Sim. Você marcou que horas com o motorista? Quero pegar logo a estrada.

— Ele já chegou. A hora que quiser ir, é só falar.

— Vou acordar a Rebeca para tomar um achocolatado, pelo menos. Só para não sair em jejum. Quando a gente chegar em casa, ela come alguma coisa.

— Vai lá que eu vou separar alguma coisa para vocês levarem. Assim, se ela sentir fome pelo caminho, você não precisa comprar nada na estrada.

— Obrigada. — Dou um beijo no rosto dela e saio da cozinha.

Acordo a Rebeca que faz tudo o que falo ainda sonolenta. Faço tudo o mais rápido possível para sairmos logo e, quando vou me despedir da Mariana, ela pergunta:

— Não quer esperar o Bernardo acordar para se despedir de vocês?

— Não. Quero chegar cedo em casa. Depois eu ligo para ele. — Sorrio sem graça.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro. Como você preferir. — Beija o meu rosto, dá um beijo na Rebeca e entramos no carro.

Passo a viagem inteira me lembrando da noite que passei com o Bernardo e começo a me questionar se foi uma boa decisão fazer isso. Pensei que fosse fácil tirá-lo da minha mente, mas me enganei. Parece que ainda posso sentir o toque dele no meu corpo e sinto um arrepio só de imaginá-lo fazendo tudo o que fez na noite passada outra vez.

Agradeço o fato de a Rebeca dormir a viagem inteira. Não sei se conseguiria acompanhar a animação que ela sempre tem. Percebo o motorista me olhando pelo retrovisor diversas vezes e me pergunto se está tão na cara assim como estou me sentindo.

Lembro-me do Bernardo dormindo tão sereno antes de eu sair do quarto dele e sorrio. Espero que ele não fique chateado comigo por sair sem me despedir, mas não conseguiria. Se ele repetisse a pergunta que tenho quase certeza que escutei, não sei qual seria a minha reação.

Pego o celular e desligo. Não quero falar com ele agora e tenho quase certeza que irá me

ligar quando acordar e perceber o que fiz.

Sigo o restante da viagem em silêncio e, quando chego, vou direto para a pousada que é onde sei que vou encontrar a minha mãe a essa hora.

Assim que entro na recepção, a Sofia corre em nossa direção.

— Oi, meu amor. A dindinha estava morrendo de saudades de você. — Fala agarrando a Rebeca e pegando no colo.

— Só dela? — Questiono para implicar.

— De você também, amiga. — Vem para o meu lado e me abraça ainda segurando a Rebeca no colo. — Assim que eu matar um pouco a saudade dessa coisa linda aqui a gente vai conversar e você vai me contar tudo o que aconteceu no Rio desde que eu saí de lá.

— Como se não tivéssemos conversado todos os dias pelo celular. — Debocho.

— Até parece que você me contou tudo. Acha que me engana?

— Não tenho nada demais para te contar, Sofia. — Desvio o olhar.

— Nossa! Olha ali. O Papai Noel passando

PERIGOSAS ACHERON

no trenó. — Implica como sempre fazemos quando sabemos que a outra está mentindo.

— Onde, dindinha? — A Rebeca pergunta empolgada olhando para todos os lados e eu começo a rir.

— Bem feito, sua chata. Agora se vira que eu vou ver a minha mãe. — Corro para a cozinha, mas ainda escuto quando ela fala.

— Não adianta fugir que eu vou atrás de você.

— Filha. Que saudades que eu estava de vocês. Nunca passamos tanto tempo assim longe uma da outra.

— Eu também estava morrendo de saudades, mãe.

— E a Rebeca, está bem mesmo? Não teve mais nada?

— Graças a Deus, não. Foi só o susto mesmo. Até hoje os médicos não entendem o que aconteceu. Ninguém consegue explicar o porquê de ela entrar em coma daquele jeito. Eles dizem que, pelo exame, não era para ela ter tido nada.

— A ciência nunca é exata, filha. Cada organismo reage de uma maneira. O que importa é

PERIGOSAS NACIONAIS

que ela está bem. E você, como está?

— Estou bem, mãe. Só com saudades do nosso cantinho. Acho que vou aproveitar que está tudo calmo por aqui e vou em casa um pouco para deixar as coisas.

— Faça isso. Mais tarde a gente conversa.
— Olha-me de um jeito que sei que já percebeu que estou escondendo alguma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo vinte e sete

Valentina

— Agora que a Rebeca está com a minha mãe e a tia Aline você pode me contar tudo o que está querendo me esconder. Como estão as coisas entre você e o Bernardo?

— Eu já tinha te contado, Sofia. A gente já se entendeu. Estamos bem outra vez. — Omito o que aconteceu ontem apesar de saber que não vou conseguir por muito tempo.

— Ainda não entendi o porquê de você ter feito aquilo, Valentina. O beijo dele foi tão ruim assim?

— Não. Claro que não. Mesmo porque não chegou a ser um beijo do jeito que você está pensando. Foi mais um roçar de lábios.

— Então por que você se afastou dele? Amiga, para de se esconder. Para de agir como se todo mundo fosse o Eduardo. Não é porque aconteceu uma vez que vai se repetir.

— Eu não quero me envolver e você sabe muito bem disso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando eu falei para você viver a sua vida sem se prender a ninguém, não estava querendo dizer para sempre, Valentina. Se você encontra um cara que vale a pena, investe.

— Quem te garante que o Bernardo é esse cara? Você mal o conhece, Sofia.

— Se tudo o que ele fez por vocês duas nessas últimas semanas não te diz nada, o seu problema é maior do que eu pensei. Você está esperando demais dos outros, não acha?

— Falou a pessoa que está à procura de alguém igual ao tio Vinícius.

— A diferença é que ainda não achei ninguém que mexesse comigo. E não adianta me dizer que o Bernardo não mexe com você. Eu já vi os dois juntos, Valentina.

— O que adianta? Nunca daria certo um relacionamento entre a gente. Como se não bastasse todo o resto, olha a distância que nos separa, Sofia. O que adianta me entregar e quebrar a cara outra vez?

— E quem te garante que não vai dar certo? Você nem tentou. O cara mal encostou e você correu para longe.

PERIGOSAS ACHERON

— Ontem a noite, nós ficamos juntos. —
Acabo contando.

— Como assim ficaram juntos? Vocês se beijaram outra vez? — Aceno com a cabeça em acordo. — E de quem foi a iniciativa? — Ergo a sobrancelha para ela. — Sua? — Questiona sem acreditar.

— Sim. — Ela dá um grito. — Para de gritar, sua louca. Ele dormiu lá ontem a noite e eu não estava conseguindo pegar no sono. Levantei para ir a cozinha beber um copo de água e escutei o som do violão vindo do quarto dele.

— Ele estava tocando?

— Sim. Parei na porta, mas tenho certeza que ele me viu. Ele começou a tocar e cantar uma música que eu adoro e tenho quase certeza que foi por perceber que eu estava ali.

— Qual foi a música? — Pergunta curiosa.

— *In case you didn't know*. E ainda era a versão que eu gosto do Boyce Avenue. Acabei entrando no quarto e, quando ele terminou de cantar, a gente se beijou. Um beijo levou a outro e eu acabei passando a noite com ele.

— Nossa! Eu aqui brigando por você ter

fugido e a mocinha só escondendo o jogo. Vocês se acertaram? Por que ele não te trouxe?

Desvio o olhar certa do que está por vir.

— Eu saí do quarto antes que ele acordasse e vim embora.

— Você o quê? Não acredito nisso, Valentina. Como você pôde fazer uma coisa dessas com ele?

— Não é como se tivéssemos um relacionamento, Sofia. Foi só uma noite. — Tento convencer a mim mesma que é isso que quero.

— Porque você não quer. Porque você está lutando contra. Para de se boicotar, Valentina. Dá uma chance para o Bernardo. O que você tem a perder?

— Muita coisa. Você não entende, Sofia. Ele mexe comigo sim, mas não vou arriscar. Não sou só eu que tenho a perder. A Rebeca também está se apegando demais a ele. Para que vou deixar os dois se aproximarem mais ainda para depois ele sumir?

— Olha o que você está falando. — Sacode a cabeça para os lados e sorri sem humor. — Vou repetir para você. Ele não é o Eduardo. Para de

comparar todo mundo com aquele idiota.

— Não estou comparando. — Nego.

— Está sim. Enquanto você não se envolveu com esses caras que aparecem por aqui e não querem nada sério, tudo bem, mas o Bernardo é diferente. Ele tentou te ajudar antes mesmo de te conhecer. O cara fez de tudo para descobrir o paradeiro do Eduardo e, quando descobriu que ele estava morto, fez questão de vir aqui te contar pessoalmente. Como se não bastasse tudo isso, o cara toma a responsabilidade para si quando a Rebeca foi atropelada e resolveu tudo. Ele cuidou dela como o pai nunca fez. Será que precisa de mais? Será que isso não é o suficiente para te provar que é diferente? O que ele precisa fazer mais para te convencer?

— Tudo bem. Ele não é igual ao Eduardo.

— Admito.

— Aleluia. Pensei que fosse precisar te bater para você entender. — Debocha.

— Só que isso não muda o fato que ele mora longe daqui.

— Você está inventando desculpas, Valentina.

— Estou com medo. Satisfeita? Medo de me envolver. Medo por mim e pela minha filha. Não sei o que fazer. Fora que ele não deve mais me procurar.

— Você não deixou nem um bilhete? — Nego com um aceno de cabeça. — Caramba, Valentina. Você foi cruel.

— Nem pensei nisso. Na hora eu só queria sair de lá antes que ele acordasse.

— Por que, Valentina? Sério. Eu não entendo.

— Ele me pediu para ficar. Eu já estava quase dormindo, mas tenho certeza que escutei quando ele falou.

— Ficar no Rio? Você ainda quer morar lá igual antigamente?

— Não sei, Sofia. A Mariana também falou sobre isso. Até me ofereceu casa e trabalho. Disse que adoraria que ficássemos lá com ela.

— Uau! — Respira fundo antes de voltar a falar. — Essa me pegou de surpresa.

— A mim também. Já tinha até esquecido disso. Comentei com a Mariana que antes de engravidar pensava em fazer faculdade lá. Ela veio

com esse assunto e usou isso também.

— Ela está jogando pesado. Já deve ter percebido que o filho está caidinho por você. — Brinca. — Sortuda. O Bernardo é um gato, amiga. Vai com tudo.

— Isso se ele me procurar. — Falo desanimada.

— Ele vai. Nem que seja para te xingar e dar umas palmadas, mas vai. Por falar em palmadas. Como ele é na cama? Pode me contar tudo.

— Nada de detalhes. Você só precisa saber que foi bom. Muito bom.

— Absurdo! Já vai começar a me esconder as coisas? Isso não é coisa que se faça. Você sempre me contou. — Faz uma pausa. — Espera. Isso é bom. Sinal que foi importante para você.

— É impressão minha ou você está fugindo do assunto Rio de Janeiro?

— Não estou fugindo. Só não quero pensar nisso agora. Você sabe que eu vou te apoiar independente de qual seja a sua decisão. Eu só quero o seu bem e o da Rebeca. Mas que vou morrer de saudades, isso vou. Nós nunca nos

separamos antes. Essa foi a primeira vez. E a senhorita está fugindo do fato que essa noite foi importante para você.

— Pensei que eu fosse conseguir agir normalmente depois. Que não fosse me importar tanto e fosse fácil de esquecer, mas me enganei. Vim a viagem inteira pensando nele.

— Já estou vendo que vou perder a minha amiga. Não demora muito e você me abandona para ir de vez para o Rio.

— Que história é essa de ir de vez para o Rio? — Escuto a voz da minha mãe perguntar e olho para a Sofia.

— Nada, tia. Estou brincando com a Valentina. — A Sofia ainda tenta disfarçar.

— Como se eu não conhecesse vocês duas. Pode falar, Valentina. Que história é essa?

— Depois a gente conversa sobre isso, mãe. Agora tenho que trabalhar. Já fiquei muito tempo afastada.

— Nem vem, mocinha. A pousada está vazia. Podemos conversar agora. Pode começar a me explicar.

Solto um suspiro e me dou por vencida. Sei

que não vai adiantar nada ficar enrolando. Ela não vai deixar passar.

— A Mariana me ofereceu para ficar na casa dela. Disse que eu posso colocar a Rebeca em uma escola e fazer faculdade. Ela também me ofereceu para trabalhar como assistente pessoal dela.

— O que você respondeu? — Questiona e fica me olhando séria, esperando que eu responda.

— Não respondi. Disse que não era assim tão fácil e que minha vida é aqui.

— Mas ficou mexida. Está pensando no assunto, não está? Você sempre quis fazer faculdade lá, filha. Desistiu?

— A minha vida não é mais a mesma, mãe. Tenho que pensar na Rebeca também. E também tem a senhora. Eu não vou deixá-la aqui sozinha.

— Eu sempre soube que você queria sair daqui. Por mais que você goste da nossa cidade, seus olhos brilhavam quando falava em estudar no Rio de Janeiro. Quanto a Rebeca, você não acha que seria bom para ela também? Mais escolas, mais possibilidades. Fora a saúde. Você viu o que aconteceu com ela. Se o Bernardo não estivesse

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui... Não gosto nem de pensar nessa hipótese, filha.

— Mãe, eu não vou. Só contei para a Sofia. Ela que já começou a inventar coisas. — Olho séria para ela.

— Por que ela te conhece e sabe que sempre foi o que você quis. E nem me venha com essa história de não me deixar sozinha, menina. Você sabe que eu não ficaria. Tenho a Giovana e o Vinícius. Eles sempre foram a minha segunda família. Está na hora de bater as suas asas, filha. De viver a sua vida.

— Minha vida é aqui com a senhora. — Digo firme.

Ela sorri para mim e fica me encarando. Penso que não vai mais falar nada, mas ela recomeça logo depois.

— Se o seu destino for fora daqui, nada vai te prender. Nem mesmo essa sua teimosia. Lembre-se que eu estou sempre com você. Isso não vai mudar. Mesmo que a distância física aumente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo vinte e oito

Bernardo

Acordo e abro um sorriso. Viro-me achando que vou encontrar a Valentina deitada comigo, mas vejo a cama vazia. Acredito que ela tenha ido para o quarto para ninguém saber que ela dormiu aqui comigo.

Queria que ela não se preocupasse com isso, porém, só de ela ter vindo aqui à noite e depois do que aconteceu entre nós, já me sinto satisfeito. Sei que não vou conseguir fazer com que mude de ideia assim tão rápido com relação a tudo.

Levanto-me, vou ao banheiro e sigo para a cozinha onde encontro os meus pais.

— Bom dia. — Cumprimento assim que entro e dou um beijo na cabeça de cada um. — A Valentina já acordou? — Pergunto tentando fazer com que não percebam o que aconteceu.

— Por que você não me responde? — Minha mãe devolve a pergunta e eu desvio o olhar.

Não sei por que me surpreendo com o fato de ela saber o que aconteceu. Nada nunca passa despercebido para a minha mãe.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Essa casa está tão quieta. A Rebeca não acordou? — Mudo de assunto.

— Elas já foram, filho. — Meu pai me responde.

Levanto a cabeça na mesma hora e quase deixo a xícara de café cair da minha mão. Não pode ser verdade o que ele acabou de falar.

— Como assim já foram? São que horas? — Olho para o relógio em meu pulso e vejo que ainda está cedo.

— Eu encontrei com a Valentina aqui na cozinha há umas duas horas. Ela acordou a Rebeca e, como respondi que o João já tinha chegado, ela disse que ia de uma vez, pois queria chegar cedo em casa. O que aconteceu, Bernardo?

Esfrego o rosto e respiro fundo. Não sei o que responder.

— Não sei, mãe. Se a senhora me perguntasse antes de me dizer que ela já foi embora, eu diria que estávamos nos acertando. Agora não sei de mais nada.

Lembro-me dela me pedindo para não fazer planos. Não pensei muito na hora, mas não esperava que fosse por isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando eu vi que ela tinha dormido no seu quarto, pensei a mesma coisa. Vocês brigaram outra vez?

— Não mãe. Estávamos bem. Pensei que ela tivesse passado a noite no meu quarto. Só percebi que não estava mais lá quando acordei.

— Ela passou a noite com você. — Afirmo.

— Como a senhora sabe? Ela falou alguma coisa?

— Não. Eu acordei de madrugada e vi que a Rebeca estava sozinha no quarto. Quando vi a porta do seu quarto fechada e não a achei pela casa, logo deduzi que estivessem juntos. Ela não deixou nem um bilhete? — Nego com um aceno de cabeça.

— Não olhei muito, porque achei que ela ainda estivesse aqui, mas, se deixou, não foi muito a vista. Vou dar uma olhada no quarto.

Levanto-me sem ao menos terminar o café. Perdi completamente a fome. Tento me lembrar se ela falou alguma coisa que indicasse sobre isso, mas não consigo pensar em nada além de ela me pedir para não fazer planos.

— Toma café pelo menos, Bernardo. — Minha mãe diz antes que eu passe pela porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Depois eu tomo, mãe. Estou atrasado para o trabalho. — Minto e sigo para o quarto.

Aproveito que tenho roupa aqui para me arrumar sem precisar passar no meu apartamento antes de ir trabalhar. Reviro o quarto inteiro procurando por algum bilhete ou qualquer coisa que ela possa ter deixado para mim, mas não acho nada.

Tomo banho e me arrumo de maneira automática. Não consigo esquecer o que aconteceu ontem e o fato de ela ter saído sem se despedir de mim. Será que eu fiz ou falei alguma coisa errada? Tento me lembrar de alguma coisa, porém não consigo pensar em nada que justifique essa atitude dela.

— Vai com Deus, meu filho. E não fica pensando nisso o dia todo. Ela deve ter os motivos dela. Não consigo culpá-la por sentir medo e tentar se preservar depois de tudo o que passou. Você conhece a história dela, filho. Tenta se colocar no lugar dela. Ainda tem o fato de ter acontecido o mesmo com a mãe. Apesar de ela nunca ter entrado em detalhes sobre isso, sei que não deve ter sido fácil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei, mãe. Mas eu não sou o Eduardo e nem o pai dela. Achei que já tivesse deixado isso bem claro, mas vejo que me enganei.

— A distância entre vocês não mudou, Bernardo. Ela continua morando em outra cidade. Você acha que é fácil para ela acreditar que um relacionamento entre vocês daria certo?

— A senhora está do lado de quem? — Pergunto revoltado por ela estar inventando desculpas para o que a Valentina fez.

— Do seu, filho. Mesmo você não acreditando. Só não quero que você tome nenhuma atitude precipitada e se arrependa depois. A Valentina é uma boa pessoa. Só está muito machucada. Pensa antes de fazer qualquer coisa, ok?

Não respondo. Dou um aceno fraco de cabeça, beijo o rosto dela e saio.

Sigo direto para o escritório. Ligo o rádio para tentar me distrair, mas acaba acontecendo justamente o contrário. Quando estou quase chegando ao prédio onde trabalho, começa a tocar *N do Nando Reis e Anavitória* e a letra me lembra muito o que aconteceu hoje de manhã. Estaciono o

PERIGOSAS ACHERON

carro em uma vaga e mando um trecho para ela junto com o link para que escute.

“E agora, o que eu vou fazer? Se os seus lábios ainda estão molhando os lábios meus? E as lágrimas não secaram com o sol que fez?”

E agora como eu posso te esquecer? Se o teu cheiro ainda está no travesseiro; E o seu cabelo está enrolado no meu peito.

Espero que o tempo passe. Espero que a semana acabe. Pra que eu possa te ver de novo.”

A letra da música me dá uma luz do que devo fazer. Darei essa semana para ela pensar em tudo o que aconteceu entre nós, mas, na sexta-feira, pego a estrada e vou provar para aquela teimosa que não estou de brincadeira e que a quero em minha vida.

Sigo o resto do caminho mais confiante e mais tranquilo do que quando saí da casa dos meus pais. Assim que chego ao prédio, antes mesmo de entrar no elevador, encontro com o Daniel.

— Pensei que você tivesse sido abduzido.
— Debocha. — Tem mais de duas semanas que mal nos falamos.

— Está carente? — Implico enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

caminhamos para o elevador. — E para de exagero. Nós nos falamos por mensagens diversas vezes. — Defendo-me.

— Diversas? Desde que aquela mulher veio para o Rio com você só nos falamos duas vezes, Bernardo. — Fala justamente quando o Gustavo entra no elevador. Dou uma cotovelada nele que me semicerra os olhos para mim. — O que foi?

— Cala a boca, Daniel. Você sabe muito bem o que aconteceu durante esse tempo. Vamos mudar de assunto. — Faço um gesto suave com a cabeça em direção ao Gustavo e ele para de falar.

Tudo o que não preciso é que o Gustavo descubra sobre a Rebeca. Não quero correr o risco de ele contar para os pais do Eduardo que eles têm uma neta, pois sei do medo da Valentina sobre isso.

— Você passou o fim de semana na casa dos tios? — Pergunta quando estamos descendo no meu andar.

— Sim. Vim direto de lá. — Cumprimento a Raquel que já está no escritório e sigo para a minha sala. — Você não vai trabalhar hoje?

— Para de me enrolar, Bernardo. O que tem demais aquele cara escutar sobre as duas?

PERIGOSAS ACHERON

Coloco a minha pasta em cima da mesa, sento-me e respiro fundo antes de responder.

— Ele conhecia o pai da Rebeca e a Valentina tem medo que conte para os pais dele. Ela morre de medo que eles venham atrás da neta e tentem tirar a filha dela.

— Você acredita mesmo nisso? — Senta-se a minha frente e fica me encarando.

— Não vejo nem um motivo para não acreditar, Daniel. — Falo sério. Essa mania dele de desconfiar da Valentina já me irritou. — Olha só, se você veio aqui para falar que ela não presta, que está querendo me dar o golpe, todas essas baboseiras outra vez, perdeu o seu tempo. Eu sei que ela está sendo sincera comigo. E quer saber? Tenho certeza que o dia que você a conhecer vai mudar de ideia.

— Como você pode ter tanta certeza? Você conheceu essa mulher outro dia, Bernardo.

— Faço a mesma pergunta para você, Daniel. Como você pode ter tanta certeza que ela não presta se nem a conhece? Uma pessoa não pode se interessar por mim? Só pelo meu dinheiro? Ela nem tinha como saber o que eu tenho, porra. —

Acabo perdendo o controle.

— Não é isso, cara. Claro que eu acho que uma mulher pode se interessar por você.

— Então é o quê? Você conhece a Valentina? Conhecia o Eduardo? Está me escondendo alguma coisa?

— Não. Nem sei como ela é, Bernardo. Não viaja, cara.

— A gente passou essa noite juntos antes de ela voltar para casa. — Omito o fato de que ela saiu sem se despedir de mim.

— Usaram camisinha? — Pergunta com sarcasmo.

— Chega dessa merda, Daniel. Eu quero me acertar com a Valentina e não consigo entender o motivo de você ficar com essa cisma. Nós nunca brigamos de verdade. Não quero começar agora. — Respiro fundo e volto a falar. — E quanto a sua dúvida, foi ela mesma que me lembrou da camisinha, já que eu nem pensei sobre isso.

Passa a mão pelos cabelos, nervoso. Vejo que se controla antes de voltar a falar.

— Tudo bem. Não vou mais discutir com você sobre isso. A menina melhorou? Não teve

mais nada?

Muda de assunto, o que eu agradeço. A gente se conhece desde criança e nunca tivemos uma briga séria, mas não vou deixar que ele fique falando da Valentina sem ao menos conhecê-la. Eu confio nela. Sei que a história que me contou é verdade. Não sei o motivo, só sei que confio.

Capítulo vinte e nove

Valentina

— Nada ainda? — A Sofia pergunta assim que se aproxima de mim na recepção da pousada e eu nego com um aceno de cabeça. — Nem uma mensagem?

— Não. Ele não vai me procurar, Sofia. — Digo desanimada.

— Por que será, não é mesmo, Valentina? Será por que você saiu de lá sem se despedir ou deixar um bilhete sequer? Nossa! Quem poderia esperar por uma coisa assim? — Fala com sarcasmo.

— Eu sei que errei, ok? Já entendi nas outras milhares de vezes que você falou isso antes. Não precisa mais ficar repetindo.

— Vou repetir até te convencer que você tem que ligar para ele e pedir desculpas.

— Não vou ligar. Já disse. Ele não quer mais nada comigo e está deixando isso bem claro para mim.

— Sabe o que não entendo? Pensei que ele

fosse aparecer, ligar ou, pelo menos, mandar mensagem depois de te enviar aquela música, mas o cara sumiu. Eu te disse para responder.

O Bernardo me enviou uma mensagem na segunda-feira de manhã com um trecho de uma música, mas eu fiquei sem reação com o que dizia a letra e não consegui responder nada além de um *emoji* sorrindo. Pensei que ele fosse me procurar, ou voltar a me mandar mensagens de bom dia, porém isso não aconteceu mais. Hoje já é sexta-feira e não tive mais notícias dele.

A Sofia insiste que eu tenho que procurá-lo, mas eu nego o tempo todo. Vou falar o quê? Olha, eu saí sem me despedir, porque fiquei com medo do quanto você mexeu comigo. Medo do que senti ficando com você. A certeza que um relacionamento entre nós dois não daria certo me impede de falar qualquer coisa assim para ele.

— Foi melhor assim. — Tento enganar a mim mesma. — Ele já deve ter procurado por aquela tal de Thaís. — Tento disfarçar o quanto essa ideia me afeta. — Ela vivia correndo atrás dele mesmo. Para que ter trabalho comigo?

— Oi? Em? Eu ouvi um tom de ciúmes

nessa frase? Alguém está se roendo por dentro? — Debocha.

— Não estou com ciúmes, Sofia. Não viaja. Você quando cisma com uma coisa nem Deus te faz mudar de ideia.

— Porque me lembro perfeitamente de quando você me contou sobre ela e o tom da sua voz. Não tenta me enganar, Valentina. A gente se conhece desde bebês. Eu sei muito bem o que você sentiu quando descobriu que os dois tinham se encontrado no bar.

Lembro-me do dia que ela está falando. Quando o Bernardo me contou que estava no bar com a Thaís e que ela tinha o levado até o hospital, precisei me controlar para que ele não percebesse o quanto aquilo me incomodou. Não temos nada um com o outro. Não tenho motivos para surtar por isso. Pelo menos foi o que tentei me convencer enquanto ele falava.

— Não gostei. — Admito. — Satisfeita? Ele já tinha me dito que não queria nada com aquela mulher e ainda ficava dando motivos para ela acreditar no contrário.

— Finalmente. — Levanta as mãos para o

alto quando fala. — Isso já é um bom começo.

— Não tem começo algum, Sofia. Para de inventar coisas nessa sua cabecinha fértil.

— Claro que tem. Você acabou de confessar que sentiu ciúmes. — Diz baixinho.

Sinto um arrepio na nuca e um perfume que eu reconheceria em qualquer lugar. Fecho os olhos e respiro fundo. Devia ter desconfiado que ele faria isso.

— É ele, não é? — Pergunto baixinho para ela que sorri e acena com a cabeça em acordo.

— Boa noite. — Cumprimenta assim que se aproxima de nós.

Tenho que me esforçar para não me jogar em seus braços. Parece que tem muito mais tempo que não o vejo. Abro um sorriso forçado e me viro para ele.

— Boa noite. Não sabia que você vinha, Bernardo. Fez reserva no nome de quem dessa vez? — Tinha que ser a Sofia a fazer essa pergunta.

— Raquel. Minha secretária deve ter feito no nome dela. — Responde sorrindo.

— Ela é bem distraída, não é mesmo? — Pergunta com deboche e eu dou uma cotovelada

PERIGOSAS ACHERON

nela. — O que foi? — Semicerro os olhos para ela e me viro para ele.

— Boa noite, Bernardo. Vejo que você gostou da cidade. — Chuto-me mentalmente. Não tinha nada mais inteligente para falar?

— Muito mais do que você imagina. — Responde me encarando de um jeito que não consigo desviar o olhar. — Será que a gente pode conversar um pouco?

— Claro que pode. — A Sofia responde por mim.

— Eu estou aqui, sabia? Posso muito bem responder por mim mesma. — Chamo a atenção dela. — Ainda estou no meu horário de trabalho. — Começo a me explicar e, quando a Sofia vai reclamar, ele volta a falar:

— Não tem problema. Eu acabei de chegar. Preciso me acomodar e de um banho antes de qualquer coisa. Vim direto do trabalho. Estou doido para tirar esse terno e colocar uma roupa mais confortável. Depois a gente pode sair para comer alguma coisa e conversamos.

— Também preciso tomar banho. Estou o dia inteiro aqui. Vou em casa rapidinho e volto para

encontrar com você. Tudo bem?

A Sofia disfarça e caminha para a saída da pousada nos deixando sozinhos.

— Se você não voltar, vou atrás. Chega de fugir, Valentina. — Diz me encarando sério. — Nós precisamos conversar.

Aceno com a cabeça em acordo. Ele me dá um beijo próximo aos meus lábios. Estico a mão com a chave do quarto para ele que pega e se afasta sem falar mais nada.

Fico o encarando até virar o corredor e levo um susto com a Sofia falando atrás de mim.

— Agora que estamos sozinhas outra vez você pode me contar como sabia que era ele.

— Quer me matar do coração? Droga, Sofia.

— Não disfarça, Valentina. Como você sabia que era ele antes mesmo de eu falar alguma coisa? Anda. Pode começar a falar.

— Eu reconheci o perfume dele. — Confesso.

— Meu Deus! É melhor do que eu esperava. Já está assim? Reconhecendo o cheiro do cara? Agora só falta admitir que está de quatro por ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para de besteira, Sofia. — Desvio o olhar.

— Sabe o que eu estava lembrando? — Não me espera responder para continuar a falar. — De você me contando o quanto a presença dele no hospital te fez bem.

Lembro-me de dizer a ela sobre isso. Não sei se teria suportado os dias no hospital com a Rebeca desacordada, sem saber o que estava acontecendo, se não tivesse o Bernardo comigo. Ele conseguia me distrair e até mesmo me fazia sorrir um pouco durante as nossas conversas. Muitas vezes só de estar com ele eu já me sentia melhor. A presença dele foi de suma importância para mim. A semana que passamos afastados foi uma das piores da minha vida. Ficar sozinha no hospital, sem ter a minha família e nem ele por perto foi horrível.

— Às vezes me pergunto o porquê de te contar as coisas se você usa contra mim.

— Espera. Acabei de me lembrar de uma música. — Para em frente ao notebook da recepção e coloca a música para tocar. — É a sua cara. — Fala com um sorriso enorme no rosto, me deixando com medo do que está por vir.

PERIGOSAS ACHERON

Começa a tocar *A rosa e o beija-flor* de Matheus e Kauan e ela canta junto.

“Quando você fica ao lado de uma pessoa; e ela mesmo em silêncio lhe faz bem. Quando você fecha os olhos; e no pensamento está fotografado o rosto desse alguém.

E quando estiver no dia triste; basta um sorriso dela pra você ficar feliz; e quando se sentir realizado; e dizer que encontrou o bem que você sempre quis.

E quando chorar de saudades. Quando morrer de ciúmes. Quando sua sensibilidade; (Identifica) identifica o perfume.

Isso é amor. Tá rolando amor. É o encontro de metades; a rosa e o beija flor.”

— Você é louca. Canta baixo. — Peço quando ela começa a cantar mais alto.

— Você não vê, Valentina? Você está louca por ele. Só falta aceitar e parar de lutar contra, amiga. Vai para casa agora e se arruma. Daqui a pouco ele volta e você ainda nem saiu daqui. Anda. Eu fico no seu lugar, mas se você não voltar, eu mesma vou atrás de você, está me ouvindo?

Não respondo. Dou um beijo no rosto dela e

faço o que ela fala. Sigo direto para casa e aproveito que estou sozinha para me arrumar o mais rápido que posso. Não quero que o Bernardo pense que estou fugindo outra vez.

Consigo me arrumar em apenas vinte minutos e volto correndo para a pousada. Assim que entro, encontro a Sofia e o Bernardo conversando. Fico com medo do que essa louca possa ter falado para ele que sorri assim que me vê.

— O que você está aprontando, Sofia? — Pergunto quando me aproximo dos dois.

— Eu? — Finge inocência. — Viu como são as coisas, Bernardo? Não fiz nada e ela já chega me acusando. — Funga. — Um absurdo.

— Como você faz questão de dizer o tempo todo, eu te conheço, Sofia.

— Juro que não fiz nada. Só estava fazendo companhia para o Bernardo enquanto você não chegava. — Olha-me séria quando diz.

— Ela nem teve tempo de falar nada, Valentina. Eu acabei de chegar. — Sorri para mim. — Vamos?

Aceno com a cabeça em acordo. Ele coloca a mão na base da minha coluna e me guia para a

saída.

— Divirtam-se. — Escuto a Sofia falar quando passamos pela porta da pousada.

Seguimos para a orla da praia sem dizer uma palavra sequer e, assim que nos aproximamos de um banco, ele me puxa para sentarmos.

— Por que você foi embora daquele jeito? Sem deixar ao menos um bilhete? — Pergunta virado de frente para mim. — Sem mentiras e sem desculpas, Valentina. Quero a verdade.

— Porque mexeu comigo muito mais do que eu pensei que fosse possível. — Admito. — Quando acordei, só conseguia pensar em fugir de uma coisa que eu tinha certeza que não podia dar certo. Não conseguiria se te olhasse outra vez. Saí tão apressada que acabei esquecendo de deixar um bilhete.

— Você não tem como saber se vai dar certo. Ninguém tem. — Faz uma pausa sem deixar de me encarar. — Quer saber? Chega de fugir. Eu já te dei essa semana para pensar sobre isso que está acontecendo entre nós. Não vou esperar mais.

Não me dá tempo de pensar no que acabou de falar e me beija. Entrego-me ao beijo sem

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguir mais lutar contra.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo trinta

Bernardo

— Não foge mais de mim. Por favor. —
Peço com a testa colada a dela quando encerro o beijo.

— Bernardo... — Não a deixo falar.

— Não, Valentina. Eu sei pelo o que você passou, mas isso não quer dizer que vai se repetir. Eu quero você. Não estou brincando contigo. Sou louco por você e acho que já demostrei isso mais de uma vez. Não sei como aconteceu. Quando vi, já estava completamente apaixonado.

— Como você pode ter tanta certeza? A gente se conheceu outro dia, Bernardo. — Vira-se de frente para mim.

— Eu já sentia alguma coisa por você antes mesmo de te conhecer pessoalmente, Valentina. Desde a primeira ligação. Não me pergunte o que aconteceu, pois não sei responder. Só sei que não conseguia te tirar da minha cabeça.

— Pensei que você não fosse mais me procurar. Confesso que esperei a semana inteira para ver se entrava em contato comigo. Depois que
PERIGOSAS ACHERON

você me mandou aquela mensagem, achei que fosse aparecer aqui, mas os dias foram passando e você não vinha e nem ligava. Cheguei a pensar que tinha estragado tudo.

Depois de enviar a mensagem com a música para ela, resolvi que não ia procurá-la. Foi difícil me segurar. Por várias vezes peguei o celular para mandar uma mensagem de bom dia ou só para saber como ela estava, mas consegui me controlar.

— Achei melhor te dar essa semana para pensar no que aconteceu entre a gente. Não quero te forçar a nada, Valentina. Só não quero desculpas e suposições. Qualquer relacionamento corre o risco de não dar certo. A gente só vai saber se tentar. A única coisa que importa para mim é se você também quer. Se a resposta for positiva, para todo o resto, a gente dá um jeito.

— Você mora em outra cidade, Bernardo.

— Você escutou o que eu falei? A distância não vai me impedir de ficar contigo, Valentina. Você quer tentar? Quer arriscar? Prometo que vou fazer o que estiver ao meu alcance para que isso dê certo. Eu não quero te magoar. Quero ficar com você, curtir todos os minutos que a gente tiver

disponível. Se isso só acontecer nos finais de semana, tudo bem. Vou fazer valer a pena a espera por eles. Eu te prometo. Só me diz o que você quer.

Ela fica calada durante mais alguns instantes me deixando tenso e, antes de voltar a falar, solta um suspiro.

— Eu quero, Bernardo. Por mais que eu tenha lutado contra, não consegui. Também me apaixonei por você. Mas você tem que entender que não sou só eu. Tem a Rebeca. Ela já é muito apegada a você. Se não der certo, ela vai sofrer.

— Eu entendo o seu medo. Entendo de verdade. Também não quero que ela sofra, Valentina. Sou louco por aquela menina. Não posso te prometer que não vai acontecer, mas, volto a dizer, a gente só vai saber se tentar e eu vou me esforçar ao máximo para fazer vocês duas felizes.

— Você está certo. — Abro um sorriso enorme e me controlo para não agarrá-la antes mesmo de terminar de falar. — Eu também quero. Chega de medo. Não dá para viver assim. O que aconteceu é passado. Você já me provou muitas vezes que não é igual ao Eduardo. Eu confio em você, Bernardo. Só não me decepcione, por favor.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou. — Puxo-a para mais perto de mim. — Agora chega de conversa. Quero te beijar para recuperar o tempo perdido.

Ficamos mais um tempo sentados, nos beijando até que ela volta a falar.

— Acho melhor voltarmos para a pousada. Ainda preciso pegar a Rebeca. Não sei se a minha mãe já foi e nem se a levou ou deixou com os tios. — Faz uma pausa e volta a falar. — Você deve estar com fome. Disse que ia comer e não comeu nada até agora. Vem. Eu preparo alguma coisa para você lá na pousada.

— Nada disso. Não quero te dar trabalho. Vamos pegar a Rebeca e sair para comer alguma coisa na rua mesmo. Estou morrendo de saudades dela.

— Ela vai adorar te ver. Não parou de falar de você e dos seus pais nem um minuto durante a semana.

— Por que você não me ligou? Ou, pelo menos, para a minha mãe. Ela também está morrendo de saudades da Rebeca e de você. Já brigou comigo diversas vezes por não ter te ligado ainda.

PERIGOSAS ACHERON

— Estava com vergonha. — Confessa. — Tenho quase certeza que ela percebeu que eu dormi no seu quarto na última noite.

— Você ainda tem dúvidas? Minha mãe não deixa passar nada. — Brinco e ela cobre o rosto com as mãos. — Ei! Para com isso. Ela não ligou. Muito pelo contrário. Minha mãe quer mais é que a gente se acerte.

Seguro as mãos dela e a puxo para mim. Dou um beijo leve nos seus lábios e ela se afasta em seguida.

— Vamos. A Rebeca já deve estar nervosa procurando por mim.

— Aposto que a Sofia já arrumou um jeito de distraí-la. — Digo enquanto nos levantamos e seguimos para a pousada de mãos dadas.

Não falamos nada durante o trajeto. Fico só aproveitando o contato e matando um pouco a saudade que senti todos esses dias longe dela.

Sei que disse para ela que a distância não vai me impedir de ficarmos juntos, mas não será fácil. Já me acostumei a tê-las por perto durante os dias que passaram na casa da minha mãe e no hospital. Até mesmo durante a época em que não

estávamos tão bem, eu não ficava muito tempo sem vê-las.

— Isso quer dizer o que eu estou pensando?
— A Sofia pergunta assim que passamos pela porta da pousada. — O que você teve que fazer para convencer essa teimosa? Porque isso é pior que mula empacada.

— Fica quieta, Sofia. Onde está a Rebeca? Minha mãe levou?

— Vai achando que pode fugir de mim por muito tempo. Você não tem para onde correr. — Semicerra os olhos para a Valentina quando fala. — Respondendo a sua pergunta, a Rebeca está no meu quarto vendo desenho. Vão lá. Ela vai adorar te ver, Bernardo. Chamou pelo tio Bê a semana toda. Estou ficando com ciúmes.

— Não liga para ela, Bernardo. A Sofia é meio maluquinha, mas é boa pessoa.

— Tio Bê. — A Rebeca entra correndo na pousada me chamando. — Você veio me ver? — Abro os braços para ela que pula no meu colo.

Aperto-a contra o meu peito e respiro fundo. Como senti falta dessa menina.

— Vim sim, minha linda. O tio está cheio

de fome. Que tal se você me mostrar um lugar bem legal para comer?

— Posso, mamãe? — Pergunta animada.

— A mamãe vai com a gente. Quer ir também, Sofia?

— Não. Vou ficar aqui na pousada e deixar vocês matarem a saudade. — Pisca para mim. — Comporte-se, mocinha. — Diz para a Rebeca antes de a gente sair.

Percebo algumas pessoas nos olhando enquanto andamos pela rua, porém não me importo. Quero mais é que todo mundo saiba que ela está comigo. Não quero nenhum engraçadinho dando em cima da minha mulher.

Nunca fui ciumento, mas, só de ver alguns caras olhando para a Valentina, já percebo que agora será diferente.

Valentina

Olho o carro dele se afastando enquanto a Rebeca dá tchau do meu colo. O Bernardo passou mais um final de semana conosco e eles não desgrudaram um do outro. Ele faz questão de incluí-la em nossos programas.

Lembro-me da conversa que tivemos sobre isso.

— *Eu amo o fato de você querer incluir a minha filha em tudo, só que não precisa, Bernardo.*

— *Não me importo de passar o dia com ela. Quero curtir um pouco a Rebeca, Valentina. Estava com saudades dessa moleca. Mas não pense que vai se livrar de mim assim tão fácil. A noite será toda nossa. Eu quero você comigo.*

— *Não posso, Bernardo. Tem a Rebeca. — Tento explicar.*

— *Pede a sua mãe para ficar com ela. É só hoje. — Morde o lóbulo da minha orelha de leve me causando arrepios. — Amanhã eu vou embora. Vamos aproveitar. — Pede e não consigo negar.*

— *Vai ficar parada aí até ele voltar? — A Sofia pergunta para implicar comigo.*

Acabei me distraindo e nem percebi que não consigo mais ver o carro.

— *Estava distraída. — Falo e me viro para voltar para a pousada.*

— *Estou tão feliz por vocês, amiga. O seu olhar está com um brilho diferente. Tem tanto tempo que não te vejo assim.*

— Eu estou feliz. Tanto que chego a ficar com medo. — Admito quando coloco a Rebeca no chão e ela corre para o colo da tia Giovana.

— Sentir medo é normal, Valentina. O que não pode acontecer é você deixar de viver por isso. Eu realmente acredito que vocês darão certo ou não teria insistido. Chega de sofrer, amiga. Está na hora de ser feliz.

— É o que eu mais quero, Sofia. Não vou mais lutar contra. Só tenho medo de que a distância possa nos atrapalhar.

— Vocês estão se saindo bem. Fora que tem ligação, mensagem e até chamada de vídeo, Valentina. Usa a tecnologia a seu favor, amiga. Aposto que o Bernardo irá continuar a aparecer todo final de semana. E você também pode ir lá.

— Você está certa. Nada de pensamento negativo. Ele me prometeu que vai fazer de tudo para dar certo. Eu tenho que fazer o mesmo. Isso inclui não ficar pensando assim.

— Isso aí! Assim é que se fala. Essa é a Valentina que eu conheço. — Faz uma pausa. — Vamos mudar de assunto. O aniversário da Rebeca já é essa semana. Vamos fazer no sábado para o

Bernardo poder vir? Quem sabe os seus sogros também não aparecem?

— Ótima ideia. Vou avisá-lo quando ele me ligar para dizer que chegou. Tenho que terminar de organizar tudo até quarta-feira, no máximo.

— Já organizei quase tudo. Só falta você decidir quem vai chamar. Eu já tinha te avisado que este ano era por minha conta. Meu presente para ela, esqueceu?

— Foi tanta coisa acontecendo junto que esqueci mesmo, Sofia. — Solto um suspiro. — Não vou chamar muita gente. Só alguns amiguinhos da escola, como fizemos ano passado, os pais do Bernardo, ele e a gente.

— Ok. Deixa comigo. Aproveite o seu tempo livre para curtir o seu namorado pelo telefone que eu arrumo o que falta. Você sabe como eu gosto de festa.

— Só lembra que a Rebeca está fazendo cinco anos, Sofia, e não quinze. É só um lanche e um bolo para cantar parabéns. Mais nada, ouviu?

— É do aniversário da minha afilhada que estamos falando. — Semicerro os olhos para ela. — Pode deixar, sua chata, não vou fazer nada muito

PERIGOSAS NACIONAIS

grande e nem vou chamar mais gente do que você quer. Palavra de escoteira.

— Lá vem você com essa história outra vez.
— Acabo sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo trinta e um

Valentina

— Você pensou na proposta que eu te fiz há pouco mais de um mês, antes de vocês voltarem para casa? — A Mariana pergunta parada ao meu lado.

Estamos no salão da pousada na festa da Rebeca conversando enquanto vejo o Bernardo, o Rodrigo e o tio Vinícius conversarem do outro lado. Parece que eles se conhecem há muito tempo pelo jeito que se dão bem.

— Um pouco. — Confesso. — Mas não é tão fácil assim, Mariana.

— Eu sei que é uma mudança grande, mas pensa com carinho. Não estou dizendo para vocês irem amanhã, Valentina. Dá para se programar e fazer as coisas com calma. Posso pesquisar algumas escolas perto de casa para a Rebeca, se você quiser. Assim seria menos uma preocupação.

— Não sei. — Respiro fundo antes de voltar a falar. — Antes de engravidar da Rebeca, eu só pensava em juntar dinheiro para fazer faculdade no Rio, mas, agora... — Olho para onde ela está

PERIGOSAS ACHERON

brincando com os amiguinhos. — Não tenho certeza se é uma boa ideia. Por mais que a coloque em uma escola, a faculdade irá tomar muito o meu tempo. Trabalho, estudo, tudo junto, como vou dar atenção para ela? Nós estamos acostumadas a ficar sempre juntas.

— Pensar no seu futuro não é errado, Valentina. Muito pelo contrário. Isso é bom para ela também.

— Eu sei. Acho que eu iria sentir mais falta que ela. A Rebeca não é de reclamar e se acostuma fácil com as coisas. O problema sou eu. — Forço um sorriso.

— Isso é normal. Que mãe não quer ficar o tempo todo agarrada no filho? A gente fala, mas somos mais dependentes do que eles. Quando o Bernardo saiu de casa, eu quase entrei em depressão. E olha que ele já tinha vinte e dois anos. — Diz com um sorriso no rosto. — Sei que essa independência era importante para ele, mas quem disse que o meu coração de mãe entendia?

— Esse é outro motivo que me faz pensar duas vezes antes de aceitar. Eu teria que deixar a minha mãe aqui. Nós nunca nos afastamos por

muito tempo.

— Já perguntou o que ela pensa sobre isso? De repente ela te surpreende e vai junto com vocês.

— Falei sim. Ela disse que não era para eu me prender por conta dela, mas sei que não vai comigo. Minha mãe está acostumada com a calma aqui. Não se acostumaria com a agitação do Rio e não sei se eu conseguiria deixá-la sozinha aqui.

— Outra vez isso, Valentina? Já disse para você não se preocupar comigo. Eu não vou ficar sozinha. Vai aproveitar a chance que a vida está te dando, filha.

— Nós já conversamos sobre isso, mãe. — Falo olhando para ela séria.

— E todas as vezes eu te digo a mesma coisa. Vai viver a sua vida. Eu só quero o seu bem, filha. Se você e a Rebeca estiverem bem, eu também vou ficar. Você é mãe, Valentina. Um dia vai me entender. — Faz um carinho no meu rosto quando termina de dizer.

— O meu trabalho é aqui. Não posso deixar a tia Giovana na mão.

— Eu juro que, se você repetir isso, vou te

dar umas palmadas, menina. Onde já se viu uma coisa dessas? — Escuto a voz da tia Giovana falando atrás de mim. — Sua mãe já tinha me falado, mas eu não queria acreditar que fosse verdade. Você está querendo me dizer que recebeu uma proposta de trabalho que te possibilita ir pra o Rio fazer a faculdade como você sempre quis e não aceitou, porque não vai abandonar a pousada?

— Ela acha que eu não dou conta do recado. — A Sofia fala ao meu lado.

Solto um suspiro. Aposto que elas vão se juntar contra mim e não vão sossegar enquanto não me convencerem a aceitar.

— Não é isso e você sabe. Só não acho justo jogar tudo nas suas costas. — Respondo.

— Não passou pela sua cabeça que existem várias pessoas aqui na cidade que podem ficar no seu lugar? Eu nunca quis contratar ninguém de fora. Sempre preferi ficar entre a gente, mas, durante esse tempo que você passou fora por causa do problema da Rebeca, a Ana trabalhou direitinho.

— Está querendo me substituir, tia? — Ergo a sobrancelha para ela.

— Claro que não, menina. Não fale

besteiras. Só estou dizendo que tenho opções. O que te prende aqui? Medo de não dar certo?

Esqueci que essas pessoas me conhecem melhor do que eu mesma e que não conseguiria esconder nada delas. É justamente esse o meu medo. Está tudo muito novo com o Bernardo. Eu quero que dê certo, mas quem me garante que dará? Não quero largar tudo, sair da minha cidade onde tenho tudo certo e minha família comigo para me aventurar em outro lugar. Se der errado, o que eu faço da minha vida?

— Claro que é isso, mãe. — Sinto vontade de matar a Sofia por não ficar calada.

— Olha só. Vamos combinar uma coisa. Você vai para o Rio, fica lá o tempo que quiser e, se mudar de ideia, o seu emprego está aqui te esperando. Não só ele como nós também, minha filha. Você cresceu dentro da minha casa. Só vivia agarrada com a minha filha. Acha mesmo que eu ficaria chateada por você tentar melhorar de vida? Quero mais é que você cresça, Valentina. Vai fazer a sua faculdade. Vai trabalhar em outras áreas e descobrir do que realmente gosta. Investir em si mesma. E se precisar, estaremos aqui de braços abertos para te receber.

Respiro fundo para me controlar e não chorar. Não é a toa que digo que eles são a minha família.

— Filha, a Giovana está certa. Não se prenda por nós. Seu futuro não é aqui. — Sorri para mim quando diz. — Não adianta forçar. Vai viver a sua vida e seja feliz. O Rio não é tão distante assim que não possamos mais nos ver. Você pode vir sempre aqui e eu prometo ir lá sempre que der também.

— Amiga, deixa esse medo de lado e se joga. Vai ser feliz. — Olho para o alto e respiro fundo para segurar as lágrimas que enchem os meus olhos.

— Tudo bem. — Elas abrem um sorriso e eu volto a falar antes que entendam tudo errado. — Vocês me deram muita coisa para pensar, mas não sou só eu que tenho que decidir. A Rebeca é a parte mais importante nisso tudo. Eu preciso saber o que ela acha de sair daqui. — Olho para onde o Bernardo está e o vejo me encarando preocupado. — Vamos mudar de assunto. Agora não é hora para isso. — Forço um sorriso, porém percebo que não consigo convencê-lo de que está tudo bem e ele caminha em minha direção.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não dá para desgrudar um pouquinho?
— A Sofia implica com ele assim que se aproxima de nós.

Ainda bem que ele já se acostumou com esse jeito dela e não liga para as brincadeiras que ela faz.

— Impossível. Não tenho culpa se ela é tão irresistível. — Brinca me abraçando pela cintura e beija o meu rosto. — O que vocês tanto conversam?

— Assunto de mulheres. Nada que você possa saber. Por que você não volta lá para o lado dos homens? — Não podia ser outra pessoa que não a Sofia a responder assim.

— Está tudo bem? — Pergunta baixinho no meu ouvido. Aceno com a cabeça em acordo. — Tem certeza?

— Tenho. Não precisa se preocupar. — Sorrio para ele que me dá um beijo leve nos lábios.

— Não vejo a hora de ficar sozinho com você. — Sussurra em meu ouvido.

— Será que os pombinhos podem parar de cochichar? O que estão falando que a gente não pode escutar? Safadezas?

PERIGOSAS ACHERON

Não consigo me controlar. Fico vermelha igual um tomate e até o Bernardo cora com o que a Sofia fala na frente das nossas mães.

— Meu Deus! Essa menina deve ter engolido o filtro quando era criança. Só pode. Não consegue controlar o que fala. — A tia Giovana reclama com ela.

— A pessoa não pode nem brincar mais.

Ficamos nesse clima gostoso até o final da festa quando vamos para a beira da praia caminhar um pouco.

— Conheço uma pessoa que ia adorar isso aqui. — O Rodrigo diz olhando para o mar com um sorriso no rosto.

— O Antônio. — A Mariana diz também sorrindo.

— Não lembrava que meu tio gostava de praia. — O Bernardo fala pensativo.

— Sempre gostou. Viajava direto para lugares assim, mas, depois do acidente, simplesmente parou. Quando ele começou a aproveitar a vida outra vez, pensei que fosse voltar, mas sempre diz que não é mais para ele.

— O que aconteceu com ele? — A Sofia

pergunta curiosa.

— Sofreu um acidente de carro voltando de uma dessas viagens. Ficou muito tempo em coma e, quando acordou, estava sem os movimentos das pernas. Meu irmão sempre foi muito ativo. Isso foi um baque para ele. Demorou muito tempo para aceitar, mas nunca mais foi o mesmo.

— Eu não o conheci. — Digo. — Onde ele mora?

— No Rio, mas está viajando. Foi passar uma temporada com um amigo que se mudou para a Itália. — A Mariana responde. — Quando ele voltar, faremos um almoço para apresentar vocês. Tenho certeza que se darão bem.

— O dia foi ótimo, mas é melhor irmos, Mariana. Não quero chegar muito tarde.

O Rodrigo fala e todos começam a se despedir deles dois. Quando o Bernardo está conversando com eles perto do carro, a Rebeca diz no meu colo:

— Mamãe, a gente vai na casa da vovó Mariana outra vez?

— Você gosta de lá? — A Sofia questiona e ela acena com a cabeça em acordo. — Muito? Quer

morar lá? — Olho para ela sem acreditar. — Não adianta me olhar desse jeito. Eu te conheço bem o suficiente para saber que ia enrolar para fazer essa pergunta. E, antes que reclame, ela nem sabe o que está acontecendo, Valentina. Fora que ele não escutou. — Faz um sinal discreto com a cabeça na direção do Bernardo que está de costas para a gente.

Resolvo não discutir e aproveitar que o assunto foi iniciado.

— Você quer voltar para lá?

— Eu vou poder ver a vovó Elaine, a dindinha, o dindinho e a tia Giovana sempre?

— Claro que sim, meu amor. A Dindinha não vai te deixar nunca, ouviu? Lembra o que nós combinamos? Amigas para sempre.

— Eu quero, mamãe. — Responde animada.

— Você gostou tanto assim de lá? — Pergunto e ela concorda mais uma vez. — Mas não pode contar para ninguém, ok? Isso é um segredo nosso, combinado?

Bernardo

Estou percebendo a Valentina estranha desde ontem na festa da Rebeca, porém, toda vez que questiono, ela diz que não é nada. Sei que tem alguma coisa, mas não posso obrigá-la a falar.

Queria que ela confiasse em mim para me contar tudo e espero que um dia isso aconteça, pois, a ideia de que ela não quer me contar algo por falta de confiança, não me agrada nem um pouco.

Olho para onde ela está e a vejo conversando com a Sofia mais uma vez. Ela vê que estou olhando e caminha na minha direção.

— Tem certeza que não está acontecendo nada? — Questiono assim que ela se aproxima de mim.

— Tenho. Só quero te perguntar uma coisa.
— Aceno com a cabeça para que continue a falar.
— Você vai vir no final de semana que vem?

— Claro que sim. Não consigo ficar muito tempo longe de você. Por quê?

— É que eu vou precisar da sua ajuda para uma coisa.

— E não pode me dizer agora o que é? —
Tento fazer com que me conte do que se trata.

— Eu preciso de uma outra resposta antes.

PERIGOSAS NACIONAIS

Você pode perguntar uma coisa para a sua mãe para mim? — Concordo e ela volta a falar. — Pergunta a ela se a proposta de trabalho que ela me fez ainda está de pé.

Olho para ela sem acreditar. Será que isso quer dizer o que estou pensando?

— Valentina... — Não me deixa terminar de falar.

— Se a resposta for positiva, será que você me ajuda com a minha mudança?

— Você está falando sério? — Sorri em resposta. — Jura? — Abraço-a pela cintura e giro com ela no ar sem acreditar no que está acontecendo.

Isso era tudo o que eu queria. Não pedi antes para não pressioná-la e parecer que a distância era um empecilho para nós.

— Eu vou cair, seu louco. — Fala sorrindo.

— Eu nunca te deixaria cair, Valentina. Nunca. — Respondo sério e a beijo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo trinta e dois

Valentina

Olho em volta do meu novo quarto e sorrio. Ainda não acredito que estou aqui e que aceitei a proposta da Mariana. Se não fosse o apoio da minha mãe, dos tios e da Sofia, não teria vindo.

Sempre fiz planos para vir para o Rio fazer faculdade, mas, depois que tive a Rebeca, esse sonho ficou para trás e deu lugar ao medo de vir e encontrar com o Eduardo. Temia que ele visse a filha, mudasse de ideia sobre ela e tentasse tirá-la de mim.

Não sou mais aquela menina inocente que ele conheceu, porém não sou tão forte assim. Sou humana e tenho meus medos. E o maior deles é o de perder a minha filha. É horrível dizer isso, mas fico mais tranquila agora que sei que não posso encontrá-lo pelas ruas.

Respiro fundo e penso em tudo o que aconteceu nos últimos dias. Depois da conversa que tive durante a festa da Rebeca e de ver a alegria que ela ficou só com a possibilidade de vir morar aqui, eu decidi aceitar. Não contei de imediato para o

Bernardo, pois queria assimilar essa decisão primeiro. Sei que ele percebeu que tinha alguma coisa acontecendo, mas quis fazer uma surpresa e contar só na hora em que ele estava voltando para casa ou era capaz de ele me convencer a vir junto.

Eu precisava organizar tudo, separar as coisas que ia trazer e dar tempo para a tia Giovana conversar com a Ana e ver se ela ia mesmo poder ficar no meu lugar. Ainda tinha o fato de ter que me acostumar com a ideia de deixar a minha mãe, apesar de achar que isso nunca acontecerá.

Guardo mais uma bolsa de roupas na gaveta. Não trouxe tudo. Deixei algumas roupas e brinquedos. Quero ver se vamos nos acostumar antes. Preciso organizar muita coisa antes de me mudar de vez para cá. Tenho que ver escola para a Rebeca, um lugar para ficar e se vou mesmo trabalhar com a Mariana.

Sei que ela me ofereceu para ficar aqui, mas prefiro ter o meu cantinho. Um lugar simples, mas que eu possa pagar. Não preciso de muita coisa. É só a Rebeca e eu e já estamos acostumadas a dormir no mesmo quarto.

A Mariana até tentou me convencer a

preparar um quartinho só para a Rebeca, mas não deixei. Não quero abusar e muito menos que a minha filha acostume com coisas que eu não posso dar a ela. Pode parecer besteira, porém não vou mudar de ideia.

Agradeço a eles pela ajuda que me deram durante o tempo que a Rebeca precisou de acompanhamento médico e todo o apoio de agora, mas preciso ter os dois pés no chão.

Meu celular vibra em cima da mesinha de cabeceira e eu pego para ver. Vejo que tem uma mensagem do Bernardo perguntando se está tudo bem, se preciso de alguma coisa e que está com saudades. Ele me deixou aqui antes de ir para o trabalho e prometeu voltar para almoçar com a gente. Respondo que estou bem e que o espero para o almoço.

Lembro-me da alegria dele quando contei que tinha aceitado vir para cá. Eu sabia que ele queria, mas não esperava que ficasse tão feliz como ficou. Faltou pouco passar a semana comigo para me ajudar a organizar tudo e tentar me fazer vir antes. Foi um custo para convencê-lo que precisava fazer isso sozinha.

Coloco as bolsas vazias em uma prateleira do armário e sigo para a cozinha. Quero ver com a Maria se ela conhece alguma escola por perto que não seja muito cara. Ela já trabalha com a Mariana há anos e deve saber.

— Está precisando de alguma coisa, Valentina? — Pergunta assim que passo pela porta.

— Não. Obrigada, Maria. Só quero te perguntar uma coisa. — Sorrio para ela que retribui e acena com a cabeça para que eu fale. — Você conhece alguma escola aqui por perto que não seja muito cara? Preciso achar uma para a Rebeca e não tenho noção de por onde começar a procurar.

— Por que você não fala com a Mariana? Ela conseguiu uma bolsa para o meu neto em uma escola ótima que fica pertinho daqui.

— O problema das escolas particulares não é só a mensalidade. É o material que pede, as festas e tudo o que vem junto. Isso pesa muito no orçamento que eu não tenho no momento.

— Você ainda não conhece a Mariana como eu. — Sorri largo para mim. — Ela faz questão que o meu neto participe de tudo e de pagar. Se eu digo que não, ainda reclama comigo. O Bernardo

estudou nessa mesma escola e ela conhece os donos. Diz que eles sempre conseguem diminuir os valores para ela.

— Digo e repito. — A Mariana entra na cozinha com a Rebeca e fala. — Uma das coisas mais importantes na vida de uma criança é o estudo. Se posso ajudar a conseguir, não me custa nada. Eu já tinha conversado com a diretora sobre a Rebeca, mas não deixei nada certo. Disse que precisava falar com você primeiro. Não quero passar por cima da sua decisão, Valentina, mas a escola é excelente e, como você pode ver, não é só contigo que faço isso, é uma coisa que sempre fiz com os meus funcionários e você agora é uma.

— Eu não vim aqui para te dar trabalho, Mariana. Vim para te ajudar.

— E quem disse que está me dando trabalho? Encontrei com a diretora por acaso em um restaurante essa semana e aproveitei para falar com ela. Já tinha pensado sobre isso, mas ia esperar vocês chegarem para ir comigo. Assim já adiantei uma parte. A escola é antiga, bem conceituada, Valentina. O Bernardo também estudou lá. Você vai gostar. A gente pode ir hoje mesmo se você quiser. Fica com menos uma coisa para se

PERIGOSAS ACHERON

preocupar. Eu já te conheço e sei que essa cabecinha está cheia de coisas.

— Tudo bem. — Acabo cedendo. — A gente pode ir depois do almoço. O que acha?

— Eu vou para a escolinha, mamãe? — A Rebeca larga a boneca que estava segurando e corre para o meu colo.

— Vai sim, meu amor. Nós vamos procurar hoje mesmo uma escola nova para você, tudo bem?

— Valentina, vamos ao escritório? Quero a sua opinião sobre algumas coisas para a festa. Confesso que ficou tudo parado depois que você foi embora. — A Mariana me chama e sai da cozinha em seguida.

Bernardo

Olho para o lado e sorrio para a Valentina. Consegui convencê-la de almoçar comigo hoje para poder apresentá-la ao Daniel. Espero que ele perceba que está enganado a respeito dela e pare de implicância. Sempre me dei muito bem com ele e não quero que isso mude agora.

A Rebeca começou a frequentar a escola na mesma semana que elas chegaram. Minha mãe

PERIGOSAS ACHERON

conseguiu uma bolsa na minha antiga escola, a Valentina adorou quando foi conhecer e acabou aceitando.

A Valentina está trabalhando com a minha mãe, mas eu nunca soube que ela precisasse de uma assistente pessoal. Acredito que isso tenha sido armação dela para trazê-la para cá, mas não me importo. Muito pelo contrário. Sinto vontade de agradecer por ter tido essa ideia, já que tenho quase certeza que não aceitaria trabalhar no escritório comigo.

Tenho precisado me controlar para não dormi na casa dos meus pais todos os dias, pois sei que a Valentina vai perceber que é por causa dela e não quero sufocá-la, apesar de não querer me afastar por muito tempo. Já basta que apareço sempre no almoço ou jantar.

Minha mãe que está adorando tudo isso. Além de ter a Valentina e a Rebeca por perto, ainda tem a mim. Ela já me provocou em um momento que estávamos sozinhos dizendo que há anos não me via tanto em casa.

— Você parece nervoso. — Diz baixinho ao meu lado enquanto estamos sentados esperando o

Daniel chegar ao restaurante.

— Impressão sua. Só quero que você conheça logo o Daniel. Sempre falo de você para ele. Está mais do que na hora de apresentar vocês um ao outro.

— Do jeito que você fala dele parece que tem a mesma importância para você do que a Sofia para mim.

— Sim. A gente se conheceu com cinco anos e não nos separamos mais. Ele é mais do que um amigo para mim. É o irmão que eu não tive.

— Falando de mim? — Escuto a voz dele atrás de mim.

— Pensei que tinha esquecido. Está atrasado. — Provoco.

— Desculpa, mamãe. Estava em uma reunião que demorou mais do que eu esperava. Essa deve ser a famosa Valentina. — Diz e estica a mão para cumprimentá-la.

— E você deve ser o famoso Daniel. — Devolve a brincadeira, sorrindo, sem perceber o sarcasmo com que ele fala.

— Já pediram? Estou com um pouco de pressa. Minha secretária me avisou de uma reunião

que foi marcada em cima da hora.

— Estávamos te esperando. — Faço sinal para o garçom que se aproxima da nossa mesa.

Aproveito enquanto fazemos os pedidos para tentar me acalmar e não matar o Daniel. Sei muito bem o que ele está fazendo. Pensei que já tivesse deixado a implicância de lado depois da nossa última conversa sobre o assunto, mas vejo que me enganei. Só espero que a Valentina não perceba, o que acho difícil de acontecer, pois ela não é boba.

Fazemos o nosso pedido e ele volta a falar.

— Está gostando do Rio, Valentina? Tem passeio bastante?

— Não conheço muita coisa ainda, mas estou gostando sim. Ainda estou me organizando no trabalho e não tenho saído muito. Na verdade, só saí hoje, porque o Bernardo insistiu. Era para estar em casa adiantando o trabalho. — Força um sorriso.

— Olha! Ela já está acostumada. Até já se refere como casa, não é mesmo? — Semicerro os olhos para ele que ignora.

— Maneira de falar. Não devo ficar muito

tempo na casa da Mariana. Apesar de ela deixar bem claro que me quer lá, pretendo alugar um lugar para a minha filha e para mim. — Responde séria. — Com licença. Eu já volto.

Levanta-se e caminha para o corredor onde ficam os banheiros sem me dar tempo de questionar sobre o assunto e preciso fazer um esforço enorme para não socar a cara do Daniel.

— Agora entendi o motivo de você estar tão enfeitiçado. — Fala com deboche. — Ela é linda mesmo.

— Para. — Digo controlando o meu tom de voz para não chamar atenção dos outros clientes.

— Não entendi. — Finge inocência. — Parar com o quê?

— Não se faça de burro comigo, Daniel. Eu já tinha te avisado para parar com essa merda. Para que aceitou vir? Para fazer essa palhaçada?

— Eu só não consigo confiar nela, Bernardo. E para de drama. Ela não é a primeira mulher que se aproxima de você que eu trato assim. A própria Thaís me odeia até hoje por isso. O dia em que você conseguir alguém que me convença que não está com você por interesse, pode apostar

que vamos virar melhores amigos.

— O que você não está entendendo é que com ela é diferente, Daniel. A Valentina não é uma brincadeira para mim. Eu gosto dela de verdade e queria que vocês se dessem bem. Mas você não dá uma chance. Já chegou aqui pronto para atacar. Tenho certeza que se parasse com essa implicância também ia gostar dela. Os meus pais gostarem dela tem que ter algum significado para você. Não é possível.

— Ela está voltando. Pode deixar que vou me comportar.

— É só o que te peço. Em nome da nossa amizade. — Ele me olha sério, mas não responde.

Capítulo trinta e três

Valentina

— Agora que estamos sozinhos, você pode me contar que história é essa de procurar um lugar para ficar. — O Bernardo fala quando estamos no carro.

— Não tenho nada para explicar, Bernardo. O combinado com a sua mãe era ficar lá até conseguir um lugar para mim.

— Só não entendo o motivo. Aposto com você que ela quer que vocês fiquem lá. — Tenta me convencer.

— Eu não quero discutir com você sobre isso, Bernardo. Não vim para o Rio para ficar dependendo de ninguém. Quero o meu cantinho e nem você vai conseguir me fazer mudar de ideia.

— Não estou discutindo, Valentina. Só fico preocupado com vocês duas sozinhas. Fico mais seguro com vocês lá na minha mãe. É preocupação. Não quero controlar a sua vida.

— Não precisa se preocupar com isso. — Faço um carinho no rosto dele quando falo. — Não vou sair de lá para um lugar violento. Não sou PERIGOSAS ACHERON

louca, Bernardo. Não vou colocar a Rebeca em risco. E também não é agora. Preciso me organizar primeiro. Só falei aquilo, porque o seu amigo fez uma insinuação que eu não gostei.

— Tenho que te pedir desculpas por aquela cena toda que o Daniel fez. — Diz e a voz dele demonstra o quanto isso tudo o incomodou. — Não sei o que anda acontecendo com ele.

— Não tem que pedir desculpa coisa nenhuma. Você não tem culpa de nada. — Falo para amenizar a situação chata que ficou.

— Claro que preciso. Quis apresentar vocês dois achando que iam se dar bem e olha o que aconteceu.

— Desculpa, Bernardo, mas isso é algo que acho que não vai acontecer. Ele fez questão de deixar claro que não gostou de mim.

— Valentina... — Não o deixo terminar.

— Não tem problema. É recíproco. — Sorrio sem humor. — Não tenho sangue de barata para fingir que ele não insinuou aquelas coisas sobre mim. Acho muito difícil mudar de ideia sobre ele. Sinto muito. Sei que ele é seu melhor amigo, mas não dá.

— O Daniel não é sempre assim. Vou conversar com ele.

— Não. — Digo firme. — Se você fizer isso, vai parecer que estou te colocando contra ele e aí mesmo que vai achar que está certo. Já faz alguns anos que não me importo com a opinião dos outros a meu respeito. Não será a dele que irá me abalar. O que me interessa é que você e seus pais sabem que não é verdade. O resto não tem importância nenhuma. — Solta um suspiro e muda de assunto.

— Queria ficar mais com você, buscar a Rebeca na escola e fazer alguma coisa só nós três, mas tenho uma reunião daqui a pouco.

— Não quero te atrasar. Vou naquela loja onde compramos o material da Rebeca para comprar algumas coisas que estou precisando, passo na escola para pegá-la e vamos para casa. Depois a gente se vê.

— Por que você não comprou tudo aquele dia? Pediram mais algum material para ela?

— Não. É para mim. Algumas coisas que preciso para organizar as planilhas que fiz com o que falta para a festa e para organizar a agenda da

PERIGOSAS NACIONAIS

sua mãe. Fora isso, também quero comprar o material para começar a estudar.

Decidi que vou prestar vestibular no ano que vem e quero começar a estudar, já que tem bastante tempo que parei. Quero revisar as matérias e ainda preciso decidir para o que vou me inscrever.

O Bernardo queria que eu entrasse em um cursinho, mas não aceitei. Ainda não me organizei e sei o quanto isso pode pesar no meu orçamento. Senti que ele ia insistir, mas desistiu. Ele já me conhece bem o suficiente para saber que não aceitaria que ele pagasse para mim. A única coisa que aceitei é que me ajude a estudar. Apesar de achar que isso não vai dar muito certo. Não conseguimos ficar um ao lado do outro e controlar as nossas mãos se estamos sozinhos.

— Mais tarde passo por lá para a gente começar, tudo bem? — Aceno com a cabeça em acordo.

— Vai logo. Você vai se atrasar. — Dou um beijo nele e me viro para sair do carro, porém ele me segura.

— Qualquer coisa me liga, ok?

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, senhor. — Brinco e desço do carro.

Ele segue para o trabalho e aproveito que estou perto para ir direto para a loja comprar as coisas de que preciso. Assim que termino, sigo para a escola para buscar a Rebeca.

Ela se acostumou tão bem à nova escola que nem precisou fazer muito tempo de adaptação e já está ficando no período integral.

— Mamãe. — Corre em minha direção assim que apareço no portão da escola. — Isso é meu? — Pergunta quando vê a bolsa com as coisas que comprei.

— Não, filha. Isso é meu. A mamãe comprou para trabalhar e estudar. Você lembra que eu falei que também vou estudar? — Concorde com um aceno de cabeça.

Seguimos para a casa da Mariana com ela tagarelando sobre o dia na escola e que já fez novos amiguinhos. Confesso que estava com medo de que pudessem deixá-la de lado pela diferença social com os outros alunos, mas isso não aconteceu. A Maria chegou a falar comigo que não precisava me preocupar com isso, pois a escola faz um trabalho bem legal para evitar que esse tipo de coisa

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteça e que nem um tipo de preconceito é aceito lá.

— Posso brincar no quarto, mamãe? —
Questiona assim que entramos.

— Primeiro tirar a roupa da escola e tomar banho mocinha. Não está com fome?

— Não. Comi meu lanchinho na escola. —
Responde e entra no banheiro.

Separo uma muda de roupa para ela e a ajudo a tomar banho. Quando termino de vesti-la, escuto a Maria falar com alguém na sala e chamar pelo meu nome.

— Fica aqui brincando que a mamãe já volta, ok? — Dou um beijo nela e sigo para ver quem chegou.

Era só o que me faltava. O que será que esse cara quer aqui? Já não basta as coisas que me disse no restaurante mais cedo?

— Pode deixar, Maria. Não vou demorar. Só quero dar uma palavrinha com a Valentina.

Penso que talvez o Bernardo tenha falado com ele e que ele tenha vindo me pedir desculpas, mas, pela fisionomia dele, já percebo que é justamente o contrário.

PERIGOSAS ACHERON

— A minha filha está me esperando e não posso demorar. Se você puder ir direto ao assunto, agradeço. — Ergue a sobrancelha para mim.

— Muito bem. Quero saber quanto você quer para se afastar do Bernardo. — Olho para ele sem acreditar no que estou escutando. — Você não é a primeira interesseira que se aproxima dele. O meu amigo pode até não enxergar, mas, a mim, você não engana.

— Acho que você está me confundindo com as mulheres com quem anda. Se era só isso, com licença. — Viro-me para sair e ele segura o meu braço. Tento me soltar e ele aperta mais.

— Você pode até enganar ao Bernardo com essa história de boa moça, mas a mim, não. Sei que está com ele por interesse. Tentou dar o golpe da barriga e não deu certo. Agora está procurando outro otário para te sustentar.

— Solta o meu braço. — Digo firme apesar de estar sentido dor, pois ele está me apertando. — Você não me conhece para me julgar. Eu não preciso te convencer de nada. As únicas pessoas que me interessam, acreditam em mim.

— É dinheiro que você quer? Um

apartamento? É só me dizer. — Pergunta se exaltando.

— Solta o meu braço ou eu chamo o João.
— Minto, pois sei que ele saiu com a Mariana e ainda não chegou.

Ele não me responde. Dá um sorriso que me deixa mais tensa ainda e me puxa para perto, me beijando a força. Consigo me afastar e dou um tapa em seu rosto, mas não seguro mais as lágrimas que descem livres pela minha face.

— Mamãe. — Escuto a voz assustada da minha filha perto de mim.

— Sai daqui agora. Nunca mais chegue perto de mim e nem da minha filha ou não respondo por mim. Não sei como alguém como o Bernardo pode ter um amigo como você. — Cuspo as palavras e pego a Rebeca no colo.

Não espero para ver se ele saiu. Vou direto para o meu quarto e tranco a porta enquanto tento me acalmar. A Rebeca já está assustada demais. Respiro fundo abraçada a ela e vou conseguindo me controlar.

— Mamãe. Quem é o homem mau? Seu braço tem dodói. — Faz carinho no meu braço que

ele segurou e está com algumas marcas.

— Não foi nada, minha filha. — Forço um sorriso. — Vamos ver desenho? — Coloco-a na cama e deito-me ao lado dela.

Ligo a televisão e coloco no canal de desenhos para tentar distraí-la. Fico pensando em tudo o que aconteceu e tomo uma decisão. Não vou contar para o Bernardo. Já o conheço bem o suficiente para saber o que vai acontecer e não quero que ele se afaste do amigo por minha causa, mesmo que esse infeliz não mereça. Eles são amigos há anos e não quero ficar entre os dois.

Lembro-me de tudo o que ele falou no restaurante mais cedo e aqui e as lágrimas voltam a descer pelo meu rosto. Por mais que tente não me deixar atingir por tudo isso, não consigo fingir que não aconteceu.

— Mamãe, você está chorando? É o dodói?

— A mamãe está com dor de cabeça, filha. Fica aqui deitadinha comigo que já vai passar.

— Foi o moço mau? — Ela não vai esquecer o que viu tão cedo.

— Filha, vamos combinar uma coisa. Não é para contar para ninguém o que aconteceu, tudo

bem? Esse é o nosso segredo, ok?

— Mas ele fez dodói em você. — Diz sentida com tudo o que presenciou.

— Já passou. A mamãe está bem. Agora promete para a mamãe que não vai contar para ninguém o que aconteceu. — Ela acena com a cabeça em acordo e eu a puxo para mais perto de mim. — Eu te amo, minha filha.

Passo o resto da tarde deitada com ela para tentar esquecer o que aconteceu. Eu não vou desistir do Bernardo por causa daquele idiota. Minha consciência está tranquila e nem o que ele me falou irá me fazer voltar para casa. Não sou uma criança assustada que corre para a barra da saia da mãe. Sou uma mulher e ele terá que acostumar com a minha presença aqui, já que pretendo continuar por muitos anos ainda.

No final da tarde, recebo uma mensagem do Bernardo avisando que vai demorar mais do que pretendia e respondo dizendo para ele ir para casa, pois estou com dor de cabeça e vou aproveitar para descansar um pouco.

Permito-me ficar abalada somente hoje. Amanhã eu volto ao meu normal e apago tudo isso

PERIGOSAS NACIONAIS

da minha memória.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo trinta e quatro

Bernardo

Assino mais uns papeis que a Raquel me trouxe e entrego para ela.

— Tem mais alguma coisa? — Pergunto para ela que nega com um aceno de cabeça.

— Não. Você quer alguma coisa? Um café ou um suco? Não comeu nada desde que chegou. Já passou da hora do almoço. Quer que peça alguma coisa naquele restaurante aqui da esquina?

— Não quero almoçar. Quero terminar logo isso aqui e ir para casa. Vou viajar hoje e não arrumei nada ainda. Pede só um sanduíche e um suco, por favor.

— Claro. Já trago. — Diz e sai da minha sala em seguida.

Termino de ler os e-mails para adiantar enquanto ela não volta. Combinei com a Valentina de ir visitar a mãe dela nesse final de semana e não quero pegar a estrada muito tarde. Ela falou para irmos amanhã, mas achei melhor irmos hoje

mesmo para elas poderem aproveitar mais um pouco, pois sei que estão com saudades.

Estou sentindo a Valentina um pouco triste depois daquele maldito almoço com o Daniel e quero tentar animá-la. Ela nega que tenha a ver com isso, mas não me convence. Quando ela me pediu para não ir lá a noite na terça-feira, minha vontade era encontrar o Daniel e enforcar.

Não consegui fazer o que ela me pediu e apareci, mas, acabei demorando mais do que queria em uma reunião e ela já estava dormindo com a Rebeca quando cheguei. A Maria me disse que ela dormiu cedo e confirmou que estava com dor de cabeça, porém não duvido que a cena que o Daniel fez seja o motivo.

Até tentei falar com ela outra vez sobre o assunto, mas ela não quis e me pediu mais uma vez para não falar nada com o Daniel. Precisei ficar essa semana sem encontrar com ele para conseguir cumprir, ou não me aguentaria. Ele também sabe disso, tanto que não apareceu nem me ligou mais. Acredito que esteja deixando a minha raiva passar para vir falar alguma coisa, já que me conhece bem o bastante para saber que a gente só ia discutir se eu ainda estivesse de cabeça quente.

Decido que vou ligar para ele na semana que vem para termos uma conversa séria e definitiva. O Daniel é como um irmão para mim, porém não vou mais tolerar que trate a Valentina como tratou naquele dia. Estou completamente apaixonado por ela, essa é a verdade, e não vou aceitar que seja distratada por ninguém, nem mesmo por ele.

A Raquel volta com o sanduíche e o suco que pedi e coloca em cima da minha mesa.

— Obrigado, Raquel. — Agradeço e pego para comer. Não tinha percebido que estava com fome até ela aparecer aqui com a bandeja.

— Quer mais alguma coisa? — Questiona solícita.

— Não. Obrigado. — Respondo. Ela acena com a cabeça em acordo e sai da minha sala sem falar mais nada.

Quando termino de comer o último pedaço de sanduíche, o telefone da minha mesa toca com uma chamada da Raquel.

— Bernardo, o Daniel está aqui. — Diz assim que atendo. — Ele pode entrar?

Estranho o fato de ela perguntar, já que não

tem anunciado mais, pois acostumou com as vindas dele ao meu escritório, mas desconfio que isso seja coisa dele que não quis entrar direto por não saber como eu iria reagir.

— Pode liberar a entrada dele. E Raquel, segura as ligações, por favor. — Peço.

Não queria ter essa conversa hoje, mas como ele apareceu, vou resolver de uma vez. Nunca fui de deixar as coisas para depois. Não seria diferente agora.

Recosto-me na minha cadeira, cruzo os braços e fico o esperando entrar. Escuto uma batida na porta e coloca a cabeça para dentro ao invés de entrar direto como sempre faz.

— Posso entrar? — Arqueio a sobrancelha para ele que entra e fecha a porta. — Está muito ocupado?

— Com tempo suficiente para te dar umas porradas. — Respondo sério.

— Bernardo, eu... — Não o deixo terminar de falar.

— Bernardo é o cacete. Porra, Daniel. Quantas vezes eu pedi para você parar de implicância com a Valentina? Será que é tão difícil

assim para você perceber o quão importante ela é para mim? Pensei que nós fôssemos amigos, mas estou começando a achar que me enganei.

— Não é isso, Bernardo. Eu posso explicar.

— Não. Não pode. O jeito que você tratou a Valentina no restaurante sem nem mesmo conhecê-la não tem explicação, Daniel. Você não podia tê-la tratado daquele jeito. Eu marquei aquele almoço, porque queria que vocês se entendessem. Minha namorada e meu melhor amigo, mas a única coisa que você conseguiu com aquela atitude foi fazer com que ela não queira mais saber do assunto.

— Ela te contou? — Pergunta preocupado.

— Contou? Você está maluco? Eu estava lá e vi tudo. — Ele se joga na cadeira, parecendo aliviado. — O que está acontecendo, Daniel? Você está estranho. Está com algum problema?

— Não. — Sacode a cabeça para os lados. — Não está acontecendo nada. — Faz uma pausa e volta a falar. — É sério mesmo? Você está mesmo gostando dela?

— Mais do que pensei ser possível em tão pouco tempo. — Sou sincero. — Estou completamente apaixonado por ela, cara. Só queria

que vocês se dessem bem. Você é como um irmão para mim, Daniel, mas não vou tolerar que trate a Valentina daquele jeito outra vez.

— Isso não vai acontecer. — Olho sério para ele. — Juro para você. Vou pedir desculpas para ela, ok? Eu fiquei preocupado, com medo que ela estivesse querendo te dar um golpe, mas, se você diz que não, que acredita nela, tudo bem. Não vou mais fazer nada do gênero.

— Está falando sério? — Acena com a cabeça em acordo. — Porra, cara. Você não sabe o alívio que escutar isso me dá. Nunca brigamos sério, não queria que essa fosse a primeira vez.

— Desculpa. Eu agi errado, exagerei na dose. Não vai se repetir. Vamos esquecer isso.

— Tudo bem. — Concordo.

Ficamos conversando por mais dez minutos antes de ele dizer que vai embora.

— Vou te deixar trabalhar. Será que a Valentina está em casa? — Olho para ele sem entender o motivo de querer saber isso. — Quero pedir desculpas a ela.

— Deixa para mais tarde. Eu te ligo quando estiver com ela para avisar.

— Não. Tenho um compromisso a noite. Vou lá de uma vez. Estou me sentindo mal com tudo isso. Quero pedir desculpas para ela logo.

— Daniel, isso é sério mesmo? Porque, se você aprontar mais alguma coisa com ela, eu vou quebrar a sua cara.

— Pode deixar, Bernardo. Eu parei de verdade. Fica tranquilo.

Valentina

Deixo tudo pronto para quando o Bernardo chegar. Não queria que ele dirigisse cansado, mas o teimoso insistiu em ir hoje. Sei que está fazendo para me agradar. Ele tem feito sempre alguma coisa para me animar depois daquele fiasco de almoço com o Daniel. Fico imaginando qual seria a reação dele se soubesse o que aconteceu depois.

Não contei para ele e nem vou contar. Não quero estragar a amizade dos dois. Só não consigo disfarçar a minha opinião sobre o Daniel. Espero demorar bastante para encontrá-lo outra vez, pois não sei qual será a minha reação.

Conversei com a Maria e pedi para ela não falar nada com ninguém sobre o que escutou. Ela

PERIGOSAS ACHERON

não queria, disse que o Bernardo precisava saber, mas acabou cedendo quando eu insisti.

Resolvo sair um pouco mais cedo para buscar a Rebeca e comprar alguns doces na padaria aqui perto para levar para a minha mãe, os tios e a Sofia. Fui outro dia lá com a Mariana e adorei.

— Valentina. — Escuto uma voz me chamar assim que saio e fecho os olhos.

O que será que esse cara quer comigo outra vez? Se ele pensa que vou ficar ouvindo desaforo calada, está muito enganado.

— O que você quer? Já disse para não chegar mais perto de mim.

— Calma. — Levanta as mãos em sinal de rendição. — Eu vim pedir desculpas. Será que a gente pode conversar rapidinho?

— Tenho que buscar a minha filha na escola agora. — Minto.

— Eu vou com você e a gente conversa no caminho. Prometo que serei rápido e que vou me comportar.

— Não! — Digo firme. — Não quero que ela te veja. Já ficou bastante assustada da última vez.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpa. — Passa a mão pelos cabelos quando fala. — Acho que nunca vou me desculpar o suficiente pelo o que fiz. — Sinto que está sendo sincero.

— Tenho alguns minutos. Vamos até aquele café ali na frente, mas não posso demorar. — Concorde com um aceno de cabeça e me segue sem falar nada.

— Vou direto ao assunto para não te atrasar. — Diz assim que nos sentamos em um canto do café. — Quando o Bernardo e eu estávamos na escola, ele se envolveu com uma garota. Um dia, enquanto eu estava na biblioteca estudando para uma prova, escutei quando ela falou para as amigas que ia dar o golpe da barriga nele. O pai dela tinha perdido todo o dinheiro da família no jogo e eles estavam pobres. Ela achou que, se conseguisse engravidar dele, os problemas dela teriam acabado.

— Eu não sou aquela garota. Você não pode julgar todas as mulheres por causa de uma. — Tento não demonstrar o quanto essa informação me deixou irritada.

— Sei que não. — Respira fundo e volta a falar. — Eu tinha certeza que se aquela cobra

PERIGOSAS ACHERON

aparecesse grávida o Bernardo ia assumir. Isso se não casasse com ela. Eu conhecia bem demais o Bernardo para saber que ele nunca abandonaria um filho. contei para ele, mas ele custou um pouco para acreditar. Achava que eu estava com ciúmes por eles estarem passando muito tempo juntos. Resolvi fingir que queria ficar com ela para ver qual seria a reação dela e ela aceitou.

— E achou que eu ia aceitar também. — Digo com raiva. Ele fecha os olhos e respira fundo antes de voltar a me contar.

— Quando ela chegou, eu disse que tinha escutado tudo. Menti dizendo que gostava dela e pedi para ter um filho comigo ao invés de com ele. Disse que daria quanto ela quisesse. Quando ela aceitou, o Bernardo entrou na sala onde a gente estava. Eu tinha combinado com ele de me encontrar no mesmo lugar e ele escutou tudo. Ela não foi a única que se aproximou dele por causa do dinheiro. Umas foram mais fáceis de perceber e ele mesmo se afastou, outras eu tive que falar mais vezes. Como a Thaís por exemplo. Acredito que você saiba de quem estou falando.

— Sei sim. Já tive o desprazer de encontrar com ela. — Falo me lembrando daquele dia em que

PERIGOSAS ACHERON

ela apareceu no hospital.

— Ela é rica, mas quer alguém que a sustente. Quer um marido rico para continuar sem fazer nada. Quer continuar a ter a vida que tem agora e achou que o Bernardo era a melhor opção para isso. Cansei de falar para ele se afastar dela de vez, mas isso só aconteceu mesmo agora que você apareceu.

— Está na minha hora. — Minto olhando para o relógio.

— Já estou terminando. Eu fui ao escritório do Bernardo hoje. Pensei que ele não tivesse me procurado mais por você ter contado o que eu fiz e queria tentar resolver, mas descobri que ele não sabe de nada do que aconteceu. Acha que você não gosta de mim pelo o que eu fiz no restaurante. Por que você não contou para ele? Era a sua chance de se livrar de mim.

— Para você achar que estava certo? Não. Eu não quero afastar o Bernardo de você. A minha consciência está tranquila. Sei muito bem que não sou nada do que você pensa e a sua opinião não vale de nada para mim. Ele confia em mim e isso me basta. Vivi a minha vida toda sem depender de

homem para nada. Sou filha de mãe solteira e tive a minha filha sozinha também. Sempre me virei e não será agora que vou depender de homem para nada.

— Vendo o jeito que o Bernardo fala de você, eu percebi a burrada que tinha cometido. Sei que corro o risco de você nunca me desculpar, mas precisava tentar. Fui um idiota, só que não foi por mal. Foi preocupação com o meu amigo. O Bernardo é muito mais do que um simples amigo para mim. É o irmão que eu não tive. Prefiro que você me odeie a correr o risco de ele sofrer. Desculpa, Valentina. Por tudo o que falei, pelo beijo, pela maneira que te tratei. Prometo que isso não vai se repetir.

Fico parada olhando para ele sem falar nada. Sei que ele agiu errado, mas prefiro passar uma borracha no assunto a deixar o Bernardo no meio disso tudo, pois sei o quanto ele vai sofrer. Não gostaria que ele brigasse com a Sofia e, sendo bem sincera, isso que o Daniel fez me lembrou demais aquela doida. Ela seria capaz disso e de muito mais se acreditasse que eu estava sendo enganada.

— Acho bom, porque não vou aturar calada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Da próxima, o tapa se transformará em mais coisas. Como um chute bem no meio de suas pernas. — Ele se encolhe na cadeira e eu dou um sorriso de canto. — Não sei se consigo virar sua amiga, porém não vou mais me manter distante como queria até agora.

— Podemos passar uma borracha nisso tudo e recomeçar do zero?

Respiro fundo e penso: é pelo Bernardo.

— Ok, mas se você aprontar outra vez... — Deixo no ar.

— Prometo me comportar. — Sorri pela primeira vez desde que começamos a conversar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo trinta e cinco

Valentina

— O Daniel foi ao escritório hoje. — O Bernardo fala como quem não quer nada enquanto estamos na estrada.

Olho para trás e vejo que a Rebeca já dormiu. Acredito que ele também tenha percebido e por isso tenha começado o assunto.

— Eu te pedi para não falar nada com ele, Bernardo.

— Mas eu não falei. Ele que foi me procurar, Valentina.

— E você quer que eu acredite que não falou nada sobre o assunto? Acha mesmo que vou acreditar nisso?

— O que você queria que eu fizesse? Fingisse que nada aconteceu? Acho que você não me conhece muito bem ainda, Valentina. O cara trata a minha namorada do jeito que o Daniel te tratou e eu finjo que não aconteceu absolutamente nada? Nem em sonho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não quero que vocês briguem por minha causa.

— Não foi por sua causa. Foi culpa dele. Ele que fez a merda. Você não teve culpa de nada.

— Fala a última frase olhando para mim e volta a atenção para a estrada. — Ele disse que ia te pedir desculpas.

— E pediu. Encontrei com ele na hora que estava saindo para buscar a Rebeca na escola.

— Ele se comportou? Não fez mais nem uma gracinha? — Pergunta e sinto a preocupação dele com o assunto.

— Não. Só me pediu desculpas. Disse que não vai mais se repetir. — Não comento sobre as coisas que o Daniel me contou.

— Você conseguiu desculpá-lo?

— Sim. Por você. — Olha para mim sem entender. — Eu sei o quanto isso te incomoda, Bernardo. Não quero ficar entre vocês dois. Eu desculpei, porque sei que isso seria importante para você, mas não seremos melhores amigos. Não consigo ser falsa. Só não terá mais o clima chato entre nós. Quem sabe um dia ele não me prove que realmente se arrependeu e eu mude de opinião

PERIGOSAS ACHERON

sobre uma amizade com ele? Só o tempo dirá.

— Às vezes me pergunto se você tem só vinte e três anos ou se mentiu para mim. — Brinca.

Não é a primeira vez que ele brinca comigo sobre me achar madura para a minha idade.

— Estou com quase vinte e quatro já. — Sorrio para ele. — E a vida não me deu outra escolha. Tive que amadurecer na marra.

— Está na hora de aproveitar um pouco mais da vida. — Sorri para mim e aperta a minha mão.

Seguimos o resto da viagem conversando e, depois de mais uma hora, estamos parando em frente a pousada. Ele estaciona o carro e pega a Rebeca no colo para entrarmos.

— Desculpa, casal vinte. Os quartos estão todos lotados. Podem voltar outro dia. — A Sofia fala assim que nos vê. — Mas essa coisa fofa pode ficar. Dela, eu cuido. — Pega a afilhada no colo que acorda na mesma hora.

— Minha mãe ainda está aqui ou já foi para casa? — Pergunto enquanto ela distribui diversos beijos pelo rosto da Rebeca.

— Está lá na cozinha com a minha mãe e o

meu pai. Estão decidindo qual será o prato do dia amanhã.

— Filha! — Minha mãe passa pela porta na hora em que ela acaba de falar. — Pensei que só viesse amanhã.

— O Bernardo insistiu para que viéssemos hoje. — Caminha para perto de mim e me abraça.

— Assim vocês podem aproveitar melhor o dia amanhã. — Explica o que já tinha me dito.

— Como estão os seus pais? — Minha mãe questiona enquanto eles se cumprimentam.

— Estão bem. Mandaram lembrança para todos e disseram que qualquer dia aparecem aqui para um final de semana.

Os tios saem da cozinha e a bagunça está completa. Depois de todos se cumprimentarem, a Sofia fala para o Bernardo:

— Desgruda um pouco da minha amiga. — Implica. — Agora ela é minha. Vai ver um pouco de televisão com o meu pai que depois te devolvo.

— Quero inteira. Sem faltar nem um pedacinho. — Provoca e me dá um beijo, afastando-se em seguida.

— Agora você pode me contar o que
PERIGOSAS ACHERON

aconteceu. E nem pensa em mentir para mim que eu sei que aconteceu alguma coisa. Eu te conheço, Valentina.

— Vamos para o seu quarto. — Peço e ela logo me puxa na direção da casa dela.

— Pronto. Já estamos sozinhas. Pode começar a falar.

— Conheci o Daniel, amigo do Bernardo, essa semana.

— E ele é tão bonito assim que te deixou em dúvida sobre com qual ficar? — Pergunta séria.

Essa pergunta não poderia vir de outra pessoa se não a louca da Sofia. Ela não tem jeito.

— Pode me escutar ou vai começar com as suas loucuras? — Faz sinal com a cabeça para que eu continue. — O almoço foi uma porcaria. Ele não fez questão nenhuma de esconder o que achava sobre mim. Insinuou por mais de uma vez que eu sou interesseira e estou com o Bernardo por causa do dinheiro dele.

— Ele falou isso? — Questiona revoltada. — Filho da puta.

— Não com essas palavras, mas não precisou. O pior não foi isso. Ele me procurou

depois. Foi à casa da Mariana para me encontrar sem o Bernardo. — Controla-se para me deixar terminar de falar. — Além de me oferecer dinheiro para deixar o Bernardo, ele me beijou a força.

— Ele o quê? Pode me passar o endereço desse desgraçado. Quem ele pensa que é? Você contou isso para o Bernardo? Diz que sim, Valentina. Você não contou, não é? Está na sua cara. — Fala sem me dar tempo para responder.

— Calma, Sofia. Você nem me deixa falar. — Ela respira fundo e senta na beira da cama. Sento-me ao lado dela e volto a falar. — Eu dei um tapa nele na mesma hora, mas não contei nada para o Bernardo. Não quero que eles briguem por minha causa. Eu sei que ele está errado, sei que o Bernardo não acredita e isso é o suficiente para mim.

— Mas você é muito boba mesmo, Valentina. Como o cara faz uma coisa dessas e você deixa para lá e não conta para o seu namorado? É claro que o Bernardo tem que saber. Está com medo de quê? De ele dar uma surra no cara? É o que ele merece. Eu mesma estou com essa vontade.

— E o que isso ia mudar o que aconteceu? Nada, Sofia. Fazer o Bernardo brigar com o melhor amigo não vai apagar o que ele fez. Fora que ele me procurou hoje e me explicou o motivo de ter agido assim. Não é a primeira vez que ele afasta alguém do Bernardo, mas, nas outras vezes, ele estava certo. O Daniel tem o pé atrás com as mulheres que se aproximam do Bernardo, porque várias já fizeram isso por conta do dinheiro dele.

— Nada justifica o que ele fez, Valentina. Nada. — Diz e sinto o quanto isso tudo a deixou com raiva.

— Não justifica, mas vai dizer que você nunca fez nada para me defender? Nunca brigou com ninguém por minha causa e nem ameaçou? Ele estava defendendo o amigo e não me conhecia para saber que não sou assim. Aposto que a senhora já ameaçou até mesmo o Bernardo.

— Aquele linguarudo te contou? — Semicerrou os olhos para ela.

— Não acredito, Sofia. Até ele? — Sacudiu a cabeça para os lados, prendendo o sorriso.

— Foi no primeiro dia que ele chegou aqui. Eu percebi logo o interesse dele em você e

precisava avisar que, se ele te machucasse, era um homem morto. — Arqueio a sobrancelha para ela. — E não adianta me olhar assim. É completamente diferente do que aquele imbecil fez. É melhor ele não aparecer na minha frente ou sou capaz de capar o desgraçado com as unhas de tanta raiva que estou sentindo. Ainda não acredito que você deixou para lá e o desculpou.

— Eu não esqueci, Sofia. E ele sabe disso. Só desculpei pelo Bernardo. Não vou virar amiguinha dele e já deixei avisado o que faço se ele repetir o que fez. Vou ficar com os dois pés atrás com ele, mas senti sinceridade quando me pediu desculpa. Por isso deixei para lá. O que adianta ficar remoendo? Já aconteceu. A minha consciência está tranquila. Eu sei que não sou o que ele pensou. O resto não importa. Você sabe muito bem que não ligo para a opinião dos outros a meu respeito. Fora que ele não pensa mais assim. Disse que achou que eu fosse me aproveitar do que aconteceu para colocar o Bernardo contra ele e se surpreendeu com o fato de eu não ter falado nada. Ficar calada foi a melhor solução. — Tento convencê-la.

— Não sei não, Valentina. Alguma coisa me diz que essa história ainda não acabou.

— Vamos esquecer isso, por favor. Eu vim aqui para curtir o final de semana com vocês e matar a saudade. Deixa esse assunto para lá. — Peço. Ela solta um suspiro e concorda com um aceno de cabeça.

Voltamos para a pousada para encontrar com o Bernardo e os outros. Fico mais um pouco por lá e, quando já está ficando tarde, vou para a minha casa com a minha mãe, a Rebeca e o Bernardo, que a minha mãe insistiu que dormisse na nossa casa ao invés de na pousada.

Dou banho na Rebeca e a preparo para dormir. Quando vou colocá-la no meu quarto, minha mãe pede:

— Não, filha. Coloca no meu quarto. Quero curtir a minha neta mais um pouco. Assim o Bernardo não precisa dormir no sofá.

— Tem certeza? — Ela acena com a cabeça em acordo.

Não discuto com ela, pois sei que não vai adiantar. Levo a Rebeca para o quarto dela e volto para o meu com o Bernardo.

— Pensei que não ia conseguir ficar sozinho com você nunca. — Diz assim que deitamos na

PERIGOSAS NACIONAIS

minha cama e deita por cima de mim se apoiando nos braços para não me machucar.

— O que você está fazendo? — Questiono baixinho quando ele começa a beijar o meu pescoço.

— Shiii! Fica quietinha ou a sua mãe vai nos escutar. — Sussurra no meu ouvido e desce uma mão para a minha perna.

— Bernardo, ela está aqui do lado. — Tento me controlar para não gemer, pois ele acabou de colocar a mão por dentro da minha calcinha.

— Por isso mesmo que você tem que fazer silêncio. Nós já fizemos na casa da minha mãe, falta na da sua. É só você se comportar que vai dar tudo certo. — Diz e coloca dois dedos dentro de mim.

Fecho os olhos e mordo o lábio inferior para me controlar. Esse filho da mãe sabe como me deixar doida e acabar com a minha capacidade de raciocinar.

— Seu louco. — Falo em um sussurro.

Ele abaixa um pouco a bermuda e coloca o membro para fora. Pega a camisinha no bolso e coloca sem parar de me olhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou louco, mas você gosta assim. Vai negar? — Coloca o membro em minha entrada e me penetra devagar. — Não estava mais aguentando de saudades de ficar assim com você. — Beija os meus lábios e fica me encarando. — Eu te amo, Valentina. — Olho emocionada para ele sem acreditar no que acabei de escutar. — Sei que está acontecendo tudo rápido demais, mas eu te amo e não consigo mais esconder isso de você.

Diz e me beija sem me dar tempo de responder. Entrego-me ao que estou sentindo sem mais reservas e o deixo me possuir de corpo e alma.

— Eu também te amo. — Falo ao ouvido dele assim que encerra o beijo e ele me olha com um sorriso lindo no rosto.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo trinta e seis

Bernardo

— Gostou do filme, Rebeca? — Pergunto assim que saímos do cinema e ela concorda com um aceno de cabeça.

Pego-a no colo e caminho de mãos dadas com a Valentina.

Hoje tirei o dia para ficar com ela e com a Valentina. Almoçamos fora e viemos direto para o shopping onde ela brincou e acabamos de assistir um desenho que está passando no cinema.

Amo incluir a Rebeca nos nossos programas. Já sabia que a Valentina tinha uma filha quando começamos a namorar. Não vejo motivo para deixá-la de lado e, além de tudo, amo essa menina. Ela me conquistou logo de cara com o seu jeitinho meigo de ser.

— O que nós vamos fazer agora? — A Valentina questiona.

— Que tal se a gente for comer pizza?

— Não é possível que vocês não estejam cheios da pipoca.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela não comeu muito, Valentina. Fora que está na hora do jantar.

— Hora do jantar e não de comer besteiras, Bernardo. — Reclama.

— Ela come bem a semana inteira que eu sei. Tanto na escola, como em casa. Um dia só não faz mal, Valentina.

— Deixa, mamãe. — Pede a mãe com uma carinha que tenho certeza que ela não vai conseguir negar.

— Tudo bem. — Solta um suspiro. — Mas só hoje. Não é para acostumar, mocinha.

— Oba! — Grita animada.

Dou um beijo em cada uma e sigo com elas para uma pizzaria que conheço. Assim que chegamos, escolho uma mesa para nós e pego o cardápio.

— Prefere pedir de que sabor? — Questiono. — Qual a que ela mais gosta?

— Calabresa. Mas ela come de outros sabores também, Bernardo. Não precisa pedir de calabresa só por causa dela.

— Claro que precisa. Ela é quem decide. — Pisco para a Rebeca que sorri para mim.

PERIGOSAS ACHERON

Peço a pizza com refrigerante para acompanhar e ficamos conversando enquanto não chega.

— Sua mãe está ansiosa com a festa. Não fala de outra coisa.

— Ela conversou comigo e disse o quanto você tem ajudado. Disse que, se você não estivesse aqui, não conseguiria fazer metade do que já está resolvido. Parece que não falta muita coisa.

— Não. Só terminar de escolher as comidas para servir. Escolhemos algumas coisas, mas ainda não decidimos os doces.

— Ela não para de falar de vocês duas. Pelo jeito não fui o único a ser conquistado. — Dou um sorriso de lado e ela retribui. — Rebeca, conta para tio como está indo a escola. Você está gostando?

— Muito. A tia é legal e eu fiz muitos amiguinhos. — Responde animada.

— Qualquer dia o tio vai te buscar para conhecer os seus amiguinhos, tudo bem? — Concorde com um aceno de cabeça.

— O horário de saída dela é durante o seu expediente de trabalho, Bernardo. Não inventa.

— E o que tem demais? Posso muito bem

sair mais cedo um dia. Deve ter alguma vantagem ser filho do dono. — Brinco.

— Não quero que você deixe o seu trabalho de lado para buscá-la.

— Valentina, fica tranquila. Vou no dia em que eu não tiver muita coisa para fazer. E enfia uma coisa nessa sua cabecinha teimosa. Você e a Rebeca são a minha prioridade. Sempre. — Dou um beijo leve nos lábios dela que sorri para mim.

— Você existe mesmo? Onde você estava que não apareceu antes na minha vida?

— Estava esperando vocês. — Pisco para ela e a pizza chega.

Coloco um pedaço no prato da Rebeca e corto em pedaços menores para ela que começa a comer toda feliz.

— Eu amo esse carinho e cuidado que você tem com ela, sabia? Faz com que eu fique ainda mais apaixonada por você. — Acaricia o meu rosto e fica séria de repente.

— O que foi? Por que você ficou séria do nada? — Pergunto sem entender.

— Tem uma mulher que não para de olhar para a gente. Pensei que fosse impressão minha,

mas não é. A cara que ela me olhou agora deixa claro que não está gostando de nos ver juntos.

— Que mulher? — Olho em volta tentando descobrir de quem ela está falando.

— Eu conheço de algum lugar, mas não consigo me lembrar de onde. Ela está sentada no final do restaurante, atrás de você.

Olho para trás e vejo de quem ela está falando. A Thaís está nos encarando com uma cara séria. Viro-me para frente e respiro fundo antes de falar para a Valentina de quem se trata.

— Aquela é a Thaís. Você deve estar lembrado dela do dia no hospital.

— Ela não está gostando nem um pouco de me ver com você. Parece que não te esqueceu. — Seguro o rosto dela e faço com que me olhe para dizer:

— Não me importo com o que ela pensa ou quer. Estou com você e é isso que eu quero. Já não queria nada com aquela louca antes, agora que te conheci, só quero distância dela. — Dou outro beijo suave nela que força um sorriso. — É só ignorar que ela vai embora. Não dá atenção. É o que ela quer.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não gosto dela. Sei que não a conheço, mas não gosto dela e nem do jeito que ela está me olhando. Espero que não faça nem uma gracinha, ou não respondo por mim. Aquele dia no hospital, ela me pegou de surpresa e eu estava meio perdida por causa do que tinha acontecido com a Rebeca, dessa vez, estou bem alerta.

— Não sabia que minha namorada era tão brava assim. — Brinco para amenizar o clima.

— E não sou. Desde que não mexam
comigo. — Responde séria.

— Ela não vai fazer nada. Pode parecer maluca, mas não é. Esquece que ela está ali e vamos aproveitar o nosso dia. Ainda quero sair com você mais tarde. — Falo para distraí-la.

— Sair para onde, Bernardo? A Rebeca já está cansada. Daqui a pouco ela vai apagar.

— Eu pedi para a minha mãe ficar com ela
essa noite. — Coloco o dedo nos lábios dela,
impedindo-a de falar. — Só hoje, Valentina. Quero
te levar para dançar um pouco. — Vejo que ela vai
negar e peço: — Por favor.

— Não gosto de dar trabalho para a sua mãe, Bernardo. Você tinha que ter falado

PERIGOSAS ACHERON

comigo antes.

— Eu queria fazer uma surpresa. E minha mãe ama ficar com ela, Valentina. Fora que você mesma disse que ela está cansada. Como vai dar trabalho dormindo? Aceita, vai? Quero te levar ao bar de um amigo meu. O lugar é bem animado. Tenho certeza que você vai gostar.

— Tudo bem. — Cede. — Mas, da próxima vez, me avisa antes, ok?

— Sim, senhora. Vamos terminar a nossa pizza para podermos ir. Minha mãe já deve estar nos esperando. Aposto que está contando os minutos para ficar com a Rebeca.

Terminamos de comer e vamos para casa. Assim que chegamos, a Valentina leva a Rebeca para o quarto para dar banho e colocar o pijama. Quando ela está terminando de se arrumar para sairmos, a campainha toca.

Vou atender e encontro o Daniel.

— Sabia que te encontraria aqui. Vim chamar para sair. E antes que diga não, é para a Valentina ir junto. Quero tirar a má impressão que ela está de mim.

— Ela está terminando de se arrumar para a

PERIGOSAS NACIONAIS

gente ir ao bar do André. Entra aí. Espera um pouco que vamos juntos.

— Tio Bê, a mamãe já vem. — A Rebeca entra na sala correndo para me avisar.

Vou em direção a ela para pegá-la no colo. Quero apresentá-la ao Daniel. Sei que ele gosta de criança e aposto que vai se apaixonar pela Rebeca.

— Vem aqui com o tio que eu quero te apresentar um amigo meu.

Digo enquanto caminho para perto dele e duas coisas acontecem ao mesmo tempo. A Valentina sai do corredor ainda mais linda do que já é e a Rebeca começa a chorar no meu colo assustada.

— Ele não, tio Bê. Ele é o moço mau. Não gosto dele.

— O que é isso, linda. Ele é amigo do tio.
— Falo enquanto vejo a Valentina caminhar nervosa em nossa direção.

— Ele é mau. Ele machucou a mamãe. — Diz ainda chorando e o Daniel arregala os olhos para mim.

— O que está acontecendo aqui? — Pergunto e olho entre a Valentina e ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo trinta e sete

Bernardo

— Será que alguém pode me explicar o que está acontecendo? — Pergunto outra vez quando ninguém me responde.

Meus pais entram na sala preocupados com a Rebeca que ainda não parou de chorar no meu colo.

— Vem comigo, filha. O que a gente combinou? — A Valentina fala tentando pegar a Rebeca do meu colo, mas me afasto.

— Do que ela está falando, Valentina? Que história é essa que o Daniel te machucou?

— Eu posso explicar, Bernardo. — Ele diz ainda parado na entrada de casa.

— Acho bom que possa mesmo, Daniel. Porque eu não estou gostando nem um pouco dessa história. Por que a Rebeca está com medo de você? Achei que ainda não se conheciam. — A Rebeca se joga para o colo da mãe.

— A mamãe disse que não era para contar para ninguém, filha. — Fala baixo para a Rebeca,

porém eu consigo escutar.

— O que ela não podia falar? O que você está me escondendo, Valentina?

— Vocês estão assustando a menina. Vamos nos acalmar e conversar civilizadamente, por favor. — Minha mãe pede.

— Rebeca, conta para o tio o que aconteceu. — Peço, já que os dois não falam nada.

— Ele machucou a mamãe e ela chorou. Ele é mau. — Diz fungando agarrada ao pescoço da mãe.

— Você bateu na Valentina? — Pergunto e vou na direção do Daniel, mas meu pai entra na minha frente.

— Calma, filho. Olha a Rebeca. — Pede me segurando.

— Não, Bernardo. — Passa a mão pelos cabelos cada vez mais nervoso.

— Machucou a mamãe sim. Ele fez dodói no braço dela e deu um beijo igual de namorado. A mamãe ficou chorando.

— Valentina, vai lá para dentro com a Rebeca. — Fecho os meus olhos e respiro fundo para não matar o Daniel na frente dela.

Ela entrega a Rebeca para a minha mãe e caminha em minha direção.

— Bernardo, me escuta. — Segura o meu rosto e tenta me fazer olhar para ela. — Não faz nada de cabeça quente. Vamos conversar.

— Conversar? Por que você não fez isso antes? Por que não me contou nada, Valentina? — Perco o controle e grito com ela. — Diz que ela se enganou, que não aconteceu nada disso.

— Por favor. — Pede, mas não nega como eu queria que acontecesse.

— Tira a Rebeca daqui agora. — Peço mais uma vez e me solto dela.

— Vai embora, Daniel. — Fala com ele e se vira para mim outra vez. — Não faz nada de cabeça quente, Bernardo.

— Sai daqui, Valentina. Leva a Rebeca para o quarto antes que eu perca a cabeça. Estou te pedindo.

— Não enquanto você não me disser que não vai fazer nada.

— Você tem duas opções. Ou leva a Rebeca lá para dentro para tentar acalmá-la ou ela vai assistir a tudo e ficar mais nervosa ainda. Eu não

vou esquecer, Valentina. Não vou fingir que não escutei nada. Estou esperando. A decisão é sua.

— Mariana, leva a Rebeca, por favor. — Pede a minha mãe e se coloca na minha frente me impedindo de avançar no Daniel.

— Vem com a vovó, meu amor. — Minha mãe a leva para o quarto.

— Podem começar a falar. Só não tentem me enganar, pois a minha paciência já se esgotou.

— O Daniel teve aqui depois daquele almoço. Ele veio me pedir para me afastar de você.

— E você não pensou em me contar? Ia me esconder isso até quando, Valentina?

— Não quis falar justamente para evitar essa situação.

— Será que não pensou que se eu descobrisse depois seria pior?

— Pode deixar que eu falo, Valentina. O culpado dessa confusão toda sou eu. Quem precisa explicar alguma coisa aqui, sou eu. Mais ninguém.

— Pode começar me explicando que história é essa de você machucar o braço da Valentina e dar um beijo nela. Agora, pensa bem no que você vai falar, Daniel, porque a minha

PERIGOSAS ACHERON

paciência está por um fio. Estou me segurando aqui para não te arrebentar.

— Depois que saí da reunião, eu vim aqui para conversar com a Valentina. Você sabe que eu não confiava nela. Perguntei quanto ela queria para se afastar de você.

Avanço na direção dele e meu pai entra na minha frente mais uma vez para impedir.

— Para, Bernardo. Não vai fazer nada que vá se arrepender depois.

— Arrepender? Vou me arrepender é se não partir a cara dele agora mesmo. Como você teve coragem de fazer uma coisa dessas? Eu te pedi para parar, Daniel. Falei para você no almoço que com ela é diferente e você tem a capacidade de vir na casa dos meus pais para oferecer dinheiro para ela me deixar, seu filho da puta?

— Bernardo! — Meu pai chama a minha atenção.

— Bernardo nada, pai. Olha o que ele fez. Ele já tinha ofendido a Valentina no restaurante e ainda veio aqui para terminar o serviço.

— Eu pensei que ela era mais uma dessas mulheres que se aproximam de você por causa do

seu dinheiro, Bernardo. Falei isso para você diversas vezes.

— E eu te falei que confiava nela, porra. Que tinha certeza que ela não era assim. A minha palavra não vale de nada, caralho?

— Ele me pediu desculpas, Bernardo. Eu te contei que ele veio aqui e que a gente conversou.

— Foi por isso que você estava tão assustado no escritório. Você pensou que ela tinha me contado. — Lembro-me de como ele estava no dia em que apareceu lá e disse que pediria desculpas para ela.

— Então, Bernardo. Já passou. — A Valentina tenta me segurar e me puxar para longe dele mais uma vez.

— Não passou e nem vai passar enquanto vocês não me contarem tudo. De onde a Rebeca tirou a história do beijo que até agora vocês não falaram nada?

— Eu beije a Valentina a força. — Admite e nem meu pai consegue me segurar desta vez.

Parto para cima dele e me esqueço da nossa amizade. Ele já jogou no lixo tudo o que passamos no momento em que fez o que fez com a Valentina.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dou um, dois, três socos e ele não reage. Continuo batendo, mas a minha raiva não diminui.

— Eu vou te matar, seu desgraçado. —
Outro soco.

— Para, filho. Chega. Ele já entendeu. Você já provou o seu ponto.

— Solta o meu braço, pai. Eu não quero machucar o senhor. Ainda não fiz metade do que pretendo com ele.

— Para, filho. Olha para ele. O Daniel está sangrando. Em nome da amizade de vocês, para.

— Em nome da nossa amizade? E ele pensou nela quando beijou a minha namorada a força? Pensou nela quando machucou a Valentina e a fez chorar?

— Para, Bernardo, por favor, para. Estou te implorando. — A Valentina segura o meu rosto e me pede chorando. — Não faz mais nada. Para. — Tenta me abraçar e eu me afasto.

— João, leva o Daniel para o hospital, por favor. — Meu pai pede.

Estava tão desnorteado que nem vi quando o João entrou na sala. Eles saem da sala e, antes de passar pela porta, o Daniel fala:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpa, Bernardo. Sei que passei dos limites, mas me desculpa, cara. Você é como um irmão para mim.

— Pois, para mim, você morreu. — Ele abaixa a cabeça e sai sem falar mais nada.

— Não fala isso, filho. Ele errou e sabe disso, mas não fala uma coisa dessas.

— Agora não, mãe. Eu quero ficar sozinho. — Caminho para a porta e a Valentina entra na minha frente para tentar me impedir.

— Eu vou com você. — Tiro as mãos dela dos meus braços. — Vamos conversar. — Pede.

— Nós tivemos tempo demais para isso e você não falou nada. Agora é tarde, Valentina.

— Não, Bernardo. Não sai assim. Você está muito nervoso. É perigoso. Por favor.

— Perigoso é ficar perto de você agora. Não quero falar alguma coisa que eu possa me arrepender depois, Valentina. Eu preciso ficar sozinho e pensar nisso tudo. Vai ficar com a Rebeca. Ela deve estar precisando de você.

Acredito que a minha mãe tenha deixado a Maria tomando conta dela, mas não falo nada. Não tenho condições de pensar em mais nada agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Preciso sair daqui. Preciso respirar e pensar em tudo o que acabei de descobrir.

Estou me sentindo enganado e traído pelas pessoas que mais amo nesse mundo. O Daniel não tinha o direito de fazer isso com a Valentina, assim como ela não podia ter me escondido uma coisa dessas.

Saio de casa, entro no meu carro e saio em disparada, sem destino certo. Só preciso sumir daqui. Sair de perto de todos para colocar a minha cabeça no lugar. Sinto uma dor no peito que me sufoca. Não esperava que o Daniel fosse capaz de fazer nada parecido. Parece que estou no meio de um pesadelo e não vejo a hora de acordar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo trinta e oito

Valentina

— Ele não pode sair assim, Rodrigo. —
Digo desesperada.

— O Bernardo sabe o que faz, Valentina. Ele não vai fazer nem uma besteira e nada do que eu faça irá impedi-lo de sair. Tenta se acalmar. A Rebeca já está muito agitada. Se ela te ver assim, vai ficar pior ainda.

— Ele não vai me desculpar, não é? —
Pergunto de forma retórica a Mariana, sentando-me no sofá.

— Claro que vai, Valentina. O Bernardo só está de cabeça quente. Não é fácil descobrir o que ele descobriu hoje. Ele está chateado por você não ter contado, mas vai passar.

— Não contei para evitar o que aconteceu aqui. Não adiantou nada e ainda fiz com que ele ficasse com raiva de mim. — Apoio a cabeça nas mãos. — Ele está certo, Mariana. Também não gostaria que ele me escondesse algo assim.

— Não adianta nada ficar se martirizando agora. Daqui a pouco ele volta e vocês conversam.

PERIGOSAS ACHERON

Tenho certeza que vão se entender.

— Não acredito que venha para cá. Do jeito que ele saiu daqui, deve ir direto para casa. — Digo desanimada.

— Ele vem. Conheço o meu filho. O Bernardo não vai conseguir dormir sem falar com você. Agora tenta se acalmar. Vai jogar uma água no rosto, tirar essa roupa e ficar com a sua filha. Ela está preocupada com você. Não para de chorar te chamando.

— Vou sim. Obrigada por tudo e desculpa pela confusão. — Peço sem graça por tudo o que aconteceu.

— Não precisa pedir desculpas, Valentina. Você não teve culpa. O Daniel foi quem errou. — Força um sorriso.

— Será que eles vão se entender? Não consigo me imaginar brigando com a Sofia e me dói o coração só de pensar no que o Bernardo está passando.

— Não sei. O Daniel errou muito. Ele não podia ter feito o que fez. Nem te ofender, muito menos te beijar a força. Vai ser muito difícil o Bernardo esquecer e ele sabe disso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tomara que você esteja errada. — Falo e me levanto. — Vou fazer o que você falou. Já volto para pegar a Rebeca.

— Vai, minha filha. Tenta descansar um pouco. Vai ser bom para você.

Não respondo. Apenas forço um sorriso e vou para o quarto. Tiro a roupa e entro debaixo do chuveiro. Queria que a água levasse embora com ela toda a angústia e tristeza que estou sentindo.

Tento não demorar no banho. Preciso pegar a Rebeca. Eu conheço a minha filha e sei que ela deve estar assustada com tudo isso, porém, se eu aparecesse na frente dela do jeito que estava, tenho certeza que só pioraria o nervosismo dela.

Coloco uma roupa mais confortável e sigo para a cozinha onde sei que ela está com a Maria. Entro e a encontro encolhida em um canto sem deixar que ninguém chegue perto dela. Abaixo-me a sua frente, faço um carinho no seu rosto e ela me olha assustada.

— Passou, meu amor. Vem com a mamãe. — Estico os braços para ela que se joga no meu colo.

Aperto-a contra o meu peito e me controlo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para não voltar a chorar.

— Mamãe, o moço mau já foi? — Pergunta com a voz embargada.

— Vem aqui conversar com a mamãe, filha. — Levanto-me com ela no meu colo e sigo para o quarto, onde a coloco sentada na cama.

— Cadê o tio Bê? Ele ficou triste comigo?

— Não, meu amor. Não tem ninguém triste contigo.

— Mas ele gritou. — Diz fungando.

— Não foi com você, filha. Ele ficou triste com o que o amigo dele fez. Só isso.

— Foi minha culpa? — Abaixa a cabeça quando questiona.

— Claro que não, Rebeca. Você não tem culpa de nada, filha. Olha para a mamãe. Ninguém está triste com você, ok?

— Nem você? — Sinto a preocupação na voz dela.

— Nem eu.— Faço uma pausa e volto a falar. — Olha, filha. O amigo do tio Bê não é mau.

— É sim. Ele fez dodói em você.

— Não, filha. Ele pediu desculpas para a

PERIGOSAS ACHERON

mamãe e prometeu que não vai fazer mais. O que a mamãe te ensinou sobre desculpar os outros?

Sinto que preciso convencê-la que o Daniel não é má pessoa. Quero que ele e o Bernardo se acertem e, se isso acontecer, não quero que ela fique com medo dele.

Pode parecer hipocrisia querer que ela o desculpe quando nem eu mesma o fiz de verdade. Não vou esquecer tão cedo o que aconteceu. Só disse que o desculpei pelo Bernardo e agora vejo que não adiantou muita coisa.

— Mas você chorou.

— Sim, filha. A mamãe ficou triste com o que ele fez, mas ele se arrependeu. O tio Bê gosta muito dele e a mamãe não quer que ele fique triste. Vamos esquecer tudo isso e dormir que já está tarde, tudo bem?

— Você vai ficar aqui? — Questiona tristinha.

— Claro que sim. A mamãe vai dormir agarradinha com você.

Deito com o meu corpo colado ao dela e a abraço. Tento convencer a mim mesma que está tudo bem, que o Bernardo vai aparecer, a gente vai

conversar e se entender.

Depois de mais dez minutos, ela já está dormindo. Pego o meu celular na mesinha de cabeceira e tento ligar para o Bernardo, mas ele não atende. Levanto-me e vou para o banheiro, pois não quero acordar a Rebeca.

Tento ligar mais algumas vezes e cai na caixa postal. Deixo um recado para ele, apesar de achar que não vai escutá-lo.

— Bernardo, volta para casa, por favor. Vamos conversar. Eu não quero ficar assim com você.

Ligo mais algumas vezes e nada. Mando mensagens e ele não visualiza.

Vejo que a Rebeca está com o sono agitado e deito-me com ela outra vez. Acabo pegando no sono enquanto espero que ele volte.

Bernardo

Olho para as ondas quebrando enquanto lembro-me de todos os momentos que passei com o Daniel desde que nos conhecemos.

Foram anos de amizade jogados no lixo pela

PERIGOSAS NACIONAIS

atitude dele. Ainda custo a acreditar que ele tenha sido capaz de fazer o que fez.

Sei que ele já afastou outras mulheres de mim por achar que estavam querendo meu dinheiro, mas com a Valentina é diferente. Ele me conhece bem demais para não ter percebido o que sinto por ela.

Como ele foi capaz de machucá-la e de beijá-la a força? Fecho os olhos e a cena, que eu nem assisti, fica se repetindo na minha mente. Quero esquecer tudo isso, porém duvido que consiga.

Lembro-me da carinha assustada da Rebeca quando olhou para ele. Além de fazer o que fez, ainda fez na frente de uma criança. Onde ele estava com a cabeça para agir assim? Tento entender, mas não consigo.

Fico remoendo tudo isso e sinto vontade de terminar o que comecei. Queria acabar com a raça dele. Para piorar, ainda tem o fato de a Valentina ter escondido de mim o que aconteceu. Ela não podia ter feito isso.

Sinto-me traído pelos dois, mas sei que ela não fez por mal. Fez por não querer que eu brigasse

PERIGOSAS ACHERON

com ele, pois sabia que era o que aconteceria. Tento pensar com um pouco mais de calma no que ela fez e não tenho certeza se faria diferente.

Droga. Fiquei tão perdido com tudo o que descobri que descontei em quem não devia. Depois de tudo o que ela passou, ao invés de ficar do lado dela eu a deixo mais nervosa ainda. Sei que está me ligando, mas não atendo. Preciso respirar um pouco antes de falar com ela para evitar que eu faça besteira outra vez. Ela e a Rebeca precisam de mim, porém não adianta aparecer assim, tão nervoso como estou.

Entro no carro e dirijo sem destino outra vez. Quando vejo, estou parado em frente ao apartamento do Daniel. Vejo que as luzes estão acesas e desconfio que já tenha voltado do hospital. Meu telefone toca outra vez, mas não é a Valentina e sim o meu pai ligando. Atendo no segundo toque.

— Filho, onde você está? A sua mãe está preocupada.

— Eu estou bem, pai. Daqui a pouco vou para casa.

— O João já chegou do hospital. Você quebrou o nariz do Daniel, mas ele não deve

precisar de cirurgia.

— Foi pouco perto do que eu queria fazer.

— Falo com raiva.

— Eu sei que ele errou, filho, mas não adianta nada ficar assim. A Valentina está achando que você não vai desculpá-la. Vem para casa, filho. Conversa com ela. A menina estava arrasada.

Fecho os olhos e respiro fundo. Não queria que ela ficasse assim. Odeio que isso tudo tenha acontecido.

Vejo quando o Daniel aparece na janela do apartamento dele e arranco com o carro. Não quero que ele me veja aqui e pense que a nossa amizade ainda tem jeito depois do que ele fez.

Sigo direto para a casa dos meus pais. Estaciono na garagem e fico mais um pouco no carro. Meu pai aparece na porta da garagem e fica me olhando.

— Vai dormir, pai. Eu já vou entrar.

— Sua mãe mandou ver se você estava bem. Ela não vai conseguir dormir enquanto não tiver certeza.

— Vou ficar. — Saio do carro e sigo para dentro de casa. — Onde a Valentina está?

PERIGOSAS NACIONAIS

— No quarto. Ela foi colocar a Rebeca para dormir e ficou lá. A menina estava muito agitada com tudo isso.

Não respondo. Aceno com a cabeça em acordo e sigo para o quarto delas.

Abro a porta e a vejo dormindo abraçada a Rebeca. Decido tomar banho antes de me deitar com elas e sigo para o meu quarto antes que ela perceba a minha presença.

Tomo banho, coloco uma bermuda, uma camiseta e volto para o quarto delas onde as encontro na mesma posição de antes. Deito-me atrás da Valentina com cuidado para não acordá-la, mas ela desperta.

— Bernardo. — Diz baixinho para não acordar a Rebeca.

— Shiii! Volta a dormir. Eu já estou aqui.
— Ela se vira para mim.

— Desculpa. Eu preciso que você me desculpe. Não quero ficar brigada com você, por favor.

— Eu é que tenho que te pedir desculpas. Foi por minha causa que tudo isso aconteceu, Valentina. Você não tem culpa de nada.

PERIGOSAS ACHERON

— Fiquei com tanto medo de você não me perdoar. — Vejo uma lágrima descendo pelo rosto dela. — Eu te amo, Bernardo.

— Eu também te amo. Não fala mais nada. Vamos dormir e esquecer que esse dia existiu. — Dou um beijo leve nos lábios dela e a puxo para mim. Ela se ajeita nos meus braços, solta um suspiro e abraça a Rebeca que dorme sem se abalar com a nossa conversa.

Capítulo trinta e nove

Bernardo

Olho para a Rebeca e a Valentina enquanto elas brincam na água com a Sofia. Convenci a Valentina a vir passar o final de semana com a mãe, já que no próximo é a festa dos meus pais e não poderemos vir.

Usei isso como pretexto para sairmos um pouco do Rio, pois queria me distrair depois do que aconteceu. O Daniel até tentou me ligar uma vez, mas não atendi e ele não insistiu, pois sabe que não vou atender.

Passei uma semana de cão no trabalho. Não conseguia me concentrar em nada direito. Ficava remoendo o tempo inteiro o que descobri. Sabia que o Daniel não gostava da Valentina, porém não esperava que fosse chegar a esse ponto. Ele passou de todos os limites com essa história de beijo. Talvez eu conseguisse desculpá-lo se tivesse ficado só nas ofensas, mas, com tudo o que ele fez, não dá.

Sei que vou sentir. Somos amigos desde

PERIGOSAS NACIONAIS

criança e me acostumei a tê-lo sempre por perto, só que não consigo esquecer e fingir que nada aconteceu.

A Valentina até tentou me convencer a conversar com ele, porém eu não aceitei. Ela ficava repetindo que não queria ser a culpada do fim da nossa amizade, mas a culpa não é dela. O único culpado foi o próprio Daniel.

Pedi para que ela não tocasse mais no assunto, pois queria esquecer isso tudo e ela acabou aceitando. Acredito que tenha percebido que não vou mudar de ideia.

Para piorar isso tudo ainda tem o fato de a Rebeca ter ficado assustada. Ela custou a ter uma noite normal de sono e, na maioria das vezes, eu dormia com elas. Não é a coisa mais fácil do mundo dormir ao lado da Valentina e me segurar, mas foi preciso. A Rebeca me pedia para ficar e eu não conseguia dizer não.

Até tentei convencer a Valentina a ir para o meu apartamento, só que aquela teimosa não quis. Diz que quer ir devagar e que não quer invadir o meu espaço.

Mal sabe ela que é o que eu mais quero que

PERIGOSAS ACHERON

aconteça. A minha vontade é de chegar e encontrar as coisas dela e da Rebeca espalhadas pela sala e as duas me esperando, mas sei que preciso ir com calma para não assustá-la. Já consegui que ela quebrasse a regra de não se relacionar, não quero estragar tudo por me precipitar.

Vejo a Sofia vindo para perto de mim. Ela se joga ao meu lado na toalha que estendemos na areia e diz ainda olhando para o mar:

— Obrigada. — Olho para ela sem entender.

— Obrigada pelo o que, exatamente? — Questiono.

— Por fazer o que eu queria, mas a Valentina não deixou.

— Se não fizesse, não seria eu. — Viro-me para frente outra vez. — Nunca deixaria alguém tratar a Valentina daquele jeito e não fazer nada.

— Sim, mas sei que não deve ter sido fácil para você. — Fala pensativa.

— Não. Não foi. — Digo simplesmente.

— Como você está com tudo isso?

— Como você estaria se tivesse tido uma briga séria com a Valentina? — Não me responde.

Apenas olha para frente com um olhar distante. — Acho que você tem a sua resposta.

— É definitivo? Não tem mais jeito mesmo? — Pergunta enquanto joga pequenas conchas na água.

— Sim. Toda vez que fecho os olhos me lembro do que o Daniel fez. — Sinto uma queimação só de falar o nome dele. — Não conseguiria olhar para ele e fingir que nada aconteceu. Ele quebrou a confiança que eu tinha nele. Jogou a nossa amizade no lixo com as atitudes que teve. Não sou indulgente a esse ponto.

— Não discordo do que você está dizendo. Só não consigo me imaginar sem a amizade da Valentina e imagino que a dele tenha o mesmo significado para você. — Força um sorriso.

— Tinha. Sei que não será fácil, mas eu vou acostumar. Tenho motivos de sobra para não me deixar abater. Aquelas duas ali alegram o meu dia. — Digo indicando a Valentina e a Rebeca com a cabeça.

— E está fazendo o que sentado aqui, então? Vai aproveitar com elas. Aposto que as duas estão esperando por você. — Solto um suspiro. —

Anda, homem. Vai curtir as suas meninas. — Encoraja-me.

Não espero que fale mais nada. Levanto-me e corro para perto das duas, pegando a Valentina de surpresa e levantando-a no ar. A Rebeca gargalha animada enquanto olha para a gente. Dou um beijo leve nos lábios dela e a coloco no chão.

— Parece que alguém também quer rodar. — Falo para ela sorrindo.

— Aposto que sim. — Devolve o sorriso.

Viro-me e pego a Rebeca no colo fazendo o mesmo com ela e enchendo o rosto dela de beijos. Ela abre um sorriso lindo para mim.

— Mais, tio Bê. — Pede feliz.

— Vocês vão cair. — A Valentina diz, mas está sorrindo também.

Passamos o resto da tarde na praia e, quando voltamos para casa, meu telefone toca. Estou tão distraído que atendo no automático.

— Bernardo, meu filho, é o Cláudio. — Respiro fundo antes de responder.

Por que fui atender sem ver quem era? Já devia esperar que o Daniel pediria para ele me ligar.

— Oi, tio. Tudo bem? — Finjo que não sei o motivo da ligação.

— Bernardo, a gente já se conhece há anos, então vou direto ao assunto. O que aconteceu entre você e o Daniel?

— Acho melhor o senhor perguntar para ele. — Afasto-me da Valentina e da Rebeca para falar com ele, pois alguma coisa me diz que essa conversa vai demorar.

— Você acha que eu já não tentei? Ele não diz nada. Só fala que errou e que sabe que você não vai desculpá-lo. Foi tão sério assim? Será que precisa mesmo acabar a amizade como ele disse?

— Olha, tio, eu gosto muito do senhor, mas não quero falar sobre isso. Conversa com ele e tire suas próprias conclusões.

— Sei que não foi pouca coisa. Vocês sempre se entenderam no mesmo dia e já tem uma semana que ele está assim. O Daniel não está indo trabalhar. Está em casa bebendo o dia todo e só diz que é um babaca.

— Ainda bem que ele sabe. — Falo automaticamente.

— Nunca me meti na amizade de vocês,

Bernardo, mas não aguento mais ver o meu filho desse jeito. Conversa com ele, por favor. Em nome da amizade que vocês têm há anos. Sou eu que estou te pedindo.

— Sinto muito, mas não dá, tio. Não consigo. Se o senhor soubesse o que ele fez nem estaria me ligando para pedir isso. O seu filho passou de todos os limites dessa vez. — Escuto quando ele solta um suspiro e volto a falar antes que ele o faça. — Preciso desligar. A Valentina está me chamando. Manda um beijo para a tia.

— Tudo bem, filho. Pensa no que te pedi.
— Não respondo. Despeço-me e desligo.

— Aconteceu alguma coisa? — A Valentina pergunta parando ao meu lado e eu nego com um aceno de cabeça. — Eu te conheço, Bernardo. Não precisa mentir. Foi essa ligação?

— Era o Cláudio, pai do Daniel. — Não entro em detalhes e nem preciso. Aposto que ela já deduziu o assunto da ligação.

— Você está bem? — Pergunta preocupada.

— Estou sim. Não quero mais falar sobre isso. Vamos entrar?

— Tenho que ir à pousada rapidinho. Será

que você fica com a Rebeca um pouquinho para mim? Minha mãe já deve estar chegando.

— Claro que fico, Valentina. Você sabe que adoro ficar com ela. Só não demora. — Pisco para ela. — Tenho planos para mais tarde.

— Obrigada. — Beija-me de leve nos lábios.

Depois de mais uma hora, recebo uma ligação do número da pousada. Atendo pensando que é a Valentina, mas quem está ligando é a Sofia.

— Bernardo, a Valentina não está se sentindo muito bem. Será que dá para você vir buscá-la? É que eu não posso sair daqui agora.

— O que ela está sentindo? — Pergunto preocupado, já levantando do sofá para sair.

— Só um mal-estar. Eu preferi que ela não fosse sozinha para casa.

— Fez bem. Já estou saindo de casa. — Desligo sem ao menos me despedir e sigo para a cozinha. — Aline, vou encontrar com a Valentina na pousada rapidinho e já volto. Posso deixar a Rebeca aqui? — Omito o fato que a Valentina está passando mal para não deixá-la nervosa.

— Claro que pode, meu filho. Vamos ver

desenho, não é, Rebeca? — Pergunta para a neta.

Dou um beijo nela, despeço-me e sigo para a pousada o mais rápido que posso. Encontro a Sofia na recepção.

— Onde ela está? — Pergunto assim que me aproximo.

— Naquela suíte que fica separada. Achei melhor ficar lá por causa dos hóspedes. — Não respondo. Sigo direto para lá preocupado.

— Valentina. — Chamo quando entro no quarto e não a vejo.

Olho em volta e vejo quando ela sai do banheiro vestindo uma camisola curta de renda amarela que realça ainda mais o tom dourado de sua pele. Fico sem palavras encarando-a.

— Surpresa! — Caminha em minha direção devagar sem desviar o olhar do meu.

— Puta merda, Valentina. Você quer me matar? — Mordo o lábio inferior enquanto olho-a de cima a baixo e preciso me controlar para não avançar para cima dela.

— Só se for de prazer. — Fala colada a mim e, quando vou segurá-la, impede, segurando os meus pulsos. — Essa noite é só nossa, mas você

PERIGOSAS NACIONAIS

tem que se comportar. — Sussurra em meu ouvido e morde o lóbulo da minha orelha de leve, arrepiando-me.

Caminha para trás de mim e coloca as mãos por dentro da minha blusa. Sobe pelo meu abdômen levantando a blusa junto, deixando-me doido. Levanto os braços para ajudá-la e ela tira a minha blusa.

Para de frente para mim e leva as mãos para o botão da minha bermuda e, quando desabotoa, desce pelas minhas pernas junto com a minha cueca boxer, deixando-me completamente nu.

Fecho os olhos e respiro fundo quando fecha a mão em meu membro e começa com um sobe e desce que me enlouquece. Começa a me beijar e, quando estou quase gozando, seguro a mão dela, impedindo-a de continuar.

— Para. — Peço. — Quero gozar com você. Não me tortura mais. Preciso te tocar.

Não responde. Pega as minhas mãos e coloca na cintura dela. Perco o resto de controle que tenho. Abraço-a pela cintura e a levo para a cama.

Deixo todos os problemas do lado de fora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desse quarto. Essa noite é só nossa e eu quero aproveitar cada minuto que temos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo quarenta

Valentina

Esses últimos dias foram tão corridos organizando os detalhes que faltavam para a festa que não consegui nem mesmo comprar a roupa da Rebeca e nem a minha.

O Bernardo me convenceu a sairmos hoje para resolver juntos, já que ele também quer comprar e estamos no shopping fazendo isso agora. Conseguimos decidir a dele, mas faltam as nossas.

Por que homem é tão mais fácil para se arrumar? Bastou escolher a cor do terno para estar tudo decidido, enquanto eu não sei nem por onde começar.

— Não consigo achar nada. Como vou fazer? — Pergunto saindo de mais uma loja onde não gostei de nem uma roupa.

— Já disse que sei onde achar, mas você não me escuta.

— Bernardo, não. Eu quero comprar a minha roupa.

Ele cismou que quer pagar a nossa roupa e

que vai nos levar na loja onde a Mariana costuma comprar, só que eu sei que é bem mais cara do que posso pagar e não quero.

— Para. — Segura a minha mão e me puxa para ficar de frente para ele. — Sei que você gosta de resolver as suas coisas, mas não estou te pedindo nada demais, Valentina. Só quero dar um presente para vocês. Deixa de ser orgulhosa. Eu não faço isso sempre e justamente por saber que você não gosta. O que custa aceitar? Não vai me fazer falta.

— Bernardo... — Não me deixa terminar de falar.

— Não, Valentina. Eu sei que você não está se aproveitando, você também sabe disto e isso é o suficiente para mim. Quantas vezes já te escutei dizer que não liga para a opinião dos outros? Vai se importar agora? Será que não posso dar um presente para a minha namorada? Vai ser sempre assim? — Questiona e sinto o quão chateado está. Solto um suspiro antes de responder.

— Tudo bem. Você venceu. Mas não quero nada exagerado. Não precisa ter o preço de um apartamento. — Brinco para aliviar o clima.

— Você acha que a minha mãe compra

roupa tão cara assim? Está precisando sair mais com ela. Aquela ali não gosta de esbanjar em nada. — Beija o meu rosto de leve e voltamos a andar.

— Mamãe, quero comer. — A Rebeca fala ao meu lado.

— Pode esperar só mais um pouquinho? — Pergunto abaixando-me em frente a ela. — A gente só vai a mais uma loja e vamos para casa, ok? Se a mamãe não achar lá, deixo para outro dia. — Ela concorda com um aceno de cabeça e seguimos para a loja.

Quando entramos, olho em volta apaixonada. Vejo tantos modelos lindos que nem sei por onde começar a escolher. Uma vendedora se aproxima de nós e se oferece para me ajudar. Deixo o Bernardo sentado em um canto da loja enquanto escolho alguns modelos para experimentar.

A vendedora me dá a ideia de comprar um vestido igual para a Rebeca e para mim e acabo aceitando quando ela me mostra um modelo vermelho que eu adoro. Ele é de renda na parte de cima, com a cintura marcada e a saia curta em tule. O da Rebeca é fechado nas costas, enquanto o meu tem um decote. Fico apaixonada por eles e resolvo

ver como fica.

Não demora muito e estamos as duas paradas de frente para o Bernardo, com sapatos no mesmo tom do vestido, sendo o da Rebeca baixinho, estilo boneca e o meu alto.

— Pensei que não fosse possível vocês ficarem ainda mais lindas, mas vejo que me enganei. Estão perfeitas. — Diz com um sorriso no rosto e me olhando de um jeito que me dá certeza que acertei na escolha.

— Gostou? — Pergunto e mordo o lábio inferior, prendendo o sorriso.

— Se eu gostei? Eu amei. Tem que ser esse. — Vira-se para a Rebeca e volta a falar. — Você está igual uma princesa, sabia?

— Eu sou uma princesa, tio Bê? — Questiona com os olhos brilhando.

— Você é a princesa do tio. Uma princesa muito linda. — Beija o rosto dela e fala com a vendedora: — Pode separar os dois. E os acessórios também, por favor.

— Nós tínhamos combinado o vestido. — Semicerrou os olhos para ele que dá um sorriso de lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pensa que isso é uma vantagem para mim. Não aguento mais entrar em lojas, Valentina. Assim resolvemos tudo de uma vez. A Rebeca está cansada também. — Apela na maior cara de pau e eu acabo concordando.

Vinte minutos depois estamos saindo do shopping e indo para casa. Penso que a Rebeca vai dormir no caminho, porém ela chega toda animada para mostrar o vestido para a Mariana.

— Vovó, eu ganhei um vestido de princesa. Ele é vermelho. — Entra gritando na sala e corre para perto da Mariana e do Rodrigo que estão sentados com o notebook aberto.

— Vovó? — Escuto uma voz de homem que não conheço vindo do notebook. — Que história é essa que eu não sei?

O Bernardo entra correndo para perto deles com um sorriso no rosto.

— Está vivo? Pensei que tivesse sumido no mundo. — Fala parado ao lado dos pais.

— Não me enrola, rapaz. Quem é essa menina linda que está chamando a sua mãe de avó?

Fico parada em um canto vendo a interação deles e o Bernardo me puxa para perto.

PERIGOSAS ACHERON

— Longa história que, se você não tivesse sumido, já saberia. Quero te apresentar uma pessoa. Valentina, esse é meu tio Antônio. Tio, esta é a Valentina, minha namorada e mãe da Rebeca. Esta menina linda aqui.

Olho para a tela e vejo um homem que deve ser pouco mais velho que minha mãe em uma cadeira de rodas, com um sorriso no rosto que me faz sorrir de volta.

— Esse garoto tem bom gosto. Olha que namorada linda que ele arrumou. — Brinca me deixando sem graça.

— Tira o olho que ela já é minha. — Devolve a brincadeira. — O senhor vem para a festa no sábado?

— Estava falando justamente sobre isso com os seus pais. Não vou para a festa. Só volto para casa daqui a algumas semanas. Estamos passeando pela Europa e eu quero aproveitar mais um pouco.

— Vê se não esquece que tem família. Quero te apresentar direito para a Valentina.

— Pode deixar. Em breve faremos isso. Assim que tiver uma data definida, eu te aviso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tento me afastar para deixar que conversem mais a vontade, porém o Bernardo me segura e não me deixa sair de perto.

— Vou deixar vocês conversarem mais um pouco. Depois nos falamos com mais calma. Tchau. — Fala para o tio e sai de perto comigo e com a Rebeca.

— Daqui a pouco eu vou falar com vocês, ok? — A Mariana diz para a gente e volta a conversar com o cunhando.

— Ele parece ser bem animado. — Digo assim que entramos na cozinha.

Pego um copo de suco e dou para a Rebeca tomar enquanto preparo alguma coisa para a gente comer.

— E é. Meus pais dizem que já foi mais. Não lembro muito dele antes do acidente. Eu era novo. Tinha a idade da Rebeca mais ou menos. Só sei o que os meus pais me contaram. Nem da época do acidente, apenas dele já na melhor fase, quando começou a aceitar melhor e voltou a viver.

— Sua mãe já me contou algumas coisas sobre isso, mas você nunca me falou nada.

— Meus pais não falam muito sobre isso e

PERIGOSAS ACHERON

eu acabei acostumando a fazer o mesmo. Eles passaram uma época bem difícil. Meu tio demorou a acordar e, quando o fez e descobriu que estava sem os movimentos das pernas, se entregou. Não queria fazer o tratamento e só reclamava. Minha mãe que conseguiu convencê-lo a fazer. Depois disso ele melhorou bastante. Hoje é esse homem brincalhão e animado que você viu. Tenho certeza que vocês vão se dar bem. Eu já queria ter contado de você para ele, mas acabei deixando passar. Queria que ele tivesse aqui e não por telefone ou vídeo.

— Não teve muito jeito. A Rebeca entrou correndo na sala. Ele não deve estar entendendo nada de ela chamar a sua mãe de avó.

— Aposto que a minha mãe já explicou para ele. E não precisa se preocupar com isso. Meu tio é tranquilo igual os meus pais. Ele sempre me aconselhou sobre relacionamentos e tenho certeza que gostou da minha escolha. — Pisca para mim.

— Ele é casado? — Pergunto querendo saber mais um pouco sobre ele.

— Não por falta de pretendentes. Algumas mulheres já demonstraram interesse nele, porém ele

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca quis nada com elas. Sempre diz que só se ama uma vez e que perdeu a chance dele.

— Como assim? Ele tinha namorada quando sofreu o acidente?

— Ninguém sabe. Já tentei arrancar essa informação dele de várias maneiras, mas ele sempre dá um jeito de fugir do assunto. Não fala sobre nada o que aconteceu antes do acidente. Só diz que agora é tarde demais e que está bem sozinho. Eu acho que ele conheceu alguém, porém ficou com medo da reação da mulher sobre o que aconteceu com ele e preferiu se afastar. No começo, ele não queria nem os meus pais por perto. Dizia que não queria ser um peso na vida de ninguém.

Fico pensando no que ele acabou de falar. O tio dele me pareceu tão animado que é difícil acreditar que ele tenha se entregado. O que será que aconteceu para ele se fechar assim para o relacionamento? Será que ele tinha alguém e essa pessoa não quis ficar com ele quando descobriu que estava em uma cadeira de rodas? Será que o caso dele é irreversível?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo quarenta e um

Bernardo

Olho em volta no salão. Minha mãe tinha razão quando disse que a Valentina leva jeito para organizar festas. Vejo vários convidados conversando sobre isso enquanto passamos de mãos dadas em direção aos meus pais.

Minha mãe queria um lugar onde todos pudessem aproveitar e ela fez isso como ninguém. Tem o salão principal onde toca uma música suave e ficam as mesas dos convidados; em um canto ficou a pista para os casais dançarem; na outra extremidade está uma área reservada para as crianças com mesas para desenhar e recreadores; tem também uma sala mais afastada com isolamento acústico e um bar exclusivo onde os convidados mais jovens estão dançando.

— Está tudo lindo, minha filha. Muito obrigada. Já me perguntaram várias vezes quem organizou tudo. Vou precisar tomar muito cuidado para não te roubarem de mim. — Minha mãe brinca

assim que paramos ao lado deles.

— Não fiz nada disso sozinha, Mariana. Só te ajudei. — Responde tímida.

— Não seja modesta, Valentina. O mérito é todo seu.

Vejo os pais da Thaís caminhando em nossa direção, mas ela não está por perto. Espero que não tenha vindo, pois não estou com paciência para as palhaçadas dela hoje. Resolvo fingir que não os vi e saio com a Valentina em direção a pista de dança.

— Já voltamos. — Digo para os meus pais que sorriem para mim em resposta.

— Aonde nós vamos? — Pergunta curiosa, porém não respondo.

Quando estamos chegando, começa a tocar *Tenerife Sea* do Ed Sheeran. Puxo-a pela cintura para mais perto de mim e encosto o meu rosto ao dela sussurrando a letra em seu ouvido.

“Você está tão maravilhosa neste vestido; eu amo seu cabelo deste jeito; o jeito como cai ao lado de seu pescoço e sobre seus ombros e costas.”

Passo os dedos no cabelo dela que está preso de um lado só e contorno o seu rosto.

“Estamos cercados por essas mentiras; e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas que falam demais. Você tem um olhar em seus olhos; como se ninguém soubesse de nada, só nós.

Esta deveria ser a última coisa que vejo? Quero que você saiba que é o bastante para mim; pois tudo o que você é, é tudo o que preciso.

Estou tão apaixonado, tão apaixonado, tão apaixonado.”

— Se eu tivesse escolhido uma música para tocar para a gente, não seria tão perfeita. Você está linda, Valentina, e me faz esquecer todos a nossa volta. — Sorri para mim. — Não sei o que você fez, mas estou completamente apaixonado. A minha vontade é de te levar daqui agora mesmo e ficar sozinho com você. — Faço uma pausa e volto a falar. — Eu amei esse vestido, só que não vejo a hora de tirá-lo e de te deixar nua só para mim. — Sussurro em seu ouvido.

— Também quero ficar sozinha com você, mas agora não dá. A gente não pode simplesmente sumir da festa de aniversário da sua mãe, seu louco.

— Tenho certeza que todos os homens aqui presentes concordariam comigo. — Pisco para ela que sacode a cabeça para os lados sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Além dos seus pais, ainda tem a Rebeca. Ela está adorando ficar aqui. Você acha mesmo que aceitaria ir embora tão cedo assim?

— Eu amo a Rebeca, mas confesso para você que levá-la não estava nos meus planos. O que tenho em mente não dá para fazer com uma criança por perto. Sorte que tenho certeza que os meus pais não vão se importar de ficar com ela para a gente.
— Continuamos conversando enquanto dançamos.

— Não gosto de abusar, mas vou aceitar. Até porque ela vai sair daqui tão cansada que é capaz de dormir no caminho de casa. Sorte que eu a coloquei para dormir um pouquinho à tarde ou não aguentaria ficar até o final da festa.

— Você acertou em colocar essa área para as crianças. A Rebeca está adorando.

— Fiquei pensando na confusão que não seria essas crianças correndo pelo salão quando a sua mãe me disse que muitos dos convidados tinham filhos pequenos. Imagina se batem em algum garçom e derrubam as bandejas. Ainda corria o risco de machucar alguém.

— Você pensa em tudo. Já pensou em trabalhar nessa área?

PERIGOSAS ACHERON

— Confesso que já. Gostei de ajudar a sua mãe, só que ainda não tenho certeza se é isso que eu quero.

— Não precisa ter pressa. Pensa com calma. Você não vai fazer a prova para a faculdade agora.

Consegui fazer a Valentina desistir de procurar por uma casa, pelo menos por enquanto. Espero ganhar tempo com isso para chamá-la para morar comigo, pois sei que não aceitaria agora.

Fiz questão de falar sobre isso com ela perto dos meus pais e eles me ajudaram a convencê-la. Lembro-me da reação da minha mãe.

— *Por que você quer sair daqui, minha filha? Tem alguma coisa te incomodando? Algo que você não gosta?* — *A Valentina me fuzila com o olhar.*

— *Não, Mariana. Só acho que preciso ter o meu espaço. Não gosto de dar trabalho e nem quero abusar da sua hospitalidade. Eu falei com o seu filho que não era para agora. Ele é que é exagerado.*

— *Não está abusando de nada, Valentina. Eu ofereci para vocês ficarem aqui, porque quis. Fora que o combinado era te ajudar enquanto você*

estudava e, se vocês estiverem aqui em casa, fica mais fácil.

— Eu posso colocar a Rebeca em uma escola integral. Ela já está acostumada, pois era assim antes de irmos para cá.

— O que você não está entendendo é que esse não é o único motivo. Nem mesmo o fato de ser a namorada do meu filho. Eu me apeguei a vocês duas, Valentina. Já me acostumei a ter vocês por perto, a ter a Rebeca me chamando de avó pela casa. Se você quiser sair, eu não posso impedir, mas quero que fique.

Ela acabou aceitando e não tocou mais no assunto desde então.

— Preciso dar uma volta para ver se está tudo correndo bem. — Diz assim que acaba mais uma música.

— Relaxa, Valentina. Você agora é convidada. Aproveita a festa.

— Não consigo. Também quero ver como a Rebeca está. — Concorde com um aceno de cabeça e saímos da pista de dança.

— Bernardo, não vai me apresentar essa linda mulher? — Escuto a voz do Cláudio atrás de

mim.

— Oi, tios. Não sabia que já tinham chegado. — Falo quando viro de frente para ele e a Luiza. — Valentina, esse é o Cláudio e a Luiza, amigos dos meus pais de longa data.

— Prazer. — Sorri para eles que retribuem. — Acho que eu conheço o senhor de algum lugar.

— Você deve estar se lembrando do meu filho. Todo mundo diz que somos parecidos.

— Eles são os pais do Daniel. — Digo sério.

— Posso saber o motivo de você ainda não ter levado essa menina para me conhecer, Bernardo? Quanto tempo tem que você não aparece lá em casa?

— Desculpa, tia. Aconteceu muita coisa nos últimos tempos. Prometo que vou aparecer. — Dou um sorriso sem graça.

— O que aconteceu contigo e o Daniel não mudou em nada o que sentimos por você, menino. Apesar de ainda não ter entendido muito bem. Ele não diz nada, só está cada vez mais arrasado. — Sinto a Valentina ficar tensa ao meu lado.

— Isso não é hora para falar sobre isso,

Luiza. — O Cláudio a corta.

— Tudo bem. Você está certo. Onde está a sua filha? — Muda de assunto. — A Mariana não para de falar dela, mas ainda não a conheci. Quero ver a menina que conquistou a minha amiga.

— Está brincando junto com as outras crianças. Eu estava indo para lá para vê-la agora mesmo. Quer vir comigo?

— Claro. Já vi que a Mariana está ocupada agora. Depois falo com ela.

Caminhamos juntos para a área reservada as crianças e, quando chegamos, não vejo a Rebeca em lugar algum.

— Cadê a Rebeca, Bernardo? — A Valentina me pergunta nervosa.

— Oi, onde está a menina que deixamos aqui? — Pergunto para a recreadora. — Ela está com um vestido vermelho igual ao dela. — Aponto para a Valentina que olha para todos os lados procurando pela filha.

— Ela saiu daqui ainda há pouco. — Responde.

— Saiu? Saiu com quem? Onde está a minha filha, Bernardo? — A Valentina se

PERIGOSAS NACIONAIS

desespera e, antes que a recreadora possa nos responder com quem a Rebeca saiu, vejo o Daniel caminhar para perto de nós com ela no colo.

— Filha. — A Valentina a tira do colo dele e abraça a filha.

— O que você estava fazendo com ela? — Pergunto tentando me controlar. — Dessa vez você passou de todos os limites.

— Filho, o que está acontecendo? Por que você pegou a menina? — A Luiza pergunta entrando entre o Daniel e eu para evitar que eu parta para cima dele.

— Eu posso explicar. — Diz olhando direto para mim.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo quarenta e dois

Valentina

— Explicar? Não basta tudo o que você fez e ainda tinha que piorar mais as coisas? Ela é só uma criança, seu merda. Como você pôde? — O Bernardo diz perdendo o controle.

— O que está acontecendo aqui? — O Rodrigo pergunta segurando o Bernardo e puxando para longe do Daniel.

— Daniel, fala o que aconteceu, meu filho. O que você fez? — A Luiza pergunta e a sua voz demonstra o quanto está nervosa com isso tudo.

— Vamos para um lugar mais reservado que já estão todos olhando. — A Mariana pede e seguimos para a saída do salão.

— Acho melhor você começar a falar, pois a minha paciência já se esgotou faz tempo e não vai demorar nada para eu terminar de fazer o que comecei aquele dia na casa dos meus pais. — O Bernardo fala assim que estamos afastados dos convidados.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A Thaís veio para a festa. — O Daniel começa a explicar e solta um suspiro. — Escutei quando ela falou no bar do André que vinha e que você ia se arrepender de tê-la deixado por causa da Valentina. Eu tinha certeza que ela ia fazer alguma coisa com a Rebeca e vim para cá. Quando cheguei, ela estava pegando a Rebeca com a recreadora. Fingi que estava do lado dela e, quando acreditou em mim, peguei a Rebeca.

Respiro fundo para controlar as lágrimas que se formam em meus olhos. O que essa louca ia fazer com a minha filha?

— E não pensou em me ligar para avisar? Precisava vir aqui e fazer papel de herói? Você acha que eu sou o quê? Algum idiota, por acaso? Não duvido que tenha combinado tudo com ela.

— Como se você fosse me atender, não é mesmo Bernardo? Como se eu fosse contar o que escutei, você fosse me escutar antes de me mandar sair de perto. Eu te conheço bem o suficiente para saber que a nossa amizade já era depois do que aprontei e que você não quer nem olhar na minha cara. Tinha certeza que o único jeito era vir aqui e tentar impedir.

PERIGOSAS ACHERON

— Filho, por que você não me ligou? O que você estava fazendo no bar? — O Cláudio pergunta para o Daniel.

— Eu tentei, pai, mas o senhor não atendeu. Eu saí de casa para esfriar um pouco a cabeça, pois não queria vir para cá e criar um clima ruim por causa da minha presença. Resolvi ir para o bar conversar um pouco com o André e acabei escutando quando a Thaís falou para outra mulher o que ia fazer. Não tive tempo de pensar em nada. Saí atrás dela e vim direto para cá. Até tentei ligar para o senhor pelo caminho, mas, como não atendeu, tive que entrar.

— Vem comigo. — O Bernardo pede. — Quero perguntar para a recreadora quem tirou a Rebeca de lá. — Diz ainda sem acreditar no que o Daniel contou.

— Onde ela está? — Questiono olhando diretamente para o Daniel que logo entende de quem estou falando.

— Está com os pais dela. Eu tinha pedido que os seguranças a segurassem enquanto vinha falar com vocês, mas eles chegaram na hora.

— Valentina... — O Bernardo tenta falar

comigo, porém não o deixo terminar.

— Não. Eu quero que ela me diga olhando nos meus olhos o que ia fazer com a minha filha.

— Mamãe, o tio me salvou da bruxa má. — A Rebeca diz no meu colo e aponta para o Daniel.

— Era o mínimo que eu podia fazer por você depois de toda confusão que arrumei, princesa. — Força um sorriso para ela que retribui.

— Não briga com ele, tio Bê. Ele não é mais malvado.

O Bernardo se aproxima de nós fecha os olhos e dá um beijo demorado na testa dela antes de soltar um suspiro.

Vejo um casal vindo em nossa direção com uma mulher que sei se tratar da Thaís e preciso me controlar para não avançar para cima dela.

— Bernardo, queremos te pedir desculpas. A Thaís não fez por mal. — A mulher fala assim que para a nossa frente.

— Não fez por mal? Ela ia sequestrar a minha filha para fazer sei lá o que com ela e a senhora vem com esse papo de não fez por mal?

— A culpa é sua por se meter entre o Bernardo e eu. Volta para o inferno de onde nunca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deveria ter saído. — A Thaís diz com a voz transbordando de raiva.

— Bernardo, liga para a polícia, por favor. Onde estão os seguranças? Ela não sai daqui antes de a polícia chegar. — Falo firme e os três arregalam os olhos para mim.

O Bernardo não pensa duas vezes e logo pega o celular para fazer o que pedi.

— Não, Bernardo. Você não pode fazer isso. Vocês se conhecem desde criança. Mariana, faz alguma coisa, amiga. — Pede quando vê que o Bernardo não desligou.

— Amiga? A sua filha lembrou da nossa amizade antes de tentar sequestrar a minha neta? Ela teve alguma consideração comigo quando resolveu arrumar essa confusão toda na festa do meu aniversário? Eu aguentei calada todas as vezes que ela aprontava com o Bernardo, pois achava que ele é quem tinha que resolver, mas agora ela colocou uma criança no meio. Eu não vou impedir a Valentina de dar queixa. Muito pelo contrário. Faria o mesmo no lugar dela. Na verdade, a sua filha já estaria com a marca dos meus dedos no rosto. Então, não me peça para impedir.

PERIGOSAS ACHERON

— Não esperava isso de você. — Fala revoltada.

— Pois eu esperava de você, já que a maior culpada por tudo isso é você e seu marido que sempre mimaram a Thaís. Nunca deram limites e ela cresceu achando que podia fazer o que bem entendia. Agora arquem com as consequências dos seus atos.

— Por favor, acompanhe os três até uma sala e fique na porta de prontidão. Não os deixe sair de jeito nenhum. — O Rodrigo pede a um segurança.

— Daniel. — Chamo por ele que está em um canto mais afastado de nós. — Será que você pode esperar a polícia chegar? O seu depoimento é muito importante.

— Claro que posso, Valentina. Não precisava nem pedir.

— Obrigada. — Agradeço. — Não sei o que essa louca era capaz de fazer com a minha filha se você não impedisse que ela saísse daqui. Só de pensar no que podia ter acontecido...

— Vem com a vovó, Rebeca. Vamos brincar um pouquinho? — A Mariana pega a

Rebeca do meu colo. — Estão todos muito agitados aqui. Vou levá-la para se distrair um pouco. — Concordo com um aceno de cabeça. — Bernardo, faça o que é certo. — Os dois se encaram antes de ela se afastar com a Rebeca.

Vejo o Bernardo passar a mão nos cabelos nervoso e soltar um suspiro.

— Ela está falando do Daniel? — Questiono apesar de ter quase certeza que era disso que ela estava falando. — Sua mãe está certa, Bernardo. — Completo quando ele concorda com um aceno de cabeça. — Sei que você acha que a amizade de vocês não tem mais jeito, mas você foi injusto com ele.

— O que você queria que eu pensasse depois de tudo o que ele aprontou?

— Não vou discutir com você agora sobre isso, pois não estou com cabeça e já dei minha opinião. Ele errou sim. Eu melhor do que ninguém sei disso, mas me pediu desculpa. A atitude dele hoje tem que significar alguma coisa para você, Bernardo. O Daniel podia simplesmente fingir que não escutou nada e seguir com a vida dele. Só que não foi isso que ele fez. Ele veio aqui mesmo

correndo o risco de que não acreditássemos nele e salvou a minha filha. Se você não sente gratidão por ele, sinto muito, mas eu sinto. — Afasto-me dele e começo a caminhar para perto do Daniel que voltou para onde estava com os pais.

— Espera! — Segura o meu braço e me faz virar de frente para ele outra vez. — Aonde você vai?

— Agradecer ao Daniel e pedir desculpa a ele. Eu acho que você devia fazer o mesmo.

— Porra, Valentina. — Passa a mão nos cabelos mais uma vez demonstrando o quanto está nervoso.

— Não estou te obrigando e nem dizendo para voltarem a ser como antes, Bernardo. Isso quem decide é você. — Digo e volto a caminhar para perto do Daniel.

— Você está bem, Valentina? — A Luiza pergunta assim que paro em frente a eles.

— Vou ficar assim que a polícia chegar e eu der queixa daquela mulher. — Respiro fundo e volto a falar: — Daniel, obrigada mais uma vez. Acho que nunca vou agradecer o suficiente. Desculpa por toda essa confusão. — Peço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não precisa me pedir desculpa, Valentina. Eu sou culpado por toda essa confusão e fiz por merecer. — Solta um suspiro e diz: — Posso te pedir uma coisa? — Aceno com a cabeça em acordo. — Faz aquele cara feliz. Ele merece mais do que ninguém.

— Vou fazer de tudo para que isso aconteça. Quem sabe um dia vocês não se entendem?

— Acho difícil, mas a culpa é única e exclusivamente minha.

— Eu me sinto culpada. — Admito.

— Não sinta. Você não teve culpa de nada. Eu que fui um verdadeiro filho da puta contigo. — Fala olhando para o Bernardo que não se aproximou de nós.

Vejo a polícia chegar e caminho para perto do Bernardo outra vez para explicar o que aconteceu.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo quarenta e três

Bernardo

Minha cabeça parece que vai explodir depois da confusão dessa noite. Acabamos de chegar à casa dos meus pais e a Valentina foi colocar a Rebeca para dormir. Ela ficou bastante agitada com tudo isso e aposto que não será uma tarefa fácil.

Outra coisa bem difícil foi conseguir convencer a minha mãe a ficar na festa. Ela cismou que tinha que ir com a gente para a delegacia e foi um custo convencê-la do contrário.

Jogo-me no sofá e coloco a cabeça no encosto, tentando relaxar um pouco enquanto lembro-me do que aconteceu antes de sair da delegacia.

— *Bernardo, não vou passar a mão na cabeça do meu filho. Nunca fui de fazer isso e não será agora. Ele finalmente me contou o que fez para vocês brigarem e eu concordo contigo de ter ficado com raiva, mas será que precisa ser*

definitivo? Ele percebeu que errou e se desculpou. Sei que isso não resolve tudo, mas olha para ele. — Aponta na direção em que o Daniel está. — Alguma vez você o viu assim tão abatido? A sua amizade sempre foi muito importante para ele e sei que para você também era assim. Será que é mesmo necessário jogar tudo o que vocês viveram fora? O que ele fez hoje não serviu para amenizar a sua raiva nem um pouco? — A Luiza fala parando perto de mim.

— Tia, eu... — Não me deixa terminar de falar.

— Não estou pedindo para voltar ao que era antes de uma hora para outra. Só te peço para dar mais uma chance para ele. Tenho certeza que já aprendeu e não irá cometer o mesmo erro duas vezes. Pensa com carinho no que estou te pedindo. — Faz um carinho em meu rosto e se afasta de mim e da Valentina.

— Ela está certa, Bernardo. Mesmo que não volte ao que era, será que não dá, pelo menos, para pedir desculpas por ter agido do jeito que agiu hoje e agradecer pelo o que ele fez? Será que a atitude dele não teve importância nenhuma para você? — A Valentina fala assim que a Luiza está
 PERIGOSAS ACHERON

longe o suficiente para não nos ouvir.

Penso no que as duas me disseram. Sei que elas estão certas, mas não consigo esquecer o que ele fez. Também sinto falta da nossa amizade. Ele sempre esteve comigo em todos os momentos e, agora que estou prestes a tomar uma das decisões mais importantes da minha vida, queria tê-lo por perto. Só não tenho certeza se conseguirei voltar a agir como antigamente, mas posso dar um passo nessa direção.

Não respondo a ela. Soltou um suspiro, dou um beijo leve nos seus lábios e caminho para perto dele que me olha surpreso.

— Daniel, quero te pedir desculpa por não ter te escutado e ir logo te julgando hoje. — Digo de forma seca, parado de frente para ele.

— Não tem problema, Bernardo. Sei que fiz por merecer esse tratamento. — Não discordo.

— Obrigado por se disponibilizar para depor e contar o que aconteceu. Isso será de grande ajuda no caso. — Sinto a Valentina parar ao meu lado e apertar minha mão. Estico a outra para ele que aperta em cumprimento. — Já estamos indo. Obrigado por terem vindo também,

tios. — Aceno com a cabeça em cumprimento e me afasto deles caminhando para a saída com a Valentina ao meu lado.

— Ela já dormiu? — Volto ao presente quando minha mãe pergunta a Valentina que entra na sala.

— Já sim. Custou um pouco, mas o cansaço falou mais alto. — Senta ao meu lado. — Quero aproveitar que vocês três estão aqui para pedir desculpa por toda essa confusão que quase arruinou a festa. — Pede de cabeça baixa. — Eu juro que, se fosse comigo, não teria levado adiante, mas ela mexeu com a minha filha e, isso, eu não tolero.

— Não fala isso. Se alguém tem culpa do que aconteceu, sou eu. Ela só fez o que fez por minha causa. Porque sabia que, para me atingir, tinha que fazer alguma coisa com vocês.

— Pode parando agora mesmo vocês dois. Ninguém aqui é culpado de nada. Os culpados são única e exclusivamente a Thaís e os pais que sempre fizeram todas as vontades e sempre passaram a mão na cabeça dela para todas as besteiras que fazia. Ela cresceu achando que nada do que fizesse teria consequências. — Minha mãe

nos corta.

— Sua mãe tem razão, filho. Não é de hoje que eu vinha te alertando para tomar cuidado e se afastar dela. A Thaís perdeu completamente o juízo.

— Não quero mais ouvir nem um dos dois se desculpando por isso, entenderam? Minha única preocupação é o bem de vocês e da Rebeca. O resto não me importa. Só queria que você tivesse podido aproveitar mais a festa, afinal de contas, trabalhou tanto para deixar tudo perfeito. — Diz o final olhando para a Valentina.

— Eu adorei organizar a festa junto com você, Mariana. — Responde.

— Isso me faz pensar em abrir uma firma de organização de eventos. Quer ser minha sócia? — Fala em tom de brincadeira, mas tenho minhas dúvidas se ainda não pensou nisso de verdade.

Valentina

Bernardo insistiu tanto que conseguiu me convencer a sairmos para dançar hoje. Estamos a caminho da casa noturna aonde vamos e ele nem imagina o que eu fiz. Não aguento mais vê-lo

PERIGOSAS ACHERON

quieto pelos cantos. Sei que está tentando disfarçar, mas sente falta do Daniel. Ele sempre faz tudo para me agradar, está na hora de retribuir.

No começo, ele pode não gostar, mas acredito que consigam se acertar, nem que seja aos poucos. O Daniel não faz nada para não forçar e o Bernardo fica quieto para não dar o braço a torcer. Se eu tiver que interceder, é o que vou fazer.

— Será que a Rebeca está bem? — Pergunto quando descemos do carro.

— Relaxa, Valentina. Ela fica bem com a minha mãe e você sabe disso. O máximo que vai acontecer é a dona Mariana fazer todas as vontades dela como nunca fez comigo.

— *Hummm*. Cheirinho de ciúmes no ar. — Implico.

— Estou brincando. — Puxa-me para perto quando passamos na entrada. — Também não consigo dizer não para ela.

— Mas tem que aprender. Não quero que ela fique uma criança mimada.

— Você cria a Rebeca muito bem, Valentina. Não precisa se preocupar com isso. Ela será uma mulher maravilhosa igual à mãe dela. —

Diz enquanto caminhamos para uma área reservada.

— Não acredito! — Falo assim que entro e vejo quem está nos esperando. — O que você está fazendo aqui?

— Isso é jeito de me receber? Já está assim? Quer que eu vá embora? — A Sofia faz drama como sempre.

— Você não é nem louca de sair daqui agora. Por que não me avisou que vinha?

— E estragar a surpresa que o seu namorado queria fazer para você? De jeito nenhum. — Puxa-me para um abraço apertado.

Não fomos para a minha casa esse final de semana, porque o Bernardo teve uma reunião hoje pela manhã. Eu já estava cheia de saudades de todos, mas, ter a Sofia aqui comigo, ameniza bastante esse sentimento.

Ainda não me acostumei com essa distância entre a gente e, por mais que fale sempre com elas, sinto muita falta de tê-las por perto.

— Obrigada. — Falo quando me viro para o Bernardo. — Desse jeito não é só a minha filha que vai ficar mimada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Queria trazer todo mundo, mas sei que é difícil por conta da pousada.

— Não precisa se preocupar com isso. Tenho certeza que quem ela mais queria era eu. — A Sofia responde por mim.

— Você era a minha última opção. — Provoco.

— Não adianta tentar me enganar. Eu te conheço bem o suficiente para saber quando está mentindo. Sei que você me ama e não vive sem mim.

— Desculpa te desapontar, mas ela tem vivido muito bem aqui comigo. — O Bernardo implica com ela.

Esses dois não têm jeito. Sempre que se veem é assim. Eles se dão bem, mas implicam um com o outro o tempo todo.

— Querido, se eu tivesse um homem lindo para me satisfazer a hora que eu quisesse, também estaria muito bem. — Pisca para mim. — Vamos dançar que eu não vim aqui para conversar. — Muda de assunto e me puxa para a pista de dança.

— Você não vem? — Pergunto ao Bernardo que fica parado no mesmo lugar.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou ficar daqui tomando conta de vocês. Tenho certeza que querem aproveitar um tempo sozinhas. Depois eu vou.

Dou um beijo nele e caminho com a Sofia para a escada. Vejo que ele nos segue com os olhos e sorrio. Por mais que tente se controlar, o Bernardo sente ciúmes, porém não posso falar nada, já que também sinto.

Quando estamos dançando, vejo o Daniel em um canto me olhando e faço sinal para que se aproxime. Tenho medo da reação da Sofia, pois ela já sabe de tudo o que aconteceu, mas não tenho como evitar. Não sabia que ela estaria aqui também.

Eu liguei para ela para contar sobre o que aconteceu na festa da Mariana e espero que a atitude do Daniel amenize um pouco o que ela pensa sobre ele.

— Daniel, que bom que você veio. Ele não quis descer. Está lá em cima olhando para a gente.

— Posso apostar com você que não vai demorar a descer agora que está me vendo aqui. — Força um sorriso.

— Sofia, esse é o Daniel, amigo do

Bernardo. Daniel, essa é a Sofia, minha amiga.

A Sofia se aproxima sem falar nada e dá um tapa no rosto dele. Arregalo os olhos para ela sem acreditar no que fez. Ele fica sem reação.

— Isso é por tudo o que você aprontou com a Valentina. — Diz séria e dá um beijo nele me deixando perplexa. — E isso é por ter salvado a minha afilhada.

— Sofia! Você está louca? — Pergunto tentando assimilar tudo o que ela fez.

— O que foi? Achou que eu ia deixar isso para lá? Até parece que não me conhece.

— O que está acontecendo aqui? — O Bernardo questiona parando ao meu lado.

— Eu chamei o Daniel, pois não sabia que essa louca estaria aqui e muito menos que ia fazer o que fez. Desculpa, Daniel. Juro para você que não sabia disso.

— Não precisa pedir desculpa, Valentina. Ela está certa. Eu mereci esse tapa.

— Valentina, por que você chamou o Daniel? — O Bernardo questiona baixo para que somente eu escute e me puxa para perto dele.

— Porque eu quero que vocês se entendam.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele tenta se afastar, porém eu não deixo. — Para de ser teimoso, Bernardo. Eu sei que você está sentindo falta da amizade que tinham. A mais atingida com tudo o que ele fez fui eu e estou te pedindo para esquecer. Por mim. — Peço. — Mesmo que volte aos poucos. Dá uma chance para ele provar que se arrependeu.

Passa a mão pelos cabelos agitado e fica um minuto em silêncio me deixando tensa e com medo da resposta dele. Solta um suspiro e se aproxima de mim.

— Tudo bem. — Puxa-me pela cintura para mais perto. — Mas é por você. Porque sei que, por mais que eu diga que não é a culpada pelo o que aconteceu, sei que se sente assim. Só não prometo voltar ao que era antes. Não sei se confio mais nele e, por mais que tente, não consigo esquecer o que aconteceu.

— Eu te amo. — Beijo os lábios dele que sorri para mim.

— Eu também te amo. — Responde e, quando olhamos para o lado, encontramos a Sofia e o Daniel aos beijos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo quarenta e quatro

Bernardo

Olho para o relógio mais uma vez. Ainda faltam vinte minutos para a Valentina chegar e já estou ansioso. Ando de um lado para o outro na sala do meu apartamento esperando a hora passar.

Combinei com ela de passar a noite aqui comigo. O aniversário dela é esta semana e quero que seja especial. Como a Aline virá amanhã para passar a semana com ela, antecipei a nossa noite, pois sei que as duas não vão se desgrudar.

Desde que ela armou aquele encontro com o Daniel há três semanas, as coisas mudaram entre ele e eu. Não posso dizer que voltaram ao que era antes e nem sei se vão, mas estamos reconstruindo aos poucos a nossa amizade.

Evito procurá-lo, mas ele não tem facilitado. Está sempre me procurando ou mandando mensagem como fazia antigamente. Diz que vai me provar que se arrependeu e que não agirá mais daquele jeito.

Por mais que eu tente me manter um pouco distante, não consegui evitar me abrir com ele quando nos encontramos semana passada no elevador. Eu estava saindo para resolver um assunto muito importante e, ao contrário do que aconteceria antes, ele, não só me apoiou, como foi comigo para me ajudar a escolher.

Fico divagando enquanto confiro pela milésima vez se está tudo pronto para quando a Valentina chegar. Pensei em fazer um jantar para nós dois, porém acabei optando por petiscos. Preparei uma mesa com queijos, pastas, patês, torradas, biscoitos, frios e uma variedade de coisas para beliscar. Separei o vinho que sei que ela gosta e também alguns sucos para se ela preferir, já que não é sempre que toma bebida alcoólica.

Confiro mais uma vez como está a sala. Coloquei alguns edredons em frente ao sofá e diversas almofadas espalhadas. Arrumei as coisas na mesa de centro e deixei na lateral do sofá para não nos atrapalhar de deitar. Deixei o rádio com a playlist preparada para tocar quando ela chegar.

Coloco a mão no bolso para ver se não me esqueci de pegar o principal e sorrio feito um idiota lembrando-me de quando a conheci. Passa como

PERIGOSAS ACHERON

um filme em minha cabeça desde a primeira vez em que nos falamos até o dia de hoje.

A primeira ligação; o quanto a voz dela mexeu comigo logo de cara e me deixou curioso a respeito dela; quando conversei com ela por chamada de vídeo e a vi pela primeira vez; o dia em que fui para a cidade dela de surpresa; o nosso primeiro beijo ainda no hospital; o tempo que nos afastamos; quando nos reaproximamos; nossa primeira noite; quando fui atrás dela e ela aceitou namorar comigo e todos os momentos de lá para cá.

Não achei que fosse sentir por alguém o que sinto por ela. Parece que o sentimento cresce a cada dia e fica mais forte, mais maduro. Posso não saber tudo sobre relacionamentos, mas tenho certeza de com quem quero ficar. Não me vejo com mais ninguém que não seja a Valentina.

Eu a amo demais. Não só ela, a Rebeca também. Amo aquela menina como se fosse minha filha. Tenho total convicção de que quero construir uma família com as duas e, no futuro, quem sabe, aumentar. Ter mais filhos.

Sempre senti falta de ter um irmão. Isso só diminuiu quando conheci o Daniel. Não pretendo

ter só um filho. Sempre gostei de casa cheia e os meus pais também, mas minha mãe teve problema durante a minha gestação e eles desistiram de ter mais filhos. Até pensaram em adotar como a minha avó fez, porém acabaram deixando para lá.

O interfone toca e corro para ver quem é. A entrada da Valentina está liberada, mas pedi ao porteiro para me avisar quando ela chegasse. Atendo e ele me avisa que ela está subindo.

Começo a ficar nervoso. Será que estou me precipitando? Será que ela vai achar que é cedo demais para tomar essa decisão?

A campainha toca me tirando do meu devaneio e vou atender. Abro a porta e tenho certeza que, mesmo que ela diga não, eu vou tentar e farei de tudo para convencê-la a dizer sim.

— Oi. — Diz tímida olhando em volta enquanto entra na sala. — Nossa! Você preparou tudo isso sozinho?

— Se você está se referindo a arrumar aqui, sim. Comprei tudo na delicatessenaria que tem aqui na esquina. Espero que goste. — Puxo-a pela cintura para perto de mim e beijo os lábios dela de leve.

— Não precisava de tanta coisa, Bernardo.

Eu podia fazer alguma coisa para a gente comer.

— E perder tempo na cozinha? De jeito nenhum. Até pensei em fazer um jantar, mas achei que seria melhor alguns petiscos. A gente pode ficar aqui escutando música ou vendo um filme. Você escolhe. A noite é toda nossa.

— O que você está aprontando? — Pergunta passando os braços pelo meu pescoço e fazendo um carinho na minha nuca.

— Nada. Só quero ter um momento só nosso. Seu aniversário está chegando e quero que essa semana seja especial para você. Sei que não vamos poder fazer isso no dia, pois sua mãe estará aqui e resolvi antecipar. Não gostou?

— Claro que gostei. Só acho que você está com cara de quem está armando alguma coisa.

— Se contar tudo o que quero fazer com você esta noite. — Mordo o lábio inferior dela de leve. — Quer escutar música ou ver um filme?

— Vamos ver um filme primeiro. Posso escolher? — Pergunta e pega o controle da televisão para ligar.

— Você pode tudo hoje. — Caminho para perto do sofá e sento-me nos edredons. — Deita

aqui comigo.

— Pode ser esse? — Pergunta quando aparece *A culpa é das estrelas* na tela da televisão.

— Tem certeza? Já ouvi falar que toda mulher chora quando vê.

— Eu acho lindo. — Diz com um sorriso no rosto.

— Vamos ver esse, então. — Estico a mão para ela que se aproxima de mim.

Deitamos juntos e ficamos vendo o filme, abraçados. Controlo-me para esperar o final do filme e não parar na metade. Estou ansioso para fazer o que programei para essa noite.

Ela começa a chorar e eu a abraço mais apertado.

— Eu já sei o que vai acontecer. Li o livro e vi esse filme diversas vezes, mas não consigo controlar e choro toda vez que revejo.

— E por que escolheu justo esse? — Tento entender.

— Porque sabia que teria você para me consolar desta vez. — Morde o lábio inferior quando fala.

— Chega de filme por hoje. — Pegó o
PERIGOSAS ACHERON

controle, desligo a televisão e deito-me por cima dela, apoiando o meu peso nos braços para não machucá-la. — Não gosto de te ver chorar. — Passo os dedos no rosto dela para secar as lágrimas. — Só quero te ver sorrindo.

Distribuo diversos beijos pelo rosto dela e desço para o pescoço. Ela se contorce debaixo de mim enquanto passa as mãos pelas minhas costas.

— Estou começando a achar que vou ver esse filme mais vezes só para receber esse tratamento.

— Não precisa disso. Posso fazer isso todos os dias, se você quiser. O dia inteiro. A noite toda. — Aperto a cintura dela com uma das mãos e ela desce ambas as mãos para apertar a minha bunda.

— Sua proposta é tentadora. — Diz, dando-me mais acesso ao pescoço. Afasto-me dela e levanto pegando-a de surpresa. — O que foi? Mudou de ideia?

— Não. Só quero colocar uma música para tocar. — Disfarço.

É agora. Decido aproveitar a conversa que estamos tendo para falar o que pretendia desde o começo. Escolho a música, aperto o play e volto

para perto dela. Quando me aproximo, os acordes de *Thinking out loud* do Ed Sheeran começam a tocar. Percebo pela fisionomia dela que conhece a música e acredito que desconfie do que pretendo.

— Bernardo... — Diz quando me ajoelho de frente para ela, mas coloco o dedo sobre os lábios dela e não a deixo falar mais nada.

Pego a caixinha com o anel e as alianças no bolso da bermuda e abro, mostrando para ela que coloca a mãos sobre os lábios com os olhos marejados.

— Eu te amo, Valentina. Talvez desde o dia em que escutei a sua voz pela primeira vez. Nem sei se isso é possível. — Faço uma pausa. — Amo o seu jeito, a pessoa que você é. Amo o fato de ser uma mulher forte, mas aceitar que eu te abrace e te apoie mesmo assim. Amo o jeito que trata os meus pais. Amo que se preocupe comigo e pense em me agradar mesmo quando eu digo que está tudo bem. Amo o fato de ser uma mãe leoa. Amo o seu corpo, mas amo mais ainda quem é aqui — coloco a mão sobre o coração dela — e aqui. — Aponto para a sua cabeça. — Eu te amo e não consigo mais imaginar a minha vida sem você comigo. Eu preciso de você. Preciso ter você por perto todos os

PERIGOSAS ACHERON

dias. Quero chegar a nossa casa e te encontrar ou chegar mais cedo para te fazer uma surpresa. Quero passar todas as noites contigo nos meus braços sem me preocupar com nada e nem ninguém. Quero construir uma vida contigo e a Rebeca. Uma família, a nossa família. Quero poder te apresentar para todo mundo como a minha mulher e te dar o meu nome. Eu quero tudo com você, Valentina. Casa comigo?

— Bernardo, eu...

— Não diz que é cedo, por favor. Não existe tempo certo para isso e eu não estou te pedindo para fugir comigo para Las Vegas e casar amanhã. Eu espero o tempo que for preciso para organizar um casamento do jeito que você quiser. Só me diz que sim.

Ela me empurra e monta em meu colo com um sorriso tímido no rosto. Fica me encarando sem falar nada por um minuto e, quando vou voltar a falar, ela diz:

— Se você me desse tempo para falar, saberia que a minha resposta é sim. Eu aceito, seu bobo. Eu também te amo, Bernardo. Eu já tinha desistido de me envolver. Estava decidida a não ter

PERIGOSAS NACIONAIS

mais um relacionamento com ninguém, mas você chegou do nada a minha vida e jogou por terra todas as minhas decisões. Também não imagino mais a minha vida sem você. Eu amo o homem que você é, mas também o seu jeito de menino. Amo a maneira que você trata as pessoas e a sua relação com os seus pais. Amo mais ainda o jeito que cuida da minha filha, o carinho e paciência que tem com ela. Amo tudo em você, até mesmo a sua teimosia. Eu te amo e a minha resposta não poderia ser outra que não um sim bem grande.

— Você me fez o homem mais feliz do mundo, Valentina. Prometo fazer o impossível para que você e a Rebeca sejam felizes. Sou capaz de dar o mundo para vocês.

— Eu não preciso do mundo. Só preciso de você.

Não falo mais nada. Agarro-a pela cintura, deixando a caixinha de lado e a abraço apertado enquanto a beijo com vontade. Quero mostrar para ela a noite toda o quanto a amo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo quarenta e cinco

Valentina

Olho para o anel e a aliança em meu dedo e sorrio sem conseguir controlar. Desde que o Bernardo me pediu em casamento há alguns dias que não consigo tirar esse sorriso do rosto.

Não tive dúvidas em responder que sim. Eu amo esse homem de uma maneira que não esperava e nem sei dizer quando começou. O Bernardo foi chegando aos poucos e, quando percebi, estava completamente apaixonada por ele.

Hoje nós iremos almoçar com a minha mãe, a Rebeca, os pais dele e o tio que chegou de viagem ontem para comemorar o meu aniversário. Só sinto falta dos tios e da Sofia, mas sei que estou em ótima companhia.

Eu já tinha muito carinho pela Mariana e pelo Rodrigo, porém, depois do que aconteceu e o apoio que eles me deram ao invés de ficar do lado dos amigos, só me fez gostar ainda mais deles. Eles receberam a Rebeca e a mim de braços abertos na

vida deles, sempre nos tratando tão bem que já me sinto em casa. Já os considero como parte da família, coisa que serão de verdade, em breve.

Estamos esperando a Mariana, o Rodrigo e o Antônio chegarem para pedir e minha mãe levanta-se para acompanhar a Rebeca ao banheiro. Assim que ela se afasta, eles chegam.

— Finalmente vou conhecer esta linda mulher. — O Antônio brinca quando para ao meu lado.

— Tira o olho que ela é minha noiva. — O Bernardo responde em tom de brincadeira.

— Noiva? Que história é essa que eu não sei? A última vez que nos falamos ela era sua namorada.

— Pedi a mão dela em casamento no início da semana e ela aceitou. — Olha para mim com um sorriso lindo no rosto quando responde.

— Sua mãe não veio, Valentina? — A Mariana pergunta.

— Foi ao banheiro com a Rebeca. Não deve demorar.

— Podem aproveitar para me contar como se conheceram. Onde você achou uma mulher tão

linda assim, Bernardo?

— Eu que o achei. — Respondo entrando na brincadeira. — Liguei para ele procurando pelo pai da Rebeca. Ela queria conhecer o pai e a única forma de contato que eu tinha era o número do celular. Só que não foi com ele que eu falei. Quem me atendeu foi o Bernardo.

— Lembra que tive um problema com o meu número há alguns anos? Mudei e acabei ficando justamente com o dele. Quando escutei a voz dela pela primeira vez, tive certeza que tinha que ter uma chance de conhecê-la. Começamos a conversar, procurei pelo cara para ela e fui para a cidade dela com a desculpa de dizer o que descobri.

— Garoto esperto. De onde você é, Valentina?

Na hora em que vou responder, a Rebeca chega correndo perto da gente.

— Rebeca, o que a vovó falou sobre correr dentro do restaurante?

Percebo o exato momento em que a minha mãe e o Antônio se olham pela primeira vez. Eles parecem estar perdidos em pensamentos que só eles entendem. Como se já se conhecessem há anos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aline? — Percebo que ele está com dificuldades para falar. Parece se controlar e não consigo entender o que está acontecendo.

— Marco? — Marco? Eu conheço esse nome. Isso só pode ser alguma brincadeira de mau gosto.

— Mãe, o que está acontecendo aqui? — Questiono me controlando para não chorar.

— Mãe? A Aline é a sua mãe? Por isso eu achava que te conhecia de algum lugar. Não falei nada com ninguém, pois achei que era coisa da minha cabeça.

— Mãe. — Volto a chamar por ela que está parada como se estivesse tentando entender o que está acontecendo assim como eu.

— Por que você não voltou? — Pergunta com as lágrimas descendo pelo rosto. — Eu acreditei em você. — Diz e a voz dela transborda toda a mágoa que sei que ela sente sobre isso.

— Gente, vamos lá para casa. Pelo jeito, esse assunto não é para ser tratado aqui, em um restaurante cheio de pessoas prestando atenção na conversa. — A Mariana opina.

Não espero que falem mais nada. Pego

PERIGOSAS ACHERON

minha bolsa, dou a mão a Rebeca e saio do restaurante. Preciso respirar. Preciso de um tempo para assimilar que o Antônio é a mesma pessoa que minha mãe sempre chamou de Marco. Que o Antônio é meu pai.

— Filha. — Minha mãe sai do restaurante atrás de mim.

— Não, mãe. Não fala nada agora. Bernardo, por favor, me tira daqui. — Peço. Ele não fala nada. Só segura a minha mão e caminha comigo para onde estacionou o carro.

Sigo calada o caminho inteiro e vejo a minha mãe secando as lágrimas durante todo o trajeto. A Rebeca parece que percebe que está acontecendo alguma coisa e não fala nada. Fica quietinha brincando com a boneca dela.

— Quero falar uma coisa para vocês duas antes de entrarmos. — O Bernardo diz quando paramos na garagem da casa da Mariana. — Eu não sabia de nada disso. Meu tio nunca falou sobre o que aconteceu antes do acidente e eu não tinha ideia que o nome do seu pai era Marco. — Olha diretamente para mim. — Sempre chamamos o meu tio de Antônio e nunca passou pela minha

cabeça que eles poderiam ser a mesma pessoa.

— Você não tinha como saber de nada. Bernardo. Ninguém aqui está te culpando. — Faço um carinho no rosto dele.

— Você quer entrar ou quer ir para outro lugar? — Questiona quando o Rodrigo estaciona o carro ao lado do nosso.

— Eu vou entrar. Quero entender o que aconteceu. Preciso de respostas e já esperei tempo demais por elas. — Acena com a cabeça em acordo e saímos do carro.

Entro sem olhar para ninguém e sinto a minha mãe logo atrás de mim. A Mariana pega a Rebeca e pede para a Maria ficar com ela enquanto conversamos na sala.

— Bernardo, vamos deixá-los conversarem a sós. — A Mariana chama o Bernardo.

— Não. Vocês ficam. Preciso contar tudo o que aconteceu e prefiro fazer isso de uma vez só.

— Tem certeza, Antônio? — O Rodrigo questiona ao irmão.

— Fica. — Peço ao Bernardo que está sentado ao meu lado no sofá. Ele concorda com um aceno de cabeça e aperta a minha mão tentando me

transmitir força.

— Tenho. — Responde. — Vou direto ao assunto, pois sei que não adianta adiar mais. Sempre escondi de todos vocês as decisões que tomei anos atrás e está na hora de me abrir. — Respira fundo e volta a falar. — Eu conheci a Aline antes do acidente e me apaixonei por ela assim que a vi. A semana que passamos juntos foi a melhor de toda a minha vida. — Sinto o quanto está emocionado em falar sobre isso. — Eu precisava voltar para casa, pois meus pais deviam estar preocupados. Saí dizendo que ia passar o final de semana e fiquei até o seguinte. Prometi que voltaria e essa era a minha intenção.

— Mas não voltou. Eu te esperei por anos, Marco. Não conseguia acreditar que você tinha me enganado. — Minha mãe fala pela primeira vez desde que saímos do restaurante.

— Eu sofri um acidente quando estava voltando. Fiquei um mês em coma e, quando acordei, descobri que estava paraplégico. Pensei que a minha vida estava acabada e, mesmo que quisesse, não tinha como entrar em contato com você. Fiquei meses internado sem querer me tratar, sem acreditar que aquilo estava acontecendo

PERIGOSAS ACHERON

comigo. Não aceitava que a minha vida tinha se transformado daquele jeito. Pensei em desistir, até mesmo em me matar, mas os meus pais, o Rodrigo e a Mariana não desistiram de mim. Insistiram tanto que me convenceram a fazer o tratamento, porém eu nunca voltaria a andar. Pensei que era melhor deixar que você achasse um homem completo, que conseguisse te fazer feliz e dar uma vida normal. Não queria que você passasse a sua vida presa a mim. Hoje vejo que foi a melhor opção. Você deve ter encontrado alguém, já que tem uma filha. — Olha para mim com lágrimas nos olhos e eu entendo que ele ainda não sabe quem eu sou.

— Essa decisão era minha. Você tinha que ter me dado essa opção. — Minha mãe perde o controle e grita. — A escolha não era só sua, era nossa. Você me largou sozinha e grávida da nossa filha. Meus pais não aceitaram e me abandonaram também. Você tem noção do que eu passei? Será que em algum momento parou para pensar no que eu queria? Ou o seu egoísmo só te deixou enxergar o seu lado?

— Grávida? Você estava grávida? A Valentina... — Sacode a cabeça para os lados.

— Ela é sua filha. Sua. Eu não conheci mais
PERIGOSAS ACHERON

ninguém. Como poderia se estava grávida de você? Eu te esperei, Marco, te esperei como prometi que ia fazer. Eu acreditei quando me disse que voltaria. Por que não voltou? Por que não me procurou depois que saiu do hospital? Você jogou tudo o que vivemos no lixo sem se importar com o que eu pensaria sobre isso.

— Não. Eu não joguei no lixo o que vivemos. Eu nunca te esqueci, Aline. Nunca. Não tem um dia que eu não me lembre do seu sorriso, dos momentos que passamos juntos. Eu também sofri, senti a sua falta. Minha vida foi um inferno sem você, mas eu não me achava digno de ter você. Não queria que perdesse a sua vida junto comigo. Pensei que estava tomando a melhor decisão. Eu não sabia que estava grávida, ou nunca teria feito isso. Nunca te abandonaria de caso pensado esperando a nossa filha. — As lágrimas descem livres pelo seu rosto. — Não fazia ideia de tudo o que você estava passando ou teria voltado. Teria feito diferente.

— Você seguiu a sua vida sem mim. O que espera que eu diga? Que te perdoo por me abandonar? Por anos, a única coisa que eu queria era que você aparecesse, agora, não mais. Você diz

PERIGOSAS ACHERON

que não me procurou para não me prender a você. Sabe o que eu vejo? Uma vida normal, com viagens e tudo mais enquanto eu criei a nossa filha sozinha passando necessidades. Não sei que seria da gente se não fosse a Giovana e o Vinícius.

— A vida dele nem sempre foi assim, Aline. — O Rodrigo tenta defender o irmão. — Ele passou por um longo período de depressão. Recusava o tratamento e afastou todos os amigos. As únicas pessoas que não aceitaram isso foram os meus pais, a Mariana e eu. A gente o obrigava a se tratar. Passei um inferno pensando que meu irmão ia morrer, pois percebia que ele tinha desistido de viver. Sabia que tinha alguma coisa por trás dessa atitude dele. Claro que desconfiei que ele tinha alguém, mas não tinha certeza e ele não admitia.

— Eu sabia que, se contasse, vocês iriam atrás dela e não queria isso. — Vira-se para a minha mãe. — Perdão, Aline. Eu pensei que estava tomando a melhor decisão. Pensei que seria o melhor para você. — Tenta se aproximar, mas ela caminha para longe dele. — Valentina, eu juro para você que não sabia da sua existência. Juro que não teria agido assim se soubesse.

Fecho os olhos e respiro fundo enquanto
PERIGOSAS ACHERON

lembro-me da minha infância e de todas as vezes que chorei por não ter um pai. De todas as dificuldades que passamos. Tento sentir raiva dele como sempre senti, mas não consigo. Só consigo pensar em minha mãe dizendo que acreditava nele e que, se ele não voltou, teve algum motivo. Dela dizendo que ele não sabia que ela estava grávida. Entendo a raiva que ela está sentindo agora que o reencontrou, mas não consigo sentir o mesmo olhando para ele.

Sinto vontade de correr para abraçá-lo como sempre sonhei em fazer. De deitar em seu colo e ser acarinhada, protegida. Eu entendo o que ele fez. Mesmo que não concorde, consigo entender. Não deve ter sido fácil passar pelo que ele passou.

— Eu acredito. — É a única coisa que consigo falar.

— Eu nunca mais fui à praia. Era demais olhar para o mar, me lembrar de você e saber que não podia mais te abraçar. Pensar que outro homem poderia estar fazendo isso.

— Chega! Não quero mais escutar nada. — Minha mãe diz e se vira para sair.

— Mãe. — Chamo por ela que para, mas

não se vira para mim. — Eu cresci escutando a senhora o defendendo. Dizendo que tinha certeza que tinha acontecido alguma coisa para ele não voltar e que sabia que ele não a enganaria assim. Será que, agora, sabendo de tudo o que aconteceu, conhecendo a história completa e vendo que estava certa esse tempo todo, a senhora não consegue perdoá-lo?

Não sei o que me dá para falar isso. Quando vejo, já falei. Sinto uma necessidade de que eles se entendam. Talvez seja o meu lado criança querendo os pais juntos. Não sei dizer.

— Deixa, Valentina. Ela está certa em sentir raiva. Eu mereço depois do que fiz. Mesmo que não tenha feito por mal, mesmo que não tenha pensado que estava errado. Isso não anula o fato de vocês terem passado por tudo o que passaram.

— Eu preciso respirar. Preciso de um tempo sozinha para pensar. — Responde ainda sem me olhar. — Não consigo esquecer de tudo o que passei assim. Não consigo. — Diz e sai.

Não a impeço. Sei que ela precisa desse tempo. Olho para o meu pai. Meu pai. Eu que cheguei a pensar que nunca o conheceria. Ele está

parado olhando para o caminho que minha mãe fez com lágrimas descendo livres pelo rosto.

— Sei que fiz por onde merecer esse tratamento, mas vê-la depois de tantos anos e não poder abraçá-la, não conseguir correr para impedi-la de fugir de mim, parece que estão arrancando o meu coração. As dores que senti depois do acidente não chegam perto do que estou sentindo agora.

Caminho para perto dele e me abaixo a sua frente. Forço um sorriso e ele acarinha o meu rosto. Aproveito o contato, deixando a emoção tomar conta de mim.

— Eu cresci sentindo raiva de você por ter nos abandonado. Pensando que nunca te perdoaria e te culpando por todos os problemas que tivemos, mas, agora que estou aqui cara a cara com você, só consigo sentir vontade de te abraçar. De correr atrás do tempo que perdemos. Ela vai te perdoar. Eu conheço a minha mãe. Só está precisando de um tempo para assimilar tudo isso que descobriu.

— Minha filha. — Fala emocionado. — Posso te chamar assim?

— Só se eu puder te chamar de pai. — Ele estica os braços para mim e eu me jogo sem pensar

PERIGOSAS NACIONAIS

duas vezes. Não sabia que sentia tanta falta desse contato até ter os braços dele me segurando.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo quarenta e seis

Valentina

Olho-me no espelho pela milésima vez e sorrio feito boba. Vejo minha mãe atrás de mim me olhando com um sorriso no rosto parecido com o meu. A Rebeca está sentada em um canto toda feliz com o vestido que está usando e segura o buquê com todo cuidado.

Escolhi o vestido dela igual ao meu. Eles são em um tom de azul claro, com a saia rodada em cetim, a parte de cima com decote em v e apliques de flores. Quando entrei na loja e a vendedora me mostrou a foto com esse modelo, não tive dúvidas. Um dos motivos foi ver como ficou lindo na criança também, pois sei que a Rebeca adora usar roupas iguais as minhas. Nossos buquês são de hortênsias brancas, sendo o da Rebeca menor do que o meu.

O Bernardo e eu decidimos nos casar em uma festa simples, com poucos convidados. Tenho organizado tantas festas que, no meu casamento,

quis fugir de tudo isso.

Convidamos poucas pessoas, apenas a família e os amigos mais próximos. A cerimônia será no mesmo salão onde acontecerá a festa. Pedi para que montassem um altar em uma das laterais e o restante do espaço está com as mesas dos convidados, posicionadas de uma maneira que eles consigam ver toda a celebração de seus lugares.

Outra coisa que fizemos questão de fugir do convencional foi a quantidade de padrinhos. Escolhemos apenas um casal, a Sofia e o Daniel, que irão assinar como testemunhas.

A ornamentação foi feita com arranjos de hortênsias brancas, misturadas com azuis como centro de mesa e detalhes nos mesmos tons por todo o salão.

— Vamos? — Minha mãe chama. — Seu pai está te esperando.

Pai. Esperei por tanto tempo poder usar essa palavra para chamar alguém que cheguei até a desistir. Senti raiva, medo, rancor, culpa, tristeza, pensei que nunca fosse perdoá-lo se aparecesse, mas, depois de escutar por tudo o que ele passou, tudo que enfrentou sozinho, não consegui me

manter distante.

Conversamos muito depois que descobrimos que somos pai e filha. contei a ele sobre a minha infância, minha adolescência, sobre quando engravidei da Rebeca. Admiti que senti falta dele, que chorei por diversas vezes por não ter um pai comigo nas festas da escola, nos aniversários e natais. Ele me contou como foi o tratamento, o quão difícil foi descobrir que nunca mais conseguiria andar e admitiu ter pensado em desistir de viver. Sinto um calafrio só em pensar nisso.

Ele e minha mãe conseguiram se acertar. Não vou me surpreender se eles forem os próximos a se casar. Eu sabia que ela não aguentaria por muito tempo ficar longe dele. Minha mãe nunca deixou de esperar pelo meu pai e sei que se sentiu culpada, mesmo não tendo culpa de nada, por não ter estado com ele quando mais precisou.

— Valentina. — A tia Giovana me traz de volta ao presente. — Está na hora.

Estava tão distraída que nem a vi entrar. Viro-me para ela antes de responder.

— Vamos. Isso é verdade mesmo ou estou

sonhando?

— É verdade e seu noivo está ansioso te esperando. — Minha mãe responde e sorri para mim. — Estou tão feliz por você, filha. — Tenta segurar a emoção.

— Não chora ou eu choro também, mãe. Vamos acabar borrando a maquiagem.

— Podem parar. Hoje é dia de alegria. Só quero ver vocês sorrindo. Nada de choro. — A tia Giovana fala. — Vem com a tia, Rebeca. Está na hora de você entrar. Lembra-se do que combinamos?

— Sim, tia. Eu não posso correr. — Sorrio olhando para ela.

— Isso mesmo, filha. A mamãe vai entrar logo depois de você. — Respiro fundo e pego o meu buquê que estava em cima da cômoda. — Vamos.

Saio do quarto com elas e, assim que me aproximo de onde será a cerimônia, avisto o meu pai.

— Filha. — Diz emocionado. — Você está linda.

— Obrigada, pai. — Tento me controlar

para não chorar.

— Você não sabe a alegria que me dá em permitir que eu te leve até o altar, em permitir que eu faça parte desse momento tão importante na sua vida.

— Você é meu pai. Quem mais faria esse papel? — Sorri para mim.

— Vamos ou o seu noivo vem te buscar aqui. Aquele menino deve estar nervoso te esperando.

Posiciono-me ao lado dele e nos preparamos para entrar.

Bernardo

Ando de um lado para o outro, nervoso. Sempre ouvi dizer que o noivo fica nervoso, mas não pensei que fosse tanto assim. Parece que meu coração vai sair pela boca.

— Calma, homem. Daqui a pouco o casamento tem que ser adiado, porque você passou mal. A Valentina não vai fugir. Aquela mulher te ama, Bernardo. — O Daniel fala ao meu lado.

— Ela está demorando. — Digo

contrariado.

— Não está. Você que está nervoso por nada. Vai acabar furando o chão. — Implica.

Conseguimos recuperar a nossa amizade nesses últimos meses. Ele tem demonstrado cada vez mais que mudou e que se arrependeu do que fez. Não cansa de me pedir desculpas e está sempre por perto. A Rebeca está completamente apaixonada por ele. Só vive falando do tio Daniel o tempo todo e ele faz todas as vontades dela.

Cheguei a pensar que ele e a Sofia fossem ficar juntos, mas isso não aconteceu. Quando a Valentina a perguntou sobre isso, ela respondeu que ele não é o cara certo para fazê-la ficar com um homem só e que era só curtição.

— Isso é pré-requisito para padrinho? — Olha-me sem entender. — Falar que o noivo vai furar o chão. É sempre o mesmo papo.

— Ele tem razão, filho. — Meu pai se aproxima e fala.

— Até o senhor? Só estou nervoso.

— Isso é normal. Eu também fiquei assim no meu casamento com a sua mãe. Acalme-se que a sua noiva já vem.

Quando ele acaba de falar, começa a tocar os acordes de *De janeiro a janeiro* do Nando Reis e as portas do salão se abrem. Vejo a Rebeca entrando toda sorridente e logo atrás o meu tio Antônio de mãos dadas com a Valentina.

Confesso que tive medo de que essa história pudesse atrapalhar o nosso relacionamento, mas me enganei. Eles se acertaram e estão fazendo de tudo para recuperar o tempo perdido.

Concentro-me somente na Valentina agora. Parece que estamos sozinhos nesse salão. Tudo a nossa volta some para mim. Controlo-me para não caminhar até ela. Sinto uma necessidade de tocá-la para ter certeza que não estou sonhando.

Essa mulher linda que apareceu na minha vida do nada, agora caminha em minha direção para ser minha esposa.

Ela se aproxima de mim e eu seguro em suas mãos. Beijo as duas e sorrio para ela que devolve o sorriso.

— Cuida dela, filho. — Meu tio me pede.
— Cuidem um do outro. Vocês são muito especiais para mim.

— E o senhor para a gente, pai. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Responde.

Ele se afasta da gente e para ao lado da Aline.

A cerimônia transcorre e eu não consigo prestar atenção em nada que não seja a Valentina ao meu lado. Fico feito um bobo apaixonado olhando para ela o tempo inteiro.

Na hora dos nossos votos, o padre precisa me chamar duas vezes para que eu escute. Ainda bem que nos decidimos pelos votos convencionais, pois não sei se seria capaz de falar muito agora.

— Eu, Bernardo, recebo a ti, Valentina, como minha legítima esposa, prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias das nossas vidas.

— Eu, Valentina, recebo a ti, Bernardo, como meu legítimo esposo, prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias das nossas vidas.

A Rebeca se aproxima com as alianças, o padre abençoa e nós colocamos um no dedo do outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode beijar a noiva. — Diz e não espero nem mais um segundo.

Beijo-a com todo o amor que tenho por ela. Quando encerro o beijo, encosto a minha testa na dela ainda de olhos fechados.

— Eu te amo, Valentina. Mais do que pensei ser possível.

— Eu também te amo, Bernardo. Mais do que imaginei amar alguém um dia.

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Dois anos depois.

Valentina

— Vamos, filha. — Saio do carro apressada. — Assim não vamos encontrar o seu pai antes que ele saia.

Hoje o Bernardo e eu fazemos dois anos de casados e resolvi fazer uma surpresa para ele. Muita coisa aconteceu nesse tempo que passou. Entrei na faculdade logo depois de casarmos e vou para o último período daqui a algumas semanas.

A Mariana conseguiu me convencer a abrir uma empresa de eventos e decidi meu curso baseada nisso. Hoje, organizo festas e eventos variados e ela está pensando em comprar um salão próprio para os nossos eventos. Sendo bem sincera, a Mariana está tão empolgada com a empresa que já falou em comprar dois salões, um para festas infantis e outro mais convencional.

Meus pais se casaram logo depois de mim. Eles vivem na casa onde eu morava com a minha mãe e viraram sócios na pousada da tia Giovana.

PERIGOSAS NACIONAIS

Compraram a casa que ficava ao lado e ampliaram o número de quartos, além de terem feito um restaurante maior que atende não só aos hóspedes, mas outros visitantes e até mesmo moradores das redondezas.

A Sofia conheceu um homem que se mudou para perto da pousada e eles acabaram se envolvendo. Por mais que ela tenha lutado contra, não conseguiu resistir por muito tempo e eles estão de casamento marcado para daqui a três meses. Aquela louca, finalmente, conseguiu alguém que a fizesse sossegar.

O Daniel está namorando firme há quase um ano, mas diz que ainda é cedo para casamento. Sei que ele está se fazendo de difícil, porém está completamente apaixonado. Acredito que não demore muito tempo para dar o braço a torcer.

A Thaís foi julgada e condenada. Pena que a única coisa que aconteceu com ela foi ter que prestar serviços à comunidade. Depois que cumpriu a pena, os pais dela saíram do país e a levaram junto. Pelo menos não corro o risco de encontrar com aquela criatura em lugar algum e nem que ela chegue perto da minha filha outra vez.

PERIGOSAS ACHERON

Olho para o embrulho de presente que estou levando para o Bernardo e sorrio. Tenho certeza que ele vai adorar. Eu, que não queria mais me envolver com ninguém, hoje não vejo a minha vida sem o Bernardo. Ele não trata só a mim bem. A Rebeca é completamente apaixonada por ele.

Nunca pensei que fosse possível ser tão feliz como estou. Nós nos damos tão bem que praticamente não brigamos. Tirando algumas vezes que o Bernardo tem crises de ciúmes, mas nada muito grave. Nada que uma conversa não resolva. Ele sempre responde que confia em mim, mas não nos homens que, segundo ele, me comem com os olhos. Não posso falar nada, pois também sinto ciúmes. Sei que casei com um homem que chama atenção, porém, algumas mulheres conseguem me tirar do sério.

Procuramos sempre ter alguns momentos a sós. A Mariana vive se oferecendo para ficar com a Rebeca para a gente sair ou simplesmente para termos uma noite em casa sozinhos. Diz que isso é importante, que ama ficar com a neta e que não é trabalho algum.

Saio do elevador e me aproximo da mesa da Raquel. Ela levanta assim que vê a Rebeca e abre

PERIGOSAS ACHERON

um sorriso.

— Oi, bonequinha. Como você está? —
Beija a bochecha da minha filha que devolve o
cumprimento. — Tudo bem, Valentina? Você não é
de aparecer aqui sem avisar. Aconteceu alguma
coisa? — Pergunta preocupada.

— Não. Só vim fazer uma surpresa para o
Bernardo. Ele está com alguém?

— Está sozinho. Acabou de voltar de uma
reunião. Entra. Tenho certeza que ele vai adorar a
surpresa. — Sorri para mim.

Bernardo

Escuto uma batida na porta e acredito que
seja a Raquel para me perguntar se quero alguma
coisa para o almoço. Peço para que entre e, abro
um sorriso quando vejo quem é.

— Papai. — A Rebeca me chama e corre
para os meus braços.

Papai. Lembro-me a primeira vez que ela
me chamou assim e não sinto vergonha em admitir
que me emocionei. Eu gostei da Rebeca assim que
a vi pela primeira vez e não demorou muito para
amá-la como minha filha, mas, escutá-la me
PERIGOSAS ACHERON

chamando de papai me trouxe uma felicidade que eu só posso comparar ao dia do meu casamento.

Eu amo essas duas mais do que a mim mesmo e seria capaz de tudo por elas. Pela felicidade delas.

— O que os amores da minha vida estão fazendo aqui? — Pego a Rebeca no colo e beijo de leve os lábios da Valentina.

— A gente veio fazer uma surpresa, papai. Você gostou?

— Claro que sim, meu amor. — Respondo fazendo cosquinhas nela que se contorce no meu colo.

— Viemos te chamar para almoçar. Ainda dá tempo ou você já pediu alguma coisa? — A Valentina questiona.

— Não pedi nada e, mesmo que tivesse, deixava de lado. Não sou maluco de trocar um almoço com vocês por nada nesse mundo. Vamos?

Elas acenam com a cabeça em acordo. Pego minha carteira, chaves, celular e sigo com elas.

— Você volta hoje, Bernardo? — A Raquel pergunta quando saio da minha sala.

— Acho que não. Vou aproveitar o dia com

PERIGOSAS ACHERON

as minhas meninas. — Pisco para ela que sorri para mim.

Tinha programado de sair com a Valentina à noite para comemorarmos o nosso aniversário de casamento e combinado com a minha mãe para ficar com a Rebeca, mas ela apareceu de surpresa e posso aproveitar o resto do dia junto com as duas. Assim, quando sairmos à noite, não vou me sentir tão culpado de tê-la deixado em casa.

Elas se despendem da Raquel e entramos no elevador. Quando ele para no sétimo andar, o Gustavo entra e fica me encarando. Tinha tanto tempo que não o via que até esqueci que ele trabalhava aqui. Ele acena com a cabeça em cumprimento e eu retribuo. Aperto a mão da Valentina e seguro a Rebeca mais firme. Ainda bem que ela não conhece ele, ou já estaria nervosa assim como eu.

— Papai, a gente pode ir naquele restaurante que eu gosto? — A Rebeca questiona chamando a minha atenção para ela.

Antes que eu possa responder, escuto o Gustavo falando.

— Você é muito bonita, sabia? Quantos

anos você tem?

— Eu tenho sete. — Diz toda animada, sem sonhar com a mistura de sentimentos que estou sentindo agora.

— Sete? Já é uma mocinha. Parabéns, Bernardo. Ela parece muito com o pai. — Fala me encarando com um olhar que deixa claro que ele sabe de quem ela é filha.

Sinto a Valentina apertar a minha mão e começar a tremer e procuro me controlar para a Rebeca não perceber o que está acontecendo.

Não respondo nada. Fico em silêncio o resto do tempo e, assim que paramos no térreo, viro-me para a Valentina.

— Toma. — Entrego as chaves do carro para ela. — Vai para o carro com a Rebeca e me espera lá.

— Bernardo, ele... — Não a deixo terminar de falar.

— Fica calma, Valentina. Confia em mim, por favor. Vai para o carro com ela. Não faz nada, só me espera. — Peço. Ela acena com a cabeça em acordo e eu me abaixo para falar com a Rebeca. — Filha, vai com a mamãe para o carro. Eu não

demoro, tudo bem? — Beijo as duas e me afasto.

— Bernardo, é ele, não é? — Ela não precisa me dizer a quem está se referindo. Concorde com um aceno de cabeça e caminho na direção que o Gustavo foi.

— Gustavo. — Chamo quando o avisto caminhando para um restaurante no final da rua. — Será que podemos conversar? Prometo não tomar muito o seu tempo.

— Tenho certeza que sei o assunto e você não precisa se preocupar. Não vou contar para ninguém.

— Eu preciso te explicar...

— Não precisa me explicar nada. Minha irmã me contou que descobriu uma traição do Eduardo e que achava que a mulher estava grávida. Quando você veio me procurar, eu sabia que tinha alguma coisa a ver com isso. Não precisei ser nenhum gênio para ligar os pontos quando te vi no elevador com as duas. A menina se parece com ele.

— Aquele canalha não quis saber da própria filha quando a Valentina contou. Ela só procurou por ele outra vez, porque a menina queria conhecer o pai. Foi quando ela me ligou. A operadora me

deu o antigo número dele e era a única forma de contato que ela tinha com ele.

— Bem a cara do Eduardo. Volto a dizer, Bernardo. Vocês não precisam se preocupar. No que depender de mim, ninguém vai saber que a menina é filha dele e tenho certeza que a minha irmã também não falará nada. Eu conheço os pais dele e os dois são os maiores culpados pelo jeito que ele agia. Nunca ligaram para ele. Estavam sempre viajando e o deixando com as babás. Elas não tinham o direito de dizer não. Tinham que fazer todas as vontades dele. Não deu outra. Virou um adulto inconsequente que estragou a própria vida e a de todos que se aproximavam. Não vou correr o risco de contar para eles. Tenho certeza que irão se preocupar com o nome e tentar tirar a menina da mãe só para largá-la com os outros igual fizeram com o filho. Prefiro ter a minha consciência tranquila e saber que não compactuei com isso. Posso apostar que ela está bem melhor com vocês.

— Obrigado. — Solto um suspiro de alívio.
— A Valentina sempre teve medo que tentassem tirar a guarda da Rebeca dela.

— Só me faz um favor. Garanta que ela seja muito amada. — Pede.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela já é. Amo a Rebeca como se fosse minha.

— Vai curtir a sua família. Avisa a Valentina que ela não precisa se preocupar. Os pais do Eduardo saíram do país depois do acidente e não voltaram mais. Ela não corre risco algum.

— Tenho certeza que ela vai adorar ouvir isso.

Aperto a mão dele em cumprimento e caminho aliviado para o estacionamento onde sempre deixo o carro para encontrar com as duas. Encontro a Valentina andando de um lado para o outro enquanto a Rebeca brinca com uma boneca sentada no carro.

— Bernardo. — Corre para perto de mim e se joga em meus braços chorando.

— Calma, amor. Fica calma. Olha a Rebeca. Está tudo bem. Ele não vai contar para ninguém.

— Tem certeza? Mas ele conhece os pais dele, Bernardo. Se ele contar, todos os meus medos vão se concretizar.

— Ei. Fica calma. Ele me prometeu. Depois eu te explico direito. A Rebeca vai perceber que

PERIGOSAS ACHERON

tem alguma coisa de errado. Só confia em mim. — Peço mais uma vez. — Eu achei que não fosse te encontrar aqui. Pensei que fosse ficar assustada e fugir. — Admito e encosto a minha testa na dela. — Fiquei com tanto medo do que você fosse fazer. Achei que você fosse embora sem me dar a chance de ir contigo.

Já conversamos diversas vezes sobre a possibilidade dos pais do Eduardo descobrirem sobre a Rebeca e, por mais de uma vez, a Valentina falou que era capaz de sumir no mundo para não deixar que tirassem a filha dela.

— Sem você? De jeito nenhum, Bernardo. Como eu ia criar o nosso filho sem o pai? — Olho para ela sem acreditar no que acabou de dizer.

— O que você disse? — Questiono para confirmar se entendi direito.

— Você vai ser papai, meu amor. — Pega as minhas mãos e coloca sobre o ventre ainda plano dela. — Eu estou grávida.

Abro um sorriso que não cabe em meu rosto. Como um momento pode mudar da água para o vinho de um minuto para o outro? Estava preocupado e com medo e agora estou radiante de

felicidade. Eu vou ser pai.

Abraço-a pela cintura e rodo com ela em meus braços.

— Obrigada, Valentina. Você me fez o homem mais feliz do mundo. Agora a nossa família está completa. Eu te amo. Eu te amo muito. — Beijo-a com todo o meu amor.

— Estraguei a surpresa. — Fala assim que encerro o beijo. Olho para ela sem entender. — Eu trouxe um presente para você. Não era para te contar assim.

— Eu não me importo, Valentina. Você podia me contar da maneira que fosse. O que realmente importa está aqui. — Coloco a mão sobre o ventre dela outra vez. — Crescendo dentro de você.

Fim

Bônus

Bernardo

Sinto o meu celular vibrando e, quando pego para saber o que é, vejo o nome da minha mãe no visor.

— Com licença. Eu preciso atender. — Saio da sala de reuniões e atendo a ligação.

— Filho, você está ocupado?

— Estava em uma reunião. Aconteceu alguma coisa? — Pergunto preocupado. Ela não costuma me ligar durante o horário de trabalho.

— A Valentina entrou em trabalho de parto, filho. Liguei para médica e ela pediu para levá-la para a maternidade. A Aline e o seu tio Antônio foram com ela para o hospital. Eu só vim em casa deixar a Rebeca com a Maria e estou indo para lá também.

Minha sogra e o tio Antônio vieram passar um tempo aqui em casa para esperar o parto. Meu tio disse que não estava presente no nascimento da filha e nem da neta e que não perdia o do neto por nada nesse mundo. Até tentei chamá-lo de sogro, porém, não consegui. Ele sempre brinca comigo

PERIGOSAS ACHERON

dizendo que, apesar de eu ser o sobrinho preferido dele, se eu magoar a sua filha, sou um homem morto. Não preciso me preocupar com isso.

— Estou saindo daqui. — Sigo para a minha sala para pegar a minha carteira e chaves. — Ela estava bem?

— Sim, filho. Só me pediu para avisar a todos. Vou ligar para o Daniel e para a Sofia para sair daqui. Encontro com você na maternidade daqui a pouco, ok? E vai com cuidado. Sua esposa precisa de você inteiro ao lado dela e não acidentado.

— Pode deixar, mãe. — Respondo parando em frente à mesa da Raquel que me olha preocupada.

— É a Valentina? Está na hora?

— Sim. Estou indo para a maternidade. Avisa na sala de reuniões que eu não vou voltar, por favor. — Peço.

— Liga para me dar notícias, tudo bem? Ela estava bem?

A Raquel e a Valentina se deram bem assim que se conheceram. Elas sempre se falam e a Raquel adora a Rebeca. Como se fosse possível

alguém não gostar da minha filha.

— Pode deixar.

Entro correndo no elevador assim que ele para no meu andar e aperto diversas vezes o botão do térreo como se isso fosse fazer com que ele descesse mais rápido.

Fico preocupado e com medo de não chegar a tempo. Rezo para não pegar trânsito no percurso até lá. Quero estar ao lado da Valentina quando o nosso filho nascer. Não queria ter vindo trabalhar. Alguma coisa me dizia que era para ficar em casa, mas tinha essa maldita reunião e acabei vindo. O que não adiantou muita coisa, já que estou saindo antes de resolver qualquer coisa.

As portas do elevador se abrem no térreo e eu agradeço mentalmente por ele não ter parado em andar nenhum. Saio o mais rápido que posso e esbarro em alguém.

— Aonde você vai assim? — O Daniel questiona me segurando pelo braço.

— A Valentina entrou em trabalho de parto.
— Respondo e volto a andar.

— Eu sei. Foi por isso que vim aqui. A sua mãe acabou de me ligar e eu sabia que você estaria

tão nervoso que não seria uma boa opção te deixar dirigir. Vamos com o seu carro. Depois eu venho buscar o meu.

— Como você chegou aqui tão rápido?

— Estava aqui ao lado. Ia passar no seu escritório mais tarde, pois sabia que você estava em reunião.

— Pois é. Se não fosse essa maldita reunião, eu estaria com ela agora.

— Fica calmo, cara. Você vai chegar a tempo.

— Deus te ouça. — Digo enquanto entramos no meu carro.

Ele vai dirigindo, o que não reclamo. Não estou com cabeça para me concentrar em mais nada que não seja a Valentina e o meu filho. Será que a Rebeca está assustada? Não seria melhor tê-la levado ao hospital? Sei que ela vai querer ver o irmão.

— Ei. Respira, Bernardo. Tenta se controlar e para de pensar tanto. Dá para ver a fumaça saindo da sua cabeça.

— Estou pensando na Rebeca. Minha mãe a deixou com a Maria, mas acho melhor levá-la a

maternidade. Ela vai querer ver o irmão assim que nascer.

— Eu te deixo no hospital e vou à casa da tia Mariana pegá-la. A tia não deve ter levado, porque pode demorar, mas se você acha melhor assim, eu a busco.

— Faz esse favor. Vou ficar mais tranquilo.

Não demora muito e estamos estacionando. Ele encosta para eu descer e fica no carro.

— Vou lá de uma vez. Qualquer novidade me avisa. — Pede.

Aceno com a cabeça em acordo e sigo para a recepção.

— Filho, ela está no quarto te esperando. — Minha mãe fala assim que me aproximo dela e do meu pai que estavam me esperando.

— O Daniel foi buscar a Rebeca para mim. Ela vai querer ver o irmão. — Explico.

— Eu pensei em trazê-la, porém fiquei com medo de demorar e ela acabar ficando agitada demais. Mas, pelo que a médica falou, não deve demorar muito.

Entro no quarto e encontro a minha sogra, o tio Antônio e a Valentina.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como você está, meu amor? — Pergunto e dou um beijo leve em seus lábios.

— Vou melhorar assim que ver o rostinho do nosso filho. — Força um sorriso.

— Está com muita dor? — Questiono preocupado.

— Mais do que estava em casa, mas é por um bom motivo.

— Queria poder sentir essa dor no seu lugar. — Encosto a minha testa na dela que faz um carinho em meu rosto.

— Tenho certeza que sim. Não se preocupe, Bernardo. Eu estou bem. Não é o meu primeiro parto, lembra?

— Vamos? — A enfermeira diz entrando no quarto. — Papai, eu já volto para te buscar. — Avisa.

Fico em silêncio vendo a Valentina sair do quarto com um misto de sentimento. Medo de acontecer alguma coisa a ela ou ao meu filho e a alegria de saber que, daqui a pouco, estarei com ele em meus braços.

— A gente vai esperar no berçário. — Minha mãe avisa.

PERIGOSAS ACHERON

— Avisa ao Daniel, por favor. Conseguiu falar com a Sofia?

— Eles estão vindo. Não devem chegar a tempo, mas estão a caminho. Já estavam esperando por isso e tinham tudo organizado.

A enfermeira volta para me buscar e sigo para a sala de parto, onde me preparo para entrar. Escuto diversas conversas a minha volta, mas não consigo prestar atenção em nada do que dizem. Peço a Deus o tempo todo que tudo corra bem e que nada aconteça com a Valentina e nem com o meu filho.

Aproximo-me dela e palavras não são necessárias. Seguro em sua mão querendo sentir as dores por ela, mas, como sei que não é possível, tento demonstrar que não está sozinha.

Concentro-me em seu rosto sem me importar com as vozes ao nosso redor. Dou apoio a cada vez que precisa fazer força para trazer o nosso menino ao mundo. Beijo a sua testa e limpo as lágrimas que descem pelo seu rosto quando escutamos o primeiro choro do nosso filho.

A médica o coloca no colo da Valentina que o abraça e beija a cabecinha dele. Repito o gesto

dela e a beijo mais uma vez.

— Eu te amo, meu amor. Obrigado por me dar esse presente maravilhoso. Ele é perfeito. — Sorrio e choro ao mesmo tempo sem me importar com o que vão pensar.

— Obrigada por não desistir de mim e pela nossa família. Eu te amo.

Somos interrompidos do nosso momento quando a pediatra se aproxima para realizar os procedimentos padrões. Fico ao lado da Valentina e olhando para a médica o tempo todo. Não quero perdê-lo de vista nem por um segundo.

— Vamos, papai. Esse menino aqui precisa ir para o berçário. Tem uma família muito ansiosa para poder vê-lo.

— E a Valentina? — Questiono não querendo sair de perto dela também.

— Está tudo bem com ela e daqui a pouco estará no quarto para poder amamentá-lo. Só precisa descansar um pouco.

— Não queria te deixar sozinha. — Encosto minha testa na dela. Fecho os olhos e respiro fundo.

— Vai ficar com o nosso filho. Eu estou bem. — Sorri para mim.

Beijo os lábios dela de leve e a pediatra me entrega o meu filho. Abro um sorriso sem conseguir me controlar. Parece que estou sonhando.

Ando pelo corredor com a médica logo atrás de mim e me sinto o homem mais importante do mundo. Estou carregando o meu maior tesouro nos braços e não tenho pressa de soltá-lo.

Entramos no berçário e vejo a minha família parada em frente ao vidro para conhecer o mais novo membro. A Rebeca solta a mão do Daniel e se aproxima do vidro com os olhinhos brilhando de emoção.

— Papai. — Leio os lábios dela. — Esse é o meu irmãozinho? — Aceno com a cabeça em acordo.

— Benjamim, essa é a sua irmã Rebeca. Rebeca, esse é o seu irmãozinho Benjamim. — Viro para que ela possa ver o rosto dele direito e ela coloca as mãozinhas no vidro.

Encosto a minha mão na dela e reforço a promessa que fiz a mim mesmo de fazer de tudo pela felicidade da minha família. Hoje, sou um homem completo. Não poderia ser com outra pessoa. Era para ser a Valentina.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Playlist

Dona de mim – Iza

In case you didn't know – Brett Young
(Versão Boyce Avenue)

N – Nando Reis e Anavitória

A rosa e o beija-flor – Matheus e Kauan

Tenerife Sea – Ed Sheeran

Thinking out loud – Ed Sheeran

De janeiro a janeiro – Nando Reis

*Siga a autora nas
redes sociais*

Perfil do Facebook: Ale Silva

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100006744347669>

Página no Facebook:

<https://www.facebook.com/AutoraAleSilva/>

Perfil no Wattpad:

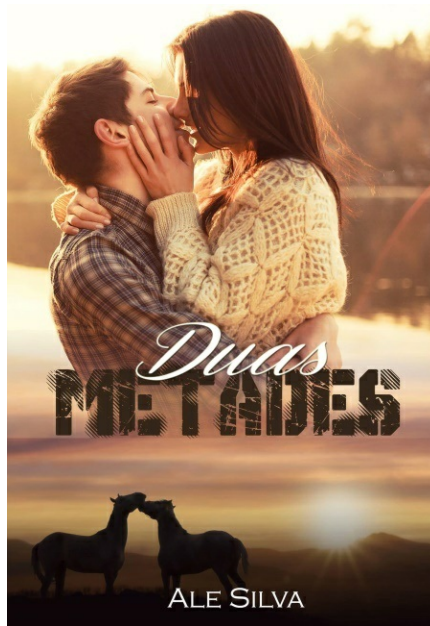
@AleSilva985

Perfil do Instagram:

@autora_ale_silva

*Outras obras da
autora*

Duas metades



Sinopse

Ana Luíza tem sua vida transformada na noite de sua formatura, graças a um motorista embriagado. Agora ela se dedica a cuidar de sua mãe, não tendo mais uma vida social. Até que surge uma nova oportunidade de emprego em suas mãos.

Na noite em que sai com sua amiga para comemorar a nova fase, conhece Edu em um bar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Por mais que tente, não consegue tira-lo da cabeça, mesmo sabendo que as chances de se reencontrarem são quase nulas, já que ele não era de sua cidade.

Carlos Eduardo perdeu sua família quando tinha dezoito anos, vítimas de um assalto em sua residência. Depois de oito anos ele ainda não conseguiu voltar a ser a pessoa alegre que fora um dia.

Não consegue se envolver com mais ninguém, depois que sua ex-namorada tentou armar contra ele, de olho em sua herança.

Teve casos de uma noite, mas nenhuma mulher conseguiu quebrar as barreiras que ele criou em volta de seu coração. Até conhecer Ana.

Ebook no site: <https://goo.gl/hhaxs7>

PERIGOSAS ACHERON

Feliz dia dos namorados?



Sinopse

Marcela nunca foi a mais popular na escola. Apesar de muito bonita, com seus óculos de grau e seu jeito tímido, era alvo de brincadeiras e zoações entre as meninas tidas como populares.

Sempre tirou boas notas e se formou na faculdade de arquitetura entre os primeiros alunos de seu curso, mas faltava alguma coisa.

Nunca teve sorte em relacionamentos. Todos os que se aproximavam dela, era por interesse para que ajudasse em um trabalho ou

PERIGOSAS ACHERON

alguma aposta idiota entre os garotos.

Mesmo depois de formada, sua sina continuou. Foi abandonada, pela segunda vez, no dia dos namorados. Motivo pelo qual odeia essa data.

O que será que o destino reserva para esse doze de junho? Será que Marcela irá mudar de ideia sobre o dia dos namorados? Ou será que a sua má sorte vai se reafirmar?

Ebook no site: <https://goo.gl/3KsLfJ>

Já era amor



Sinopse

O amor surge no primeiro olhar? Uma amizade pode se transformar em amor? Ou será que ele sempre esteve ali e você nunca notou?

Isabela e Ricardo cresceram na mesma rua, com amigos em comum, mas nunca foram próximos. Certo momento, Ricardo precisa de apoio e todos os seus amigos estão viajando. A única pessoa que ele tem ao seu lado é Isabela.

Eles se aproximam, desenvolvem uma amizade sólida, porém, com o passar dos anos, um

PERIGOSAS ACHERON

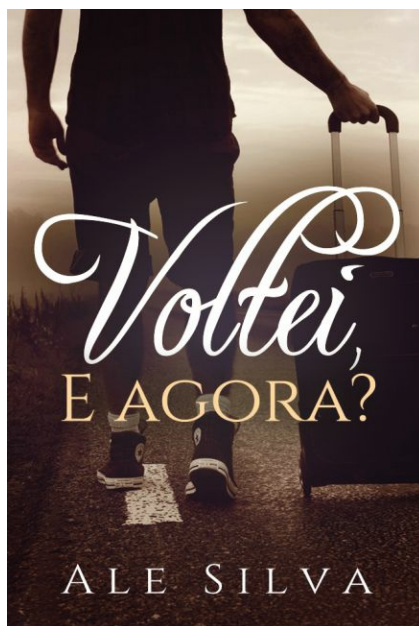
novo sentimento surge fazendo com que os dois enxerguem algo a mais do que uma simples amizade.

Relacionamentos fracassados, momentos difíceis, tudo faz com que os dois se aproximem cada vez mais.

Será que eles irão se entregar a esse amor? Ou deixarão o medo de perder essa amizade esconder esse sentimento?

Ebook no site: <https://goo.gl/Bww4Qu>

Voltei, e agora?



Sinopse

Um amor é capaz de ultrapassar as barreiras da saudade?

Lucas e Fernanda cresceram na mesma rua e tornaram-se inseparáveis. Na adolescência, logo após assumirem o namoro, o pai de Lucas foi transferido para o Distrito Federal e eles acabaram se afastando.

Sete anos se passaram e, mesmo sem o apoio dos pais dele, eles se comunicavam e até mesmo se encontravam durante as férias,

continuando assim com um relacionamento à distância.

Alguns acontecimentos fizeram com que eles acabassem se afastando e perdendo o contato nos últimos meses, fazendo Fernanda acreditar que Lucas desistiu de tudo que combinaram durante todos esses anos.

Agora Lucas está de volta. Será que eles irão recomeçar de onde pararam? Ou o sentimento não é mais o mesmo?

Uma coisa é certa: Lucas não vai desistir de Fernanda e está disposto a lutar para reconquistá-la.

Ebook no site: <https://goo.gl/H5CBy5>

Outra chance para o amor



Sinopse

Amanda vê seu casamento desmoronando a cada dia e não tem mais forças para lutar sozinha e tentar reverter essa situação. Os únicos momentos de alegria que tem são ao lado de sua filha. As suspeitas de traições e constantes brigas com o marido a fazem tomar as rédeas de sua vida e tentar um recomeço. Ela só não contava que nessa construção de uma nova vida fosse conhecer alguém capaz de mexer com todos os seus sentidos

como ninguém mais conseguiu.

Guilherme vive cercado por belas mulheres e está cansado de pessoas que pensam mais no corpo do que em qualquer outra coisa. Sua vida é administrar a academia onde é sócio com uma de suas irmãs e curtir a família. Depois de uma grande decepção que teve no passado não pretende se envolver com mais ninguém. Mas essa decisão vai por terra quando conhece Amanda. Por mais que tente, ele não consegue tirá-la da cabeça. Nem mesmo o fato de saber que ela é casada, faz com que ele consiga esquecê-la.

Duas pessoas machucadas e o destino se encarregando de juntá-las. Será que eles darão outra chance para o amor?

Uma chance para a felicidade



Sinopse

Sabe aquele lance de pega, mas não se apegar? É a filosofia de vida de Júlia. Aversa a relacionamentos, segue sua vida sem se importar com o que pensam sobre ela.

Casos de uma noite, encontros em motéis, amizades coloridas onde o que impera é o sexo. Sem cobranças, sem amarras e sem rótulos. Esse é o seu jeito de se relacionar e não pretende mudar.

Mas a vida nos prega peças. Um encontro,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma noite e, por mais que Júlia lute contra, sentimentos começam a surgir. Um homem decidido a derrubar todas as barreiras erguidas e lutar para conquistá-la.

Júlia não facilitará, ele também não. Escolham suas armas. A batalha irá começar. Quem sairá vencedor deste confronto? Será que Júlia dará uma chance para a felicidade?

PERIGOSAS ACHERON